

17  
HISTÓRIAS  
TURBULENTAS

# TERROR A BORDO



EDITADO POR  
STEPHEN KING  
E BEV VINCENT





17  
HISTÓRIAS  
TURBULENTAS

# TERROR A BORDO



EDITADO POR  
**STEPHEN KING**  
**E BEV VINCENT**



17  
HISTÓRIAS  
TURBULENTAS

# TERROR A BORDO



EDITADO POR  
**STEPHEN KING**  
**E BEV VINCENT**





17  
HISTÓRIAS  
TURBULENTAS

# TERROR A BORDO

EDITADO POR  
STEPHEN KING  
E BEV VINCENT

TRADUÇÃO  
Regiane Winarski





# CRÉDITOS

Esta antologia é dedicada a todos os pilotos, reais e fictícios, que pousaram seus aviões depois de um voo difícil e levaram os passageiros para casa em segurança. A lista inclui:

Wilbur Wright

Chesley Sullenberger

Vernon Demerest

Robert Pearson

Eric Gennotte

Tim Lancaster

Min-Huan Ho

Eric Moody

Peter Burkill

Bryce McCormick

Robert Schornstheimer

Richard Champion de Crespigny

Robert Piché

Brian Engle

Ted Striker



# INTRODUÇÃO

*Stephen King*

Existe alguém neste mundo moderno guiado pela tecnologia que gosta de viajar de avião? Por mais incrível que possa parecer, tenho certeza de que sim. Os pilotos gostam, a maioria das crianças gosta (mas não os bebês; mudanças na pressão os fazem chorar à beça), vários entusiastas aeronáuticos gostam, mas é basicamente isso. Para o restante de nós, uma viagem de avião tem o mesmo charme e empolgação de um exame colorretal. Os aeroportos modernos costumam ser zoológicos superlotados onde paciência e cortesia são postas à prova. Voos atrasam ou são cancelados, malas são jogadas de um lado para o outro como sacos de lixo e, em muitas ocasiões, não chegam ao seu destino com os passageiros que precisam desesperadamente de camisas limpas ou mesmo de uma única peça de roupa íntima lavada.

Se seu voo é de manhã cedo, boa sorte. Isso significa ter que cair da cama às quatro da manhã para poder passar por processos de check-in e embarque tão complicados e tensos quanto escapar de um pequeno país sul-americano corrupto em 1954. Tem documento com foto? Colocou o xampu e o condicionador em pequenos frascos transparentes? Está preparado para tirar os sapatos e passar seus vários equipamentos eletrônicos pelo aparelho de raios-X? Tem certeza de que ninguém mexeu na sua mala ou teve acesso a ela? Está preparado para entrar em um scanner de corpo inteiro e, quem sabe, ser apalpado nas partes íntimas, só por garantia? Sim? Ótimo. Mas talvez você ainda descubra que foi vítima de overbooking, ou que seu voo está atrasado por problemas mecânicos ou meteorológicos, ou tenha sido cancelado por uma pane. E que Deus o proteja se você quiser adiantar seu voo; talvez tenha mais sorte comprando uma raspadinha.

Mas você ultrapassa todos esses obstáculos e entra no que um dos colaboradores desta antologia chama de “casco ululante da morte”. Não é meio exagerado, você pode perguntar, e sem fundamento? É verdade. Aviões comerciais raramente pegam fogo (se bem que nós todos vimos imagens perturbadoras gravadas com celular de turbinas cuspidando fogo a

trinta mil pés de altura) e viajar de avião raramente resulta em morte (as estatísticas dizem que você tem mais chance de morrer atravessando a rua, principalmente se for um idiota que está olhando o celular no momento). Mas você está entrando no que é basicamente um tubo cheio de oxigênio altamente inflamável e se sentando sobre toneladas de combustível mais inflamável ainda.

Quando o tubo de metal e plástico está vedado (como um... bem, como um caixão) e saindo da pista de decolagem, deixando uma sombra cada vez menor para trás, só há uma certeza, uma coisa tão positiva que ultrapassa as estatísticas: você vai descer. A gravidade exige. As questões são onde e por quê e em quantos pedaços, sendo um o ideal. Se o reencontro com a terra firme for em um quilômetro e meio de concreto (com sorte no seu local de destino, mas qualquer quilômetro e meio de superfície pavimentada serve), tudo está bem. Se não for, suas chances de sobrevivência despencam rapidamente. Isso também é um fato estatístico, um que mesmo os viajantes mais experientes precisam contemplar quando se veem em meio a uma turbulência.

Você não tem controle nenhum nesses momentos. Não pode fazer nada de construtivo além de verificar o cinto de segurança enquanto os pratos e as garrafas sacodem no carinho e os compartimentos superiores se abrem e os bebês choram e seu desodorante falha e o comissário fala pelos alto-falantes: “O capitão pede que todos permaneçam sentados”. Enquanto seu tubo lotado sacode para um lado e para o outro e treme e estala, você tem tempo de refletir sobre a fragilidade do seu corpo e aquele único fato irrefutável: você vai descer.

Depois de prepará-lo com assuntos para reflexão na sua próxima viagem pelo céu, gostaria de fazer a pergunta apropriada: existe alguma atividade humana, qualquer uma, mais adequada para uma antologia de contos de terror e suspense do que a que você tem em mãos? Acho que não, senhoras e senhores. Aqui tem de tudo: claustrofobia, acrofobia, impotência. Nossas vidas sempre estão por um fio, mas isso nunca fica tão claro quanto na hora em que estamos pousando no aeroporto de LaGuardia com nuvens densas e chuva forte ao redor.

Pessoalmente, sou um passageiro bem melhor agora do que antigamente. Graças à minha carreira como escritor, viajei muito de avião nos últimos quarenta anos e até 1985, mais ou menos, sentia muito medo. Eu entendia a teoria do voo e todas as estatísticas de segurança, mas nada disso ajudou. Parte do meu problema vinha de um desejo (que ainda tenho) de estar no controle de todas as situações. Eu me sinto seguro quando estou ao volante porque confio em mim mesmo. Quando quem está atrás do volante é você... nem tanto (sinto muito por isso). Quando entramos em um avião e nos sentamos, estamos entregando o controle a pessoas que não conhecemos; pessoas que talvez nunca nem vejamos.

O pior para mim é o fato de que apurei minha imaginação até o limite ao longo dos anos. Isso é ótimo quando estou sentado à minha escrivaninha, elaborando histórias em que coisas horríveis podem acontecer com pessoas muito legais, mas não tão bom quando sou refém em um avião que entra na pista de decolagem, para e então dispara a uma velocidade que em um carro seria considerada mais do que suicida.

A imaginação é uma faca de dois gumes e, nos primórdios, quando comecei a viajar muito de avião a trabalho, era fácil demais me cortar com ela. Fácil demais pensar em todas as partes móveis do motor do lado de fora da janela, tantas partes que parecia quase inevitável que uma delas falhasse. Era fácil imaginar (impossível não imaginar, na verdade) o que cada mudança no som das turbinas podia significar e por que o avião de repente inclinava em uma nova direção, com a superfície da minha Pepsi inclinando junto (de forma alarmante!) no copinho de plástico.

Se o piloto aparecia para trocar umas palavras com os passageiros, eu questionava a competência do copiloto (ele não podia ser tão competente, senão não seria a segunda opção). Talvez o avião estivesse no piloto automático, mas e se o piloto automático desligasse enquanto o piloto estava discutindo o resultado dos Yankees com alguém e o avião mergulhasse de repente? E se as portas do compartimento de bagagens se abrissem? E se o trem de pouso quebrasse? E se uma janela defeituosa que foi aprovada por um funcionário do controle de qualidade que estava pensando na pessoa querida esperando em casa na hora da inspeção

explodisse? Aliás, e se um meteoro nos atingisse e a cabine se despressurizasse?

Depois, em meados dos anos 1980, a maioria desses medos passou, graças a uma experiência de quase morte durante a decolagem no aeroporto Farmingdale, em Nova York, a caminho de Bangor, no Maine. Tenho certeza de que tem muita gente por aí (algumas pessoas talvez lendo este livro agora) que passou por alguns sustos, coisas desde trens de pouso quebrados a aviões que escorregaram em pistas congeladas, mas isso foi tão próximo da morte quanto possível para alguém sobreviver e contar a história depois.

Era fim de tarde. O céu estava limpo e claro. Eu tinha fretado um Lear 35, que na decolagem era como estar com um foguete amarrado na bunda. Eu já tinha andado naquele Lear muitas vezes. Conhecia e confiava nos pilotos, e por que não? O do assento da esquerda tinha começado a pilotar jatos na Coreia, sobreviveu a várias missões de combate lá e voava desde então. Ele tinha dezenas de milhares de horas de voo. Peguei meu livro e minhas palavras-cruzadas, esperando um voo tranquilo e um reencontro agradável com a minha esposa, meus filhos e meu cachorro.

Nós estávamos a sete mil pés de altura, e eu estava pensando se conseguiria convencer minha família a ir ao cinema naquela noite, quando o Lear pareceu bater em um muro. Naquele instante, tive certeza de que tínhamos sofrido uma colisão e que nós três, os dois pilotos e eu, morreríamos. A pequena cozinha se abriu e vomitou seu conteúdo. As almofadas dos bancos vazios foram parar no teto. O aviãozinho se inclinou... se inclinou mais um pouco... e virou completamente. Senti essa parte, mas não vi. Eu tinha fechado os olhos. Minha vida não passou na minha frente. Eu não pensei: Eu tenho tanta coisa pra fazer ainda. Não houve sensação de aceitação (nem de não aceitação). Só houve a certeza de que a minha hora tinha chegado.

Mas o avião se estabilizou. Do cockpit, o copiloto estava gritando:

— Steve! Steve! Tudo bem aí atrás?

Eu disse que sim. Olhei para a sujeira no chão, que incluía sanduíches, uma salada e uma fatia de cheesecake com cobertura de

morango. Olhei para as máscaras de oxigênio amarelas penduradas. Perguntei (com uma voz admiravelmente calma) o que tinha acontecido. Os dois não sabiam naquela hora, embora desconfiassem e depois tivessem confirmado que quase batemos em um 747 da Delta: fomos pegos pelo escapamento e jogados como um avião de papel em uma ventania.

Nos vinte e cinco anos seguintes, encarei as viagens de avião de forma bem mais saudável depois dessa experiência em primeira mão de quanto trauma uma aeronave moderna é capaz de suportar e de como bons pilotos (que são a maioria) conseguem se manter calmos e eficientes quando as coisas ficam complicadas. Um deles me disse: “Nós treinamos sem parar. Quando as seis horas de tédio absoluto viram os doze segundos de perigo mortal, sabemos exatamente o que fazer”.

Nas histórias a seguir, você vai encontrar de tudo, desde um gremlin empoleirado na asa de um 727 a monstros transparentes que vivem acima das nuvens. Vai encontrar viagens no tempo e aviões fantasma. Mais do que tudo, você vai vivenciar esses doze segundos de perigo mortal, quando as piores coisas que podem dar errado no ar dão errado. Você vai encontrar claustrofobia, covardia, pavor e momentos de coragem. Se estiver planejando uma viagem pela Delta, American, Southwest ou qualquer outra companhia aérea, seria bom colocar na bolsa um livro do John Grisham ou da Nora Roberts no lugar deste. Mesmo que você esteja no chão, talvez seja bom apertar bem o cinto.

Porque esta viagem vai ser turbulenta.

Stephen King

2 de novembro de 2017



# A CARGA

E. Michael Lewis

Eric Lewis, que pilotará nosso voo inaugural, estudou escrita criativa na University of Puget Sound e mora no Noroeste Pacífico. O mestre de carga dele os levará a bordo de um Lockheed C-141A StarLifter (como o que está em exposição no McChord Air Museum, que dizem ser assombrado) prestes a decolar do Panamá com a missão de transportar uma carga aos Estados Unidos. O StarLifter é um avião de carga capaz de transportar até trinta toneladas por distâncias curtas. Pode transportar cem paraquedistas, cento e cinquenta tropas de combate, caminhões e jipes, e até mísseis balísticos intercontinentais Minuteman. Ou cargas menores. Caixões, por exemplo. Algumas histórias são de gelar o sangue; esta vai fazer um arrepio subir pela sua espinha, centímetro a centímetro, e ficar na sua mente por muito, muito tempo.

Bem-vindos a bordo.

Novembro de 1978

Sonhei com carga. Milhares de caixas lotavam o compartimento do avião, todas feitas de pinho sem acabamento, do tipo que faz farpas entrarem pelas luvas. Estavam carimbadas com números desconhecidos e acrônimos bizarros que brilhavam impetuosamente na luz vermelha fraca. Deviam ser pneus de jipe, mas algumas eram grandes como casas, outras tão pequenas quanto uma vela de ignição, todas presas em paletas com amarras que mais pareciam tiras de camisas de força. Tentei olhar todas, mas eram muitas. Ouvi um ruído baixo, e as caixas deslizaram e a carga caiu em cima de mim. Não consegui alcançar o interfone para avisar o piloto. A carga me esmagou com mil dedinhos afiados conforme o avião voava, matando-me lentamente enquanto caíamos, quando batemos, o interfone tocando como um grito. Mas havia outro som também, vindo de dentro da caixa ao lado da minha orelha. Alguma coisa lutando lá dentro, algo encharcado e profano, uma coisa que eu não queria ver, uma coisa que queria sair.

De repente, o som mudou para o de uma prancheta batendo contra a moldura de metal do beliche do meu alojamento. Meus olhos se abriram. O avião (recém-chegado no país, pelo suor que cobria a gola) ficou parado ao meu lado segurando sua prancheta, tentando decidir se eu era do tipo que arrancaria a cabeça dele só por estar fazendo seu trabalho.

— Sargento técnico Davis — disse ele —, precisam de você na linha de voo agora mesmo. Eu me sentei e me espreguicei. O homem me entregou a prancheta com uma lista: um HU-53 desmontado com tripulação, mecânicos e equipe médica a caminho de... algum lugar novo.

— Aeroporto Timehri?

— Fica perto de Georgetown, Guiana.

Quando olhei para ele sem entender, o avião prosseguiu:

— É uma antiga colônia britânica. Timehri era a Base Aérea Atkinson.

— Qual é a missão?

— É algum tipo de evacuação médica em massa de expatriados de um lugar chamado Jonestown. Americanos em maus lençóis. Eu tinha passado boa parte da minha carreira na Força Aérea ajudando americanos em maus lençóis. Dito isso, aquela missão com certeza era bem mais satisfatória do que transportar pneus de jipe. Eu agradei e corri para vestir um uniforme de voo limpo.

Tinha esperança de passar outro dia de Ação de Graças panamenho na Base Aérea Howard: calor de trinta graus, peru recheado no refeitório, futebol americano no rádio das Forças Armadas e tempo suficiente fora da rotação para encher a cara. A volta das Filipinas tinha sido tranquila e os passageiros e a carga estavam em segurança. Agora, isso.

Interrupção era uma coisa com a qual você se acostumava como mestre de carga. O C-141 StarLifter era o maior avião de transporte de carga e tropas no Comando Aéreo Militar, capaz de carregar mais de trinta toneladas de carga ou duzentos soldados prontos para a batalha em qualquer parte do mundo. Com metade do comprimento de um campo de futebol americano, suas asas altas e inclinadas para trás o faziam aterrissar



como um morcego na pista. Com cauda em formato de T ascendente, portas do tipo concha e uma rampa de carga embutida, o StarLifter era incomparável quando o assunto era transportar carga. Parte comissário de bordo e parte companhia de mudança, meu trabalho como mestre de carga era organizá-la da forma mais segura e correta possível.

Com tudo a bordo e meus formulários de peso e equilíbrio preenchidos, o mesmo novato me encontrou xingando a equipe de solo panamenha por arranhar a fuselagem.

— Sargento Davis! Mudança de planos! — gritou ele por cima do barulho da empilhadeira.

Ele me entregou outra lista.

— Mais passageiros?

— Novos passageiros. A equipe médica vai ficar.

Ele disse alguma coisa ininteligível sobre a missão ter mudado.

— Quem são essas pessoas?

Mais uma vez, tive dificuldades de ouvir. Ou talvez eu tenha ouvido direito e, com o estômago embrulhado, quis que ele repetisse. Eu queria ter ouvido errado.

— Registro de óbitos — gritou ele.

É, foi o que eu achei que tivesse ouvido.

Timehri era o típico aeroporto do terceiro mundo: grande o suficiente para se espremer um 747 nele, mas cheio de buracos e de barracões quonset enferrujados. O perímetro de selva ao redor da pista parecia ter sido aberto apenas uma hora antes. Helicópteros zumbiam para cima e para baixo, e militares dos Estados Unidos lotavam a pista. Soube na hora que a situação devia ser bem ruim.

Fora da aeronave, o calor que subia do asfalto ameaçou derreter as solas das minhas botas antes mesmo de eu ter colocado os calços das rodas no lugar. Uma equipe de soldados americanos se aproximou, ansiosa para descarregar e montar o helicóptero. Um deles, de peito exposto e com a camiseta amarrada na cintura, me entregou uma lista.

— Não fique à vontade demais — disse ele. — Assim que o helicóptero estiver pronto, vamos trazer a carga.

Ele indicou por cima do ombro.

Olhei para a taxiway cintilante. Caixões. Fileiras e fileiras de caixas funerárias de alumínio fosco reluziam no sol tropical inclemente. Eu as reconheci dos meus voos saindo de Saigon seis anos antes, meus primeiros como mestre de carga. Talvez minhas entranhas tivessem dado um nó porque não tive descanso, ou talvez por eu não carregar cadáveres havia alguns anos. Ainda assim, engoli em seco. Olhei para o destino: Dover, Delaware.

Os soldados estavam carregando um compartimento utilitário novo quando eu soube que teríamos dois passageiros no voo de volta.

O primeiro era um garoto, recém-saído do ensino médio, pela aparência, com cabelo preto crespo e um uniforme de selva grande demais que estava engomado, limpo e mostrava o ranking de Airman First Class. Dei as boasvindas e fui ajudá-lo a entrar pela porta da tripulação, mas ele desviou e quase bateu a cabeça na entrada baixa. Acho que teria pulado para trás se houvesse espaço. O cheiro dele me alcançou, forte e mentolado: Vick VapoRub.

Atrás dele, uma enfermeira de voo, severa e profissional no caminhar, no vestir e nos gestos, também entrou sem ajuda. Eu a olhei diretamente. Reconheci-a como parte do grupo que eu tinha transportado regularmente de Clark, nas Filipinas, até Da Nang e de volta no início da minha carreira. Era uma tenente de olhar duro e cabelo grisalho. Mais de uma vez, ela havia sido bem enfática ao observar que qualquer idiota que tivesse largado o ensino médio era capaz de fazer meu trabalho melhor. O nome no uniforme dela dizia Pembry. Ela tocou as costas do garoto e o guiou até os assentos, mas, se me reconheceu, não disse nada.

— Podem se sentar em qualquer lugar — falei para eles. — Sou o sargento técnico Davis. Vamos decolar em menos de meia hora, então podem ficar à vontade.

O garoto ficou tenso.

— Você não me contou — disse ele para a enfermeira.

O compartimento de um StarLifter parece o interior de uma sala de caldeira, com todos os dutos de calor, resfriamento e pressão expostos em vez de escondidos como em um avião comercial. Os caixões formavam duas fileiras ocupando o comprimento do compartimento, deixando um corredor vazio no centro. Eram cento e sessenta, divididos em pilhas de quatro. Redes amarelas os seguravam no lugar. Olhando para os fundos da aeronave, vimos o sol desaparecer quando a porta de carga se fechou, nos deixando em uma penumbra constrangedora.

— É o jeito mais rápido de levar você pra casa — disse ela com voz neutra. — Você quer ir pra casa, não quer?

A voz dele transbordava afronta e medo.

— Não quero ver isso. Quero um assento virado para a frente.

Se o garoto olhasse ao redor, veria que não havia nenhum assento virado para a frente.

— Está tudo bem — disse a enfermeira, puxando o braço dele de novo. — Eles também vão pra casa.

— Eu não quero olhar pra eles — afirmou o garoto enquanto ela o levava ao assento mais próximo de uma das janelinhas. Como ele não se mexeu para botar o cinto de segurança, Pembry se inclinou e fez isso por ele. O garoto se agarrou ao apoio de braço como se o avião fosse uma montanha-russa. — Eu não quero pensar neles.

— Pode deixar comigo.

Fui para a frente e apaguei as luzes da cabine. Agora, só as luzinhas vermelhas iluminavam os contêineres compridos de metal. Quando voltei, lhe entreguei um travesseiro.

O nome na jaqueta larga do garoto dizia “Hernandez”. Ele agradeceu, mas não soltou o apoio de braço. Pembry prendeu o cinto ao lado dele. Guardei a bagagem dos dois e fiz a verificação final.

Quando estávamos no ar, fiz café no fogão elétrico do compartimento utilitário. A enfermeira Pembry recusou, mas Hernandez

aceitou um pouco. O copo de plástico tremia na mão dele.

— Medo de voar? — perguntei. Não era tão incomum na Força Aérea. — Tenho Dramin...

— Eu não tenho medo de voar — disse ele, entredentes. O tempo todo, o garoto não tirou os olhos dos caixões que ocupavam o compartimento de carga.

Em seguida, a tripulação. Nenhum avião recebia a mesma tripulação, como antigamente. O Comando Aéreo Militar se orgulhava de ter homens tão intercambiáveis que uma tripulação que nunca tinha se visto antes poderia se organizar em uma linha de voo e levar qualquer StarLifter até os confins da Terra. Cada homem sabia fazer o meu trabalho, assim como eu sabia fazer o deles.

Fui ao cockpit e encontrei todos em suas estações. O segundo engenheiro estava mais perto da porta, inclinado sobre os instrumentos.

— O motor quatro está se ajustando agora, deixe o manete baixo — disse ele. Reconheci a expressão tímida e o sotaque do Arkansas, mas não sabia dizer de onde. Depois de sete anos trabalhando em StarLifters, achava que já tinha voado com todo mundo pelo menos uma vez. Ele me agradeceu quando coloquei o café preto na mesa dele. O uniforme o identificava como Hadley.

O primeiro engenheiro estava no assento do meio, o que costumava ser reservado ao “Chapeleiro Sombrio”; os inspetores de missões eram a desgraça de qualquer tripulação do Comando Aéreo Militar. Ele pediu dois torrões de açúcar, então se levantou e olhou pelo domo do navegador, para o céu azul que estava passando.

— Manete baixo no motor quatro, entendido — respondeu o piloto.

Ele era o comandante designado da aeronave, mas tanto ele quanto o copiloto eram tão experientes em voo que eram quase a mesma pessoa. Eles tomavam o café com dois sachês de creme.

— Estamos tentando ultrapassar uma turbulência, mas não vai ser fácil. Avise aos passageiros para esperarem certa agitação.

— Pode deixar, senhor. Mais alguma coisa?

— Obrigado, mestre Davis, está dispensado.

— Sim, senhor.

Finalmente, hora de relaxar. Quando fui me deitar no leito da tripulação para tirar um cochilo, vi Pembry espiando por trás do compartimento utilitário.

— Posso ajudar com alguma coisa?

— Posso pegar um cobertor extra?

Peguei um no armário entre a estação de cozinha e a latrina e trinquei os dentes.

— Mais alguma coisa?

— Não — disse ela, puxando um fio solto imaginário do cobertor de lã. — Nós já voamos juntos, você lembra?

— Ah, sério?

Ela ergueu uma das sobrancelhas.

— Acho que lhe devo um pedido de desculpas.

— Não precisa, senhora. — Desviei dela e abri a geladeira. — Posso servir uma refeição mais tarde, se vocês...

Ela colocou a mão no meu ombro, como tinha feito com Hernandez, e exigiu minha atenção.

— Você se lembra de mim.

— Sim, senhora.

— Fui muito dura com você naqueles voos de evacuação.

Eu gostaria que ela parasse de ser tão direta.

— A senhora estava dando sua opinião. Isso me fez ser um mestre de carga melhor.

— Ainda assim...

— Senhora, não há necessidade.

Por que as mulheres não entendem que pedir desculpas só piora as coisas?

— Muito bem.

A dureza no rosto dela se transformou em sinceridade, e de repente passou pela minha cabeça que ela queria conversar.

— Como está seu paciente?

— Descansando.

Pembry tentou agir com casualidade, mas eu sabia que ela queria dizer mais.

— Qual é o problema dele?

— Ele foi um dos primeiros a chegar, e o primeiro a ir embora.

— Jonestown? Foi ruim assim?

Uma lembrança de nossos voos de evacuação anteriores. A expressão antiga, dura e fria, voltou na mesma hora.

— Nós saímos de Dover por ordem da Casa Branca cinco horas depois que eles receberam a ligação. Ele é Especialista em Registros Médicos há seis meses no serviço, nunca tinha ido a lugar nenhum, nunca tinha tido um dia de trauma na vida. De repente, está em uma selva sul-americana com mil corpos. — Mil?

— A contagem ainda não chegou, mas tudo indica que o número é esse. — Ela passou as costas da mão na bochecha. — Tantas crianças. — Crianças?

— Famílias inteiras. Todos tomaram veneno. Dizem que foi um culto. Me disseram que os pais mataram os filhos primeiro. Não sei o que poderia levar uma pessoa a fazer isso com a própria família. — Ela balançou a cabeça. — Fiquei em Timehri pra organizar a triagem. Hernandez disse que o cheiro era inimaginável. Tiveram que borrifar inseticida nos corpos e defendê-los de ratos famintos gigantescos. Ele disse que o obrigaram a perfurar os corpos para liberar a pressão. Ele queimou o uniforme.

Ela se mexeu para manter o equilíbrio quando o avião deu um solavanco.

Uma coisa horrível desceu pela minha garganta enquanto eu tentava não visualizar o que ela disse. Fiz um esforço para não fazer uma careta.

— O capitão disse que o voo pode ser turbulento. É melhor você botar o cinto.

Eu a levei de volta até seu assento. A boca de Hernandez estava aberta e ele tinha escorregado no banco, parecendo que tinha perdido uma briga de bar, e feio. Eu voltei para a cama e dormi.

Pode perguntar a qualquer mestre de carga: depois de tanto tempo no ar, o rugido dos motores é algo que você ignora. Você descobre que consegue dormir em qualquer situação. Ainda assim, sua mente percebe e desperta ao som de qualquer ruído incomum, como no voo de Yakota para Elmendorf, quando um jipe se soltou e acertou uma caixa de provisões. Voou carne-seca para todo lado. Dei uma bronca na equipe de solo por causa disso. Portanto, não surpreende eu ter despertado com o som de um grito.

Pulei para fora da cama e passei pelo compartimento utilitário antes de conseguir pensar. E vi Pembry. Ela estava de pé, na frente de Hernandez, desviando dos braços agitados e falando calmamente e mais baixo que o barulho do motor. Mas ele não.

— Eu ouvi! Eu ouvi! Elas estão lá dentro! Todas aquelas crianças! Todas aquelas crianças!

Segurei os braços dele... com firmeza.

— Calma.

Ele parou de se debater. Uma expressão de vergonha surgiu em seu rosto.

Os olhos se fixaram nos meus.

— Eu as ouvi cantando.

— Quem?

— As crianças! Todas as... — Ele fez um gesto impotente na direção dos caixões escuros.

— Você teve um sonho — afirmou Pembry. A voz dela tremia um pouco.

— Eu estava com você o tempo todo. Você estava dormindo. Não podia ter ouvido nada.

— Todas as crianças estão mortas — disse ele. — Todas elas. Elas não sabiam. Como poderiam saber que estavam bebendo veneno? Quem daria veneno para o próprio filho beber?

Soltei os braços dele, e Hernandez olhou para mim.

— Você tem filhos?

— Não — respondi.

— Minha filha — disse ele — tem um ano e meio. Meu filho tem três meses. É preciso ser cuidadoso, paciente. Minha esposa é ótima nisso, sabe? — Reparei pela primeira vez como o suor cobria sua testa, as costas das mãos. — Mas eu também sou bom, quer dizer, eu não sei que porra estou fazendo, mas não faria mal a eles. Eu seguro eles no colo e canto pra eles e, se alguém tentasse lhes fazer mal... — Ele agarrou meu braço, o mesmo que o havia imobilizado pouco tempo antes. — Quem daria veneno para o próprio filho?

— Não é culpa sua.

— Eles não sabiam que era veneno. Ainda não sabem. — Ele me puxou para mais perto. — Eu as ouvi cantando.

Tenho que admitir que suas palavras me deixaram arrepiado.

— Vou dar uma olhada — garanti a ele enquanto pegava uma lanterna na parede e seguia pelo corredor central.

Havia um motivo prático para verificar o barulho. Como mestre de carga, eu sabia que um som incomum significava problemas. Eu tinha ouvido uma história de uma tripulação que ficava ouvindo um gato miando em algum lugar do avião. O mestre de carga não conseguiu encontrar o gato, mas achou que ele acabaria aparecendo quando tirassem



a carga. Acontece que o “miado” era uma correia de carga fraca que arrebentou quando as rodas do avião tocaram na pista, soltando três toneladas de artilharia explosiva e tornando o pouso bem interessante. Barulhos estranhos significavam problemas e eu seria um idiota de não ir olhar.

Verifiquei todas as correias e redes no caminho, me inclinando para ouvir, procurando sinais de movimento, de tiras frágeis, qualquer coisa fora do normal. Fui por um lado e voltei pelo outro, verifiquei até as portas de carga. Nada. Tudo estava no lugar, meu bom trabalho de sempre.

Segui pelo corredor até os passageiros. Hernandez estava chorando com a cabeça nas mãos. Pembry estava esfregando as costas dele, sentada ao lado, como minha mãe fazia comigo.

— Está tudo certo, Hernandez.

Guardei a lanterna no suporte da parede.

— Obrigada — respondeu Pembry por ele, e disse para mim: — Dei um Valium pra ele, deve acalmar.

— Foi só uma verificação normal de segurança. Agora é melhor vocês descansarem.

Voltei para o beliche e encontrei a cama de cima ocupada por Hadley, o segundo engenheiro. Fui para a de baixo, mas não consegui adormecer imediatamente. Tentei afastar da mente o motivo pelo qual os caixões estavam no meu avião.

Carga era um eufemismo. De plasma sanguíneo a explosivos, limusines do serviço secreto e barras de ouro, você encaixotava e botava no avião porque era seu trabalho, só isso, e qualquer coisa que pudesse ser feita para adiantá-lo era importante.

*Só carga*, pensei. Mas famílias inteiras que se mataram... Eu estava feliz de tirá-los da selva, levá-los de volta para suas famílias... mas os médicos que chegaram lá primeiro, todos aqueles soldados, até minha tripulação, nós chegamos tarde demais para fazer qualquer coisa além disso. Eu tinha um interesse meio vago e duvidoso em ter filhos e me

irritava ouvir sobre qualquer pessoa fazendo mal a crianças. Mas aqueles pais fizeram aquilo por vontade própria, não foi?

Não consegui relaxar. Encontrei um exemplar antigo do New York Times dobrado no beliche. Paz no Oriente Médio, dizia. Ao lado do artigo havia uma foto do presidente Carter e Anwar Sadat apertando as mãos. Eu estava quase pegando no sono quando pensei ter ouvido Hernandez gritar de novo.

Eu me levantei. Pembry estava de pé com as mãos sobre a boca. Achei que Hernandez tivesse batido nela, então fui até lá e afastei suas mãos, procurando um machucado.

Não havia nenhum. Olhei por cima do ombro dela e vi Hernandez na cadeira, os olhos grudados na escuridão como uma televisão de cores invertidas.

— O que aconteceu? Ele bateu em você?

— Ele... ele ouviu de novo — gaguejou ela enquanto uma das mãos subia até o rosto novamente. — Você... você devia ir olhar de novo. Você devia ir olhar...

A inclinação do avião mudou e ela tombou em cima de mim. Enquanto eu me firmava e segurava seu cotovelo, ela caiu em cima de mim pela segunda vez. Eu a encarei de forma direta. Ela desviou o olhar.

— O que aconteceu? — perguntei de novo.

— Eu também ouvi — respondeu Pembry.

Meus olhos encararam o corredor cheio de sombras.

— Agora?

— É.

— Foi como ele falou? Crianças cantando?

Percebi que estava quase a sacudindo. Os dois estariam ficando loucos?

— Crianças brincando — disse ela. — Tipo... barulho de parquinho, sabe? Crianças brincando.

Revirei o cérebro em busca de algum objeto ou coleção de objetos que, depois de enfiados em um C-141 StarLifter e voando a quase quarenta mil pés acima do Caribe, fosse fazer um som parecido com crianças brincando.

Hernandez mudou de posição, e nós dois voltamos nossa atenção para ele. Ele abriu um sorriso derrotado.

— Eu falei.

— Vou dar uma olhada — garanti.

— Deixe que brinquem — disse Hernandez. — Elas só querem brincar. Não era isso que você queria fazer quando era criança?

Lembrei-me da minha infância de repente, verões infinitos e passeios de bicicleta e joelhos ralados e voltar para casa ao entardecer com minha mãe reclamando “Olha como você está sujo!”. Eu me perguntei se as equipes de resgate tinham lavado os corpos antes de os colocarem nos caixões.

— Vou descobrir o que é. — Peguei a lanterna de novo. — Fiquem aqui.

Usei a escuridão para limitar minha visão e me concentrar mais na audição. A turbulência já tinha passado e só usei a lanterna para não tropeçar na rede da carga. Prestei atenção em algum som novo ou incomum. Não era uma única coisa, tinha que ser uma combinação; barulhos assim não ficam parando e recomeçando. Vazamento de combustível? Viajante clandestino? A ideia de uma cobra ou algum outro animal da selva dentro daquelas caixas de metal me deixou em estado de alerta e me fez lembrar do meu sonho.

Perto das portas de carga, apaguei a luz e prestei atenção. Ar pressurizado.

Quatro motores turbofan Pratt e Whitney. O barulho das fendas. Cintas de carga batendo.

De repente, outro som. Algo surgiu depois de um momento, primeiro baixo e indistinto, como o ruído vindo do fundo de uma caverna, mas depois puro e inesperado, como alguém sendo pego no flagra.

Crianças. Gargalhadas. Como no horário do recreio da escola.

Abri os olhos e passei a lanterna pelas caixas prateadas. Encontrei-as esperando, encolhidas comigo, quase cheias de expectativa.

Crianças, pensei, só crianças.

Passei correndo por Hernandez e Pembry na direção do compartimento. Não sei dizer o que eles viram no meu rosto, mas se era parecido com o que vi no espelhinho do banheiro, era uma mistura de apavorado e redimido.

Olhei do espelho para o interfone. Segundo o protocolo, qualquer problema com a carga devia ser relatado imediatamente, mas o que eu poderia relatar ao capitão? Tive vontade de abandonar tudo, ejetar os caixões e pronto. Se eu dissesse que havia fogo no compartimento de carga, nós desceríamos abaixo de dez mil pés e eu poderia abrir as portas e jogar a carga no fundo do Golfo do México, sem perguntas.

Nessa hora eu parei, respirei fundo, tentei pensar. São crianças. Não são monstros ou demônios, são só os sons de crianças brincando. Nada que vá pegar você. Nada que possa pegar você. Ignorei o tremor que tomou meu corpo e decidi pedir ajuda.

No beliche, encontrei Hadley ainda dormindo. Havia um exemplar cheio de orelhas de um livro com duas mulheres em um abraço apaixonado sobre o peito dele. Sacudi seu braço, e Hadley se sentou. Nenhum de nós disse nada por um momento. Ele esfregou o rosto com a mão e bocejou.

Em seguida, olhou diretamente para mim e vi seu rosto se transformar com preocupação. Sua ação seguinte foi pegar o oxigênio portátil. Mas ele se recompôs num instante.

— O que foi, Davis?

Tentei pensar em alguma coisa.

— A carga. Houve uma... possível movimentação na carga. Preciso de ajuda, senhor.

A preocupação dele virou irritação.

— Você comunicou ao capitão?

— Não, senhor — respondi. — Eu... eu não quero perturbá-lo ainda. Pode não ser nada.

O rosto dele se contraiu de forma desagradável e achei que levaria uma bronca, mas ele me deixou ir na frente. Só a presença dele já bastou para reavivar minha dúvida, meu profissionalismo. Meus passos ficaram mais precisos, meus olhos se arregalaram, meu estômago voltou ao lugar na barriga.

Encontrei Pembry sentada ao lado de Hernandez, os dois fingindo indiferença. Hadley olhou na direção deles sem interesse e me seguiu pelo corredor entre os caixões.

— Por que não liga as luzes principais? — perguntou ele.

— Não vão ajudar. Tome. — Passei a lanterna para ele e perguntei: — Está ouvindo?

— Ouvindo o quê?

— Preste atenção.

Novamente, só os motores e as correntes de ar.

— Eu não...

— Shh! Escute.

Ele abriu a boca e ficou assim por um minuto, depois a fechou. Os motores se silenciaram e os sons vieram, se aproximando feito vapor, uma neblina de som ao nosso redor. Só percebi como estava frio quando reparei nas minhas mãos tremendo.

— Que merda é essa? — perguntou Hadley. — Parece...

— Não — interrompi. — Não pode ser isso. — Eu indiquei as caixas de metal. — O senhor sabe o que tem nesses caixões, não sabe? Ele não disse nada. O som pareceu pairar ao nosso redor por um momento, de repente perto, de repente longe. Ele tentou seguir o som com a luz.

— Você consegue descobrir de onde está vindo?

— Não. Só estou feliz que o senhor também esteja ouvindo. O engenheiro coçou a cabeça, o rosto franzido, como se tivesse engolido alguma coisa amarga e não conseguisse se livrar do gosto.

— Macacos me mordam — disse ele.

Na mesma hora, como antes, o som parou e o rugido dos motores ocupou nossos ouvidos.

— Vou acender as luzes. — Eu me afastei com hesitação. — Não vou chamar o capitão.

O silêncio dele foi conspiratório. Quando retornei, eu o vi examinando uma fileira específica de caixões.

— Você precisa fazer uma busca — disse ele, inexpressivo.

Eu não respondi. Já tinha feito buscas de carga no ar, mas nunca assim, nem mesmo em corpos de militares. Se tudo que Pembry disse era verdade, eu não conseguia pensar em nada pior do que abrir um daqueles caixões.

Nós dois levamos um susto com o som seguinte. Imagine uma bola de tênis molhada. Agora, imagine o som que uma bola de tênis molhada faz quando bate na quadra, uma espécie de som úmido, como um pássaro acertando a fuselagem. O som se repetiu, e desta vez eu o ouvi dentro do compartimento de carga. Depois de um trecho de turbulência, o som se repetiu. Veio claramente de um caixão aos pés de Hadley.

*Não é um problema sério, seu rosto tentava dizer. Nós só imaginamos. Um barulho dentro de um caixão não pode derrubar um avião, dizia o rosto dele. Fantasmas não existem.*

— Senhor?

— Nós temos que olhar — afirmou ele.

O sangue se acumulou no meu estômago de novo. Olhar, disse ele. Eu não queria olhar.

— Vá até o interfone e avise o capitão para não fazer movimentos bruscos.

Foi então que eu soube que ele ia me ajudar. Não queria, mas ia ajudar mesmo assim.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou Pembry.

Ela ficou ao meu lado enquanto eu tirava a rede que segurava as fileiras de caixões e o engenheiro soltava as tiras individuais daquela fileira específica. Hernandez estava dormindo com a cabeça baixa; os remédios finalmente fizeram efeito.

— Nós temos que examinar a carga — declarei com objetividade.  
— O voo pode ter feito o carregamento ficar desequilibrado.

Ela segurou meu braço quando passei.

— Foi só isso? Carga se acomodando?

Havia um toque de desespero na pergunta dela. Diga que imaginei, dizia a expressão no rosto dela. Diga e vou acreditar e assim posso dormir um pouco.

— Nós achamos que sim.

Os ombros dela relaxaram e o rosto se abriu em um sorriso largo demais para ser verdadeiro.

— Graças a Deus. Achei que estivesse ficando louca.

Eu dei um tapinha no ombro dela.

— Coloque seu cinto e descanse.

Ela fez isso.

Finalmente eu estava fazendo alguma coisa. Como mestre de carga, podia pôr um fim àquele absurdo. Assim, trabalhei. Soltei as tiras, subi nos outros caixões, empurrei o do topo, carreguei-o, preendi-o, removi o seguinte, carreguei-o, preendi-o, e assim por diante. A alegria da repetição fácil.

Só quando chegamos ao de baixo, o barulhento, foi que Hadley parou. Ele ficou imóvel me vendo tirá-lo do lugar para examiná-lo. A postura dele estava ereta, mas mesmo assim transmitia repulsa, uma coisa

que, entre veteranos fanfarrões da Força Aérea tomando umas cervejas, ele conseguiria disfarçar. Não agora, não para mim.

Fiz um exame superficial do piso onde estava, dos caixões ao lado, e não vi dano nenhum e também nenhuma falha óbvia.

Um novo barulho, quase um baque. Vinha lá de dentro. Nós nos encolhemos ao mesmo tempo. O asco do engenheiro era impossível de esconder. Eu sufoquei um tremor.

— Vamos ter que abrir este — falei.

O engenheiro não discordou, mas, como eu, o corpo reagiu com lerdeza. Ele se agachou e, com a mão plantada com firmeza na tampa do caixão, abriu as fivelas nas laterais. Eu abri as fivelas do meu lado, meus dedos escorregadios no metal frio, tremendo um pouco quando os afastei e apoiei a mão na tampa. Nossos olhos se encontraram em um momento que reforçou nossa resolução final. Juntos, nós abrimos o caixão.

Primeiro, o cheiro: uma mistura de frutas podres, antisséptico e formaldeído, envolta em plástico com bosta e enxofre. Acertou nossas narinas e se espalhou pelo compartimento de carga. As luzes superiores iluminaram dois sacos pretos, úmidos de condensação e detritos. Eu sabia que seriam corpos de crianças, mas ainda assim me impressionou, me feriu. Um saco estava torto, escondendo o outro, e entendi na mesma hora que havia mais de uma criança ali dentro. Meus olhos percorreram o plástico encharcado e identifiquei o contorno de um braço, um perfil. Uma forma estava aninhada perto do fundo, longe do resto. Era do tamanho de um bebê.

O avião tremeu como um pônei assustado, e o saco de cima deslizou e revelou uma garotinha, com oito ou nove anos no máximo. Enfiada como uma contorcionista maluca no canto, a barriga protuberante exibindo marcas de ferimentos de baioneta tinha inchado de novo, os membros retorcidos estavam agora grossos como galhos de árvore. A pele manchada tinha se soltado em toda parte, menos no rosto, que continuava puro e inocente como o de um anjo no céu.

Foi o rosto dela que fez cair a ficha, o que me feriu. Aquele rostinho doce. Minha mão agarrava a beirada do caixão em um aperto



doloroso, mas não ousei movê-la. Tinha uma coisa entalada na minha garganta e a forcei de volta.

Uma mosca solitária, gorda e brilhante, saiu de dentro do saco e voou preguiçosamente na direção de Hadley. Ele se levantou lentamente e se preparou, como se contra um golpe. Ele a viu subir e percorrer um caminho desajeitado no ar. Então deu um passo para trás, balançando as mãos e acertando a mosca (eu ouvi o estalo) e soltando um som de nojo pelos lábios.

Quando me levantei, minhas têmporas estavam latejando e minhas pernas estavam bambas. Segurei-me em um caixão próximo, a garganta tomada por uma coisa rançosa.

— Fecha — disse ele como alguém que estava com a boca cheia. — Fecha isso. Meus braços viraram gelatina. Depois de me apoiar, ergui uma perna e chutei a tampa. Soou como um tiro de artilharia. A pressão latejou nos meus ouvidos como durante uma aterrissagem rápida.

Hadley colocou as mãos nas coxas e baixou a cabeça, respirando fundo pela boca.

— Jesus — gemeu ele.

Eu vi movimento. Pembry apareceu ao lado da fila de caixões, o rosto franzido com repulsa.

— Que... cheiro... é... esse?

— Está tudo bem. — Descobri que conseguia mexer um braço e tentei fazer um gesto que esperava que parecesse de descaso. — Encontrei o problema. Mas tivemos que abrir. Vá se sentar.

Pembry envolveu o corpo com os braços e voltou para o assento.

Descobri que, com mais algumas respirações fundas, o cheiro se dissipou o suficiente para agir.

— Nós temos que prendê-lo — falei para Hadley.

Ele ergueu o rosto e vi seus olhos apertados como fendas. As mãos estavam fechadas em punhos e seu tronco largo estava rígido e ereto. Nos cantos dos olhos, lágrimas cintilavam. Ele não disse nada.

Aquilo voltou a ser carga quando fechei as fivelas. Exigiu um esforço, mas colocamos o caixão no lugar. Em questão de minutos, os outros caixões estavam empilhados, as tiras externas estavam fixadas, a rede de carga, puxada e presa.

Hadley esperou que eu terminasse e andou até a frente do avião comigo.

— Vou dizer ao capitão que você resolveu o problema — disse ele — e que é para voltar a viajar a toda velocidade.

Eu assenti.

— Mais uma coisa — disse ele. — Se você vir aquela mosca, mate-a.

— Você não...

— Não.

Eu não sabia o que mais dizer, então só falei:

— Sim, senhor.

Pembry estava no assento, o nariz franzido, fingindo dormir. Hernandez estava ereto, as pálpebras parcialmente abertas. Ele fez sinal para eu me aproximar e me inclinar.

— Você deixou as crianças saírem pra brincar? — perguntou ele.

Fiquei parado na frente dele e não disse nada. No coração, senti a mesma dor que sentia quando era criança e o verão chegava ao fim. Quando pousamos em Dover, um destacamento funerário de uniforme completo descarregou todos os caixões, concedendo direitos funerários completos a cada um. Fui informado que, conforme mais corpos chegaram, a formalidade foi descartada e só um capelão solitário da Força Aérea recebeu os aviões. No fim da semana, eu estava de volta ao Panamá com a barriga cheia de peru e rum barato. Depois, fui para as ilhas Marshall para entregar suprimentos em uma base de mísseis teleguiados. No Comando Aéreo Militar, sempre há carga para ser entregue.



# O HORROR DAS ALTURAS

Arthur Conan Doyle

Além das histórias de Sherlock Holmes, Doyle escreveu mais de cem outros contos, dezenas deles acerca do sobrenatural. Alguns são desprovidos do estilo “tenho que saber o que vai acontecer” presente nas histórias de Holmes, e apresentam, como a maioria, jovens ingleses distintos enfrentando algum horror sobrenatural e triunfando com determinação e astúcia, mas poucos são genuinamente assustadores. “Lote nº 249” é um desses; e aqui está o outro. Como seu contemporâneo, Bram Stoker, Doyle era fascinado por novas invenções (ele comprou um automóvel em 1911, sem nunca ter dirigido um), e isso incluía o avião. Quando estiver lendo “O horror das alturas”, lembre-se de que foi publicado em 1913, apenas dez anos depois que o Flyer dos Irmãos Wright levantou voo em Kitty Hawk por cinquenta e nove segundos, com Orville nos controles rudimentares e Wilbur assistindo. Quando o conto de Doyle foi publicado na revista *The Strand*, o teto operacional da maioria dos aviões seria de doze mil a talvez dezoito mil pés. Doyle imaginou o que poderia haver ainda mais alto do que isso, bem além das nuvens, e, ao fazer isso, criou sua história mais assustadora.

A ideia de que a narrativa extraordinária que foi chamada de Fragmento Joyce-Armstrong é uma pegadinha elaborada inventada por alguém amaldiçoado por um senso de humor pervertido e sinistro já foi abandonada por todos que examinaram a questão. O mais macabro e criativo dos conspiradores hesitaria antes de conectar suas fantasias mórbidas aos fatos inquestionáveis e trágicos que reforçam a declaração. Apesar de as afirmações contidas ali serem impressionantes e até monstruosas, a inteligência geral é obrigada a aceitar que são verdadeiras e que temos que reajustar nossas ideias à nova situação. Esse nosso mundo parece estar separado por uma margem de segurança leve e precária de um perigo muito singular e inesperado. Vou me dedicar a essa narrativa, que reproduz o documento original em sua forma necessariamente fragmentada, para oferecer ao leitor a íntegra dos fatos até o momento, introduzindo minha declaração dizendo que, se houver qualquer dúvida na

narrativa de Joyce-Armstrong, não pode haver nenhuma questão em relação aos fatos que dizem respeito ao tenente Myrtle, R. N., e ao sr. Hay Connor, que indubitavelmente encontraram seu fim da forma descrita.

O Fragmento Joyce-Armstrong foi encontrado no campo conhecido como Lower Haycock, que fica a pouco mais de um quilômetro a oeste do vilarejo de Withyham, na fronteira entre Kent e Sussex. Foi no último dia 15 de setembro que o trabalhador agrícola James Flynn, a serviço de Mathew Dodd, fazendeiro da Fazenda Chauntry, Withyham, reparou em um cachimbo caído perto da trilha que acompanha a cerca de Lower Haycock. Alguns passos à frente, ele encontrou um binóculo quebrado. Por fim, em meio a algumas urtigas na vala, ele viu um livro fino com capa de lona, que acabou se revelando um caderno com folhas destacáveis, cuja maioria tinha se soltado e estava rolando na base da cerca. Ele as recolheu, mas algumas, inclusive a primeira, nunca foram recuperadas e deixam um hiato deplorável nesta declaração importante. O caderno foi levado pelo trabalhador para o patrão, que por sua vez o mostrou para o dr. J. H. Atherton, de Hartfield. Esse cavalheiro reconheceu na mesma hora a necessidade do exame de um especialista, e o manuscrito foi encaminhado para o Aero Club de Londres, onde se encontra agora.

As primeiras duas páginas do manuscrito sumiram. Também há uma página arrancada no final da narrativa, embora nenhuma dessas afete a coerência geral da história. Conjectura-se que a introdução desaparecida se refira ao registro das qualificações do sr. Joyce-Armstrong como aeronauta, que podem ser encontradas em outras fontes e são consideradas insuperáveis pelos outros pilotos da Inglaterra. Há muitos anos, ele é admirado como estando entre os mais ousados e intelectuais dos homens do ar, uma combinação que lhe permitiu inventar e testar vários dispositivos novos, inclusive o anexo giroscópico comum que é conhecido pelo seu nome. O corpo principal do manuscrito está escrito à tinta, mas as últimas linhas estão a lápis e tão esfarrapadas a ponto de estarem quase ilegíveis; exatamente como se esperaria que estivessem se tivessem sido rabiscadas às pressas no assento de um avião em movimento. É preciso acrescentar que há várias manchas, tanto na última página quanto na capa externa, que foram declaradas por especialistas do governo como sendo sangue, provavelmente humano e certamente mamífero. O fato de algo

parecido com o protozoário da malária ter sido descoberto nesse sangue e que é sabido que Joyce-Armstrong sofreu de febre intermitente é um exemplo impressionante das novas armas que a ciência moderna colocou nas mãos dos nossos detetives.

E agora uma palavra sobre a personalidade do autor desta declaração revolucionária. Joyce-Armstrong, de acordo com os poucos amigos que realmente conheciam o homem, além de mecânico e inventor, era poeta e sonhador. Ele era um homem de riqueza considerável, boa parte da qual gastou em busca de seu hobby aeronáutico. Teve quatro aviões particulares em seus hangares perto de Devizes e dizem que fez pelo menos cento e setenta decolagens ao longo do ano passado. Era um homem reservado, de humores sombrios, durante os quais evitava a companhia dos semelhantes. O capitão Dangerfield, que o conhecia melhor do que ninguém, diz que houve vezes em que a excentricidade dele ameaçou se transformar em algo mais sério. Seu hábito de carregar uma pistola no avião era manifestação disso.

Outra era o efeito mórbido que a queda do tenente Myrtle teve na mente dele. Myrtle, que estava tentando atingir o recorde de altura, caiu de uma altitude de mais de trinta mil pés. Horrível de narrar, sua cabeça foi totalmente destruída, embora o corpo e os membros tenham preservado a configuração. A cada reunião de aviadores, Joyce-Armstrong, de acordo com Dangerfield, perguntava com um sorriso enigmático: “E onde está a cabeça de Myrtle?”.

Em outra ocasião, depois do jantar, na confusão da Escola de Voo na Planície de Salisbury, ele iniciou um debate sobre qual era o perigo mais permanente que os aviadores teriam que enfrentar. Depois de ouvir opiniões sucessivas sobre bolsões de ar, construções defeituosas e overbanking, ele terminou dando de ombros e se recusando a oferecer a própria opinião, apesar de ter dado a impressão de que era diferente de todas as manifestadas pelos colegas.

Vale comentar que depois de seu desaparecimento foi descoberto que seus assuntos pessoais estavam organizados com tamanha precisão que pode até demonstrar que ele tinha uma forte premonição do desastre. Com essas explicações essenciais, vou agora revelar a narrativa

exatamente como está, começando na página três do caderno manchado de sangue:

“Entretanto, quando jantei no Rheims com Coselli e Gustav Raymond, descobri que nenhum dos dois estava ciente de nenhum perigo em particular nas camadas mais altas da atmosfera. Eu não disse exatamente o que tinha em mente, mas cheguei tão perto que, se eles tivessem alguma ideia correspondente, não teriam como não mencioná-la. Mas eles não passam de sujeitos vazios e vaidosos sem pensamento nenhum além de verem seus nomes bobos no jornal. É interessante comentar que nenhum dos dois tinha passado muito de vinte mil pés de altura. Claro, os homens já foram mais alto do que isso tanto em balões quanto escalando montanhas. Deve ser bem acima desse ponto que o avião entra na zona de perigo, sempre supondo que minhas premonições estejam corretas.

“A aviação já existe há mais de vinte anos, e podemos perfeitamente nos questionar: por que esse perigo só estaria se revelando nos nossos dias? A resposta é óbvia. Nos tempos antigos de motores fracos, quando um Gnome ou um Green de cem cavalos de potência eram considerados suficientes para todas as necessidades, os voos eram muito restritos. Agora que trezentos cavalos de potência são a regra e não a exceção, as visitas às camadas superiores se tornaram mais fáceis e comuns. Alguns de nós podem lembrar que, na juventude, Garros alcançou reputação mundial ao chegar a dezenove mil pés e era considerado um feito incrível voar acima dos Alpes. Nosso padrão agora está imensuravelmente mais alto, e há vinte vezes mais voos altos que antigamente. Muitos deles foram realizados sem grandes consequências. O nível de trinta mil pés foi alcançado vezes seguidas sem nenhum desconforto além do frio e da asma. O que isso prova? Um visitante pode descer neste planeta mil vezes e nunca ver um tigre. Mas os tigres existem, e se o visitante por acaso descesse em uma selva, poderia ser devorado. Há selvas no ar, e coisas piores do que tigres as habitam. Acredito que, com o tempo, vão mapear essas selvas precisamente. Mesmo agora eu poderia citar duas. Uma fica acima da região entre Pau e Biarritz, na França. Outra está acima da minha cabeça enquanto escrevo,

aqui na minha casa em Wiltshire. Acho que há uma terceira na região entre Homburg e Wiesbaden.

“Foi o desaparecimento dos aviadores que me fez pensar. Claro, todos disseram que eles tinham caído no mar, mas isso não me satisfaz. Primeiro, houve Verrier, na França; o avião dele foi encontrado perto de Bayonne, mas nunca encontraram seu corpo. Também houve o caso de Baxter, que desapareceu, embora o motor e algumas peças de ferro tenham sido encontrados em um bosque em Leicestershire. Nesse caso, o dr. Middleton, de Amesbury, que estava assistindo ao voo com um telescópio, declara que pouco antes das nuvens obscurecerem sua visão, ele viu a aeronave, que estava a uma altura enorme, subir perpendicularmente de repente em uma sucessão de sacolejos, de uma forma que se acharia impossível. Foi a última vez que Baxter foi visto. Houve uma troca de correspondências no jornal, mas nunca levou a nada. Vários outros casos similares se sucederam, depois houve a morte de Hay Connor. Que falação fizeram sobre um mistério aeronáutico não resolvido nas colunas de jornais baratos, mas tão pouco se fez para chegar ao fundo da questão! Ele caiu em um tremendo voo planador de uma altura desconhecida. Não saiu da máquina e morreu no assento do piloto. Morreu de quê? ‘Doença cardíaca’, disseram os médicos. Besteira! O coração de Hay Connor era tão saudável quanto o meu. O que Venables disse? Venables era o único homem que estava ao seu lado quando ele morreu. Ele disse que Hay Connor estava tremendo e parecia um homem apavorado. ‘Morreu de medo’, disse Venables, mas não conseguiu imaginar de que ele teve medo. Só disse uma palavra para Venables, que pareceu ‘Monstruoso’. Não conseguiram descobrir nada com a investigação. Mas eu consegui. Monstros! Essa foi a última palavra do pobre Harry Hay Connor. E ele morreu SIM de medo, como Venables pensou.

“E teve a cabeça do Myrtle. Vocês acreditam mesmo — alguém acredita mesmo — que a cabeça de um homem poderia ser totalmente decepada do corpo pela força de uma queda? Bom, talvez seja possível, mas eu nunca acreditei que esse tivesse sido o caso. E a graxa nas roupas de Myrtle — ‘todo escorregadio de graxa’, alguém disse durante a investigação. Estranho ninguém começar a pensar depois disso! Eu pensei — mas, na verdade, já estava pensando havia muito tempo. Fiz três voos



— como Dangerfield caçoava da minha arma —, mas nunca fui alto o bastante. Agora, com essa máquina Paul Veroner nova e leve e seus 175 Robur, devo chegar com facilidade a trinta mil pés amanhã. Vou tentar bater o recorde. Talvez eu deva tentar outra coisa também. Claro, é perigoso. Se um sujeito quiser evitar o perigo, é melhor não voar e se submeter a chinelos de flanela e um roupão. Mas vou visitar a selva do ar amanhã — e se houver alguma coisa lá, vou saber. Se voltar, virarei uma espécie de celebridade. Se não voltar, este caderno pode explicar o que estou tentando fazer e como perdi a vida. Mas sem baboseiras de acidentes ou mistérios, POR FAVOR.

“Escolhi meu monoplane Paul Veroner para o voo. Não há nada como um monoplane quando se tem trabalho de verdade a fazer. Beaumont descobriu isso logo no começo. Primeiro, não é afetado pela umidade, e o tempo parece indicar que vamos ficar nas nuvens o tempo todo. É um modelinho bonito e responde aos meus comandos como um cavalo experiente. O motor é um Robur giratório de dez cilindros que chega a 175 cavalos. Tem todas as melhorias modernas: fuselagem fechada, esquis de pouso curvados, freios, estabilizadores giroscópicos e três velocidades, trabalhadas por uma alteração do ângulo dos aviões pelo princípio das venezianas. Levei uma espingarda comigo e doze cartuchos cheios de balas de caça. Vocês deviam ter visto o rosto do Perkins, meu velho mecânico, quando o mandei colocar tudo isso lá dentro. Eu estava vestido como um explorador do Ártico, com duas camisas embaixo do macacão, meias grossas dentro das botas forradas, um chapéu com abas laterais e meus óculos. Estava um calor sufocante fora do hangar, mas eu estava indo para o cume do Himalaia, e tinha que me vestir de forma adequada. Perkins sabia que alguma coisa estava acontecendo e implorou para que eu o levasse comigo. Talvez o tivesse feito se fosse usar o biplano, mas um monoplane é um show de um homem só — se você quer espremê-lo até a última gota. Claro, levei uma bolsa de oxigênio; o homem que vai atrás do recorde de altitude sem uma vai congelar ou sufocar... ou as duas coisas.

“Dei uma boa olhada nos aviões, no leme e no manete de empuxo antes de entrar. Tudo estava funcionando, pelo que pude ver. Liguei o motor e vi que estava funcionando perfeitamente. Quando soltei, o avião subiu quase imediatamente na menor velocidade. Voei sobre o campo da

minha casa uma ou duas vezes para aquecer a máquina, e com um aceno para Perkins e para os outros, emparelhei as asas com o chão e aumentei a velocidade. O monoplane planou com o vento como uma andorinha por doze ou dezesseis quilômetros até eu empinar um pouco o nariz e ela começar a subir em uma grande espiral para as nuvens acima. É muito importante subir devagar para você poder se adaptar à pressão.

“O clima estava abafado e quente para um dia de setembro na Inglaterra, e havia o silêncio e o peso da chuva se aproximando. De vez em quando baforadas repentinas de vento surgiam do sudoeste — uma delas tão forte e inesperada que me pegou desprevenido e me virou um pouco por um instante. Eu me lembro da época em que sopros de vento e redemoinhos e bolsões de ar eram coisas perigosas — antes de aprendermos a construir motores mais fortes. Assim que cheguei às nuvens, com o altímetro marcando três mil pés, a chuva caiu. E como choveu! A água batucou nas minhas asas e voou na minha cara, embaçando meus óculos de forma que mal consegui enxergar. Diminuí a velocidade, pois era difícil voar assim. Quando cheguei mais alto, a chuva virou granizo, e tive que fugir. Um dos meus cilindros estava parado — plugue sujo, imagino, mas mesmo assim eu estava subindo regularmente com bastante força. Depois de um tempo, o problema passou, fosse qual fosse, e ouvi o ronronar completo e grave; os dez cilindros cantando como se fossem um. É onde a beleza dos nossos silenciadores modernos entra. Finalmente podemos controlar os motores de ouvido. Como eles cham e rangem e soluçam quando estão com problemas! Todos esses gritos de ajuda eram ignorados nos velhos tempos, quando todos os sons eram engolidos pela barulheira monstruosa da máquina. Se os primeiros aviadores pudessem voltar para ver a beleza e a perfeição do mecanismo que foi gerado à custa da vida deles!

“Por volta das nove e meia, eu estava perto das nuvens. Abaixo, borrado e coberto pelas sombras da chuva, estava o amplo terreno da planície de Salisbury. Umas seis máquinas voadoras estavam voando diligentemente a nível de mil pés, parecendo pequenas andorinhas pretas sobre o fundo verde. Ouso dizer que estavam questionando o que eu estava fazendo na região das nuvens. De repente, uma cortina cinza apareceu embaixo de mim, e os vapores úmidos chegaram ao meu rosto. Era

pegajosamente frio e horrível. Mas eu estava acima da tempestade de granizo, e isso era uma coisa boa. A nuvem era escura e densa como a neblina londrina. Na minha ansiedade de sair dali, inclinei o nariz para o alto até o alarme automático tocar e eu começar a deslizar para trás. Minhas asas encharcadas e pingando tinham me deixado mais pesado do que eu imaginava, mas no momento eu estava em uma nuvem mais leve, e logo tinha saído da primeira camada. Havia uma segunda, da cor de uma opala e aparência macia, em uma grande altura acima da minha cabeça, um teto intacto acima, e um piso escuro abaixo, com o monoplane subindo com dificuldade em uma ampla espiral entre ambos. É mortalmente solitário nesses espaços entre as nuvens. Um bando grande de alguma ave aquática passou por mim, voando rápido para o oeste. O movimento rápido das asas e os gritos musicais foram uma alegria para os meus ouvidos. Acho que eram marrequinhas, mas sou péssimo zoologista. Agora que nós, humanos, nos tornamos aves, temos que aprender a identificar nossos irmãos de vista.

“O vento abaixo de mim girou e movimentou a nuvem. Em um momento, um grande redemoinho se formou, uma espiral de vapor, e por ele, tão fundo quanto por um funil, vi o mundo distante. Um grande biplano branco estava passando muito abaixo de mim. Acho que era o serviço postal matinal entre Bristol e Londres. Mas o redemoinho girou para dentro de novo, e a grande solidão retornou.

“Depois das dez, cheguei na parte inferior do estrato de nuvens mais alto. Consistia de vapor fino e diáfano se movimentando rapidamente para o oeste. O vento foi aumentando regularmente o tempo todo, e agora estava soprando uma brisa forte — quarenta e cinco quilômetros por hora, segundo meu medidor. Já estava muito frio, apesar de o meu altímetro só marcar nove mil pés. Os motores estavam trabalhando lindamente, e fomos subindo com firmeza. O paredão de nuvens estava mais grosso do que eu esperava, mas finalmente se afinou em uma névoa dourada, e em um instante eu saí, e vi o céu sem nuvens e o sol brilhante acima da minha cabeça — tudo azul e dourado acima, tudo brilhante e prateado abaixo, uma planície ampla e cintilante até onde meu olhar alcançava. Eram dez e quinze, e o ponteiro do barógrafo apontava para doze mil e oitocentos pés. Eu subi e subi, meus ouvidos concentrados no ronronar grave do motor, os

olhos sempre ocupados com o relógio, o conta-rotações, o nível de combustível e a bomba de óleo. Não é surpresa que digam que os aviadores são uma raça destemida. Com tantas coisas em que pensar, não há tempo para se preocupar consigo mesmo. Nesse momento, reparei como a bússola deixava de ser confiável acima de certa altura da terra. A quinze mil pés, a minha estava apontando para leste e um ponto ao sul. O sol e o vento me ajudaram a me localizar de verdade.

“Eu tinha esperança de chegar a uma imobilidade eterna naquelas altitudes, mas a cada mil pés de subida a ventania ia ficando mais forte. Minha máquina grunhiu e tremeu em todas as juntas e rebites ao encará-la e foi carregada como uma folha de papel quando a inclinei numa curva, deslizando pelo vento a uma velocidade maior, talvez, do que qualquer homem já tenha se movido. Mas eu tinha que virar de novo e enfrentar o olho do vento, pois não era só um recorde de altura que eu queria. Pelos meus cálculos, era acima de Wiltshire que ficava minha selva de ar, e todo o meu trabalho poderia se perder se eu alcançasse as camadas mais altas muito longe dali.

“Quando cheguei no nível de dezenove mil pés, que foi por volta de meiodia, o vento estava tão severo que olhei com ansiedade para a firmeza das minhas asas, esperando vê-las se partirem ou afrouxarem a qualquer momento. Até soltei o paraquedas atrás de mim e preendi o gancho no aro do meu cinto de couro, para me preparar para o pior. Agora era a hora em que o trabalho apressado do mecânico custava a vida do aviador. Mas o monoplane aguentou bravamente. Cada cabo e cada estaca estava cantarolando e vibrando como cordas de harpa, mas era glorioso ver que, apesar de todo aquele sacolejo e de toda aquela força, ele ainda era o conquistador da natureza e senhor do céu. Há algo de divino no homem para poder ascender, tão superior às limitações que o Criador pareceu impor — também ascender por devoção altruísta e heroica como demonstro nessa conquista aérea. E falar de degeneração humana! Quando uma história assim foi escrita nos anais da nossa raça?

“Esses eram os pensamentos em minha mente quando levei aquele avião monstruoso e inclinado, com o vento às vezes batendo na minha cara, às vezes assobiando entre meus ouvidos, enquanto as nuvens abaixo

se afastavam a tal distância que as dobras e redes prateadas tinham virado um rio cintilante. Mas, de repente, tive uma experiência horrível e inédita. Eu já tinha enfrentado o que nossos vizinhos franceses chamavam de tourbillon, mas nunca em uma escala daquelas. O rio enorme e veloz de vento do qual falei tinha, ao que parecia, redemoinhos dentro, tão monstruosos quanto ele mesmo. Sem aviso, fui arrastado para o coração de um. Girei por um minuto ou dois com tamanha velocidade que quase perdi os sentidos, e caí de repente, a asa esquerda primeiro, pelo funil de vácuo no centro. Caí como uma pedra e perdi quase mil pés. Foi só meu cinto que me manteve no assento, e o choque e a falta de ar me deixaram pendurado à beira da inconsciência na lateral da fuselagem. Mas sou sempre capaz de um esforço supremo — é meu grande mérito como aviador. Eu estava consciente de que a descida foi mais lenta. O redemoinho era um cone e não um funil, e eu tinha chegado ao vértice. Com um puxão enorme, jogando todo o meu peso para o lado, nivelei as asas e fui para longe do vento. Em um instante eu saí do turbilhão e estava descendo pelo céu. Então, abalado, mas vitorioso, virei o nariz para cima e comecei novamente minha subida em espiral. Dei uma volta grande para fugir do perigo do redemoinho, e logo estava em segurança. Pouco depois de uma da tarde, eu estava vinte e um mil pés acima do nível do mar. Para minha grande alegria, tinha superado o vento, e a cada cem pés o ar ia ficando menos turbulento. Por outro lado, estava muito frio, e eu estava consciente da náusea peculiar que acompanhava o ar rarefeito. Pela primeira vez, abri o bocal da bolsa de oxigênio e inalei uma baforada do glorioso gás. Senti-o correndo como álcool pelas minhas veias, e fiquei eufórico quase ao ponto da embriaguez. Gritei e cantei enquanto subia para o mundo frio e imóvel lá no alto.

“Está bastante claro para mim que a insensibilidade que tomou conta de Glaisher e, em menor grau, de Coxwell, quando, em 1862, eles subiram em um balão até a altura de trinta mil pés, foi devido à velocidade extrema com que a subida perpendicular é feita. Ao fazer isso em um gradiente fácil e se acostumar com a pressão barométrica menor aos poucos, não há esses terríveis sintomas. Na mesma grande altura, descobri que mesmo sem meu inalador de oxigênio eu conseguia respirar sem grandes problemas. Mas estava muito frio, e meu termômetro estava em

menos dezessete graus Celsius. À uma e meia, eu estava quase onze quilômetros acima da superfície da Terra e continuava subindo. Percebi que o ar rarefeito estava dando menos apoio às asas, e que meu ângulo de subida tinha que ser consideravelmente menor por consequência. Já estava claro que, mesmo com meu peso leve e grande força motora, havia um ponto à frente do qual eu não podia passar. Para piorar as coisas, uma das minhas velas de ignição estava com problemas novamente e o motor emitia ruídos de estouro intermitentes. Meu coração estava pesado com o medo do fracasso.

“Foi mais ou menos nessa hora que tive uma experiência extraordinária. Alguma coisa passou por mim em uma trilha de fumaça e explodiu com um som alto e chiado, gerando uma nuvem de fumaça. No momento, não consegui imaginar o que tinha acontecido. Mas então, eu me lembrei de que a Terra está sempre sendo bombardeada por meteoros e que seria inabitável se eles não virassem pó nas camadas externas da atmosfera. Esse é um novo perigo para o homem das altitudes, pois mais dois passaram por mim quando estava chegando perto dos quarenta mil pés. Não posso duvidar de que no final da camada que envolve a Terra o risco seria bem real.

“Meu barógrafo marcava quarenta e um mil e trezentos pés quando percebi que não podia ir além. Fisicamente, o esforço ainda não estava insuportável, mas o monoplane tinha chegado ao limite. O ar rarefeito não dava suporte para as asas, e a menor inclinação virava um escorregão, enquanto a máquina respondia lentamente aos controles. Talvez, se o motor estivesse nas melhores condições, mais mil pés estivessem dentro da nossa capacidade, mas ainda ouvia os estouros, e dois dos dez cilindros pareciam ter parado de funcionar. Se eu já não tivesse chegado à zona que estava procurando, jamais a veria naquela viagem. Mas não era possível que tivesse chegado nela? Voando em círculos como um falcão monstruoso na altura de quarenta mil pés, deixei o monoplane se guiar sozinho, e fiz uma observação cuidadosa dos meus arredores pelo vidro Mannheim. O céu estava perfeitamente claro; não havia indicação dos perigos que eu imaginara.

“Eu falei que estava voando em círculos. Pensei de repente que seria bom dar uma volta mais ampla e vasculhar uma nova região. Se o caçador entrasse em uma selva, ele a vasculharia se quisesse encontrar a presa. Meu argumento tinha me levado a acreditar que a selva do ar que eu tinha imaginado ficava em algum lugar acima de Wiltshire. Isso deveria ser ao sul e ao oeste de onde eu estava. Situei-me pelo sol, pois a bússola não estava prestando, e não havia sinal visível de terra — nada além da planície distante e prateada das nuvens. Mas calculei a direção da melhor forma possível e guiei o monoplane direto para lá. Achei que meu suprimento de combustível não duraria mais do que uma hora, mas eu poderia me dar ao luxo de usá-lo até a última gota, pois um último voo planado magnífico podia a qualquer momento me levar de volta ao chão.

“De repente, percebi uma coisa nova. O ar à minha frente tinha perdido a clareza. Estava cheio de fios compridos e irregulares de algo que só posso comparar a fumaça de cigarro. Pendia em espirais, virando e girando lentamente sob o sol. Quando o monoplane passou no meio, senti um leve gosto de óleo nos lábios, e ficou uma gosma gordurosa nas partes de madeira do avião. Uma matéria orgânica infinitamente delicada parecia estar suspensa na atmosfera. Não havia vida ali. Era incipiente e difusa, prosseguia por muitos quilômetros e se esvaía no vazio. Não, não era vida. Mas não podia ser restos de vida? Acima de tudo, não podia ser alimento de vida, de vida monstruosa, assim como a modesta gordura do mar é comida da poderosa baleia? Esse pensamento estava na minha cabeça quando olhei para cima e tive a visão mais maravilhosa que um homem já teve. Será que consigo transmitir o que vi na quinta-feira?

“Imaginem uma medusa como as que navegam pelos mares durante o verão, em forma de sino e enorme — bem maior, imagino, do que o domo da catedral de St. Paul. Era de um cor-de-rosa-claro com riscos em um tom verde delicado, mas o corpo enorme era tão tênue que não passava de um contorno contra o céu azul-escuro. Pulsava com um ritmo delicado e regular. De lá pendiam dois tentáculos verdes longos, que oscilavam lentamente para a frente e para trás. Essa linda visão passou com sua dignidade muda acima da minha cabeça, tão leve e frágil quanto uma bolha de sabão, e seguiu seu caminho imponente.

“Eu tinha virado parcialmente o monoplane para poder olhar aquela linda criatura quando, em certo momento, me vi em meio a um bando delas, de todos os tamanhos, mas nenhuma tão grande quanto a primeira. Algumas eram bem pequenas, mas a maioria era do tamanho de um balão, e com a mesma curvatura no alto. Havia nelas uma delicadeza de textura e cor que me lembravam o mais fino vidro veneziano. Tons pálidos de rosa e verde eram as cores prevalecentes, mas todas tinham uma iridescência linda quando o sol cintilava por suas formas graciosas. Centenas delas passaram por mim, um esquadrão maravilhoso e fantástico daqueles navios estranhos dos céus — criaturas cujas forma e substância eram tão sintonizadas a essas alturas puras que não dava para conceber nada tão delicado visível ou audível da terra.

“Mas logo minha atenção foi atraída por um outro fenômeno: as serpentes do ar. Eram filetes compridos, finos e fantásticos de material como vapor, que viravam e se contorciam a grande velocidade, voando em tal ritmo que os olhos mal podiam acompanhar. Algumas dessas criaturas fantasmagóricas tinham de seis a nove metros, mas era difícil ter certeza, pois seu contorno era difuso e parecia sumir no ar ao redor. Essas serpentes do ar eram de um cinza muito claro ou cor de fumaça, com linhas mais escuras dentro, o que dava a impressão de um organismo definido. Uma delas passou bem na frente do meu rosto, e fiquei consciente de um toque frio e grudento, mas a composição era tão insubstancial que não consegui associá-las a nenhuma ideia de perigo físico, tanto quanto as lindas criaturas em forma de sino que passaram antes. Não havia mais solidez no corpo delas do que na espuma flutuando em uma onda.

“Mas uma experiência ainda mais terrível me aguardava. Flutuando para baixo de grande altura veio uma massa arroxeadada de vapor, pequena quando a vi primeiro, mas aumentando rapidamente conforme se aproximava, até que pareceu ter dezenas de metros quadrados de tamanho. Embora fosse feita de uma substância transparente e gelatinosa, tinha contornos bem mais definidos e consistência bem mais sólida do que qualquer outra criatura que eu tivesse visto ali. Também havia mais traços de uma forma física, principalmente duas placas amplas e circulares dos



lados, que poderiam ser seus olhos, e uma projeção branca perfeitamente sólida entre elas que era tão curva e cruel quanto o bico de um abutre.

“O aspecto desse monstro era formidável e ameaçador, e ficava mudando de cor de um malva bem claro a um roxo-escuro e furioso tão denso que fazia sombra quando entrava entre meu monoplane e o sol. Na curva superior do corpo enorme havia três grandes projeções que só posso descrever como bolhas enormes, e fiquei convencido enquanto olhava que estavam carregadas com algum tipo de gás extremamente leve que servia para fazer a massa deformada e semissólida subir no ar rarefeito. A criatura se movia rapidamente, acompanhando o monoplane com facilidade, e por mais de trinta quilômetros foi uma acompanhante horrível, pairando acima de mim como uma ave de rapina esperando para mergulhar. Seu método de progressão — feito de forma tão rápida que não era fácil de acompanhar — era jogar uma faixa comprida e pegajosa para a frente, que por sua vez parecia puxar o resto do corpo. Era tão elástica e gelatinosa que nunca mantinha a mesma forma por muito tempo, mas cada mudança a tornava ainda mais ameaçadora e horrenda do que antes.

“Eu sabia que suas intenções eram malignas. Cada descarga roxa do seu corpo horrendo era um sinal. Os olhos vagos e arregalados estavam sempre virados para mim e eram frios e implacáveis em seu ódio víscido. Virei o nariz do monoplane para baixo para fugir. Quando fiz isso, um tentáculo comprido disparou do corpo inchado e flutuante com a rapidez de um raio e caiu tão leve e sinuoso como uma chicotada na frente do monoplane. Houve um chiado alto quando tocou por um momento no motor quente, e o tentáculo se afastou no ar de novo, enquanto o corpo enorme e achatado se contraía como se sentisse dor. Eu tentei mergulhar, mas novamente um tentáculo caiu no monoplane e foi arrancado pela hélice com a mesma facilidade de um fio de fumaça. Um fio comprido, deslizando e grudando como uma serpente veio por trás e me agarrou pela cintura, me puxando da fuselagem. Lutei contra aquilo, meus dedos afundando na superfície lisa e grudenta como cola, e por um instante eu me soltei, mas só para ser pego na bota por outro fio, que me deu um puxão que quase me derrubou de costas.

“Quando caí, disparei com ambos os canos da minha arma, embora, de fato, imaginar que qualquer arma humana pudesse afetar aquele volume enorme fosse como atacar um elefante com um estilingue. Mas mirei melhor do que imaginava, pois, com um ruído alto, uma das grandes bolhas nas costas da criatura explodiu. Ficou bem claro que minha conjectura estava certa e que aquelas bolsas claras estavam distendidas com algum gás de flutuação, pois em um instante o corpo enorme como uma nuvem tombou para o lado, se contorcendo em desespero para encontrar equilíbrio enquanto o bico branco se abria e se fechava em uma fúria horrível. Mas eu já tinha disparado no mergulho mais íngreme que ousava tentar, forçando o motor com tudo, a hélice e a força da gravidade me jogando para baixo como um aerólito. Bem atrás de mim vi uma mancha fosca e arroxeadada ficando cada vez menor e se mesclando ao céu azul. Eu estava em segurança, fora da selva mortal do ar externo.

“Quando estava fora de perigo, regulei o motor, pois nada destrói uma máquina tão rápido quanto descer a toda velocidade. Foi um voo planado glorioso em espiral de quase quarenta e dois mil pés de altitude — primeiro para o nível do paredão de nuvens prateadas, depois para o da nuvem de tempestade abaixo e, por fim, na chuva forte, para a superfície da Terra. Vi o canal de Bristol abaixo quando saí das nuvens, mas, como ainda tinha combustível no tanque, fui trinta quilômetros continente adentro até parar em um campo a menos de um quilômetro do vilarejo de Ashcombe. Lá eu comprei três latas de gasolina de um automóvel que passava e, dez minutos depois das seis da tarde, pousei delicadamente na campina da minha casa em Devizes, depois de uma jornada que nenhum mortal no planeta já fizera e sobrevivera para contar a história. Eu vi a beleza e os horrores das alturas — e beleza maior e horror maior do que aqueles não estão ao alcance do homem.

“E agora é meu desejo ir novamente, antes de compartilhar meus resultados com o mundo. Meu motivo para isso é que devo ter alguma coisa para mostrar como prova antes de contar uma história como esta aos meus colegas. É verdade que outros logo vão fazer o mesmo e vão confirmar o que eu disse, mas quero ter convicção desde o começo. Aquelas bolhas iridescentes e adoráveis não devem ser difíceis de capturar. Elas vagam lentamente, e o monoplane veloz poderia interceptar seu

trajeto tranquilo. É bem provável que acabem se dissolvendo nas camadas mais pesadas da atmosfera, e que a única coisa que eu consiga trazer comigo seja uma pilha pequena de gelatina amorfa. Mas alguma coisa haveria ali que poderia dar credibilidade à minha história. Sim, eu vou, mesmo que corra risco ao fazer isso. Aqueles horrores roxos não pareciam numerosos. Talvez eu nem veja um. Se vir, mergulharei na mesma hora. Na pior das hipóteses, sempre há minha arma e meu conhecimento de...”

Aqui, infelizmente, falta uma página do manuscrito. Na página seguinte está escrito com caligrafia grande e torta:

“Quarenta e três mil pés. Eu nunca mais verei a terra. Estão embaixo de mim, três daquelas coisas. Deus me ajude; que morte horrível de se morrer!”

Essa é toda a Declaração de Joyce-Armstrong. Pedacos do monoplane foram encontrados nas reservas do sr. Budd-Lushington, nas fronteiras de Kent e Sussex, a poucos quilômetros do local onde o caderno foi achado. Se a teoria do infeliz aviador estiver correta, e essa selva do ar, como ele a chamou, existir só no sudoeste da Inglaterra, parece que ele fugiu de lá a toda velocidade no monoplane, mas foi alcançado e devorado por essas horríveis criaturas em algum ponto da atmosfera exterior, acima do local onde os restos macabros foram encontrados. O monoplane caindo pelo céu, com os terrores sem nome voando rapidamente embaixo dele e o separando para sempre da terra, é uma imagem que um homem que valorize a sanidade prefere não ter. Há muitos, como estou ciente, que ainda deboçam dos fatos que relatei aqui, mas até eles devem admitir que Joyce-Armstrong desapareceu, e eu transmitiria a eles suas palavras: “Este caderno pode explicar o que estou tentando fazer e como perdi a vida fazendo isso. Mas sem baboseiras de acidentes ou mistérios, POR FAVOR”.



# PESADELO A VINTE MIL PÉS

Richard Matheson

Esta é a melhor história de medo de avião já escrita? Provavelmente. Sem querer soar como Rod Serling, mas aprecie o pensamento de Arthur Jeffrey Wilson quando o DC-7 em que ele é passageiro decola: “Ali estava ele... vinte mil pés acima da terra, preso em um casco ululante da morte”. Publicado originalmente em 1961, quando era possível fumar em voos comerciais e até carregar uma pistola na mala de mão, a história de “Pesadelo” se divide em duas possibilidades: ou o sr. Wilson está tendo um colapso nervoso motivado pela ansiedade ou existe mesmo uma coisa feia e deformada na asa do avião, tentando derrubá-lo. Seja como for, seu voo agora será muito desagradável. É melhor apertar o cinto.

— Coloque o cinto, por favor — disse a comissária sorridente quando passou por ele.

Quase na mesma hora, o sinal luminoso acima do arco que levava ao compartimento de bagagem se acendeu — APERTAR CINTOS — junto com seu companheiro — NÃO FUMAR. Wilson tragou fundo e expirou aos poucos antes de apagar o cigarro no cinzeiro do braço com batidinhas irritadas.

Do lado de fora, um dos motores tossiu monstruosamente, cuspidando uma nuvem de fumaça que se dispersou no ar da noite. A fuselagem começou a tremer, e Wilson, olhando pela janela, viu a fumaça da chama do jato saindo branca da nacela do motor. O segundo motor tossiu e depois rugiu, a hélice girando tão rápido que era um borrão. Com uma submissão tensa, Wilson prendeu o cinto.

Agora todos os motores estavam funcionando e a cabeça de Wilson latejava em unísono com a fuselagem. Estava sentado rígido, olhando para o banco à frente enquanto o DC-7 taxiava pela pista, aquecendo a noite com os estrondos trovejantes do escapamento.

Na beirada da pista de decolagem, parou. Ele olhou pela janela para o brilho monstruoso do terminal. No final daquela manhã, pensou Wilson,

ele estaria sentado, de banho tomado e roupa limpa, no escritório de mais um contato discutindo mais um acordo enganoso cujo resultado líquido não acrescentaria significado nenhum à história da humanidade. Era tudo tão...

Wilson perdeu o fôlego quando os motores começaram a corrida de aquecimento em preparação para a decolagem. O som, já alto, ficou ensurdecedor — ondas de som que atingiam seus ouvidos como golpes de clava. Ele abriu a boca como se para drenar o som. Seus olhos assumiram o brilho vidrado de um homem em sofrimento, as mãos curvadas em garras tensas.

Ele levou um susto e encolheu as pernas quando sentiu um toque no braço. Virou a cabeça de repente e viu a comissária que o recebeu na porta. Ela estava sorrindo para ele.

— Está tudo bem? — Ele quase não entendeu as palavras.

Wilson comprimiu os lábios e balançou a mão, como se a empurrasse para longe. O sorriso dela era feliz demais, mas sumiu quando se virou para ir embora.

O avião começou a se mover. Primeiro, de forma letárgica, como um gigante lutando contra a limitação do próprio peso. Depois, com mais velocidade, aproveitando a fricção. Wilson, virando-se para a janela, viu a pista escura passando cada vez mais rápido. Na beirada da asa, houve um gemido mecânico quando os flaps desceram. Em seguida, imperceptivelmente, as rodas gigantes perderam contato com o chão, a terra começou a ficar para trás. Por baixo da aeronave passaram árvores, prédios, o movimento rápido dos faróis dos carros. O DC-7 se curvou de leve para a direita, subindo na direção do brilho gelado das estrelas.

O avião finalmente nivelou, e os motores pareceram parar, até que os ouvidos ainda um pouco entupidos de Wilson captaram o murmúrio da velocidade de cruzeiro. Um momento de alívio relaxou seus músculos e gerou um sentimento de bem-estar. Mas logo passou. Wilson ficou imóvel, olhando para o sinal de NÃO FUMAR até ele se apagar, e acendeu rapidamente um cigarro. Enfiou a mão no bolso no encosto do assento à frente e pegou seu jornal.

Como sempre, o mundo estava em um estado similar ao dele. Tensão em círculos diplomáticos, terremotos e tiroteios, assassinatos, estupros, tornados e colisões, conflitos comerciais, gangues. *Deus está no céu, tudo está certo no mundo*, pensou Arthur Jeffrey Wilson.

Quinze minutos depois, ele deixou o jornal de lado. Seu estômago doía. Ele olhou para os sinais ao lado dos banheiros. Os dois, iluminados, diziam OCUPADO. Ele apagou o terceiro cigarro desde a decolagem, apagou a luz acima e olhou pela janela.

Ao longo da cabine, as pessoas já estavam apagando as luzes e reclinando os assentos para dormirem. Wilson checkou o relógio. Onze e vinte. Ele expirou com cansaço. Como previa, os comprimidos que tinha tomado antes de embarcar não adiantaram nada.

Ele se levantou abruptamente quando a mulher saiu do banheiro e, depois de pegar a bolsa, seguiu pelo corredor.

Seu organismo, como esperado, não cooperou. Wilson se levantou com um gemido cansado e ajeitou as roupas. Depois de lavar as mãos e o rosto, tirou o kit de higiene da bolsa e botou um pouco de pasta na escova de dentes.

Enquanto escovava, uma das mãos apoiada no anteparo frio, ele olhou pela janelinha. A poucos metros de distância estava a hélice interna azul-clara. Wilson visualizou o que aconteceria caso se soltasse e, como um cutelo de três lâminas, fosse com tudo para cima dele.

Sentiu um aperto súbito no estômago. Wilson engoliu instintivamente um pouco de saliva com pasta de dentes, engasgou, virou-se e cuspiu tudo na pia, depois lavou rapidamente a boca e tomou um gole d'água. Deus do céu, se ao menos pudesse ter ido de trem; ficado com um compartimento só para si, caminhado até o vagão-restaurante; se acomodado em uma poltrona com uma bebida e uma revista. Mas não havia tempo nem sorte assim no mundo.

Ele estava prestes a guardar os artigos de higiene quando seu olhar pousou no envelope oleado na bolsa. Wilson hesitou, colocou a pequena pasta na pia, tirou o envelope e o abriu no colo.

Ficou olhando para a simetria brilhosa da pistola. Ele a carregava para onde quer que fosse havia quase um ano. Originalmente, quando pensou no assunto, foi devido à quantidade de dinheiro que transportava, além de proteção contra assaltos e contra as gangues adolescentes nas cidades para onde tinha que ir. Mas, no fundo, ele sempre soube que só havia um motivo válido. Um motivo no qual ele pensava mais a cada dia. Como seria simples... aqui, agora...

Wilson fechou os olhos e engoliu em seco. Ainda sentia gosto de pasta de dentes na boca, um toque leve de hortelã nas papilas gustativas. Ele se sentou pesadamente no vaso frio, a arma lubrificada nas mãos. Até que, de repente, começou a tremer descontroladamente. *Deus, me tira daqui!*, gritou sua mente, de modo abrupto.

— Me tira daqui, *me tira daqui*. — Ele mal reconheceu o choramingo em seus ouvidos.

De repente, Wilson se sentou ereto. Com os lábios comprimidos, embrulhou a pistola e a jogou na bolsa, colocou a pasta em cima e a fechou. De pé, ele abriu a porta e saiu, sentando-se rapidamente no seu assento e guardando a bolsa no lugar. Ele apertou o botão no braço da poltrona e reclinou o encosto. Era um homem de negócios e havia negócios a serem feitos no dia seguinte. Era simples assim. Seu corpo precisava descansar, e ele lhe daria isso.

Vinte minutos depois, Wilson esticou a mão lentamente e apertou o botão, erguendo o encosto, o rosto: uma máscara de aceitação derrotada. *Para que lutar?*, pensou ele. Era óbvio que ficaria acordado. Pronto.

Wilson tinha terminado metade das palavras cruzadas quando soltou o jornal no colo. Seus olhos estavam cansados demais. Sentou-se ereto, girou os ombros e alongou os músculos das costas. *E agora?*, pensou ele. Não queria ler, não conseguia dormir. E ainda faltavam — ele olhou o relógio — umas oito horas para chegar a Los Angeles. O que faria até lá? Olhou ao redor da cabine e viu que, exceto por um único passageiro no compartimento da frente, todo mundo estava dormindo.

Uma fúria repentina e sufocante tomou conta dele, e Wilson teve vontade de gritar, de quebrar alguma coisa, de bater em alguém. Os dentes



tão trincados que o maxilar doía, ele empurrou a cortina com uma mão trêmula e olhou com fúria assassina pela janela.

Do lado de fora, viu as luzes da asa piscarem, os rastros sinistros de fumaça saindo da cobertura do motor. Ali estava ele, pensou Wilson; vinte mil pés acima da terra, preso em um casco ululante da morte, se movendo pela noite congelante em direção a...

Wilson estremeceu quando um relâmpago cortou o céu e iluminou a asa como se fosse dia. Engoliu em seco. Haveria uma tempestade? A ideia de chuva e ventos fortes, do avião como um barco em um mar de céu não era agradável. Wilson não gostava de voar. Excesso de movimento sempre o deixava enjoado. Talvez devesse ter tomado mais alguns Dramins por segurança. E, é claro, seu assento ficava ao lado da porta de emergência. Pensou em como seria abri-la acidentalmente; em ser sugado do avião, caindo, gritando.

Wilson piscou e balançou a cabeça. Havia um formigar leve na nuca quando chegou perto da janela e olhou para fora. Ficou parado ali, imóvel, estreitando os olhos. Poderia jurar...

De repente, os músculos do seu estômago se contraíram com violência e ele sentiu seus olhos se arregalarem. Havia alguma coisa rastejando na asa. Wilson sentiu um tremor repentino e enjoativo no estômago. Deus do céu, algum cachorro ou gato tinha subido no avião antes da decolagem e conseguiu permanecer ali, de alguma forma? Era um pensamento horrível. O pobre animal estaria apavorado. Mas como, na superfície lisa e açoitada pelo vento, o animal podia encontrar algum lugar para se segurar? Não era possível. Talvez, afinal, fosse só uma ave ou...

Um raio iluminou o céu, e Wilson viu que era um homem.

Ficou paralisado. Embasbacado, observou a silhueta escura engatinhando pela asa. Impossível. Em algum lugar, envolta em camadas de choque, uma voz se declarou, mas Wilson não ouviu. Ele só estava consciente do salto titânico do coração, que quase arrebitou o músculo... e do homem lá fora.

De repente, como um banho de água gelada, houve uma reação; sua mente buscou o abrigo da explicação. Por um descuido absurdo, um

mecânico foi levado para o ar com o avião e conseguiu se agarrar à asa, apesar de o vento ter arrancado suas roupas, apesar de o ar estar rarefeito e quase congelante.

Wilson não se permitiu tempo de refutar. Ele se levantou e gritou:

— Comissária! Comissária!

Sua voz foi um som oco e ressonante na cabine. Ele apertou o botão para chamá-la com o dedo esticado.

— *Comissária!*

Ela veio correndo pelo corredor, o rosto tenso de alarme. Quando viu a expressão no rosto dele, parou na mesma hora.

— Tem um homem lá fora! Um homem! — gritou Wilson.

— *O quê?* — A pele se contraiu nas bochechas, em volta dos olhos.

— Olha, *olha!* — Com a mão trêmula, Wilson se sentou e apontou pela janela. — Ele está se arrastando pela...

As palavras ficaram entaladas na garganta dele. Não havia ninguém na asa.

Wilson começou a tremer. Por um tempo, antes de se virar, olhou para o reflexo da comissária na janela. Seu rosto estava inexpressivo.

Por fim, ele se virou e olhou para ela. Viu os lábios vermelhos se abrirem, como se pretendesse falar, mas ela não disse nada, só fechou a boca e engoliu. Um sorriso hesitante alterou de leve suas feições.

— Sinto muito — disse Wilson. — Deve ter sido um...

Ele parou, como se a frase estivesse completa. Do outro lado do corredor, uma adolescente estava olhando para ele com curiosidade sonolenta.

A comissária pigarreou.

— Posso oferecer alguma coisa? — perguntou ela.

— Um copo de água — respondeu Wilson.

A comissária se virou e se afastou pelo corredor.

Wilson inspirou fundo e se virou para longe do escrutínio da adolescente. Sentia-se normal. Isso foi o que mais o chocou. Onde estavam as visões, os gritos, os golpes de punhos nas têmporas, os cabelos sendo arrancados?

Ele fechou os olhos. *O homem estava lá*, pensou ele. Ele realmente estava lá. Era por isso que ele não se sentia diferente. Mas aquilo não podia ter sido real. Ele também sabia disso.

Wilson ficou sentado com os olhos fechados, perguntando-se qual seria a reação de Jacqueline se ela estivesse sentada ao lado dele. Estaria em silêncio, chocada, sem conseguir falar? Ou tentaria ser compreensiva, sorrindo, conversando, fingindo que não tinha visto? O que seus filhos pensariam? Um soluço ameaçou escapar do seu peito. Ah, Deus...

— Aqui está sua água, senhor.

Wilson estremeceu e abriu os olhos.

— Deseja um cobertor? — perguntou a comissária.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Obrigado — acrescentou, se perguntando por que estava sendo tão educado.

— Se precisar de alguma coisa é só chamar.

Wilson assentiu.

Às suas costas, enquanto mantinha o copo de água intocado nas mãos, ele ouviu a comissária conversar baixinho com um dos passageiros. Wilson ficou tenso de ressentimento. Abruptamente, esticou a mão para baixo e, tomando cuidado para não derramar a água, puxou a bolsa. Abriu-a, tirou a caixa de remédios para dormir e tomou dois comprimidos junto com a água. Amassou o copo vazio e o enfiou no bolso do assento à frente. Sem olhar, fechou as cortinas. Pronto, ponto final. Uma alucinação não era o mesmo que insanidade.

Wilson se virou para o lado direito e tentou se acomodar ao movimento da aeronave. Tinha que esquecer aquilo, isso era o mais importante. Não podia ficar pensando. De repente, percebeu um sorriso irônico se formando nos próprios lábios. Ora, por Deus, pelo menos ninguém podia acusá-lo de ter alucinações mundanas. Quando se dedicava,

fazia direito. Um homem nu engatinhando pela asa de um DC-7 a vinte mil pés... essa era uma quimera digna do mais nobre lunático.

Seu bom humor se dissipou rapidamente. Wilson sentiu frio. Foi tão claro, tão vívido. Como os olhos podiam ver uma coisa assim se ela não existia? Como sua mente podia controlar o ato físico de enxergar tão completamente? Ele não estava grogue, atordoado... nem foi uma visão deformada e enevoada. Foi intensamente tridimensional, como todas as coisas que ele já viu e que sabia que eram reais. Essa era a parte assustadora. Não pareceu nem um pouco um sonho. Ele tinha olhado para a asa e...

Em um impulso, Wilson abriu a cortina.

Ele achou que fosse morrer. Parecia que todo o conteúdo do peito e do estômago estavam inchando horrivelmente, o excesso subindo pela garganta e para a cabeça, sufocando a respiração, pressionando os olhos. Aprisionado naquela massa inchada, seu coração pulsou horrivelmente, ameaçando explodir a caixa torácica enquanto Wilson permanecia sentado na poltrona do avião, paralisado.

A poucos centímetros, separado apenas pela grossura do vidro, o homem estava olhando para ele.

Era um rosto hediondo e maligno, um rosto inumano. A pele estava suja, de uma aspereza de poros dilatados; o nariz era um calombo achatado e descolorido; os lábios eram deformados, rachados, separados por dentes de um tamanho grotesco, tortos; os olhos eram afundados e pequenos... e o encaravam sem piscar. Tudo isso emoldurado por cabelo desgrehado e embaraçado, que saía também em tufo das orelhas e do nariz do homem, que parecia um bico, se inclinando para as bochechas.

Wilson ficou dilacerado na cadeira, incapaz de reagir. O tempo tinha parado e perdido o significado. Funções e análise cessaram. Estavam congelados no gelo do choque. Só o coração continuava a trabalhar — sozinho, saltos desesperados na escuridão. Wilson não conseguia nem piscar. Com olhos vidrados, sem fôlego, ele retribuiu o olhar vazio da criatura.

Então fechou os olhos com força. A mente, livre da visão, se libertou. *Não está lá*, pensou ele. Trincou os dentes, a respiração entrecortada. *Não está lá, simplesmente não está lá*.

Wilson apertou os apoios de braço com dedos contraídos e brancos e se preparou. *Não tem homem nenhum lá fora*, disse para si mesmo. Era impossível haver um homem lá fora, agachado na asa, olhando para ele.

Ele abriu os olhos...

... e se encolheu de novo no encosto com a inspiração engasgada. O homem não só estava lá, mas estava sorrindo. Wilson enfiou as unhas nas palmas das mãos até sentir dor. Manteve-se assim até não haver dúvida de que estava completamente consciente.

Lentamente, com o braço tremendo e dormente, Wilson esticou a mão para o botão para chamar a comissária. Não cometeria o mesmo erro — gritar, ficar de pé, fazer com que a criatura fugisse. Ele continuou erguendo o braço, um tremor de excitação perplexa nos músculos agora, porque o homem o estava observando, os olhos pequenos acompanhando o movimento do seu braço.

Ele apertou o botão com cuidado, só uma vez. *Venha logo*, pensou ele. *Venha com seus olhos objetivos e veja o que eu vejo... mas venha logo*.

No fundo da cabine, ele ouviu uma cortina ser puxada para o lado e de repente seu corpo enrijeceu. O homem tinha virado a cabeça monstruosa para olhar naquela direção. Paralisado, Wilson continuou olhando para ele. *Venha logo*, pensou ele. *Pelo amor de Deus, venha logo!*

Acabou em um segundo. O olhar do homem voltou para Wilson, um sorriso de malícia tomando seus lábios. Num salto, ele sumiu.

— Sim, senhor?

Por um momento, Wilson sofreu a angústia intensa da loucura. Seu olhar ficava se voltando para o lugar onde o homem estava, para o rosto questionador da comissária, e para fora de novo. Para a comissária, para a asa, para a comissária, a respiração sufocada, os olhos rígidos de consternação.

— *Senhor?* — chamou a comissária.

Foi a expressão no rosto dela que resolveu. Wilson fechou um torno sobre suas emoções. Ela jamais acreditaria nele. Percebeu isso em um instante.

— Eu... sinto muito — disse ele, hesitante. Engoliu tão seco que sua garganta estalou. — Não foi nada. Sinto muito.

A comissária obviamente não soube o que dizer. Ela ficava se inclinando por causa do movimento errático da aeronave, uma das mãos no encosto do assento ao lado de Wilson, a outra próxima à barra da saia. Seus lábios estavam abertos de leve, como se ela pretendesse falar alguma coisa, mas não conseguisse encontrar as palavras.

— Bem — disse ela, por fim, e pigarreou —, se... precisar de alguma coisa, é só chamar.

— Sim, sim. Obrigado. Estamos... entrando em uma tempestade?

A comissária sorriu.

— É uma pequena — disse ela. — Nada com que se preocupar.

Wilson assentiu, agitado. Em seguida, quando a comissária se virou, inspirou com força, as narinas se dilatando. Ele tinha certeza de que ela já o achava louco, mas não sabia o que fazer, porque, ao longo do treinamento, não houve orientação de como lidar com passageiros que achavam que tinham visto homenzinhos andando na asa.

*Achavam?*

Wilson virou a cabeça abruptamente e olhou para fora. Ficou observando a elevação escura da asa, a fumaça do escapamento, as luzes piscando. Tinha visto o homem, podia jurar. Como podia estar completamente ciente de tudo ao seu redor... estar de todas as formas são e, ainda assim, imaginar uma coisa daquelas? Era lógico que a mente, ao perder a razão, devesse, em vez de distorcer toda a realidade, inserir, dentro do arranjo ainda intacto dos detalhes, uma visão estranha?

Não, não era nem um pouco lógico.

De repente, Wilson pensou na guerra, nas histórias de jornal que recontavam a suposta existência de criaturas no céu que importunavam os pilotos aliados. Chamavam-nos de gremlins, Wilson lembrava. Tais seres existiam? Eles realmente existiam ali em cima, sem nunca cair, montando no vento, aparentemente com volume e peso, mas inatingíveis pela gravidade?

Estava pensando nisso quando o homem apareceu de novo.

Em um segundo, a asa estava vazia. No seguinte, com uma trajetória em forma de arco, o homem pulou e caiu nela. Pareceu não haver impacto. Ele caiu de forma leve, os braços curtos e peludos esticados, como se para manter o equilíbrio. Wilson ficou tenso. Sim, ele tinha uma expressão inteligente. O homem — devia pensar naquilo como um homem? — de alguma forma entendia que tinha enganado Wilson para que chamasse a comissária em vão. Wilson se sentiu tremer de medo. Como poderia provar a existência do homem para os outros? Olhou ao redor, desesperado. A garota do outro lado do corredor. Se ele falasse com ela baixinho, a acordasse, ela poderia...

Não, o homem fugiria antes que ela o visse. Provavelmente para o alto da fuselagem, onde ninguém poderia vê-lo, nem mesmo os pilotos no cockpit. Wilson sentiu uma explosão repentina de autocondenação por não ter comprado a câmera que Walter tinha pedido. Deus do céu, pensou ele, aí poderia tirar uma fotografia do homem.

Ele se inclinou para perto da janela. O que o homem estava fazendo?

A escuridão desapareceu por um segundo quando a asa foi iluminada por um relâmpago, e Wilson viu. Como uma criança curiosa, o homem estava agachado na beirada da asa, esticando a mão direita na direção de uma das hélices.

Enquanto Wilson olhava, fascinado e perplexo, a mão do homem foi chegando cada vez mais perto da hélice em movimento até que, de repente, encolheu-a de volta, e os lábios do homem se retorceram em um grito sem som. *Ele perdeu um dedo!*, pensou Wilson, enjoado. Mas na mesma hora o homem estendeu a mão de novo, o dedo retorcido esticado,

a imagem de uma criancinha monstruosa tentando capturar a hélice de um ventilador.

Se não fosse uma situação tão bizarramente deslocada, teria sido engraçado, pois, visto de forma objetiva, o homem naquele momento era uma visão cômica — um troll de contos de fadas que ganhou vida, o vento soprando o cabelo na cabeça e no corpo, toda a atenção voltada para o giro da hélice. *Como pode ser loucura?*, pensou Wilson de repente. Que revelação aquele pequeno horror ridículo podia conceder a ele?

Repetidas vezes, enquanto Wilson observava, o homem esticou a mão. Repetidas vezes, puxou os dedos de volta, às vezes os colocando na boca como que para esfriá-los. E, às vezes, ele olhava para trás, para Wilson. *Ele sabe*, pensou Wilson. Sabe que isso é um jogo. Se eu conseguir fazer outra pessoa vê-lo, ele perde. Se eu for a única testemunha, ele vence. A sensação de diversão tinha passado. Wilson trincou os dentes. Por que os pilotos não viam nada daquilo?!

Agora o homem, não mais interessado na hélice, estava se posicionando sobre o motor como um cowboy montado em um cavalo selvagem. Wilson ficou olhando. Um calafrio desceu abruptamente pela sua espinha. O homenzinho estava puxando as placas que protegiam o motor, tentando enfiar as unhas embaixo.

Em um impulso, Wilson apertou o botão da comissária. No fundo da cabine, ele a ouviu chegando e, por um segundo, pensou que tivesse enganado o homem, que parecia absorto em seus esforços. Mas, no último momento, pouco antes de a comissária chegar, o homem olhou para Wilson. Em seguida, como uma marionete puxada para cima pelos fios, saiu voando.

— Sim? — Ela olhou para ele com apreensão.

— Você... pode se sentar um pouco, por favor? — pediu ele.

Ela hesitou.

— Bem, eu...

— Por favor.

Ela se sentou cuidadosamente ao lado dele.



— O que foi, sr. Wilson? — perguntou ela.

Ele se preparou.

— Aquele homem ainda está lá fora.

A comissária o encarou.

— O motivo de eu estar falando isso — disse Wilson apressadamente — é que ele está começando a mexer em um dos motores.

Ela virou o rosto instintivamente para a janela.

— Não, não, não olhe. Ele não está lá agora. — Wilson limpou a garganta ruidosamente. — Ele... pula para longe sempre que você vem aqui.

Uma náusea repentina se apossou dele quando se deu conta do que ela devia estar pensando. Quando percebeu o que ele mesmo acharia se alguém contasse uma história daquelas, uma onda de tontura pareceu surgir e ele pensou: *estou mesmo ficando louco!*

— A questão é a seguinte — continuou ele, lutando contra o pensamento.

— Se eu não estiver imaginando isso, a aeronave está em perigo.

— Sim — disse ela.

— Eu sei. Você acha que eu enlouqueci.

— Claro que não.

— Eu só peço o seguinte — disse ele, lutando contra a raiva crescente. — Conte para os pilotos o que falei. Peça que fiquem de olho nas asas. Se eles não virem nada... tudo bem. Mas se virem...

A comissária ficou sentada em silêncio, olhando para ele. As mãos de Wilson se fecharam em punhos que tremeram no colo.

— *E então?* — perguntou ele.

Ela se levantou.

— Vou falar com eles.

A mulher seguiu pelo corredor com um movimento que era, para Wilson, meio forçado; rápido demais para ser normal, mas, claramente, controlado demais para garantir a ele que ela não estava fugindo. Ele sentiu o estômago se embrulhar quando olhou para a asa.

O homem reapareceu em um instante e pousou na asa como um bailarino grotesco. Wilson o viu começar a trabalhar de novo, montado no motor com as pernas grossas e nuas, e puxando as placas.

*Bom, por que estava tão preocupado?*, pensou Wilson. Aquela criatura infeliz não conseguiria soltar os rebites com as unhas. Na verdade, não importava se o piloto o veria ou não, pelo menos no que dizia respeito à segurança do avião. Quanto aos seus motivos pessoais...

Naquele momento, o homem levantou a beirada de uma das placas.

Wilson ofegou.

— Aqui, rápido! — gritou ele, reparando na comissária e no piloto saindo da porta do cockpit.

O piloto olhou para Wilson e, em um impulso, passou pela comissária e correu até ele pelo corredor.

— *Anda!* — gritou Wilson.

Ele olhou pela janela a tempo de ver o homem saltar. Não importava agora. Haveria uma prova.

— O que está acontecendo? — perguntou o piloto, parando sem fôlego ao lado do assento dele.

— Ele arrancou uma das placas do motor! — exclamou Wilson com voz trêmula.

— Ele o quê?

— O homem lá fora! Estou dizendo que ele...!

— Sr. Wilson, mantenha a voz baixa! — ordenou o piloto.

Wilson ficou de queixo caído.

— Não sei o que está acontecendo aqui, mas...

— Você pode olhar?! — gritou Wilson.

— Sr. Wilson, é o último aviso.

— Pelo amor de Deus! — Wilson engoliu em seco, tentando sufocar a fúria cega que sentia. Empurrou o encosto e apontou para a janela com a mão rígida. — Você pode olhar, pelo amor de Deus?!

Respirando fundo, o piloto se inclinou para olhar pela janela. Em um momento, seu olhar se desviou friamente para o de Wilson.

— O que eu deveria estar vendo? — perguntou ele.

Wilson olhou. As placas estavam na posição normal.

— Ah, mas... — disse ele antes que o pavor surgisse. — Eu vi ele soltar a placa.

— Sr. Wilson, se você não...

— *Eu disse que vi ele soltar a placa.*

O piloto ficou olhando para ele do mesmo jeito arreado e quase perplexo da comissária. Wilson tremeu violentamente.

— Escute, eu vi! — gritou ele. O tremor repentino em sua voz o surpreendeu.

Em um segundo, o piloto estava no assento ao lado do dele.

— Sr. Wilson, por favor. Tudo bem, você viu. Mas lembre-se de que há outras pessoas a bordo. Não podemos alarmá-las.

Wilson estava abalado demais para entender de primeira.

— Você... quer dizer que o viu, então? — perguntou ele.

— Claro, mas nós não queremos assustar os passageiros. Você é capaz de entender isso.

— Claro, claro, eu não quero...

Wilson sentiu um espasmo na virilha e no intestino. De repente, comprimiu os lábios e olhou para o piloto com expressão malévola.

— Eu entendo.

— A questão que temos que lembrar... — observou o piloto.

— Podemos parar com o teatrinho — cortou Wilson.

— Senhor?

Wilson estremeceu.

— Saia daqui — disse ele.

— Sr. Wilson, o que...?

— *Quer parar?* — Com o rosto branco, Wilson virou de costas para o piloto e olhou para a asa, os olhos como pedras.

Então olhou para trás de repente.

— Pode ficar tranquilo que não direi mais nada! — disse ele rispidamente.

— Sr. Wilson, tente entender nosso...

Wilson voltou a olhar com raiva para a turbina. Pelo canto do olho, viu dois passageiros de pé no corredor, encarando-o. *Idiotas!* Sentiu as mãos começarem a tremer e, por alguns segundos, teve medo de que fosse vomitar. *É o movimento*, disse para si mesmo. O avião estava balançando de um lado para o outro no ar como um barco em uma tempestade.

Ele percebeu que o piloto ainda estava falando com ele e, prestando atenção, viu o reflexo do homem na janela. Ao lado dele, muda e séria, estava a comissária. *Idiotas cegos, os dois*, pensou Wilson. Fingiu não reparar quando eles foram embora. Refletidos na janela, os viu indo na direção dos fundos da cabine. *Devem estar falando de mim agora*, pensou ele. *Elaborando planos para o caso de eu ficar violento.*

Desejou que o homem aparecesse, puxasse a placa e estragasse o motor. Seu sentimento foi de prazer vingativo por saber que só havia ele entre a catástrofe e as mais de trinta pessoas a bordo. Se decidisse, podia permitir que uma tragédia acontecesse. Wilson sorriu sem achar graça. *Seria um suicídio digno de nota*, pensou ele.

O homenzinho apareceu de novo, e Wilson viu que estava certo: o homem tinha colocado a placa no lugar antes de pular para se esconder.

Agora, estava puxando-a de novo, e a placa se levantou com facilidade, subindo como pele arrancada por um cirurgião grotesco. O movimento da asa era muito irregular, mas o homem parecia não ter dificuldade em manter o equilíbrio.

Mais uma vez, Wilson sentiu pânico. O que faria? Ninguém acreditava nele. Se tentasse convencer a tripulação, provavelmente seria controlado à força. Se pedisse à comissária para se sentar ao lado dele, arrumaria no máximo um alívio temporário. Assim que ela se levantasse ou, se ficasse, adormecesse, o homem voltaria. Mesmo que ficasse desperta ao seu lado, o que impediria o homem de mexer nas turbinas da outra asa? Wilson tremeu, um frio de medo descendo pelos ossos.

*Meu Deus, não posso fazer nada.*

Ele deu um pulo quando, na janela pela qual estava observando o homenzinho, o reflexo do piloto passou. A insanidade do momento quase o destruiu; o homem e o piloto a metros um do outro, ambos vistos por ele, mas não cientes um do outro. Não, isso estava errado. O homenzinho viu quando o piloto passou. Como se soubesse que não havia mais necessidade de pular, que a capacidade de Wilson de interferir estava nas últimas. Wilson sentiu de repente uma fúria ardente. *Vou matar você!*, pensou. *Seu animal imundo, vou matar você!*

Do lado de fora, o motor engasgou.

Só durou um segundo, mas, naquele segundo, Wilson sentiu como se seu coração também tivesse parado. Ele se encostou na janela e ficou olhando. O homem tinha dobrado a placa para trás e estava agora de joelhos, enfiando a mão curiosa no motor.

— Não. — Wilson ouviu a súplica na própria voz. — *Não...*

Mais uma vez, o motor falhou. Wilson olhou ao redor, horrorizado. Estavam todos surdos? Ele levantou a mão para apertar o botão e chamar a comissária, mas encolheu o braço. Não, ele seria restringido, preso de alguma forma. E era o único que sabia o que estava acontecendo, o único que podia salvá-los.

— *Deus...*

Wilson mordeu o lábio até a dor fazê-lo choramingar. Virou-se de novo e levou um susto. A comissária estava andando apressada pelo corredor agitado. Ela tinha ouvido! Ele a encarou fixamente e a viu lançar um olhar na direção dele quando passou pelo assento.

A comissária parou três assentos à frente. Outra pessoa tinha ouvido!

Wilson viu a comissária se inclinar e falar com um passageiro fora de vista. Do lado de fora, o motor engasgou de novo. Wilson virou a cabeça repentinamente e olhou com horror.

— *Maldito!*

Ele se virou de novo e viu a comissária voltando pelo corredor. Ela não parecia alarmada. Wilson não podia acreditar. Não era possível. Ele se virou para seguir seu movimento oscilante e a viu entrar na cozinha.

— *Não.*

Wilson estava tremendo tanto agora que não conseguia parar. Ninguém tinha ouvido.

Ninguém sabia.

De repente, ele se inclinou e tirou a bolsa de debaixo do assento. Depois de abri-la, tirou a pasta e a jogou no chão. Em seguida, pegou o envelope e se empertigou. De soslaio, viu a comissária voltando e empurrou a bolsa para debaixo do assento com os pés, escondendo o envelope ao lado do corpo. Ficou sentado, rígido, a respiração tremendo no peito quando ela passou.

Wilson botou o envelope no colo e o abriu. Seus movimentos estavam tão febris que ele quase deixou a pistola cair. Agarrou-a pelo cano, depois segurou o cabo com força e liberou a trava de segurança. Olhou para fora e sentiu o sangue gelar.

O homem estava olhando para ele.

Wilson apertou os lábios trêmulos. Era impossível que o homem soubesse o que ele pretendia. Engoliu em seco e tentou recuperar o fôlego. Desviou o olhar para onde a comissária estava entregando travesseiros

para o passageiro à frente antes de encarar a asa novamente. O homem estava se virando para o motor, esticando a mão. Wilson apertou mais a pistola. Começou a erguê-la.

De repente, ele a abaixou. A janela era grossa demais. A bala poderia ricochetear e matar um dos passageiros. Ele tremeu e olhou para o homenzinho. Mais uma vez, o motor falhou, e Wilson viu uma erupção de fagulhas iluminar as feições animais da criatura. Ele se preparou. Só havia uma solução.

Wilson olhou para a alavanca da porta de emergência. Havia um lacre transparente por cima. Wilson o soltou e o largou no chão. Olhou para fora. O homem ainda estava lá, agachado e cutucando o motor com o dedo. Wilson inspirou, trêmulo. Colocou a mão esquerda na alavanca da porta e a testou. Não se moveu para baixo. Tinha que ser para cima.

Abruptamente, Wilson soltou a alavanca e colocou a pistola no colo. Não havia tempo para pensar, disse para si mesmo. Com as mãos trêmulas, afivelou o cinto sobre as coxas. Quando a porta se abrisse, haveria um fluxo tremendo de ar para fora. Pela segurança da aeronave, ele não podia ir junto.

*Agora.* Wilson pegou a pistola de novo, os batimentos irregulares. Teria que ser repentino, preciso. Se errasse, o homem poderia pular para a outra asa... ou pior, para a cauda, onde, sem incômodo, poderia arrebentar fios, quebrar flaps, destruir o equilíbrio da aeronave. Não, aquele era o único jeito. Ele dispararia para baixo e tentaria acertar o homem no peito ou no estômago. Wilson encheu os pulmões de ar. *Agora*, ele pensou. *Agora.*

A comissária veio pelo corredor quando Wilson começou a puxar a alavanca. Por um momento, paralisada, ela não conseguiu falar. Uma expressão de horror estupefato tomou seu rosto, e ela ergueu uma das mãos, como se fosse implorar. De repente, sua voz soou aguda acima do ruído dos motores.

— *Sr. Wilson, não!*

— Para trás! — gritou ele, e puxou a alavanca para cima.

A porta desapareceu. Em um segundo estava ao lado dele, sob sua mão. No seguinte, com um rugido, tinha sumido.

No mesmo instante, Wilson se sentiu envolvido por uma força monstruosa que tentou arrancá-lo da poltrona. Sua cabeça e seus ombros saíram da cabine e, de repente, ele estava respirando ar rarefeito e congelante. Por um instante, com os tímpanos quase explodindo do trovão dos motores, os olhos cegos pelos ventos árticos, ele se esqueceu do homem. Parecia que estava ouvindo gritos em meio ao tumulto, um berro distante.

De repente, Wilson viu o homem.

Ele estava andando pela asa, a forma retorcida inclinada para a frente, as mãos cheias de garras esticadas com ansiedade. Wilson ergueu o braço, atirou. A explosão foi como um estalo na violência barulhenta do ar. O homem cambaleou e atacou, e Wilson sentiu uma pontada de dor na cabeça. Ele disparou de novo à queima-roupa e viu o homem ser lançado para trás balançando os braços... e, de repente, desaparecer com a mesma solidez de uma boneca de papel levada pelo vento. Wilson sentiu um entorpecimento no cérebro. Sentiu a pistola ser arrancada de seus dedos frouxos.

Em seguida, tudo se perdeu na escuridão do inverno.

Ele se mexeu e resmungou. Havia algo quente correndo em suas veias, e os membros pareciam feitos de madeira. Na escuridão, ouviu uma movimentação, uma agitação delicada de vozes. Estava deitado com o rosto para cima, sobre alguma coisa... se movendo, sacolejando. Um vento frio lhe acertava o rosto e ele sentiu a superfície abaixo se inclinar.

Ele suspirou. O avião havia pousado e ele estava sendo carregado em uma maca. A cabeça ferida, provavelmente, e uma injeção para acalmá-lo.

— Essa foi a tentativa de suicídio mais maluca que *eu* já vi na vida — disse uma voz em algum lugar.

Wilson achou graça. Quem falou aquilo estava enganado, é claro. Como ficaria estabelecido em breve, quando o motor fosse examinado e



verificassem seu ferimento com mais atenção. Aí sim perceberiam que ele tinha salvado todos.

Wilson dormiu sem sonhar.

# A MÁQUINA VOADORA

Ambrose Bierce

Embora Ambrose Bierce tenha vivido na era dos aviões (ele morreu em 1914), não há certeza de que tenha andado em um. A historinha a seguir é menos sobre aviões e mais sobre a credibilidade das pessoas dispostas a investir neles, e sem dúvida ajuda a explicar seu apelido, “Amargo” Bierce. Minha frase favorita de Bierce: “A guerra é o jeito que Deus encontrou de ensinar geografia aos americanos”.

Um Homem Engenhoso, que construiu uma máquina voadora, convidou uma grande quantidade de pessoas para vê-la decolar. No horário marcado, com tudo pronto, ele entrou na cabine e ligou o motor. Na mesma hora, a máquina se soltou da enorme subestrutura na qual tinha sido construída e despencou na terra, o aeronauta pulando para fora a tempo apenas de salvar sua vida.

— Bem — disse ele —, esta demonstração é suficiente para provar o potencial do meu projeto. Os defeitos — acrescentou com um olhar para a alvenaria destruída — são meramente básicos e primários.

Com essa garantia, as pessoas se adiantaram com contribuições monetárias para a construção de uma segunda máquina.

# LÚCIFER

E. C. Tubb

A questão sobre os voos é a seguinte: quando o avião decola, você tem que ficar nele até o final. Tubb combina esse fato simples e irrefutável com um conceito extremamente original — e sinistro — de viagem no tempo. Contar mais estragaria esta história sórdida, apavorante e única. Edwin Charles Tubb foi um dos escritores de ficção científica mais prolíficos da Grã-Bretanha. Em uma carreira que durou quase sessenta anos, ele escreveu pelo menos cento e cinquenta livros e mais de doze coletâneas de contos. Editou a revista *Authentic Science Fiction* nos anos 1950 e, sob uma variedade de pseudônimos, escreveu um volume inteiro sozinho (inclusive a coluna de cartas do leitor). “Lúcifer!” é um de seus melhores contos e ganhou um prêmio especial de Melhor Conto na primeira Eurocon de 1972.

Era um dispositivo de grande conveniência social e todo mundo usava. Todo mundo, nesse caso, significava as Pessoas Especiais — que eram ricas, encantadoras e socialmente bem-sucedidas. As que tinham surgido para estudar uma cultura primitiva interessante e as que, por motivos pessoais, preferiam permanecer em um mundo onde podiam ser peixes muito grandes em um mar bem pequeno.

As Pessoas Especiais, diletantes do Cenário Intergaláctico, protegidas e mimadas pela sua ciência, fazendo suas brincadeiras com os nativos e tomando o cuidado de sempre preservar o anonimato. Mas acidentes acontecem até com os super-humanos. Coisas idiotas que, devido à baixa probabilidade, eram estatisticamente impossíveis.

Como um cabo de aço se partir quando o cofre que erguia estava a seis metros do chão. O cofre caiu, estilhaçando a calçada, mas sem causar grandes danos. O cabo, de repente livre do esforço, estalou como um chicote, a ponta tremendo em um movimento aleatório difícil de prever. As chances de atingir um lugar específico eram mínimas. As chances de uma das Pessoas Especiais estar bem no lugar errado e na hora errada eram tão pequenas que negavam a probabilidade normal. Mas aconteceu. A ponta solta do cabo bateu em um crânio, estilhaçando ossos, cérebro e

tecido em uma sujeira horrível. Um mecanismo implantado cirurgicamente enviou um pedido de socorro. Os amigos do homem receberam o alerta. Frank Weston foi buscar o corpo.

Frank Weston, anacronismo. Em uma era moderna como aquela, nenhum homem deveria ter que arrastar um pé torto por vinte e oito anos de vida. Principalmente quando tem o rosto de um anjo renascentista. Mas, se ele parecia um anjo, era um anjo caído. Os mortos não sofriam, mas seus parentes, sim. Experimente dizer para o pai de uma suicida que sua filha morta estava grávida. Para uma mãe dedicada que seu filhinho querido estava horrivelmente doente. Eles não se deram ao trabalho de verificar, e por que fariam isso? E, mesmo que fizessem, e daí? Qualquer um podia cometer um erro, e ele era atendente de necrotério, não médico.

Ele examinou a nova entrega com certo distanciamento. O cabo fez um bom trabalho de destruição do rosto; o reconhecimento visual seria impossível. O sangue tinha estragado o terno, mas havia sobrado o suficiente para deixar claro que a pessoa tinha comprado um artigo caro. A carteira continha poucas notas, mas um monte de cartões de crédito. Havia algumas moedas, uma cigarreira, um isqueiro, chaves, relógio de pulso, prendedor de gravata... Todos esses objetos fizeram um ruído baixo quando Frank os colocou em um envelope. Ele parou quando viu o anel.

Às vezes, em seu ramo, um homem inescrupuloso podia ganhar um pouco por fora. Frank não tinha escrúpulos, só muita cautela. O anel poderia ter se perdido antes de o presunto chegar aos seus cuidados. A mão estava coberta de sangue e talvez ninguém tivesse reparado. Mesmo que alguém tivesse, seria a palavra dele contra a da pessoa. Se conseguisse tirá-lo, lavar o sangue, guardar e agir com inocência, o anel seria dele. E ele o tiraria mesmo que precisasse esmagar a mão. Acidentes às vezes causavam os ferimentos mais estranhos.

Uma hora depois, chegaram para buscar o corpo. Dois homens silenciosos, bem vestidos e calmamente determinados. O homem morto era sócio deles. Eles deram seu nome e endereço, a descrição do terno que estava usando, outras informações. Não havia crime envolvido nem motivo para manter o corpo ali.

Um deles encarou Frank.

— Isso era tudo que ele tinha?

— Isso mesmo — respondeu Frank. — Aí está tudo. Assine aqui e ele é seu. — Um momento. — Os homens se entreolharam, e o que tinha falado se dirigiu a Frank. — Nosso amigo usava um anel. Era mais ou menos assim. — Ele mostrou a mão. — O anel tinha uma pedra e aro largo. Você pode nos entregar, por favor?

Frank foi teimoso.

— Não está comigo. Eu nem vi. Ele não estava usando anel quando chegou aqui.

Mais uma vez, uma conversa silenciosa se passou entre os dois.

— O anel não tem valor intrínseco, mas tem valor sentimental. Eu estaria disposto a pagar cem dólares por ele, sem perguntas.

— Por que está me dizendo isso? — disse Frank friamente. Por dentro, ele sentiu o calor crescente derivado do prazer sádico. Ele não sabia como, mas estava fazendo aquele homem sofrer. — Vão assinar ou não? — Ele enfiou a faca mais fundo. — Se acha que roubei alguma coisa, pode chamar a polícia. Mas saiam daqui.

Nos momentos de ócio, ele examinava o que tinha roubado. Encolhido no canto de sempre na cantina, escondido por um jornal, não passava de mais uma peça de mobília para os outros clientes. Lentamente, ele girou o anel. O aro, que era grosso e largo, era mais alto em uma parte, uma proeminência que podia ser achatada com a pressão do dedo. A pedra era plana, sem brilho, provavelmente um exemplar grosseiro de algum tipo semiprecioso. O metal podia ser uma liga metálica folheada. Se fosse, cem dólares pagaria uma dezena de anéis iguais àquele.

Mas... um homem vestido como o presunto estava usaria um anel assim?

O cadáver transmitia opulência. A cigarreira e o isqueiro eram de platina cravejada de pedras, algo caro demais para ele sequer pensar em roubar. Os cartões de crédito o teriam levado por todo o mundo de primeira classe. Um homem assim usaria um anel vagabundo de cem dólares?

Ele olhou a cantina com olhar vazio. Havia três homens com cafés na mesa em frente à dele. Um deles se levantou, se espreguiçou e foi na direção da porta.

Frank franziu a testa e olhou para o anel. Tinha jogado cem dólares fora por aquele lixo? Sua unha tocou na protuberância. Afundou um pouco e, com certa impaciência, ele apertou mais fundo.

Nada aconteceu.

Nada fora o fato de que o homem que se levantara da mesa em frente e que caminhara na direção da porta estava de repente sentado à mesa de novo. Enquanto Frank olhava, ele se levantou, se espreguiçou e andou na direção da porta. Frank apertou a protuberância. Nada aconteceu.

Literalmente nada.

Ele franziu a testa e tentou de novo. Abruptamente, o homem estava de volta à mesa. Ele se levantou, se espreguiçou e seguiu na direção da porta. Frank apertou a protuberância e a segurou, contando. Cinquenta e sete segundos, e de repente o homem estava de volta à mesa. Ele se levantou, se espreguiçou e seguiu na direção da porta. Desta vez, Frank deixou que ele fosse.

Sabia agora o que tinha nas mãos.

Ele se inclinou para trás, impressionado. Das Pessoas Especiais ele não sabia nada, mas sua raça tinha desenvolvido cientistas e, apesar de ser sádico, Frank não era bobo. Um homem ia querer guardar uma coisa assim para si. Precisaria ter algo assim por perto às vezes. E teria que ser de uma forma que ele pudesse usar rapidamente. O que seria melhor do que um anel? Compacto. Ornamental. Provavelmente eterno.

Uma máquina do tempo de mão única.

Sorte, a combinação fortuita de circunstâncias favoráveis, mas quem precisa de sorte quando sabe o que vai acontecer cinquenta e sete segundos adiantado? Vamos arredondar para um minuto. Não acha grande coisa?

Tente prender a respiração por esse tempo. Tente deixar a mão sobre o fogão quente por metade desse tempo. Em um minuto, dá para andar

cem metros, correr quatrocentos, cair três vezes. Dá para conceber, morrer, se casar. Cinquenta e sete segundos é tempo suficiente para muita coisa.

Para uma carta virar, para uma bola parar, para um par de dados rolar. A vitória de Frank estava garantida, e de muitas formas.

Ele se espreguiçou, apreciou o banho de chuveiro, o impacto da água com grande pressão. Girou um controle e ofegou quando a água ficou gelada e o deixou arrepiado. Um banho frio no inverno era uma provação quando não se tinha escolha, um desafio agradável quando se tinha. Ele voltou o controle para a água quente, esperou, interrompeu o jorro de água e saiu do chuveiro para se secar em uma toalha macia.

— Frank, querido, vai demorar muito?

Uma voz feminina com a entonação peculiar das classes mais altas; um membro da aristocracia por casamento e nascimento. Lady Jane Smyth-Connors era rica, curiosa, entediada e impaciente.

— Um segundo, querida — respondeu ele, e largou a toalha.

Sorrindo, olhou para si mesmo. O dinheiro tinha resolvido o pé torto. O dinheiro tinha resolvido muitas outras coisas, suas roupas, seu sotaque, a educação dos seus gostos. Ele ainda era um anjo caído, mas havia um brilho novo e forte nas asas quebradas.

— Frank, querido!

— Estou indo!

Seu maxilar se contraiu até os músculos doerem. Aquela escrota rica e vaidosa! Ela se apaixonou pelo rosto e pela reputação dele e ia pagar pela curiosidade. Mas isso podia esperar. Primeiro, a aranha tinha que prender bem a mosca na teia.

Um roupão de seda para cobrir sua nudez. Uma escova para arrumar o cabelo. Um borrifo resolveu o hálito. O garanhão estava quase pronto.

O banheiro tinha uma janela. Ele abriu as cortinas e olhou para a noite lá fora. Bem abaixo, pontinhos de luz cobriam o chão enevoadado. Londres era uma cidade bonita, a Inglaterra era um lugar ótimo. Ótimo

principalmente para jogadores; eles não pagavam impostos sobre os ganhos. E ali, mais do que em qualquer outro lugar, havia prêmios altos. Não só em dinheiro, isso era para plebeus, mas com as conexões certas, todos os dias seriam Natal.

Londres. Uma cidade que as Pessoas Especiais tinham em alta consideração.

— Frank!

Impaciência. Irritação. Arrogância. A mulher esperava ser servida.

Ela era alta e angulosa de um jeito peculiar, uma estudante supercrescida que devia estar de tweed, carregando um taco de hóquei. Mas a aparência enganava. Gerações de consanguinidade tinham feito mais do que modelar a distribuição de carne e ossos. Tinha desenvolvido certa decadência e criado um amontoado de frustrações furiosas. Ela era clinicamente insana, mas na classe dela as pessoas nunca eram vistas como insanas, só como “excêntricas”, nunca como burras, só como “distráidas”, nunca como ressentidas ou cruéis, só como “divertidas”.

Ele a tomou nos braços, apertou os polegares nos olhos dela. Ela tentou se libertar da dor repentina. Ele apertou mais, e ela gritou de agonia e do medo avassalador da cegueira. Na mente dele, um relógio mental contava os segundos. Cinquenta e um... cinquenta e dois... Seus dedos apertaram o anel.

— Frank!

Ele a tomou nos braços, ainda com o coração disparado pelo prazer de ter infligido dor. Ele a beijou com habilidade, mordiscando delicadamente seu lábio. Passou as mãos pelo corpo dela, o tecido fino fazendo barulho ao cair pelos ombros. Ele mordeu com mais força e a sentiu ficar tensa.

— Não faz isso! — disse ela abruptamente. — Odeio quando fazem isso!

Um ponto negativo. Frank contou os segundos quando esticou a mão para o interruptor e desligou a luz. Na escuridão, ela se contorceu e se libertou de seus braços.



— Odeio ficar no escuro! Você tem que ser como todos os outros?

Dois pontos negativos. Faltavam vinte segundos. Hora de mais uma exploração rápida. Suas mãos tatearam, fizeram contato, se moveram com determinação experiente. Ela suspirou de prazer.

Ele ativou o anel.

— Frank!

Ele a tomou nos braços, desta vez sem tentar morder nem morder. A roupa dela caiu no chão, e a pele brilhava como uma pérola na noite. Ele olhou para ela, admirando com ousadia, e suas mãos se moveram do jeito que lhe dava prazer.

— Fala comigo — exigiu ela. — Fala comigo!

Ele começou a contar os segundos.

Mais tarde, enquanto ela dormia saciada, Frank descansava, fumando, pensando, achando uma graça estranha daquilo tudo. Ele foi o amante perfeito. Disse e fez exatamente o que ela queria na ordem exata que ela queria e, o mais importante, disse e fez sem que ela pedisse em momento algum. Ele foi um reflexo dela. Um eco das necessidades dela... e por que não? Tinha se dedicado muito para mapear a planta de seus desejos. Explorando, investigando, apagando todos os erros. O que mais ele podia ter sido além de perfeito?

Frank se virou, olhou para a mulher e a viu não como um ser humano feito de carne e osso, mas como um degrau da escada que levava à aceitação. Frank Weston tinha seguido um longo caminho. E pretendia continuar subindo.

Ela suspirou, abriu os olhos, observou a beleza clássica do rosto dele.

— Querido!

Ele disse o que ela queria que ele dissesse.

Ela suspirou de novo, o mesmo som com um significado diferente.

— Vou te ver esta noite?

— Não.

— Frank! — O ciúme a fez se levantar. — Por que não? Você disse...

— Eu sei o que eu disse e falei com sinceridade — interrompeu ele. — Mas tenho que ir a Nova York a trabalho. Afinal, tenho que ganhar a vida.

Ela mordeu a isca.

— Você não precisa se preocupar com isso. Vou falar com meu pai e...

Ele cobriu os lábios dela com um beijo.

— Tenho que ir de qualquer jeito — insistiu. Por debaixo da coberta, suas mãos fizeram o que ela queria que fizessem. — E quando eu voltar...

— Vou me divorciar — disse ela. — Vamos nos casar.

*Natal*, pensou ele, enquanto a aurora clareava o céu.

*Vem voar comigo!*, dizia a música, sendo que comigo era um Cometa brilhante novinho, duas comissárias com pernas esguias e olhos enormes e cabelos sedosos com uma atitude que dizia “você pode me olhar porque sou linda, mas não pode tocar”, uma tripulação e setenta e três outros passageiros, sendo que só dezoito estavam viajando de primeira classe. Tinha espaço para todo mundo, e Frank estava feliz por isso.

Sentia-se cansado. A noite fora agitada, e a manhã não tinha sido melhor. Era bom se sentar e relaxar bem preso a uma cadeira ajustada enquanto os jatos engoliam ar e o cuspiam para trás em um furacão feito pelo homem que fazia o avião correr pela pista e subir aos céus. Londres ficou para trás, as nuvens surgiram como tufo de algodão sujo, e só havia o sol, um olho alerta em uma íris azul imensa.

*Vá para o oeste, meu jovem*, pensou ele com arrogância. Por quê? Por nenhum outro motivo além de ele gostar de viajar, e porque certa ausência aqueceria o coração. Havia uma emoção em voar. Ele gostava de olhar para baixo e pensar no vazio entre ele e o chão. Sentir seu estômago

se contrair com acrofobia, a sensação deliciosa do medo vivenciado em perfeita segurança. A altura não tinha significado em um avião. Você só precisava olhar para a frente e poderia estar em um vagão de trem.

Frank soltou o cinto, esticou as pernas, olhou pela janela quando a voz do capitão soou nos alto-falantes dizendo que eles estavam voando a trinta e quatro mil pés a uma velocidade de 862 quilômetros por hora. Pela janela, conseguia ver bem pouco. O céu, as nuvens abaixo, a ponta de uma folha trêmula de metal que era uma asa. Coisas velhas. A comissária loura estava longe disso. Ela andou pelo corredor, olhou para ele, reagiu com atenção imediata. Ele estava à vontade? Gostaria de um travesseiro? Um jornal? Uma revista? Alguma bebida?

— Conhaque — disse ele. — Com gelo e soda.

Frank estava em um assento junto à parede da cabine, e ela teve que se inclinar para abaixar a bandeja e colocar a bebida dele em cima. Ele ergueu a mão esquerda e tocou no joelho dela, deslizou a mão pela parte interna da coxa, sentiu-a enrijecer, viu a expressão no rosto dela. Era uma combinação de incredulidade, fúria, interesse e especulação. Não durou muito. Sua mão direita se esticou e os dedos afundaram na garganta. O sangue bloqueado deixou as bochechas dela roxas, os olhos saltaram, a bandeja foi largada e fez uma sujeira quando as mãos subiram em desespero impotente.

Na mente dele, o relógio automático contou os segundos. Cinquenta e dois... cinquenta e três... cinquenta e quatro...

Ele apertou a protuberância no anel.

A bandeja fez um estalo ao ser aberta, o conhaque gorgolejou ao sair da garrafa em miniatura. Ela sorriu e abriu a lata de soda.

— Isso é tudo, senhor?

Ele assentiu e ficou olhando enquanto ela servia, lembrando-se do calor macio da coxa dela, o toque da pele. Ela sabia que ele quase a matara? Podia imaginar?

Não, concluiu quando ela se afastou. Como poderia? Para ela, nada tinha acontecido. Ela serviu uma bebida para ele e só isso. E *foi* só isso,

mas...?

Ele ficou refletindo e olhando para o anel. Ao ser ativado, ele voltava o tempo em cinquenta e sete segundos. Tudo feito naquele período era apagado. Você podia matar, roubar, provocar o caos, mas nada importaria, porque nada teria acontecido. Mas *tinha* acontecido. Podia ser lembrado. Era possível lembrar o que não tinha acontecido?

Aquela garota, por exemplo. Ele tinha sentido a coxa dela, o lugar quente entre as pernas, a maciez da garganta. Poderia ter arrancado seus olhos, feito com que gritasse, mutilado seu rosto. Tinha feito isso e até mais com outras pessoas, satisfazendo o sadismo, seu desejo em provocar dor. E tinha matado.

Mas o que era matar quando você podia desfazer a inconveniência do seu crime? Quando podia ver o corpo sorrir e ir embora?

O avião balançou um pouco. A voz nos alto-falantes soou calma, sem pressa.

— Todos os passageiros, por favor, coloquem os cintos. Estamos adentrando uma área de grande turbulência. Vocês talvez vejam relâmpagos, mas não há nada com que se preocupar. Estamos, é claro, voando bem acima da área de tempestade.

Frank ignorou a instrução, ainda absorto com o anel. A pedra não polida parecia um olho morto, de repente malévolo, meio ameaçador. Com irritação, ele terminou a bebida. O anel não passava de uma máquina.

A loura passou pelo corredor, estalou a língua quando o viu sem o cinto, se inclinou para afivelá-lo. Ele acenou para que ela se afastasse, mexeu nas tiras, deixou o cinto se abrir. Não precisava e não gostava dele. Com a testa franzida, ele se recostou, pensativo.

Tempo. Era uma única linha ou possuía inúmeras ramificações? Era possível que cada vez que ele ativasse o anel um universo alternativo fosse criado? Que em algum lugar houvesse um mundo no qual ele tinha atacado a comissária e tivesse que pagar pelo seu crime? Mas ele só a atacou porque sabia que podia apagar o incidente. Sem o anel, ele não teria tocado nela. Com o anel, ele podia fazer o que quisesse porque sempre podia

voltar e fugir das consequências. Portanto, a teoria do universo alternativo não servia. O que servia?

Frank não sabia e não se importava. Ele tinha o anel e isso bastava. O anel pelo qual tinham oferecido apenas cem dólares.

Alguma coisa bateu no teto da cabine. Houve um ruído de ruptura, um sopro de ar, uma força irresistível que o arrancou do assento e o jogou no espaço vazio. O ar sumiu de seus pulmões quando ele começou a cair. Frank engoliu em seco, tentando respirar, entender. Um frio ártico entorpeceu seu corpo. Ele se virou, viu por olhos lacrimejantes o avião com uma asa arrancada, o metal se soltando enquanto ele assistia, o avião acompanhando sua queda na direção do mar oito quilômetros abaixo.

*Um acidente*, ele pensou enlouquecido. Uma bola de fogo, um meteoro, fadiga do metal até. Uma rachadura na parede da cabine, e a pressão interna cuidaria do resto. E agora, ele estava caindo. Caindo!

Seus dedos se apertaram em uma reação frenética.

— Por favor, sr. Weston. — A comissária loura se adiantou quando ele se levantou do assento. — Você precisa ficar sentado com o cinto afivelado. A não ser que queira...?

Diplomaticamente, ela olhou na direção dos banheiros no fundo da cabine.

— Escute! — Ele a segurou pelos braços. — Mande o piloto mudar a rota. Fale com ele agora. Rápido!

Era possível desviar de uma bola de fogo ou de um meteoro. Eles podiam sair ilesos se a rota fosse alterada rapidamente. Mas tinha que ser rápido! Rápido!

— Vai logo. — Ele correu na direção do cockpit, a garota logo atrás. Que escrota burra! Ela não estava entendendo? — Isso é uma emergência! — gritou ele. — O piloto precisa mudar a rota imediatamente!

Alguma coisa bateu no teto da cabine. O compartimento se abriu, o metal se enrolando como a casca de uma banana. A loura sumiu. O grito do metal rasgando se perdeu no jorro explosivo de ar. Desesperadamente,

Frank se agarrou ao assento, sentiu as mãos sendo arrancadas do tecido, o corpo sendo sugado para a abertura. Novamente, foi ejetado no espaço para começar a longa queda de oito quilômetros de embrulhar o estômago.

— Não! — gritou ele, desesperado de pavor. — Meu Deus, não!

Ele ativou o anel.

— Sr. Weston, tenho que insistir. Se o senhor não precisa ir ao banheiro, tem que afivelar o cinto de segurança.

Ele estava de pé ao lado do assento, e a loura estava mostrando sinais de irritação. Irritação!

— Isso é importante — disse ele, lutando para ficar calmo. — Em menos de um minuto, este avião vai se desfazer. Está entendendo? Nós vamos todos morrer se o piloto não mudar a rota imediatamente.

Por que ela tinha que ficar ali parada com aquela expressão idiota? Ele já tinha dito isso antes!

— Sua escrota burra! Sai da minha frente! — Ele a empurrou para o lado e foi novamente na direção do cockpit. Tropeçou, caiu, levantou-se furioso. — Mudem a rota! — gritou ele. — Pelo amor de Deus, escutem e...

Alguma coisa bateu no teto da cabine. Mais uma vez o rugido, o estouro, a força irresistível. Alguma coisa acertou sua cabeça, e Frank estava bem abaixo das nuvens quando recuperou a consciência. Ativou o anel e se viu ainda no espaço vazio, engolindo ar rarefeito e tremendo pelo frio congelante. De um lado, o avião destruído parecia suspenso, uma massa de destroços se desintegrando enquanto caía. Havia fragmentos pequeninos ao redor; um deles talvez fosse a comissária loura.

As nuvens passaram. Abaixo, o mar se espalhava em um brilho de luz e água. Seu estômago se contraiu com pavor crescente quando viu as ondas, sua acrofobia persistente despertada e atacando cada célula. Cair no mar seria como cair em um piso de concreto, e ele ficaria consciente até o fim. Em um espasmo, ele ativou o anel e, na mesma hora, estava no alto de novo, com a graça de quase um minuto no qual cair.

Cinquenta e sete segundos de puro inferno.

Repetido.

Repetido.

Repetido sem parar porque a alternativa era se chocar contra o mar à espera.

# A QUINTA CATEGORIA

Tom Bissell

Tom Bissell é um dos melhores e mais interessantes (o que nem sempre é a mesma coisa) escritores dos Estados Unidos. Além de não ficção, como o livro *Extra Lives: Why Video Games Matter*, ele escreveu roteiros de jogos de video game como *Gears of War* e coescreveu o aclamado *Artista do desastre*, que se tornou um filme premiado, estrelado e dirigido por James Franco. Bissell, que cobriu as Guerras do Golfo como jornalista, também encontrou tempo de escrever contos extraordinários. Esta história do autor de vários memorandos legais controversos despertando em um avião deserto durante um voo saído da Estônia é uma das melhores.

John acordou, como se tivesse levado um choque de eletricidade estática, de um sonho do qual não se lembrava. Recalibrou com piscadelas rápidas o cérebro subnutrido. Adormecer em um avião era como pagar alguém para agredi-lo no meio da noite. Mas, estranhamente, ele não se lembrava de ter adormecido. Na verdade, não se lembrava de querer adormecer. Sua última lembrança: tomar uma coca diet e conversar com a vizinha de assento, Janika, uma estoniana alta com rosto malicioso de fada do bosque, que disse que aquela seria sua primeira visita aos Estados Unidos. John não se lembrava de ter puxado o cobertor até o queixo nem de ter inserido embaixo da cabeça o travesseiro maravilhosamente macio que sentia lá. E se lembraria. Um hábito que tinha para a hora de dormir desde a infância era guardar na memória a posição em que estava — colher, tesoura, homem morto, fetal, espalhado — pouco antes do momento de adormecer. Só duas vezes na vida ele acordou na mesma posição. John pensava em dormir como uma forma de viagem no tempo. Coisas aconteciam, trabalhos mentais ocorriam, partes do seu corpo se moviam e você não ficava sabendo.

Janika tinha sumido e o avião escuro devia estar sobre o Oceano Atlântico, achava ele. Ela devia ter ido esticar as pernas. Os europeus e seus exercícios durante o voo, seu aplauso depois de um pouso bem-sucedido. Todas as janelas da cabine tinham sido fechadas. A única



iluminação vinha das elipses laranja das luzes de piso. John abriu sua janela. O que viu era impossível. Seu voo pousaria em Nova York às quatro horas da tarde. Não era um voo noturno. Mas lá fora: noite. O assento de Janika, John percebia agora, não era o único vazio. Os outros quarenta e poucos assentos executivos também estavam vazios. Ele soltou o cinto de segurança às pressas.

Os pares de assentos aconchegantes da classe executiva ficavam espalhados espaçosamente pela cabine e não havia compartimento superior que atrapalhasse seu movimento. Muitos tinham cobertores jogados em cima. Outros estavam com fones ainda presos nos orifícios nos braços. Havia uns seis travesseiros caídos no chão. Bagagens de mão continuavam guardadas embaixo de vários assentos. Uma fileira depois, alguém tinha deixado a bandeja aberta, e nela havia uma garrafa de vinho tinto do tamanho de um vidro de perfume e um copo de plástico. Ao redor de todos os assentos havia a mesma sensação de abandono repentino.

Alguma coisa tinha acontecido, pensou ele, que os levou para a classe econômica. Um finlandês bêbado que bateu em um comissário. Um ataque cardíaco. Ele riscou mentalmente qualquer outra possibilidade. John puxou a cortina que permitia que as pessoas da classe econômica ficassem só imaginando o que não tinham. Sua mão procurou a realidade firme da divisória cinza com pontinhos brancos onde a cortina ficava pendurada.

À frente havia trinta filas escuras de assentos vazios. Em choque, ele deu um único passo. Pegou o iPhone e sentiu sua ausência antes mesmo que a mão chegasse ao bolso. Apesar da escuridão, ele viu algumas formas simples nas primeiras fileiras: livros, jornais, uma pasta. Ia ficando mais escuro conforme avançava no corredor, como se estivesse entrando em uma selva sintética.

Que sensação fundamentalmente errada era a de andar pelo corredor estreito de um avião comercial. Quando chegou na parte apertada e escura dos fundos, ele se sentiu preso em um armário terrivelmente estranho. Suas mãos procuraram o Braille do mundo visível. Os assentos dos comissários estavam levantados. Ao lado de um havia uma lanterna, que ele tirou da base. Jogou o fecho de luz pela cozinha, as gavetas

compridas e prateadas parecendo pertencer a um submarino, e por um carrinho de jantar ainda carregado encostado no canto mais distante da cozinha. Ele virou, passou a luz por uma caixa superior identificada como PRIMEIROS SOCORROS, e depois por uma das portas de saída do avião — uma coisa imensa, menos parecida com uma porta e mais com a fachada de um iglu. Pela janelinha, John viu camadas de nuvem cortadas pela asa rodopiarem no céu noturno sem estrelas. Ele se virou para o painel de controle dos comissários, complicado com numerosos interruptores e botões. Apesar de ser um voo da Finnair, tudo estava em inglês. Na parte de baixo do painel havia um botão vermelho de EVAC. Ele seguiu observando vários botões de chamada dos assentos (todos apagados), uma tela verde pequena cheia de informações que ele não entendia, um botão para acionar os alto-falantes do avião e, por fim, o painel de iluminação, que não tinha interruptores, mas botões de girar, e ele começou a girar todos.

Agora na luz forte, ele abriu a porta do banheiro, quase esperando encontrar um aposento magicamente imenso no qual todas as centenas de pessoas que pegaram aquele voo estariam esperando com chapéus pontudos de festa e confete. Mas estava vazio, chocantemente branco, e tinha cheiro de merda e menta. Gotas transparentes de água parada adornavam a cuba de metal da pia.

Ele voltou pela classe econômica, passou pela executiva e se viu na porta do cockpit, que tinha uma aparência densa e forte. Ele achava que o termo técnico era “reforçada”. Não estava claro como deveria agir. Qualquer exibição de contundência tão perto dos pilotos parecia a John um gesto imprudente e potencialmente ilegal. Assim, ele bateu. Como ninguém respondeu, tentou abri-la. Trancada. Ele bateu de novo. Reparou em um armário pequeno na altura do joelho. Dentro havia quatro coletes salva-vidas amarelos e um compressor de ar de aço pesado. Olhou para a porta de saída da aeronave, outra imensidão glacial que ele não sabia se conseguiria abrir, se tentasse. Mas por que ia querer abrir? O fato de já estar considerando isso uma possível rota de fuga não era muito bom, percebeu.

Havia começado a suar. Seu corpo, como se tivesse finalmente aceitado, analisado e rejeitado a informação que a mente enviara, começou um contraataque sem sentido. Do estômago, o palco, seu corpo jogou a refeição mais recente no intestino. Ele ficou parado, contraindo o ânus, ouvindo o coração bater, os pulmões se encherem e esvaziarem. A cortina que existia entre a função voluntária e a involuntária tinha sido arrancada. Seu sistema nervoso parecia a um lapso de concentração de ficar off-line.

Ele bateu na porta do cockpit, gritando que alguma coisa tinha acontecido, que ele precisava de ajuda. Quando finalmente parou, encostou a testa na parte externa e dura da porta. Sua respiração estava tão azeda e cheia de micróbios quanto uma placa de Petri. Sentia-se fraco, assustado e exposto. Naquele momento, ouviu alguma coisa do outro lado da porta e deu um pulo para trás. Lentamente, ele se aproximou de novo e encostou a orelha com a mão em concha no metal frio. Do outro lado da porta, no cockpit de um avião sem passageiros, alguém estava chorando.

Ele tinha sido aconselhado a não viajar para fora dos Estados Unidos por seu advogado, seus solidários colegas da universidade (ele tinha mais amigos do que a maioria das pessoas poderia supor — John era muito afável nas reuniões de professores) e os poucos colegas da Justiça com quem ainda falava. Mas quando um convite para falar em um congresso (“Lei Internacional e o Futuro das Relações Americanas e Europeias”) em Tallinn, na Estônia, fora feito seis meses antes, John fizera o que sempre fazia: conversara com a esposa.

Uma das coisas de que mais gostava em ter parado de trabalhar para o governo era que podia voltar a conversar com a esposa sobre o trabalho. Qualquer um que convivesse com a própria consciência no grau em que John convivia não podia desejar algo mais perfeito do que uma companheira capaz de entrar naquela mente quando convidada e de sair antes que fosse necessário pedir. Nos dois últimos anos, ela foi sua confidente, sentinela, enfermeira e lastro. Ainda assim, foi uma das noites mais longas e difíceis de seu casamento quando uma série de seus famosos memorandos de tortura vazaram e depois, sem nenhum aviso, foram tirados da categoria de confidencial e repudiados. Sua esposa não foi a única pessoa com quem ele pôde esclarecer suas intenções ao escrever os

memorandos. Qualquer jornalista que tirasse um tempo para falar com John invariavelmente era obrigado a admitir que o pretenso lobisomem era, na verdade, um cara bem decente.

Depois de contar para a esposa sobre o convite para o congresso, ele confessou:

— Meu primeiro pensamento foi dizer não. Mas acho que quero ir. Dois anos antes, uma reclamação acusando John de crimes de guerra tinha sido feita em um tribunal alemão; as engrenagens daquela justiça em particular mal tinham girado desde então. Outro processo foi registrado seis meses atrás, em um tribunal da Califórnia, por um terrorista americano condenado e sua mãe, que alegava que os memorandos de John fizeram com que ele fosse maltratado enquanto estava sob custódia americana. John não discutiu — embora, obviamente, não pudesse admitir — que o cretino tinha sido maltratado sob custódia, mas envolvê-lo nisso evidenciava uma espécie de criacionismo legal ingênuo. Embora a viagem de John não tivesse restrição formal, a ideia de sair do espaço aéreo americano o enchia de uma apreensão incomum. Isso o chocou. E também lhe deu coragem.

— Não escolha um voo que passe pela Alemanha — disse sua esposa. — Nem pela França. Nem pela Espanha. Na verdade, é bom evitar a Itália também.

Ela achou que ele estava brincando sobre querer ir, percebeu John, e esperou um momento antes de contar do que gostava na Estônia, um jovem país com lembranças de opressão real. Ele sempre se interessou pelas nações do antigo bloco soviético e por países pós-comunistas em geral. (A fuga de seus pais do comunismo coreano era, afinal, o único motivo para ele ser americano.) Não achava que tivesse motivo para temer a Estônia, que era um aliado oficial dos Estados Unidos na guerra. Sua esposa estava ciente de que havia apenas um milhão de estonianos no mundo? Talvez fosse uma coisa coreana, mas ele sentia uma proximidade estranha com nações pequenas, frequentemente invadidas e rotineiramente intimidadas. John disse com certa grandiosidade que admirava as ambições paroquiais deles. Estava agora apelando sem vergonha nenhuma

para os sentimentos complicados da esposa em relação à sua origem vietnamita.

Ela perguntou como ele podia ter certeza de que não era uma armadilha para humilhá-lo publicamente. Para isso John já tinha uma resposta. Os organizadores do evento tinham prometido, espontaneamente, que nenhum tópico seria discutido se John não estivesse disposto a falar sobre ele. Estavam cientes dos processos e prometeram oferecer uma cápsula de fuga durante qualquer linha de questionamento. (“Cápsula de fuga.” Palavras suas, não deles. Como qualquer nerd que cresceu nos anos 1970, John sempre usava referências a *Star Wars* quando possível.) Além do mais, a embaixada americana estava “ciente” do convite. (“Ciente.” Palavras deles, não suas. Uma embaixada mediana como a da Estônia sem dúvida era cheia de bajuladores da Administração e profissionais das férias. Considerando que John era o único antigo membro da Administração que insistia em falar sobre as decisões que tomou quando fazia parte dela, era tão popular entre eles quanto um leproso.)

— Mas você vai falar sobre tudo de qualquer jeito — disse ela —, não vai?

John muitas vezes reduzia seu advogado a frustrações similares. Não tinha medo de se defender, desde que seu interlocutor não estivesse obviamente carregando uma tocha e material para acendê-la. Depois que John concedeu uma entrevista para a *Esquire*, seu advogado ficou uma semana sem falar com ele. Depois, leu o perfil não totalmente depreciativo que foi gerado disso.

— Você é esperto — dissera ele para John.

John sorriu para a esposa. Claro que ele falaria sobre tudo. Sabia o que podia e não podia dizer. Era advogado.

Quando disse aos organizadores do evento que poderia ir, eles demonstraram o mesmo teor de surpresa e empolgação. Ele seria o único americano, disseram, e por isso mesmo parte valiosíssima da discussão. Ficou combinado que John falaria sozinho, no encerramento do congresso, por uma hora, depois responderia a perguntas, sendo que algumas poderiam ser hostis, avisaram. Parecia ótimo, respondeu John por e-mail.

Ele já tinha encarado mais salas sedentas de sangue do que imaginava que a Estônia fosse capaz de gerar. Antes de concordar, ele verificou as informações com a embaixada em Tallinn. Eles confirmaram o congresso e lhe desejaram uma boa viagem. Seria a última vez que teria notícias deles, John desconfiava.

Seis meses depois, passou duas horas esperando no aeroporto de Helsinque. Quando dois seguranças finlandeses pararam perto da saída de John para conversar, ele não soube dizer por que ficou tão nervoso. A Interpol não tinha emitido um mandado de prisão. Mas que homem seria capaz de relaxar de verdade sabendo que tribunais de dois continentes consideravam a possibilidade de que ele tivesse cometido crimes contra a humanidade? Ele se considerava corajoso por estar ali. Na verdade, não. Esse pensamento o repugnou. Ele era professor e advogado, nessa ordem. Não lembrava a última vez que tinha erguido a voz. Não lembrava uma vez, em suas quatro décadas de vida, em que tivesse machucado alguém intencionalmente. Os guardas finlandeses se afastaram.

Ele embarcou no voo para Tallinn com um anonimato renovado. Quando viu seu destino cheio de torres e telhados vermelhos à beira do mar aparecer pela janela, teve certeza de que tinha tomado a decisão certa. Era meio-dia quando chegou ao hotel na Cidade Antiga de Tallinn. O check-in foi absurdamente agradável. Os organizadores do congresso tinham enviado flores. Ele ligou para pedir instruções de como chegar ao salão de conferências daquela noite, que, por acaso, ficava a menos de três quarteirões, em outro hotel, o Viru. Não, não, obrigado, ele podia ir sozinho. Sua apresentação estava marcada para as oito da noite. Isso queria dizer que ele tinha uma tarde livre em Tallinn. Gastou-a dormindo para acertar a catástrofe circadiana que era viajar por dez fusos horários.

Às cinco da tarde já tinha acordado, tomado banho, vestido um terno cor de cimento com uma camisa azul (sem gravata) e estava andando pela Cidade Antiga de Tallinn em busca de um restaurante para jantar. Os organizadores tinham oferecido de enviar alguém, mas não. Ele queria anunciar sua presença no congresso com a mesma brusquidão poderosa que usava para entrar nas salas de aula. Se algum dos participantes do

congresso estivesse realmente querendo confrontá-lo, quanto menos soubesse sobre ele, melhor.

Os encantos da Cidade Antiga de Tallinn eram muitos e um disparate total. Nenhum ser humano de verdade podia morar ali. Parecia o cenário de um filme épico élfico. As ruas — de paralelepípedos mais furiosos que ele já tinha visto — pareciam trocar de nome a cada cruzamento. A maioria o levou por bares, restaurantes, lojas vendendo âmbar e mais nada. Era fácil distinguir os turistas dos locais: todo mundo que não estivesse trabalhando era turista. Em frente a um restaurante medieval perto da praça da cidade, jovens estonianos vestidos de donzelas e escudeiros da Liga Hanseática viam seus colegas encenarem uma luta de espadas. Em uma rua paralela, um sopro de vento fedorento o atingiu: os esgotos que corriam pelo encanamento de trezentos anos eram uma parte do passado de Tallinn que não precisava voltar. A similaridade das muitas torres negras de igreja da Cidade Antiga o confundia. Cada vez que selecionava uma como seu marco para voltar ao Viru, percebia que era a torre errada. Durante duas horas, ele sempre esteve ao menos um pouco perdido.

Pela altura e arquitetura brutalista, ele supôs corretamente que o Viru já tinha sido o Intourist Hotel durante a era soviética. No saguão, encontrou uma Parede da Fama listando alguns dos hóspedes notáveis: desportistas olímpicos, músicos, atores, príncipes árabes e o próprio presidente dos Estados Unidos. Um bilhete escrito para o gerente do hotel com papel timbrado da Casa Branca estava emoldurado: “Obrigado também pelos lindos suéter e chapéu”. Depois de perguntar na recepção, de um trajeto de elevador até o andar do congresso e de uma bomba olfativa por cortesia de uma mulher perfumada que subiu com ele, John percorreu o corredor com tapete luxuoso até o balcão de credenciamento. O jovem sentado lá apontou para o salão, na direção de um pequeno grupo de pessoas esperando educadamente do lado de fora que a atual palestrante terminasse. John entraria em meia hora. Ele se juntou aos ouvintes que aguardavam do lado de fora do salão, uma caverna dourada com um candelabro enorme.

A palestrante era alemã. Pela tradução projetada em uma tela atrás da mulher (em francês, estoniano e inglês — ele também teve que enviar o texto da palestra com antecedência para os organizadores, depois de obter deles a promessa de que falantes nativos de inglês o traduziriam), John percebeu que a noite seria um pouco mais agitada do que esperava. Já tinha ouvido as alegorias da fala da alemã. Ela terminou com aplausos e respondeu perguntas, e um intervalo de dez minutos foi anunciado. Quando as pessoas se levantaram, outra mulher perto dos fundos do salão se ergueu, viu John e, com um sorriso de reconhecimento, andou em sua direção. John a encontrou na metade do caminho, desviando do fluxo humano do intervalo.

Era Ilvi, uma das organizadoras, seu contato e professora de direito na Universidade de Tartu. Uma professora de direito muito jovem, que fez John, que também ainda tinha aparência um tanto juvenil, gostar dela na hora. Eles apertaram as mãos, e em seguida Ilvi começou a retorcer as dela como se modelando uma pequena bola de argila. Trivialidades vieram: o voo, o sono, Tallinn. Ela perguntou:

— Está preparado?

John riu e disse que achava que sim. Ela também riu, e seus dentes tinham um leve tom amarelado. Ilvi tinha lábios rachados e cabelo castanho cacheado em formato de cogumelo. O rosto comprido e anguloso era quase cubista, a beleza incomum coerente só se revelava depois de um tempo olhando para ela.

Por algum motivo incompreensível, Ilvi levou John até a palestrante alemã que tinha acabado de condenar seu país. Ela estava falando com quatro pessoas ao mesmo tempo, todas paradas ao seu redor. Parecia acostumada a ser o centro das atenções; as pessoas pareciam acostumadas a oferecê-la. Esses congressos eram todos iguais. Era como se os frequentadores recebessem roteiros e papéis designados. Quando Ilvi anunciou o nome de John, todos se viraram para olhar. Ele sorriu e esticou a mão. Só uma pessoa, um homem idoso usando um pesado paletó esporte de lã, se dignou a apertá-la, embora tenha feito isso com o ar de obrigação de um prisioneiro encontrando o diretor da prisão. O sorriso de John era



agora a tentativa de um homem moribundo de obter serenidade. Ninguém disse mais nada depois disso.

Por bem mais tempo do que John gostaria, Ilvi — e ele não tinha como saber se envergonhada ou alheia — ficou ao lado dele, depois o acompanhou até alguns outros pequenos grupos de participantes do congresso. Ele foi recebido de forma igualmente calorosa. Por fim, ela o levou até o palco. Ele se sentou na única cadeira e tirou o discurso do bolso do paletó. Ilvi ficou na plataforma de madeira, olhando para o relógio como uma professora.

Ele já estava acostumado a ser tratado como pária, o que não queria dizer que não ficava magoado. Às vezes, alunos (nunca os dele; suas aulas viviam lotadas) usavam braçadeiras pretas e ficavam parados em silêncio na escada da faculdade de direito, esperando que John passasse a caminho da sua sala. Duas vezes, usaram macacões laranja no estilo Guantánamo. Ele sempre lhes dava bom-dia. Uma vez, e só uma vez, parou para conversar com eles. Suas reclamações eram tão numerosas e multidisciplinares que foi como discutir com poesia beatnik. Ele saiu de todas essas experiências menos aturdido e mais decepcionado. John não queria que eles nem ninguém concordasse com ele. Respeitava a discordância refletida. Só queria que alguém além dele mesmo admitisse que era complicado.

No começo da guerra, dois detentos foram capturados. Um era cidadão americano, e o outro, australiano. Que leis se aplicavam a eles? Como John descobriu, era preciso ir muito longe na história da jurisprudência americana — as Guerras Indígenas, a lei da pirataria — para encontrar analogias legalmente apropriadas. Alguns membros do Departamento de Justiça queriam que o americano capturado ouvisse seus direitos, mas todos os tribunais do planeta aceitavam que leis mais amorfas governavam condutas de campo de batalha. Tratar aqueles homens como criminosos significava a perda de qualquer informação importante que sabiam. Os detentos americano e australiano não se enquadravam, argumentara John, nas proteções concedidas a prisioneiros de guerra do Artigo 3º-, comum às quatro Convenções de Genebra. Por não terem ranking, nenhum exército claramente definido ou cadeia óbvia de

comando — pré-requisitos dos quais as proteções de prisioneiros de guerra sob o Artigo 3º- comum dependiam —, aqueles homens não podiam ser considerados prisioneiros de guerra em nenhum sentido legal.

Quando o terceiro membro mais alto da Al-Qaeda foi capturado no Paquistão, John foi convidado a oferecer orientação legal à CIA. Isso tomou boa parte do verão de 2002, e John não conseguia se lembrar de ter trabalhado mais árdua e dedicadamente em um memorando. Ele tinha que determinar se as técnicas de interrogatório utilizadas pela CIA fora dos Estados Unidos violavam as obrigações americanas sob a Convenção Contra a Tortura de 1984. Assim, ele examinou em que essas obrigações implicavam. A primeira coisa que descobriu foi que tortura era “qualquer ato em que dor ou sofrimento severo, físico ou mental, é infligido intencionalmente a uma pessoa”. “Severo”, então, era parte da definição. Os Estados Unidos tinham anexado a seu instrumento de ratificação uma definição mais ampla de tortura como um ato “com intenção específica de infligir dor física ou mental severa”. O que era “dor severa”? O que “intenção específica” significava? John verificou a literatura médica relevante. Um médico podia definir “dor severa”? Não podia. A lei em si? Não podia. O fato era que era impossível encontrar uma definição efetiva de “dor severa” em qualquer documento legal. Então John, sem satisfação, forneceu uma: para constituir tortura, a “dor severa” tinha que ser “a um nível que fosse normalmente associado a uma condição física suficientemente séria como morte, falência de órgãos ou dano sério a funções corporais”. Quanto a “dano mental prolongado”, outra parte não explicada da Convenção Contra a Tortura, e que também não era definida em nenhum lugar na lei americana, na literatura médica ou em relatórios internacionais dos direitos humanos, mais uma vez John teve que fornecer a própria definição. Para que dor ou sofrimento mental fosse configurado como tortura, satisfazendo assim a exigência legal de “dano mental prolongado”, o resultado final, avaliou ele, deveria ser semelhante a transtorno de estresse pós-traumático ou depressão crônica de duração significativa, o que quer dizer meses ou anos. John pretendia que essas diretrizes se aplicassem apenas à CIA, e só com relação ao que era conhecido como “alvos de inteligência de alto valor”, nunca a prisioneiros comuns e, principalmente, não no Iraque, onde o Artigo 3º- comum às

quatro Convenções de Genebra se aplicava. Devido aos limites de interrogatório nos quais os agentes do FBI de Guantánamo insistiam — eles queriam tudo obtido com os prisioneiros passível de ser usado no tribunal, esquecendo (ou querendo esquecer) que nenhum daqueles homens seria julgado por outro tribunal além do militar —, não se podia oferecer nem um chocolate a um prisioneiro sem que a ação fosse classificada como coercitiva. Até o memorando de John. Pouco depois de essa orientação se tornar pública e, para John, de seus efeitos imprevistos, o conselho principal do FBI escreveu seu próprio memorando alegando que os interrogatórios que seus agentes estavam vendo em Guantánamo eram ilegais. No dia em que os memorandos de John deixaram de ser confidenciais, Gonzales os renegou em uma coletiva de imprensa, alegando que “não refletiam as políticas da Administração”. John não podia perdoá-lo por isso.

A plateia aplaudiu, pelo menos, depois da apresentação de Ilvi, um plágio preguiçoso do curriculum vitae que John tinha enviado para ela. Ele foi para onde ela estava, se inclinou na direção do microfone, olhou para a tela atrás de si, se inclinou na direção do microfone e olhou novamente para a tela atrás de si. Inclinando-se para o microfone uma última vez e cuidando para que sua voz suave soasse fraca como aspirina pediátrica, ele disse que não tinha certeza de qual discurso deveria começar primeiro. Algumas risadinhas baixas e uma gargalhada alta. John se virou para a tela uma última vez para ver se o primeiro bloco de texto traduzido de seu discurso tinha aparecido. *Tudo bem*, pensou ele. *Ótimo*.

Ele abriu a primeira página da palestra, que já tinha feito várias vezes, e analisou o pontilhismo facial da plateia. Trezentas pessoas? As expressões eram mais curiosas do que hostis, pensou ele. Uma coisa surgiu na mente dele tão de repente quanto as palavras tinham aparecido na tela às suas costas: tinha chegado longe. Ele era professor de direito em uma grande universidade americana. Refletiu novamente no porquê de estar tão determinado a se defender. O consolo de saber que podia era tão importante?

No começo de setembro de 2001, John tinha 34 anos e estava revisando um tratado cuja questão legal mais substancial envolvia ursos-

polares.

Antes de retornar para seu assento, John tentou duas coisas. Bateu na porta do cockpit com o compressor de ar de aço aproximadamente cinquenta vezes. Depois, foi até o fundo da aeronave, apertou o botão do sistema de comunicação do painel de controle dos comissários e gritou. A histeria não resolveu nada. Mais calmo agora e devidamente sentado, ele tentou formular uma explicação razoável para o que estava acontecendo. Não achava que tivesse sido drogado. Não tinha comido nada o dia todo e só tomado uma lata de coca diet depois de subir a bordo. A comissária tinha dado a lata a John e ele mesmo a abriu.

Ele repassou vários fragmentos de memória recente. O voo matinal saindo de Tallinn. Quarenta e cinco minutos em Helsinque. A fila bovina do embarque. Lembrou-se do máximo de passageiros que conseguiu. A falante Janika, a estoniana a caminho dos Estados Unidos. O homem sem pescoço que parecia um sapo ao lado do qual John se sentou enquanto esperava junto ao portão de embarque. A jovem de sobrancelhas grossas de moletom de Oxford que sorriu para John quando passou pelo assento dele a caminho da classe econômica. (Nenhum homem asiático esquece uma garota branca que sorri para ele, monocelha ou não.) Um jovem do qual ele só se lembrava porque era negro. Uma garota séria de cabelo crespo e blusa branca larga. Um garoto de vinte e poucos anos com camiseta escrita VOCÊ É UM MERDA. As comissárias de voo com seus terninhos azul-claros. John ficou bem consciente de suas características asiáticas naquele voo da Finnair, naquele clima nórdico, e lembrava-se agora da expectativa do alívio que sentiria ao voltar para a Califórnia, para sua cidade universitária, para suas calçadas de restaurantes multiétnicos, suas lojas de música e lanchonetes, as variedades de artigos de cânhamo.

Mas havia a questão do iPhone roubado. Procurou-o embaixo do assento e de todos os outros da classe executiva. O que faria? O que poderia fazer? O compressor de ar fez danos reais à porta, amassou a superfície dura e quebrou a maçaneta, que agora estava no bolso de John, para o caso de ele precisar consertá-la depois, embora não tivesse ideia de como faria isso. Tinha encontrado algumas ferramentas em um armário

nos fundos da aeronave, que estavam no assento ao lado. A porta não tinha se mexido.

Com uma necessidade repentina da presença transportadora de um item externo, ele pegou uma revista na cesta de arame ao lado do assento, a capa laminada fria e escorregadia como vidro. A revista de compras da Finnair. Mesmo nas atuais circunstâncias, o apelo das compras a bordo de um avião ainda era um mistério. Mesmo assim, ele virou as páginas grossas e rígidas. Colares de pérolas de cinquenta euros. Desodorantes Dolce & Gabbana de vinte euros. Base Glam Bronze Sunset & Glam Shine, da L'Oréal, de trinta euros. Páginas de chocolates e doces europeus. Ele chegou nas últimas páginas, eletrônicos, e parou em um smartphone BlackBerry Curve 8310 com bateria solar de 245 euros. Era quase certo que dezenas de passageiros a bordo daquele avião estivessem carregando celulares, vários deles provavelmente ainda nas bolsas de mão. Embora fosse improvável conseguir sinal, ele talvez encontrasse um dispositivo que permitisse enviar um e-mail ou uma mensagem de texto quando o avião baixasse um pouco de altitude.

Quando se levantou, o avião tremeu como se passando por uma reentrada atmosférica. Ele se sentou e apertou o cinto. O medo, que havia sido abafado pela esperança, voltou com força renovada. Respirou fundo. Não sabia que horas eram nem por quanto tempo tinha ficado naquele avião, mas sua janela, assim como todas as outras da classe executiva, estava aberta, e mais uma vez ele olhou para a escuridão congelante da troposfera. Pensou na esposa, nos alunos, na preocupação deles, e se levantou novamente.

John se sentiu estranhamente melhor depois que reuniu todas as malas de mão da classe executiva ao redor do seu assento. Ficar perto do cinto de segurança parecia importante, apesar de ele não saber explicar por quê. Foi remexendo em cada bolsa, a maioria pequena. As pessoas que pagavam os valores de classe executiva não hesitavam em despachar bagagem. Não teriam que enfrentar filas de táxi depois; pousavam e encontravam jordanianos com plaquinhas brancas com seus sobrenomes. Ao abrir cada mala, John ia enfiando a mão em cada abertura, tateando e

espremendo e procurando. Ele não queria mexer desnecessariamente nas coisas de ninguém.

Qualquer coisa que parecesse promissora ele puxava pela abertura do zíper. No fim da busca, estava entre kits de barba, câmeras digitais, iPods, garrafas de vodca com letras cirílicas do free shop, várias canetas Montblanc e um cilindro liso de plástico cor-de-rosa que ele demorou a perceber que era um vibrador. Também havia seis estojos de computador, todos vazios.

Ele foi para a classe econômica, mas antes de conseguir esvaziar um único compartimento superior, seu estômago despachou outra dose ardente na direção do intestino. Ele cambaleou até o banheiro enquanto abria a calça e evacuou antes mesmo de terminar de se sentar na tampa de plástico da privada de metal. O odor não tinha equivalente. Era, de alguma forma, um cheiro laranja. Seu intestino entrou em funcionamento de novo; ele evacuou em jorros ávidos. Estava passando mal agora, tonto, o cérebro um inválido que ninguém visitava havia meses. Quando terminou, lavou as mãos.

O decoro não o preocupava mais. John andou pelo corredor abrindo compartimentos superiores e jogando loucamente as malas no chão. Em pouco tempo, estava com bagagens até a altura dos joelhos. Realmente olharia tudo aquilo? Não. Sua raiva estava explodindo, e ele precisava recuperar a calma para examinar as bolsas com cuidado e atenção. Seguiu para o segundo corredor e foi abrindo os compartimentos ao passar. Depois de um estalo satisfatório, as portas se ergueram lentamente. Tanta coisa naquele avião ficava no lugar por causa de dobradiças de plástico. Ele estava dentro de um tubo de metal, voando abaixo do espaço sideral, enquanto motores enormes a quinze metros dele cuspiam fogo invisível de quinhentos graus. Isso era menos impressionante do que a realidade dentro da qual estava preso agora?

Ele encontrou Janika no antepenúltimo compartimento superior do corredor — se bem que, considerando que eram três compartimentos unidos, ela ocupava todos, mesmo não cabendo muito bem. O rosto machucado e vesgo e a boca coberta por fita adesiva jogaram John no chão como se tivesse levado um soco. Quando finalmente voltou a olhar para

ela, viu que um dos braços tinha caído do compartimento. A mão vibrava de leve na turbulência que ele não sentia mais. Ele a tirou com cuidado de lá. Quando a última parte do corpo se soltou, ela pareceu ganhar cinquenta quilos de repente. John caiu para trás, Janika em cima dele, em uma cama de bagagens de mão e seus conteúdos aparecendo pelos zíperes abertos.

Os olhos vesgos de Janika, tão próximos dos de John, mas sem poder encará-los, pareciam perturbados por um conhecimento final e indesejado. Partículas secas de sangue enchiam suas narinas. As bochechas estavam cobertas de capilares rompidos, as veias da testa e das têmporas lívidas sob a pele. John a empurrou para longe e fez sons longos e altos de primata. Tentou tirar a fita da boca de Janika, mas o som da pele morta puxando a musculatura foi de um pesadelo tão nojento que ele parou e voltou correndo para a classe executiva.

Decidiu mais uma vez bater na porta do cockpit com o compressor de ar. Mas, desta vez, não pararia. Entrou na classe executiva e viu que a tela na qual passavam as instruções de segurança antes do voo estava sendo baixada. As luzes se apagaram. O pânico o fez dar meia-volta. Ele deu dois passos antes de tropeçar e cair. Sem conseguir enxergar e engatinhando na direção da classe econômica em um tapete irregular de bagagens, seus pensamentos ficaram neandertais. Precisava encontrar abrigo. Mas não havia abrigo. O que estava sentindo até o momento não era medo. O medo era líquido; deslocava-se no fluxo sanguíneo; procurava o reservatório do cérebro. O medo de verdade, ele sabia agora, tirava sua força não do que poderia acontecer, mas do que você percebia que ia acontecer. Acima dele, podia ouvir um som baixo de engrenagens se movendo. Ele reconheceu o que era: por toda classe a econômica, telas menores estavam sendo abertas. John olhou para a mais próxima. Estava preta. A tela brilhava como vinil: de alguma forma, mais escura do que a escuridão.

De repente, um vídeo de qualidade digital começou a passar, embora a beirada de baixo estivesse um pouco tremida. John estava longe demais para entender. Ele se levantou. O que viu quando chegou perto o suficiente foi uma pequena sala de madeira filmada do ângulo alto e impessoal de uma câmera de segurança. Na sala havia duas pessoas. Em

uma cadeira, atrás de uma pequena mesa: uma mulher. Andando em volta dela: um homem usando coturnos, calça preta larga, regata preta, máscara preta de esqui. O áudio era metálico, distante, obviamente sem microfone. Na imperfeição enevoada do vídeo digital mal iluminado, John não reconheceu Janika a princípio. Ela parecia estar amarrada na cadeira e estava chorando de um jeito constante e desesperançado. O homem olhou para a câmera, andou na direção dela e esticou a mão. A câmera não estava fixa em um suporte; era portátil. A imagem girou, mas logo se estabilizou, exceto por alguns tremores de movimento.

Um segundo homem, vestido de forma idêntica, entrou na sala por uma porta até então fora de vista. Olhou direto para a câmera e fechou a porta com uma delicadeza estranha. O primeiro, o homem com a câmera, devia ter dado zoom quando o segundo se aproximou: seu rosto coberto pela máscara de esqui não exatamente encheu a tela, mas se grudou violentamente nela. John olhou para o homem, que estava olhando para ele. Isso também era viagem no tempo. Agora que estava fora do campo de visão, os choros baixos e úmidos de Janika soaram mais intensos, mais lamentosos. Ou talvez ela só estivesse reagindo à entrada do segundo homem.

O homem em si não disse nada. Seus olhos eram comuns. Quando finalmente se virou, ele parou em frente à mesa. O homem estava escrevendo alguma coisa, percebeu John, e quando terminou, ele voltou a olhar para a câmera. Esticou um pedaço de papelão branco fino cheio de letras de contiguidade quase perfeita. John não esperava que o papel dissesse o que dizia. Mesmo assim, sentiu gratidão, pois agora entendia o que estava acontecendo e por quê. O homem colocou o papel na mesa antes de voltar a atenção para Janika, que começou a gritar. Quanto ao papel, John ainda o via: CATEGORIA I.

Depois do discurso, Ilvi perguntou a John se ele gostaria de se juntar a ela e a alguns outros, inclusive a palestrante que falou antes dele, para beber alguma coisa na Cidade Antiga. Aquela mulher era mesmo tão burra? John escapou do convite com uma reverência obsequiosa, uma alegação de cansaço e vários agradecimentos. Estava começando a se sentir ao mesmo tempo espectral e abominado ali, menos um homem e



mais uma ideia desagradável. Quando estava indo para a porta, as pessoas saíram da frente, como se ele estivesse transportando fogos de artifício acesos. Por quanto tempo mais, pensou ele, essa seria sua vida?

Algumas das perguntas que lhe fizeram foram realmente hostis, a mais mordaz feita por uma mulher mais velha na fileira da frente com a cara tão esticada quanto um caiaque. Ela perguntou com irritação o que John faria em caso de uma acusação formal de crimes de guerra pela Corte Penal Internacional. John disse que não esperava que isso acontecesse e mentiu: “Não estou preocupado com isso, para ser honesto”.

John tinha mais um dia livre em Tallinn. Ao pensar nisso pela primeira vez, ele entrou no banheiro masculino no corredor do lado de fora do salão do congresso e mexeu no iPhone até ficar on-line. O congresso pagou pelo voo de John, mas, a pedido dele, deixou a passagem de volta em aberto. Em dois minutos, a passagem foi alterada. Magia. Menos magia e mais o fato de que ele estava agora mil e quinhentos dólares mais pobre. Era difícil ver isso como qualquer coisa diferente de uma barganha.

John saiu do banheiro masculino e encontrou um homem de cabeça raspada o esperando. Sua roupa era uma versão de Halloween de um executivo da indústria tecnológica: um paletó esporte azul-marinho sem gravata, calça jeans, tênis de corrida. Era obviamente americano. O rosto estava tomado por uma expressão de reconhecimento unilateral com a qual John ainda não tinha se acostumado, provavelmente porque era uma expressão que sempre fracassava em ser unilateral. Ele sabia quem John era; logo, John ficaria feliz em conhecê-lo. Todo mundo era a estrela da sua própria história.

Ele disse o nome de John e esticou a mão. Um cartão de visitas com o selo da embaixada apareceu. RUSSELL GALLAGHER, ADIDO CULTURAL. Na experiência limitada de John, palavras como “adido” e “cultural” costumavam servir de camuflagem para trabalho de inteligência. John tentou devolver o cartão, mas Gallagher insistiu que ficasse com ele. John o colocou no bolso e perguntou:

— Você é meu enviado?

Gallagher tinha uma gargalhada infantil de “estão me fazendo cócegas”, mas a idade estava começando a agir em volta de seus olhos e a empurrar as raízes do cabelo para trás.

— Não sou, infelizmente. Você não é muito popular na embaixada. Já deve saber disso, mas tentaram fazer com que você fosse desconvidado deste congresso.

John sabia que, entre os vestígios leais restantes da Administração, ele não podia esperar que alguém gostasse da sua presença. Mas que uma embaixada fosse tentar bloquear sua aparição em um congresso internacional era surpreendente. Aquelas pessoas não tinham coisa melhor para fazer?

— Na verdade — disse ele para Gallagher —, eu não sabia.

A indiscrição foi motivo de mais gargalhadas. Ele estava se esforçando demais, pensou John.

— Acontece que sua amiga, a professora Armastus, não gosta de ser pressionada. E ela tem amigos. Quanto mais a embaixada se manifestou, mais determinados ficaram em trazer você para cá. Ótima palestra, aliás.

— Eu a conheci hoje. Obrigado.

— Olha — disse Gallagher, ciente de que deveria ir direto ao assunto. — Eu vim aqui por vontade própria para dizer que vários de nós somos gratos pelo que você fez.

— Obrigado de novo.

Ele olhou para John, o rosto docemente ousado.

— Meu pai esteve no Vietnã entre 1970 e 1972. Uma das coisas com as quais ele estava envolvido foi o Programa Phoenix. Ele sempre dizia que o motivo de ter recebido um nome tão ruim era que foi criado por gênios e executado por idiotas. Mas mesmo na época foi a coisa mais eficiente que fizemos contra os vietcongues. Os comunistas admitiram isso depois da guerra. Meu pai estava em Saigon e me contou que, em 1972, a expectativa de vida de um líder de cela comunista era de uns quatro meses. E nada que você argumentou a favor era pior do que as

coisas que meu pai sentia orgulho de ter feito com o Phoenix. Eu só queria que você soubesse que há muitos de nós que te admiram.

Enquanto escrevia seus memorandos, John pesquisou o Programa Phoenix. Descobriu que a CIA tinha feito promessas internas de que o Phoenix seria “operado sob as leis normais de guerra”. Também descobriu que vários oficiais americanos envolvidos com o Phoenix pediram para serem dispensados das funções por acharem o que estavam fazendo imoral. John ficou encarando Gallagher. Seu posto no ambiente escasso de alvos da Estônia falava por si só. O pai dele caçava comunistas. O máximo de ação que seu filho poderia obter era desafiar a embaixada e dizer para John ficar de cabeça erguida. O conservadorismo do qual Gallagher indubitavelmente era discípulo não era exatamente uma filosofia. Era um mau humor. Nenhum dos dois disse nada por vários segundos.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou Gallagher. — Você parece estar precisando de uma bebida.

John não queria beber nada. Mas realmente estava precisando de uma bebida. Eles saíram do Viru juntos no sol das dez em uma noite de verão em Tallinn. John perguntou a Gallagher quanto tempo havia que ele estava trabalhando lá.

— Eu estava na Grécia antes. Isso foi há dez anos. Antes disso, estive nos fuzileiros. Me tornei capitão em 1998. Saí cedo demais para chegar a me divertir.

Eles andaram na direção do centro da Cidade Antiga. Na luz cada vez mais fraca, os prédios pareciam coloridos como de desenho animado. Pessoas bebiam em cafés na calçada, bebiam andando, bebiam esperando que os caixas eletrônicos cuspissem o dinheiro. John reparou nos grupos de homens russos com olhos duros e gingado irregular, nos escoceses cantando de braços dados, nos fumantes oscilantes do lado de fora de todos os bares. Também reparou nas mulheres velhas e encolhidas mendigando, maltrapilhas, com roupas inadequadas para a estação, todas parecendo ter sofrido alguma maldição cigana. John perguntou a Gallagher:

— Com que tipo de cultura você costuma trabalhar aqui?

Gallagher olhou para ele.

— Você talvez ficasse surpreso, mas é um lugar divertido de se morar, mesmo os estonianos sendo meio inescrutáveis. Um amigo meu toca baixo, e ele me contou que em todos os lugares do mundo que morou, sempre conseguiu se apresentar. Todo mundo precisa de um baixista. Quando chegou a Tallinn, ele aparecia em shows de microfone aberto e ali estavam cinco estonianos com seus baixos, procurando um guitarrista. Esta é uma nação de baixistas.

John olhou para duas *Freyas* de salto alto e calças jeans embaladas a vácuo andando na direção dele. Elas tinham o porte de mulheres cobiçando secretamente assédio do mais baixo nível, que estavam recebendo. Atrás delas havia todos os tipos de comentários sendo gritados.

Gallagher também reparou nas mulheres.

— E também tem isso. Em Tallinn, até as garotas feias são meio bonitas. Isso é compensado pelo fato de que até as inteligentes são meio burras.

Gallagher continuou falando enquanto eles andavam. A conversa sobre mulheres se tornou uma conversa sobre a Finlândia, que se tornou uma conversa sobre as Forças Especiais Soviéticas, que se tornou uma história narrativa condensada dos anos 1990. Não havia interrupção. Em pouco tempo, o solilóquio voltou a ser sobre o pai dele. John não estava mais ouvindo. Estava avaliando Gallagher. Seu cabelo era fino, sem vida, da cor de centeio, e Gallagher o ficava puxando para a frente — um tique de estudante bagunceiro reativado na meia-idade para esconder a calvície. Falar sobre o pai fez Gallagher se aventurar por queixas não específicas, embora ele ainda insistisse em rir a cada três ou quatro frases.

— E era isso que meu pai sempre dizia — encerrou Gallagher. John, por não ter captado a essência da frase final de Gallagher (talvez porque não tenha havido final), assentiu. Gallagher também. E acrescentou:

— Ele morreu ano passado.

— Lamento pela sua perda.

— Quando seus memorandos vazaram, nós até conversamos sobre a situação. Eu pedi a opinião dele. Ele previu que os terroristas usariam nossos tribunais contra nós. Ele disse: “Porra, eu mesmo já violei o Artigo 3º- comum às quatro Convenções de Genebra. Várias vezes!”. Leves rugas de preocupação surgiram na testa de John. Aquilo era um erro.

— Lá vamos nós.

Gallagher estava apontando para um bar subterrâneo na Pikk, uma rua absurdamente linda na qual John tinha caminhado mais cedo no mesmo dia. Havia luzes de Natal penduradas nas janelas do porão; não havia placa. John não bebia, ao menos não de um jeito que honrasse conceitualmente o que as pessoas chamavam de “beber”. Uma taça de vinho em algumas noites, sempre com alguma refeição; uma cerveja importada ocasional em uma tarde quente de domingo; um uísque de qualidade depois de um jantar caro. Quando Gallagher mencionou beber, John tinha imaginado os dois tomando um copo de conhaque em um bar sério. Era uma daquelas leis sociais que só se violava com grande risco: nunca vá a lugar nenhum com alguém que você não conhece bem.

John seguiu Gallagher pela escada de concreto de abrigo antibombas. Já incomodado, ficou ainda mais quando Gallagher abriu a porta — um sujeito saudável, com contatos — e se dirigiu imediatamente ao bar, onde trocou palavras com a linda aparição por trás do balcão. John decidiu fazer um joguinho consigo mesmo para ver quanto tempo aguentaria ali. Encontrou uma mesa e esperou que Gallagher se juntasse a ele, mas, quando olhou, Gallagher estava segurando a mão da atendente. Ele a virou e passou os dedos na palma com um gesto elaborado de presságio de quem prevê o futuro. Sorrindo, a atendente soltou a mão e mexeu na torneira de chope enquanto Gallagher olhava em volta com arrogância. Ela jogou um beijo quando lhe entregou duas canecas. Gallagher ergueu o copo para ela. Assim que ele virou de costas, ela parou de sorrir.

Quanto aos outros clientes do bar: parecia não haver nenhum. John escolheu a mesa bem no meio do ambiente. Espalhadas pelas outras mesas estilo cabine contra a parede tragicamente forrada estavam seis jovens de braços cruzados, olhando para o teto, as bolsas no colo. Do outro lado do

salão, outra mulher dançava em um palco do tamanho da mesa em frente a John. Felizmente, não estava tirando a roupa nem parecia interessada nisso, apenas em se mover de um jeito languidamente entediado ao som de uma música tão baixa que mal conseguia ouvir. As paredes e o carpete eram vermelho-inferno — o único tema reconhecível. O fato de aquilo ser exatamente como John imaginava o inferno não diminuiu a impressão. Gallagher se acomodou na cadeira em frente e empurrou uma cerveja para ele.

— Só costuma encher aqui por volta de uma ou duas da manhã.

John fez um sinal para o ambiente ao redor.

— O que é isto?

No meio de um gole, Gallagher ergueu as sobrancelhas. Quando baixou a caneca, sua língua limpou agilmente o bigode de espuma.

— Um lugar para cavalheiros distintos. Não se preocupe. Não é um lugar inadequado para você.

Com isso, a mulher que estava dançando se aproximou e se sentou ao lado de John. Ela era absurdamente linda e usava um vestido preto que caberia em um porta-níqueis. A dança a tinha deixado suada e reluzente, um ecossistema em miniatura.

John olhou com súplica para o anfitrião.

— Gallagher, por favor.

Gallagher riu de novo.

— Uma bebida, advogado. É um bom lugar para relaxar, se você se permitir. — Para a dançarina, ele disse: — Querida, davei. Venha se sentar aqui.

Ela foi. Quando outra mulher se aproximou, Gallagher tentou mandá-la embora, mas ela se sentou ao lado de John mesmo assim.

John a cumprimentou. Suas pernas eram finas demais, a calça justa apertando as coxas, mas perdendo o formato nas panturrilhas. O pescoço era coberto de veias. Ela fungou de um jeito afetado e tirou duas fivelas prateadas do cabelo preto. Eram só enfeite: nem um fio de cabelo saiu do

lugar. Ela observou as fivelas como se as tivesse tirado do leito de um rio. Estava esperando que John puxasse assunto. Recolocou as fivelas no cabelo e observou o pé enquanto o batia no carpete vermelho, que parecia ter sido vítima de muitos lamentos gástricos. As unhas dos pés eram da cor de papelalumínio. John não disse nada. Gallagher, por outro lado, estava se dando bem com a dançarina. De verdade. Parecia que eles estavam tendo uma conversa bem séria. A mulher ao lado de John acendeu um cigarro e deu uma daquelas tragadas longas e ruidosas que sempre faziam os cigarros parecerem atraentes. A fumaça saiu pelo canto da boca. Depois de outro minuto, ela foi embora, e John ficou sozinho com sua cerveja.

O que não perguntaram depois da palestra foi se ele teve alguma ressalva na época em que escreveu os memorandos. John tinha ressalvas ocasionais. Todos tinham. John primeiro temeu que os interrogadores não se sentissem limitados pelas mesmas dúvidas morais que ele. Também se preocupava com o que era chamado de “operação de força”, em que a força aplicada sem sucesso não tinha alternativa além de ser aplicada novamente e com mais intensidade. Afinal, o interrogatório aprimorado só era aceitável se os interrogadores acreditassem que a pessoa interrogada sabia alguma coisa. Era por isso que ele nunca o imaginou sendo aplicado com qualquer outra pessoa além de membros da Al-Qaeda.

John entendia que seus argumentos eram controversos e, às vezes, até repulsivos, mas eram legais, não julgamentos morais. John não elaborou políticas nem planejou que formas o “interrogatório aprimorado” tomava. Só mediu a legalidade em relação a estatutos relevantes. Seus memorandos abordavam dezoito métodos e eram divididos em três categorias. A primeira categoria era limitada a duas técnicas: gritos e subterfúgios. A segunda categoria envolvia doze: posições de estresse, isolamento, ficar de pé à força por até quatro horas, exploração de fobias, documentos falsos, retirada de locais padrões de interrogatório, interrogatórios de vinte e quatro horas de duração, variação alimentar, retirada de roupas, banhos forçados, privação de luz e música alta. A terceira categoria, para ser usada só nos casos mais severos, se dividia em quatro técnicas: contato físico leve, cenários que ameaçavam o interrogado ou alguém de sua família de morte, exposição extrema aos

elementos da natureza e afogamento simulado. Havia também uma quarta categoria, sobre a qual, felizmente, nunca lhe pediram para escrever. A quarta categoria também era a mais solitária. Sua única técnica: extradição extraordinária.

John tinha dito para si mesmo, enquanto contemplava a ideia de abandonar a Justiça, que seria melhor do lado de fora. Caminhadas em uma praça no outono, alunos admirados esperando na porta da sala, toda a atmosfera protegida que Washington oferecia apenas em versão aproximada e corrompida. A Justiça era um museu, e os corredores frios de mármore sempre levavam a uma espécie de progéria intelectual: até os jovens lá ficavam velhos rápido. Addington foi quem ficou mais triste de John ir embora. Ele perguntou: você quer mesmo ensinar jovens ricos e mimados que fazem jus às turbas assassinas proletárias?

Meses depois da partida de John, muitas das avaliações dele foram retiradas e suspensas. Soube depois que Addington protestou dizendo que o presidente contara com a opinião de John. Nesse caso, responderam, o presidente talvez estivesse violando a lei. Cinco meses depois, Abu Ghraib. Sete meses depois, os memorandos de John deixaram de ser confidenciais. Gonzales, na coletiva de imprensa, alegou querer mostrar à imprensa que houve diligência prévia e que avaliações legais adequadas ocorreram a cada passo no processo de interrogatório aprimorado. Era isso que ele achava ser o problema.

John nunca esqueceria a energia reprimida contida naquelas reuniões de Conselho de Guerra. Eram todos confiantes como maoistas. Feith, Haynes, Addington, Gonzales, Flanigan — homens a um passo do presidente. Os advogados do advogado. A nação tinha sofrido um ataque cardíaco, e eles estavam segurando o aparelho de desfibrilação, trabalhando juntos a fim de improvisar estratégias legais para uma coisa para a qual não existia lei para conter. Eles se reuniam na sala de Gonzales na Casa Branca, às vezes na Defesa. Reuniões simples, sem comida, sem registro, nas quais os maiores luxos eram umas latas de coca diet. John muitas vezes olhava para si e para Gonzales durante aquelas reuniões. John era a primeira geração de americanos na família, Gonzales era filho de imigrantes tão pobres que nem tinham telefone. Mas ali estava ele,



elaborando políticas durante a crise de segurança nacional mais séria em meio século, funcionando como advogado pessoal do homem mais poderoso do mundo. Aqueles eram os Estados Unidos que John estava disposto a fazer qualquer coisa dentro da legalidade para proteger.

E havia Feith e Addington, andróides que viam os outros seres humanos como pouco mais do que coleções de defeitos mentais interessantes. As covinhas no rosto enrugado de Feith eram depósitos de veneno. Ele espalhava memorandos sem o cartão com o destinatário e ninguém sabia direito para quem estavam encaminhados, ou os copiava para pessoas que nunca os recebiam. Fazia discursos sobre a santidade de Genebra só para aumentar a incongruência de seu santo sudário sendo sujo por terroristas. Sua advocacia era tão manifestamente confusa que quem o ouvisse falar sobre Genebra acabava acreditando que o Artigo 3º- se aplicava a todo mundo que os Estados Unidos capturava. No final de um dos seus monólogos, Feith fez um membro do Estado-Maior acreditar erroneamente que todas as dezoito técnicas de interrogatório aprimorado eram sancionadas pelo Manual de Campo do Exército. Nenhuma era. A ideia de criar uma nova agência de inteligência chamada Total Percepção da Informação, com um logo de um olho maçônico observando o mundo? Só Feith.

Quanto a Addington: os olhos de um ícone russo, a postura de Lincoln, a disposição de uma granada de mão. Depois dos ataques, Addington começou a carregar um exemplar da Constituição no bolso, um exemplar tão gasto e frágil que parecia servir de lenço ou porta-copos ou ambos. Sempre que alguém discordava dele, ele o pegava e começava a ler. Era a genialidade especial de Addington elaborar todo argumento legal e moral em termos de guerra, enquanto qualquer argumento sobre guerras de verdade era disfarçado por eufemismos diáfanos. Talvez fosse por isso que, dentre todos eles, só Addington tenha escapado. Só ele conseguiu manter o nome fora de todos os documentos relevantes.

Eles tinham tentado legislar em uma atmosfera na qual a bomba-relógio era a suposição operacional e não o Plutão estatístico remoto que realmente era. Agora John via isso, mas essa era só uma forma de pensar no assunto. Outra era a seguinte: inteligência era a capacidade de discernir

a aplicabilidade de informações vindas de fora. A melhor parte do conhecimento era saber o que você tinha permissão de esquecer.

Três pessoas tinham sido sujeitadas a afogamento simulado. Três pessoas. E por isso ele tinha que responder perguntas sobre crimes de guerra. John tinha ouvido falar que seu sucessor se permitiu passar por um afogamento simulado antes de emitir a decisão se era ou não passar dos limites. A resposta: era. Mas, mesmo com tudo isso, mesmo com todos os debates e carreiras decapitadas, a CIA ainda podia usar simulação de afogamento (gostava do termo honesto), como John tinha argumentado originalmente. Seus argumentos centrais ainda valiam. Claro, ninguém na Justiça queria se isentar do uso da técnica pela CIA, mas o presidente encontrou um homem. Ele sempre encontrava. Mas isso era amargura. John não era amargo. Ele teria gostado de ver Feith ou Gonzales ou Ashcroft, ou qualquer um dos outros, sozinho em uma cidade europeia, respondendo perguntas sobre políticas que eles endossaram e das quais agora se envergonhavam.

John olhou para a caneca de cerveja, agora um poço de cristal vazio. De alguma forma, tinha tomado a cerveja. Podia ficar ali a noite toda e deixar a onda escura o carregar.

— Estou pronto para ir embora — disse para Gallagher, que ainda estava tendo a conversa edificante com a dançarina.

Ele olhou para John.

— Espero que você tenha deixado um tempo para ver o Museu da Ocupação amanhã.

— Na verdade, não posso. Vou embora amanhã de manhã.

John olhou para o relógio. Já passava da meia-noite.

Gallagher se recostou na cadeira. — Uma pena. Tallinn é um ótimo lugar para passar o dia.

— Obrigado pela bebida — disse John, se levantado. — Fique à vontade. Consigo voltar para o hotel sozinho.

Gallagher ficou sentado, mas esticou a mão.

— Espero que nos encontremos de novo um dia. Tenha um bom voo amanhã.

Na porta, John se virou para dar uma última olhada em Gallagher. Ele já estava no celular, inclinado na cadeira, a dançarina indo embora. Gallagher reparou em John na porta e prestou uma continência não muito firme. Era difícil acreditar que aquele cara era fuzileiro. John se perguntou, mas só por um momento, com quem Gallagher poderia estar falando.

O filme do interrogatório de Janika estava passando havia vinte minutos ou duas horas. Era impossível controlar a passagem do tempo na escuridão. A luz dava suportes e marcas à passagem do tempo. O tempo passado na escuridão era como dirigir por campos de plantação de milho: uma similaridade sem fim, cheia do invisível.

Ele não sabia bem o que o exercício deveria provocar nele. Não sentia mais nem menos solidariedade pelas pessoas que tinha ajudado a fadar à tortura do que antes de começar. John era mal compreendido. Não entendiam o que ele tinha argumentado. Os que estavam no comando daquele avião e agora da vida dele não tinham nada a ganhar além de revigorar seu sadismo. Ele, em troca, não tinha nada que pudesse dar a eles além do dom da sua tormenta. Ele tinha escrito que a tortura era questão de intenção. Agora, sabia que a tortura era muito mais do que isso. A troca de conhecimento sombrio, a revelação de capacidades escondidas, a aniquilação de conexão.

De repente, John ficou olhando para o teto do avião, os bocais vagamente cirúrgicos jorrando ar. As luzes foram acesas de novo. Ele se virou no assento escolhido da classe econômica e não estava preparado para ver o corpo ferido de Janika, ainda embolado nas bagagens. Quando se levantou, sopros de ar com cheiro de vômito atravessaram o tecido de sua roupa.

Depois que o torturador de Janika tinha terminado a Categoria I e as técnicas mais visuais das Categorias II e III, vários outros homens entraram na sala. O que aconteceu em seguida foi mais horrível do que qualquer outra coisa que John tivesse visto. Ele se recusou a assistir à maior parte e abriu os olhos só depois que os sons de luta tinham acabado.

Enquanto os homens verificavam a ausência de sinais vitais de Janika, o filme acabou.

John voltou ao seu lugar. Nele estava seu iPhone branco. Um jorro idiota de pensamento fluíu na direção das poucas planícies que conseguiu alcançar. Um deles foi Gallagher, a única pessoa que sabia que John tinha mudado de voo. O cartão de Gallagher ainda estava no bolso da camisa. Ele o pegou e examinou, o polegar passando pelo selo em alto-relevo da embaixada. Perguntou-se como Gallagher sabia que ele não jogaria o cartão fora. Perguntou-se como era possível que Janika estivesse usando as mesmas roupas no vídeo do interrogatório e no avião. Perguntou-se por quanto tempo tinha ficado inconsciente e se aquele era o mesmo avião no qual ele tinha embarcado. Perguntou-se onde no avião estavam escondidos os que estavam fazendo aquilo com ele. Perguntou-se também como seu iPhone estava com sinal, mas ali estava: duas barrinhas. A resposta a uma das perguntas surgiu de repente: Gallagher não tinha previsto que John ficaria com o cartão. John tinha inserido quatro dígitos do número de Gallagher quando o aplicativo de reconhecimento agiu. Tinha sido acrescentado aos contatos.

Gallagher atendeu no terceiro toque.

— Tallinn é um bom lugar para passar o dia. Você devia ter me ouvido.

O que John podia dizer? Eles tinham o que queriam.

— Nenhuma pergunta? Não te culpo. Você tem problemas maiores, advogado. Agora, que tal se virar?

Ele se virou. Um homem de máscara preta de esqui e uma camiseta escrito VOCÊ É UM MERDA bateu na cara de John com um instrumento metálico de solidez incrível. Quando seus joelhos acertaram o carpete, ele viu o objeto claramente: o mesmo compressor de ar que ele tinha usado para bater na porta do cockpit. A cabeça de John explodiu de dor. Ele não se lembrava do segundo golpe, mas devia ter acontecido, porque acordou, mais uma vez, em uma sala de painéis de madeira, amarrado a uma cadeira. Um dos seus olhos não abria. Alguns dos dentes tinham caído e a língua estava tão inchada e ensanguentada quanto uma sanguessuga. Ele

olhou para a camisa: o avental de um açougueiro. O motor do avião ainda soava em seus ouvidos. A turbulência sacudiu a sala. Ele ouviu alguém chorando ali perto. Sentado à frente de John estava Gallagher, cujas mãos estavam cruzadas sobre outro papel. Ele não o mostrou para John, mas foi possível ler. Gallagher disse para John que podia prometer perguntas, mas não respostas. Também disse que todos os envolvidos estavam adentrando em território novo. Nem ele sabia direito aonde aquilo daria.

— Está pronto? — perguntou Gallagher. — Preciso saber se você está pronto.

John assentiu, sentindo certa gratidão pela boca cheia de sangue. A porta atrás dele se abriu. Passos. Mãos como bocarras lupinas desdentadas o seguraram. A Categoria VI tinha começado.



# DOIS MINUTOS E QUARENTA E CINCO SEGUNDOS

Dan Simmons

Dan Simmons escreveu livros de ficção premiados (*Hyperion*), livros de fantasia/horror premiados (*Carrion Comfort*) e contos que contêm elementos de ambos. Este é um de seus melhores contos, impressionante pela clareza e brevidade. Simmons sugere que dois minutos e quarenta e cinco segundos podem ser a duração de uma música pop... de um passeio de montanha-russa... ou tempo suficiente para contemplar a morte iminente.

Roger Colvin fechou os olhos quando a barra de ferro desceu sobre seu colo e eles começaram a subida íngreme. Ele ouvia o estalo da corrente pesada e o gemido de rodas de aço em trilhos de aço na primeira subida da montanha-russa. Alguém atrás dele riu com nervosismo. Com pavor de altura, o coração disparado dolorosamente no peito, Colvin espiou por entre os dedos.

Os trilhos de metal e a moldura de madeira branca subiam à frente. Colvin estava no primeiro carrinho. Ele baixou as mãos e segurou com força a barra de metal, sentindo o suor seco de palmas passadas ali. Alguém deu uma risadinha no carrinho de trás. Ele virou a cabeça só o suficiente para espiar pela lateral do trilho.

Eles já estavam muito alto e continuavam subindo. O parque e o estacionamento foram ficando menores, os indivíduos, pequeninhos demais para serem vistos, e as multidões estavam virando tapetes de cor, transformando-se em um mosaico geométrico maior de ruas e luzes enquanto a cidade toda ficava visível, depois todo o condado. Eles subiram mais. O céu foi ficando de um azul mais profundo. Colvin via a curvatura da Terra na distância azulada. Percebeu que estavam perto de um lago agora, quando viu a luz cintilando na água vários quilômetros abaixo das vigas de madeira. Colvin fechou os olhos quando eles passaram brevemente pelo sopro frio de uma nuvem, e os abriu novamente quando o

tom do ruído da corrente mudou, quando a inclinação diminuiu, quando chegaram ao cume.

E continuou.

Não havia nada além. Os trilhos faziam uma curva para baixo e terminavam no vazio.

Colvin agarrou a barra de segurança quando o carrinho se inclinou para a frente e desceu. Ele abriu a boca para gritar. A queda começou.

— Ei, a pior parte passou.

Ele abriu os olhos e viu Bill Montgomery lhe entregando uma bebida. O som dos motores a jato do Gulfstream era um ronco baixo sob o chiado leve de ar da ventilação acima. Colvin pegou sua bebida, diminuiu o fluxo de ar do ar-condicionado e olhou pela janela. O Logan International já tinha ficado para trás, e Colvin viu a praia Nantasket abaixo, uma série de triângulos brancos de velas na ampla baía e no mar. Eles ainda estavam subindo.

— Olha, nós ficamos felizes de você ter decidido vir com a gente desta vez, Roger — disse Montgomery para Colvin. — É bom ter a equipe toda junta de novo. Como antigamente.

Montgomery sorriu. Os outros três homens na cabine ergueram seus copos.

Colvin brincou com a calculadora no colo e tomou um gole de vodca. Respirou fundo e fechou os olhos.

Medo de altura. *Sempre* com medo. Aos seis anos no celeiro, caindo do mezanino, a queda parecendo infinita, o tempo se prolongando, os dentes afiados do forçado se aproximando. Batendo no chão, o ar expulso dos pulmões, a bochecha e o olho direito acertando a palha, a menos de dez centímetros das pontas de aço do forçado.

— A empresa está precisando de boas notícias — disse Larry Miller. — Dois anos e meio de divulgação ruim já bastam. Vai ser bom ver o lançamento amanhã. Vai botar as coisas em movimento de novo.

— Com certeza — disse Tom Weiscott.



Ainda não era nem meio-dia, mas Tom já tinha bebido demais.

Colvin abriu os olhos e sorriu. Contando ele, havia três vice-presidentes corporativos no avião. Weiscott ainda era gerente de projetos. Colvin encostou a bochecha na janela e viu a baía de Cape Cod passar lá embaixo. Achava que estavam a uma altitude de onze ou doze mil pés e subindo.

Colvin imaginou um prédio com catorze quilômetros de altura. Do corredor acarpetado da cobertura, ele entraria no elevador. O chão do elevador seria feito de vidro. O vão desceria por 4600 pisos, cada andar marcado por luzes de halogênio, as luzes paralelas se aproximando nos catorze quilômetros de vazio negro abaixo até se fundirem.

Ele olha para cima a tempo de ver o cabo arrebentar, se soltar. Ele cai, se segurando inutilmente nas paredes do elevador, paredes que ficaram escorregadias como o piso de vidro transparente. Luzes passam rapidamente, mas o piso de concreto do poço já está visível quilômetros abaixo; um quadradinho de concreto azul, crescendo conforme o elevador despenca.

Colvin sabe que tem quase três minutos para ver o quadrado azul chegar mais perto, pronto para esmagá-lo. Ele grita, e o cuspe voa no ar à sua frente, caindo na mesma velocidade, pairando. As luzes passam rapidamente. O quadrado azul aumenta.

Colvin tomou um gole, colocou o copo no apoio no braço largo da poltrona e digitou na calculadora.

Objetos caindo em um campo de gravidade seguem regras matemáticas precisas, tão precisas quanto os vetores de força e as taxas explosivas das cargas moldadas e dos combustíveis sólidos que Colvin elaborava havia vinte anos, mas assim como o oxigênio afeta a taxa de combustão, o ar controla a velocidade de um corpo em queda. A velocidade final depende da pressão atmosférica, da distribuição de massa e da área de superfície tanto quanto da gravidade.

Colvin fechou os olhos como se fosse cochilar e viu o que via todas as noites, quando fingia dormir; a nuvem branca ondulante, se expandindo como em um filme em time-lapse de um estrato-cúmulo inclinado e

enviesado surgindo no céu azul-escuro, o vermelho-amarronzado do interior de uma chama de tetróxido de hidrogênio e, pouco visível embaixo dos dois rastros de condensação que surgiam dos foguetes de combustível sólido, o quadrado indistinto em queda da fuselagem dianteira, inclusive a cabine de comando. Nem as imagens mais ampliadas mostraram os detalhes: o cilindro de pressão que era o compartimento da tripulação intacto, queimado do lado direito onde um propulsor de foguete de combustível sólido descontrolado despejou sua chama, caindo, despencando, deixando para trás fios e cabos e pedaços de fuselagem como um cordão umbilical depois do parto. As primeiras imagens não mostraram esses detalhes, mas Colvin os viu, tocou neles depois do impacto destruidor com o mar azul implacável. Havia camadas de cracas pequenininhas crescendo na superfície rompida. Colvin imaginava a escuridão e o frio esperando no final daquela queda; peixes pequenos se alimentando.

— Roger — chamou Steve Cahill —, de onde você tirou seu medo de voar?

Colvin deu de ombros, terminou a vodca.

— Não sei.

No Vietnã (não “Nam”, nem “no interior”), um lugar em que Colvin ainda queria pensar como um lugar e não uma condição, ele voou. Já especialista em cargas moldadas e propulsores, Colvin estava sendo levado para o vale Bong Son, perto da costa, para conferir para uma unidade do Exército da República do Vietnã um carregamento de explosivos plásticos C-4 padrão que não estava explodindo, quando a porca de retenção do rotor principal do Huey se soltou e o helicóptero caiu por oitenta e cinco metros na floresta, rompeu quase trinta metros de vegetação densa e parou de cabeça para baixo preso em trepadeiras a três metros do chão. O piloto quase foi empalado por um galho que rompeu o piso. O crânio do copiloto quebrou o para-brisa. O artilheiro foi jogado longe, quebrou o pescoço e as costas e morreu no dia seguinte. Colvin saiu com um tornozelo torcido.

Colvin olhou para baixo quando eles estavam cruzando Nantucket. Estimava a altitude em dezoito mil pés, e subindo. A altitude de cruzeiro,

ele sabia, seriam trinta e dois mil pés. Bem mais baixo que quarenta e seis mil, principalmente sem o vetor de pressão vertical, mas muita coisa dependia da área de superfície.

Quando Colvin era menino, nos anos 1950, ele viu uma fotografia no “antigo” *National Enquirer* de uma mulher que tinha pulado do Empire State Building e caído no teto de um carro. As pernas estavam cruzadas quase casualmente nos tornozelos; havia um buraco no dedão de uma das meias de náilon. O teto do carro foi esmagado, se curvou para dentro, quase como um colchão de penas de ganso que se modela ao peso da pessoa. A cabeça da mulher parecia afundada em um travesseiro macio.

Colvin digitou na calculadora. Uma mulher pulando do Empire State Building cairia por quase catorze segundos até atingir o chão. Alguém caindo em uma caixa de metal a quarenta e seis mil pés despencaria por dois minutos e quarenta e cinco segundos antes de bater na água.

Em que ela pensou? Em que eles pensaram?

*A maioria das músicas e clipes de rock populares têm quase três minutos*, pensou Colvin. É um bom período; não é longo demais, a ponto de alguém ficar entediado, mas é longo o suficiente para se contar uma história completa.

— Estamos muito felizes de você estar conosco — repetiu Bill Montgomery.

— Droga — sussurrara Bill Montgomery para Colvin do lado de fora da sala de teleconferência da empresa, vinte e sete meses antes —, você está conosco ou contra nós?

Uma teleconferência era como uma sessão mediúnica. O grupo se sentava em uma sala escurecida a centenas ou milhares de quilômetros de distância e se comunicava com vozes que vinham do além.

— Bom, essa é a situação do tempo aqui — disse a voz do Kennedy Space Center. — O que vai ser?

— Nós vimos as coisas que vocês mandaram por fax — disse a voz de Marshall —, mas ainda não entendo por que devemos considerar

cancelar tudo por causa de uma anomalia tão pequena. Vocês nos garantiram que esse negócio era tão seguro que era praticamente à prova de chutes.

Phil McGuire, o engenheiro-chefe da equipe de projeto de Colvin, se remexeu na cadeira e falou alto demais. Os quatro telefones interligados tinham alto-falantes próximos de cada cadeira e captavam os tons mais baixos.

— Você *não* entende, não é? — McGuire quase gritou. — É a *combinação* das temperaturas baixas e da probabilidade de atividade elétrica naquela camada de nuvens que causa os problemas. Nos últimos cinco voos houve três eventos transitórios nos condutores que vão das cargas lineares dos propulsores até as antenas de comando da segurança de alcance.

— Eventos transitórios — disse a voz do Kennedy Space Center —, mas dentro de parâmetros de certificação de voo?

— Bem... sim — respondeu McGuire, que parecia à beira das lágrimas. — Mas está dentro dos parâmetros porque sempre assinamos papéis e reescrevemos os malditos parâmetros. Só não *sabemos* por que as cargas lineares dos propulsores e do tanque externo do C-12B registram um fluxo de corrente transitória quando nenhum comando foi transmitido. Roger acha que talvez os condutores de habilitação LSC, ou o próprio complexo C-12, permitam que a descarga de energia estática acidentalmente dispare um sinal de comando... Ah, droga, *explica* pra eles, Roger.

— Sr. Colvin? — disse a voz de Marshall.

Colvin pigarreou.

— É isso que estamos vigiando há um tempo. Os dados preliminares sugerem que temperaturas abaixo de dois graus Celsius negativos permitem que o resíduo de óxido de zinco no C-12B se acumule e conduza um sinal de comando falso... se houver energia estática suficiente... em teoria...

— Mas ainda não há dados sólidos sobre esse evento? — perguntou a voz de Marshall.

— Não — respondeu Colvin.

— E você assinou a cláusula Crítica Um que garantia que os últimos três voos estavam em condições de lançamento?

— Sim.

— Bem — disse a voz do Kennedy Space Center —, nós falamos com os engenheiros de Beaunet-HCS, que tal termos recomendações da gerência de lá?

Bill Montgomery tinha pedido uma pausa de cinco minutos, e a equipe de gerência se reuniu no corredor.

— Droga, Roger, você está conosco ou contra nós?

Colvin desviou o olhar.

— Estou falando sério — disse Montgomery com rispidez. — A divisão LSC gerou a esta empresa um *lucro* de duzentos e quinze milhões de dólares este ano, e seu trabalho foi parte crucial desse sucesso, Roger. Agora você parece pronto para jogar no lixo umas leituras de telemetria bem transitórias que não querem dizer *nada* em comparação ao trabalho que fizemos nesta equipe. Uma vaga de vice-presidente vai abrir em alguns meses, Roger. Não arrisque suas chances perdendo a cabeça como aquele histérico do McGuire.

— Prontos? — perguntou a voz do Kennedy Space Center quando cinco minutos tinham se passado.

— Pronto — disse o vice-presidente Bill Montgomery.

— Pronto — disse o vice-presidente Larry Miller.

— Pronto — disse o vice-presidente Steve Cahill.

— Pronto — disse o gerente de projeto Tom Weiscott.

— Pronto — disse o gerente de projeto Roger Colvin.

— Ótimo — disse o Kennedy Space Center. — Vou passar a recomendação adiante. Pena que vocês não estarão aqui para assistir ao

lançamento amanhã.

Colvin virou a cabeça quando Bill Montgomery o chamou do lado dele da cabine:

— Ei, acho que estou vendo Long Island.

— Bill — disse Colvin —, quanto a empresa lucrou este ano com o redesign do C-12B?

Montgomery tomou um gole e esticou as pernas no interior espaçoso do Gulfstream.

— Uns quatrocentos milhões, eu acho, Rog. Por quê?

— E a Agência alguma vez pensou seriamente em procurar outra empresa depois do... depois?

— Merda — disse Tom Weiscott —, para onde mais iriam? Nós os seguramos pelos cabelos. Eles pensaram nisso por alguns meses, mas voltaram rastejando. Você é o melhor designer de dispositivos de segurança de alcance moldados e de hipergólicos sólidos do país, Rog.

Colvin assentiu, trabalhou com a calculadora por um minuto e fechou os olhos.

A barra de aço se fechou no colo dele e o carrinho em que estava foi subindo mais e mais. O ar ficou frio e rarefeito, o ruído das rodas nos trilhos virando um grito agudo quando a montanha-russa passou da marca dos catorze quilômetros.

Em caso de perda de pressão na cabine, máscaras de oxigênio cairão do teto. Prendam-nas com firmeza em volta da boca e do nariz e respirem normalmente.

Colvin espiou à frente, para a subida terrível da montanha-russa, sentindo o cume da subida e o vazio que se seguiria.

As pequenas combinações de tanque de ar e máscara se chamavam PEAP — Personal Egress Air Packs. Os PEAPs de quatro dos cinco tripulantes foram recuperados do fundo do mar. Todos tinham sido ativados. Dois minutos e quarenta e cinco segundos de cada fornecimento de ar de cinco minutos tinham sido usados.

Colvin viu o cume da primeira subida da montanha-russa chegar.

Houve um ruído metálico e um sacolejo quando a montanha-russa passou pelo alto. As pessoas nos carros atrás de Colvin gritaram e continuaram gritando. Colvin foi jogado para a frente e segurou a barra de segurança quando a montanha-russa caiu em catorze quilômetros de nada. Ele abriu os olhos. Um único vislumbre pelas janelas revelou que as linhas finas das cargas moldadas que ele tinha colocado lá haviam removido toda a asa de bombordo cirurgicamente. A taxa de queda sugeria que um pedaço grande o bastante da asa de estibordo havia permanecido para oferecer a área de superfície necessária para manter a velocidade final um pouco abaixo do máximo. Dois minutos e quarenta e cinco segundos, com margem de quatro segundos a mais ou a menos.

Colvin pegou a calculadora, mas tinha saído voando pela cabine e colidido com garrafas, copos, almofadas e corpos que não estavam presos com segurança. A gritaria só aumentava.

Dois minutos e quarenta e cinco segundos. Tempo para pensar em muitas coisas. E talvez, só talvez, depois de dois anos e meio de pesadelos, talvez houvesse tempo para um cochilo rápido sem sonho nenhum. Colvin fechou os olhos.





# DIABLITOS

Cody Goodfellow

O que é pior do que ser parado na alfândega de um país sul-americano enquanto tenta transportar contrabando? Que tal ficar preso em um 727 a trinta mil pés de altitude com um artefato vivo e infernal roubado na sua mala de mão? Nesta história, Ryan Rayburn III enfrenta as duas coisas. Cody Goodfellow é um mistério. Ele realmente estudou literatura na UCLA? Mora mesmo em Burbank? Já ganhou a vida como “compositor medíocre de trilha sonora de vídeos pornográficos”? Talvez algumas dessas coisas sejam reais, talvez todas, talvez nenhuma. Mas duas coisas são certas: ele sabe botar medo, e você vai agradecer a Deus por Ryan Rayburn não estar sentado ao seu lado no avião.

Invisível e invencível, Ryan Rayburn III não demonstrou preocupação quando passou pela segurança e pelo controle de passaportes do Aeroporto Guanacaste, em Nicoya, um turista americano tranquilo até o momento em que o tiraram da fila de embarque, o levaram para trás da tela e o mandaram abrir a bolsa.

Sorrindo inocentemente, ele mostrou o cartão de embarque, o formulário de declaração e o passaporte para o constrangido agente da alfândega. *Não é nada de mais, você só está fazendo seu trabalho.* Nenhum dos outros passageiros olhou na direção dele. A revista deveria ser aleatória, mas ele era um homem branco viajando sozinho. Provavelmente não explodiria o avião, mas havia boas chances de estar transportando contrabando, talvez fosse até mula com *las drogas...*

Aquela não era uma república das bananas onde turistas desapareciam. A Costa Rica era quase uma civilização — na verdade, era melhor ainda, considerando que não tinham um exército e só uma “patrulha de segurança” no lugar da polícia estadual. Mas *la mordida* ainda era rei. Ryan olhou ao redor buscando um supervisor ou uma câmera, sorriu indiferente e tirou cinco notas de vinte dólares da doleira. O

agente da alfândega botou um par de luvas de borracha azuis antes de começar a autópsia na mala de mão de Ryan.

Guanacaste era um pouco mais chique do que a maioria dos aeroportos modernos da América Latina, mas ainda parecia o cenário de um filme barato de ficção científica dos anos 1970 passado em uma prisão futurista. Havia placas em todas as partes tentando constranger viajantes com imagens de prisioneiros encapuzados e algemados com balões de pensamento atormentados: *Por que tentei fazer contrabando?*

Lábio superior firme. Não tente sorrir nem conversar. Não faça o trabalho deles por eles. Os idiotas que pegavam sempre irradiavam a culpa em ondas sinistras e tóxicas que matariam um canário. Ryan não estava fazendo nada de errado. A verificação de segurança nem sabia o que estava vendo, e mesmo que aquele cara soubesse, não valia a pena atrasar o voo. Ele não estava contrabandeando drogas ou armas. Era só mais um turista levando suvenires para casa.

O agente da alfândega tirou roupas, equipamentos de fotografia e itens de higiene pessoal com a delicadeza estranha de um criado arrumando um piquenique. Ele esvaziou a mala, puxou o forro e abriu o zíper do fundo falso.

— É só um souvenir, senhor. — Ryan engoliu em seco como se estivesse respirando por uma toalha molhada. — Há algum problema? Eu comprei em uma loja de suvenires...

O agente da alfândega não lhe deu atenção. Só olhou dentro da mala de Ryan com as mãos apoiadas na mesa de aço inoxidável surrada. Em seguida, tossiu.

Ryan olhou ao redor, balançou o dinheiro que tinha na mão e o empurrou para o agente. Um fluxo regular de passageiros passou pelo detector de metais na direção do portão de embarque.

— Meu voo sai em dez minutos, amigo.

Ainda tossindo, o agente alfandegário largou os documentos de viagem de Ryan e fez sinal para ele ir como se ele fosse uma nuvem de mosquitos. Jorros de muco voaram em volta do punho fechado.

Ryan botou as coisas na mala apressadamente e guardou o dinheiro, então se virou para subir por uma escada rolante quebrada e seguir por um terminal comprido e mal iluminado até o portão de embarque. Demorou até perceber que seus documentos estavam grudentos de saliva e pontinhos de sangue.

*Meu Deus, que segurança... Tenta dar uma dura e acaba passando tuberculose.* Não era engraçado, mas ele teve que rir, senão daria um grito. Estavam com ele na mão, o pegaram no flagra. A expressão nos olhos do agente quando abriu o fundo falso, antes de começar a passar mal... A pele ficou de um tom doentio, e seus olhos praticamente caíram da cara ao ver a coisa na bolsa de roupa suja. O filho da mãe sabia o que era aquilo. *Sabia*, mas não disse nada, nem tocou no dinheiro.

Se havia algo no mundo capaz de levar Ryan a fazer o sinal da cruz e dizer uma oração, era a coisa que havia na bolsa, mas não por acreditar em magia. Contrabandear um quilo de pó colombiano puro poderia render trinta mil dólares antes de ser alterado. Por aquele um quilo de madeira entalhada na bolsa, Ryan poderia receber o dobro dessa quantia, mas, se fosse pego ali, a extradição e uma sentença federal nos Estados Unidos seria o melhor que ele poderia desejar.

Ryan Rayburn III nunca tomava a iniciativa; ele jogava a isca e esperava que o procurassem. Acabou com o fundo fiduciário fazendo bacharelado em história da arte e gastou o que restava da boa vontade dos pais viajando pela América do Sul em vez de arrumar um emprego. Depois de três anos de desventuras e descobertas difíceis nos cantos mais escuros da Terra, ele finalmente aprendeu a lição que seus pais tentaram lhe ensinar em Palo Alto. Ser pobre era horrível.

Depois que voltou à Califórnia, Ryan tentou converter o diploma nada prático em uma carreira. Percorreu as galerias de arte e começou a procurar contatos de colecionadores particulares e acabou tropeçando no caldeirão da subcultura de apaixonados por artefatos pré-colombianos. Ele fazia viagens de compras do México à Terra do Fogo, cortando camadas de intermediários, até ter mais de dez milionários da era da internet na lista de clientes. Metade das antiguidades em museus sul-americanos era falsa, e os arqueólogos trabalhavam em segredo para manter os saqueadores

longe. A ONU e a alfândega americana tinham descoberto várias redes que operavam em Palo Alto e Stanford, mas Ryan não transitava por círculos proeminentes. Seus clientes não exibiam os troféus do seu roubo de túmulo em bailes de caridade, e ele não trabalhava com o lixo que aparecia na *National Geographic*.

Os Xorocuas viviam nos vales alpinos altos da Cordilheira de Talamanca, a menos de trezentos e cinquenta quilômetros da capital e a um dia de caminhada da estrada mais próxima. Acreditava-se inicialmente que eles eram uma tribo virgem da Idade da Pedra até 1950, quando foram documentados por um fotógrafo do Smithsonian.

Suas fotografias do ritual de colheita dos Xorocuas contavam uma história trágica de contato anterior entranhada na cerimônia bizarra. Um homem com uma fantasia rudimentar de touro corria pelas cabanas do vilarejo a noite toda até antes do amanhecer, quando uma procissão de espíritos guardiões mascarados chegava para derrotar o touro cuspidendo sangue nele até que enfraquecesse e morresse. Os espíritos guardiões, chamados “diabinhos”, ou *diablitos*, pareciam duendes, espíritos feéricos de proteção contra a ameaça dos colonizadores espanhóis, que deviam ter dizimado a população com doenças e feito os sobreviventes fugirem para as florestas altas mais remotas de Talamanca.

Os Xorocuas eram primitivos por qualquer padrão, lutando por tanto tempo e com tanto esforço para suprir suas necessidades mais básicas que não sobrara tempo para elaborar qualquer tesouro cultural. Sua saudação para estranhos era um pedido formalizado por comida. Mas as máscaras do festival da colheita nas fotografias foram uma revelação.

Cada máscara era “pintada com a boca” — com um jato de tinta soprada por um caniço — em cores fortes e desenhos elaborados que mais pareciam runas do que formas abstratas. Apesar da rejeição hostil ao mundo externo, as máscaras Xorocuas despertaram um frenesi entre colecionadores nos anos 1970. Em 1982, o último Xorocua morreu de gripe. Mas as tribos vizinhas ainda temiam as máscaras.

Sem análogas na região, elas eram mais estranhas e elaboradas e temíveis do que qualquer deidade maia ou asteca, quase polinésias na fusão entre características humanas, de insetos, flores e outros animais, e

imbuídas de uma malevolência selvagem que fazia a mais severa das gárgulas parecer um Ursinho Carinhoso.

Pelo que conseguiu encontrar em material impresso, ele concluiu que eram uma variação perversa do povo feérico latino-americano conhecido como “duendes”. A palavra vinha do espanhol *duenos*, ou donos, porque eles eram os verdadeiros donos de qualquer habitat que compartilhavam com os humanos. Mas o nome espanhol das tribos vizinhas para eles, e também para os próprios Xorocuas, era mais adequado para espíritos que nunca eram vistos, mas muito temidos: *diablitos*, ou “diabinhos”.

Ryan tinha obtido alguns amuletos funerários moche incríveis em uma viagem pela Colômbia e pelo Peru e os enviou para seu contato na Califórnia. Ele voou para a Cidade do Panamá, dirigiu um jipe até a Cordilheira de Talamanca só para andar até Cerro La Muerte e relaxar. Não esperava encontrar nenhum resquício dos Xorocuas nos museus rudimentares e armadilhas de turistas nos vilarejos anônimos das montanhas, e não encontrou mesmo. Só falsificações, imitações de madeira de barco pintadas de qualquer jeito com tinta acrílica por caipiras *mestizo* que sabiam menos sobre os Xorocuas do que os clientes mais burros de Ryan.

Ryan Rayburn III nunca chegou a lugar nenhum forçando o sucesso. Nesse caminho só havia loucura e úlceras; era só perguntar ao Ryan II e ao Ryan I. Ele simplesmente deixava as coisas boas gravitarem até ele, como sempre acontecia. Uma mulher idosa cega em frente a uma cabana com um cooler cheio de Fanta quente fez um gesto estranho e tossiu quando ele perguntou à neta dela sobre os Xorocuas. Tossiu nos dedos tortos pela artrite e abriu a mão, e uma borboleta vermelha levantou voo.

A garota ficou muda, mas enquanto bebia a terceira Fanta, Ryan xeretou o complexo. Todos os homens tinham saído para caçar ou cortar madeira, e ninguém o viu além de um garoto nu cujos testículos ainda não tinham descido. As cabanas ficavam reunidas em um octógono em volta de um poço, ao lado de um ídolo de pedra-sabão na altura da cintura, gasto e maltratado pelo tempo a ponto de suas feições entalhadas serem marcas vagas na pedra.

Ryan quase gritou e jogou o refrigerante no ar. Era um vilarejo Xorocua, ou a recriação de um, o que era bem improvável. Muitas tribos da região enterravam os mortos embaixo de casa e se mudavam para longe. O local de uma extinção tribal era como uma Chernobyl da Idade da Pedra.

A idosa cega apareceu nessa hora e vendeu a máscara para ele por duzentos dólares. Era o que diria a qualquer um que perguntasse. Tinha repetido a história para si mesmo tantas vezes que estava a ponto de acreditar. O que realmente aconteceu não foi a pior coisa que ele já tinha feito, mas não havia sentido em revivê-la.

A máscara era autêntica. Parecia pesar uns cinquenta quilos, mas era entalhada em uma macia madeira roxa e preta não identificada, mais leve do que a água. As tintas eram pigmentos indígenas; o azul derivava do *azul mata*, o dourado pálido líquido extraído da casca da cebola, o laranja intenso da fruta achiote, o violeta extraído das glândulas de um molusco em risco de extinção chamado *munice*. O toque inesperado de vermelho no interior da máscara não parecia acidente, e sim uma assinatura selvagem que provavelmente só aumentaria o valor do objeto.

Ele tinha um comprador esperando; dois, na verdade, ambos competidores ferozes. Quando seu avião tocasse o solo no aeroporto LAX, conseguiria vender a máscara por cinquenta mil, talvez o dobro, se a guardasse por tempo suficiente para alguns boatos espalhados discretamente deflagrarem uma guerra de lances.

A funcionária exausta no portão de embarque abriu a porta para ele sem verificar os documentos. Sair para a pista foi como entrar em um redemoinho de respiração de animais. A floresta envolvia a pista por todos os lados como muros de fogo esmeralda. O Pura Vida Air 727 esperava os últimos passageiros subirem a escada e entrarem na aeronave.

O voo estava ocupado pela metade. Tinha uns cinquenta passageiros, e dois terços eram americanos. A maioria já tinha apagado a luz e tentava dormir, encolhida embaixo de cobertores finos de náilon com a cabeça em travesseiros de papel reciclado.

Ele gemeu quando encontrou seu lugar. Era o 11A, na janela, logo depois da asa, ao lado de um barbudo caucasiano de cabelo comprido e de uma senhora asiática gorducha mexendo na ventilação defeituosa no teto. Animado de um jeito preocupante, o homem se levantou para deixá-lo passar para o assento da janela e se apresentou como Dan e sua esposa como Lori.

— Precisa de alguma coisa para ler? — perguntou ele, oferecendo um livro. — Eu mesmo escrevi.

— Pare de incomodar as pessoas, querido — murmurou a esposa.

Ryan fez que não com a cabeça e se acomodou nos assentos vazios do outro lado do corredor.

A comissária começou a pantomina de emergência pré-voo, mostrando as máscaras e as saídas de emergência em sincronia com a gravação chiada em espanhol quando o último passageiro veio tropeçando pelo corredor estreito e quase se sentou na mala dele.

Ryan tirou a mala a tempo de não ser esmagada pela enorme bunda da pessoa. Já ia dizer “Cuidado por onde anda, idiota” quando viu a bengala branca na mão da mulher gorda e velha.

Todo o corpo de Ryan ficou rígido. Ele foi para a janela, e se estivesse sentado ao lado de uma das saídas de emergência, talvez puxasse a alavanca e pulasse na asa.

Ele levantou um braço para se proteger, e tentou sair de onde estava. A mulher cega tentou alcançar a comissária que a guiara até o assento, esbarrou no braço do 11C e esticou a mão para se segurar antes de cair nos braços dele.

Olhando melhor, sua companheira de assento era só uma garota, talvez treze anos, com um rosto comprido de cavalo e marcas horríveis de acne. Os olhos dela eram arregalados como lâmpadas desenroscadas. As pupilas rolaram para cima para olhar o teto, meio obscurecidas por pálpebras pesadas e sonolentas. A bengala branca bateu e cutucou os tornozelos dele.

Ele levou um segundo para recuperar o fôlego e mais alguns para reorganizar os pensamentos. Com tantos assentos vazios, por que a colocariam ao lado dele? Um jovem americano viajando sozinho sentado ao lado de uma garota estrangeira cega era pedir confusão.

— Não tem outros assentos vagos no avião?

A comissária voltou ao começo do corredor para acompanhar o final das instruções de segurança.

Talvez fosse surda, além de cega, ou talvez não entendesse espanhol, mas a garota apenas se sentou no 11D com os joelhos unidos e uma bolsa de artesanato local presa nos braços.

O avião deu ré e taxiou na pista com uma velocidade vertiginosa que fez Ryan se perguntar quem era o piloto. Talvez a garota cega pudesse ir ao cockpit ajudar.

As turbinas estavam ganhando força quando Ryan reparou que ela não tinha colocado o cinto de segurança.

— *Señorita*, seu cinto deveria estar fechado...

Ela se balançou de leve, mas não respondeu. Havia um pequeno crucifixo e um terço de plástico que brilhava no escuro nas mãos dela, que o levava com frequência aos lábios carnudos e rachados.

A comissária estava sentada e com o cinto afivelado. Aparentemente, aquilo era responsabilidade dele. *Pelo dever e pela humanidade*, pensou ele quando esticou a mão para colocar o cinto da garota.

— Me permita ajudar...

As mãos dela prenderam as dele como um torno suado e trêmulo. Ela gritou como se ele a tivesse acordado de um sono profundo e estivesse sendo apalpada, os olhos vazios o encarando como se pudesse ver seu rosto flutuando na escuridão perpétua.

Ele soltou as mãos e tentou acalmá-la sem tocar nela de novo, mas não adiantou. Ela não parecia ouviu ou entender, e já estava em pânico por causa do voo e de ser apalpada por um estranho. Com um pouco de



vergonha, ele olhou ao redor, mas ninguém parecia ter reparado. O uivo crescente dos motores sufocou seus gritos, e o movimento súbito de aceleração os jogou contra o assento.

Quando o trem de pouso foi recolhido e o avião ficou na horizontal, ela voltou à oração silenciosa. Ryan virou o rosto para a parede e enrolou o moletom para formar um travesseiro. Do lado de fora, uma luz vermelha piscava na asa, e dançou e sangrou com as gotas de água no vidro. A pequena cidade costeira foi engolida por neblina, como pipas gigantes presas em árvores. Só algumas luzes isoladas que poderiam ser navios no mar testemunhavam que a cidade da qual ele tinha acabado de escapar ainda estava lá embaixo.

Ryan era um viajante experiente. Conseguia dormir em qualquer lugar, em qualquer circunstância. Ele prendeu a mala no chão com as pernas e tentou esvaziar a mente. Mas demorou um tempo, porque toda vez que ele sentia que estava resvalando para o sono, a garota cega tossia alto.

Sua mente ficava voltando para a máscara. O agente alfandegário tinha começado a tossir sangue quando a viu, mas o deixou passar. Era uma coincidência maluca? Os Xorocuas foram exterminados por uma doença, então fazia sentido que o folclore deles inventasse espíritos mágicos para proteção ou vingança, mas não tinha adiantado porra nenhuma... Eles foram dizimados, a religião estranha e triste era só uma nota de rodapé em um livro de antropologia que fascinava milionários que precisavam de deuses pagãos sedentos de sangue como parceiros de pôquer. Seriam as máscaras algum tipo de vetor que espalhava um vírus? Isso faria sentido se ele tivesse ficado doente, mas fora as alergias e os incômodos tropicais usuais, sentia-se bem. E não acreditava em maldições, a não ser que incluíssem a pobreza.

Eles estavam voando a trinta mil pés quando Ryan concluiu que não dormiria e decidiu se dedicar a encher a cara. Ele esfregou os olhos com a base das mãos por um tempo. Talvez devesse tentar pedir desculpas para a garota cega ou, melhor ainda, mudar de assento. Ele se virou para olhar para ela e se viu cara a cara com a máscara Xorocua.

Ela a estava usando. O branco dos olhos vazios cintilava nas aberturas feitas na parte superior saliente e sarapintada de marrom. Cada parte do rosto anguloso era pintado de uma estampa diferente de animal, como se para juntar todas as vidas da selva na face vingativa. Mas agora, no rosto da garota cega, ganhou vida.

Os chifres estilizados e ramificados se projetando do maxilar e das têmporas brilhavam em azul-cobalto, como as chamas de um queimador de gás. As presas entrelaçadas na boca zangada deslizaram como as partes de uma tranca, e uma torrente de sangue preto e rançoso voou por cima dos lábios repuxados e manchou a frente da camisa dele.

Ryan pulou e bateu a cabeça no compartimento de bagagem, depois caiu de volta no assento. O sangue que jorrou nele era frio e grudento e cheio de coisas que se retorciam e rastejavam e que desapareceram embaixo da sua roupa antes que ele pudesse se livrar delas. Seus gritos não foram ouvidos pelos outros passageiros. Os braços ossudos da garota cega bloqueavam sua fuga. Ela chegou mais perto, ainda tossindo jatos de sangue infestado, e ele foi encharcado e estava se afogando quando levantou as mãos para arrancar a máscara da cara dela.

Ela saiu com o som de pregos enferrujados sendo arrancados de madeira podre. Parte da cara dela veio junto, e a garota o esmagou contra a parede do avião, a bochecha fria e grudenta contra o peito dele.

Talvez ele tenha gritado quando acordou. Seu rosto estava grudado na janela fria. Todas as outras partes do corpo estavam cobertas de suor. Ele estava tão grogue quanto se tivesse tomado dois zolpidem junto com algumas doses de tequila.

Lenta e deliberadamente, ele se virou e olhou para a garota cega. Ela estava sentada ereta no assento, a cabeça inclinada para trás no encosto da poltrona, a respiração cadenciada parecendo um encanamento gorgolejando com um entupimento horrível.

A mesa dela estava aberta, e havia um copo de isopor pela metade ao lado de um saco de alumínio com algum tipo de fruta em conserva, e o terço de contas de plástico brilhava como plutônio na escuridão azul. O serviço de bebidas passou quando ele estava dormindo.

O vestido dela era de algodão, ricamente bordado com borboletas e pássaros extravagantes. Enquanto a observava, lutando contra a vontade de se beliscar, ela foi tomada de um acesso de tosse úmida e vermelha. *Que se foda*, pensou ele, e pegou a mala. Depois de tirar com cuidado o lixo da mesinha dela, ele a fechou no encosto do assento 10C e abriu o cinto.

A cabine estava mais quente do que a porra do Yucatan. Seus ouvidos latejavam, como sempre acontecia quando estava voando, mas parecia que ele estava no fundo do mar, não deslizando pela atmosfera superior. A única luz vinha das faixas de fibra ótica no piso do corredor e de algumas poucas lâmpadas acima de passageiros cochilando com laptops abertos ou lendo com Kindles e fones nos ouvidos.

Movendo um membro de cada vez com concentração total, ele se levantou e passou uma perna por cima dos joelhos da garota para botar um pé no corredor. Era um bom plano, e ele foi muito cuidadoso, mas seu pé escorregou em alguma coisa e ele deslizou com as pernas abertas com um gritinho sufocado.

Os joelhos da garota machucaram sua bunda. Ele se preparou para a gritaria e para os punhos, mas nada aconteceu. A garota tossiu com tanta força que ele sentiu a intensidade do hálito expelido na camisa. Lutando contra o pânico, Ryan pulou por cima dela para o corredor, arrastando a mala e a puxando por cima da cabeça adormecida da passageira do 10C, uma mãe gorda com buço farto e dois garotos se contorcendo no colo.

Ele devia ter dormido umas duas horas. O avião sacudi em áreas de turbulência em algum lugar acima do México. O corredor estava vazio, exceto por dois copos rolando em círculos com a subida e descida do avião. A comissária não estava por perto.

Ryan avançou depressa pelo corredor, tentando não esbarrar nos braços e nas pernas dos outros passageiros. A última fileira de assentos antes do banheiro estava vazia, e ele foi para lá como um bêbado enjoado em um barco.

O avião mergulhou de forma alarmante quando ele chegou nos assentos e se sentou. Seu coração estava disparado, os músculos tremendo com jorros de adrenalina. Sua mala parecia não pesar nada quando a

colocou no assento perto da janela. Puta merda, ele estava tenso. Precisava de uma bebida. Talvez a comissária o deixasse comprar uma garrafa de alguma coisa mais forte. Porra, talvez até bebesse com ele. Ele merecia uma coisa boa depois do que tinha passado.

Ele puxou a mala contra o quadril. Não pesava nada porque estava vazia.

Ryan foi tomado pelo choque. Abriu o zíper, enfiou a mão na mala e se viu olhando para a mão de novo quando ela saiu pelo buraco rasgado no fundo. Só dois pares de meias enroladas e umas cuecas tinham ficado na bolsa, e estavam molhados, colados em uma pasta preta grudenta. O buraco não era só um corte no tecido reforçado de náilon. Era uma porra de um buraco circular, como se o material tivesse sido dissolvido... ou mastigado.

— Porra! — xingou ele entredentes, olhando pelo corredor para o que parecia uma venda de garagem com todos os seus pertences espalhados até seu assento antigo. Por fim, sua mão encontrou uma coisa mais sólida, que ele agarrou com um gemido agradecido, mas era só um kit de barbear.

Ele sentiu olhos o acompanhando e a sensação inconfundível de alguém rindo da situação dele, mas todos os rostos estavam virados para a frente, encostados no ombro do vizinho ou recostados com a boca aberta.

O barulho dos motores pareceu diminuir, o avião pareceu se inclinar e os copos no corredor rolaram para a frente. Eles já estavam pousando?

Finalmente, ele chegou ao assento antigo. Dan e Lori estavam dormindo. O tapete estava úmido em volta da garota cega do 11D devido a algum fluido. Ela devia ter vomitado, pensou ele com nojo, ou molhado a calça. A máscara não estava no corredor, então devia ter caído embaixo do assento quando ele fugiu. De lá, podia ter rolado com a turbulência, podia estar em qualquer parte do maldito avião. Não havia mais nada a fazer além de procurar.

Ryan se ajoelhou ao lado da garota cega. O avião se inclinou para a frente e o jogou no chão. Ele esticou a mão para proteger a cabeça e foi

atingido no olho pelo braço da poltrona. Caiu no chão e estava rindo de seu jeito estabonado quando alguma coisa o perfurou.

Uma explosão de pura dor foi gerada por seu peso caindo sobre a perna direita, logo embaixo da patela, até ela sair pela carne macia entre os filetes de tendão e músculos na parte de trás do joelho.

Doeu mais do que qualquer coisa que ele já tivesse sentido, isso até tentar esticar a perna, e a coisa que invadiu o mecanismo delicado do seu joelho se quebrar dentro dele e a dor se tornar seu mundo.

Uivando, Ryan se encolheu no chão, abraçando o joelho perfurado contra o peito. Ele gritou sem parar, mas nem passou por sua cabeça como era estranho que, mesmo com tanta gritaria, ninguém no avião reagisse.

Ele esticou a mão na direção do casal na 11B e C e puxou o cobertor, o que fez o livro de Dan cair. Eles bateram a cabeça, e o marido caiu em cima da mesinha. Um filete vermelho-escuro escorreu da narina esquerda, da qual saía a ponta de um mexedor de café. A esposa arrotou, e uma coisa saiu da boca aberta, uma massa vermelha banhada de sangue arterial.

Um gemido escapou por seus lábios frouxos. Ryan se balançou para trás sobre a perna e sentiu uma nova pontada de agonia. Sua perna direita tinha sido perfurada por uma faca. Ao puxar a perna da calça jeans, ele viu um cabo branco de plástico saindo do ferimento na depressão logo abaixo da patela.

Uma onda de náusea ameaçou fazê-lo desmaiar quando olhou, mas a pura descrença fez com que ele não conseguisse desviar os olhos. Tinha sido atacado com uma faca de plástico. A ponta saía pelo outro lado, raspada ou mastigada, mas afiada como um bisturi.

Ele se virou e acertou a garota cega com a mão, na esperança de fazê-la gritar como um alarme de incêndio, mas ela só caiu por cima do braço da poltrona e bateu o crânio comprido e oco na testa de Ryan. A boca estava aberta, os lábios sujos de manchas vermelhas que combinavam com a lama onde ele estava sentado. A pele estava fria como mármore, os membros frouxos e inertes como os de uma boneca, mas ela tremeu junto a ele, sacudida por uma série de tosses pós-morte.

Eles saíram da boca da garota. Com a tosse forte, eles rastejaram pelos lábios e desceram pela várzea funda do colo para olhar para ele pelo braço da poltrona.

Pareciam besouros ou bichos-pau, com os tórax anelados e membros afunilados no exoesqueleto. Os corpos se apropriavam promiscuamente de elementos de insetos, répteis e anfíbios, mas os rostos horrendos eram (ou estavam escondidos por trás de) miniaturas de máscaras de colheita Xorocua.

O mais alto não tinha nem vinte centímetros de altura, mas, olhando para Ryan de cima da poltrona, eles detinham o poder.

Ryan se arrastou para trás pelo corredor na direção do cockpit. Para todo lugar que olhava, ele os via em cima dos corpos, encarando-o dos apoios de cabeça. Ele passou pela mãe com os filhos, inchada e roxa de asfixia, e por um homem de negócios caído por cima do laptop, com canetas esferográficas enfiadas nos olhos destruídos, e também pela comissária, com o gargalo quebrado de uma garrafa de cerveja Imperial criando uma nova boca no pescoço dela. Ryan se arrastou para trás até o volume sólido e reforçado da porta do cockpit o fazer parar.

Todo mundo no avião estava morto, mas cockpits eram como cofres de banco. Ele bateu na porta, gritando para que abrissem antes que ele morresse, alguma coisa tinha matado todo mundo no avião, mas não era ele, ele era inocente e não merecia morrer...

— *Senhoras e senhores, agradecemos por voarem Pura Vida Air e pedimos que esperem até o avião ter parado completamente para ligar os celulares ou tentar pegar sua bagagem...*

Era uma voz calma, quase sonolenta, tranquilizadora... e pré-gravada. Eles só chegariam a Los Angeles em uma hora.

A porta permaneceu fechada. A tripulação do outro lado também devia estar morta, ou talvez não soubesse o que estava acontecendo. Ele se virou para procurar um telefone.

A escuridão pulou dos assentos para o corredor e veio na direção dele como uma colônia de formigas. Ele bateu na porta, gritando, mas não

o mataram.

Queriam que ele pegasse a máscara. Levaram-na até ele e a deixaram no chão.

Queriam que ele a colocasse.

O avião tremeu quando o trem de pouso foi liberado no vento. A cabine ainda era uma caverna escura, mas o feio brilho âmbar de Tijuana entrou pelas janelas como um mictório público transbordando.

Encolhido contra a porta, ele se deu conta lentamente de que não precisava morrer. Atordoadado, Ryan pegou a máscara e a viu tarde demais com novos olhos. Não era um souvenir nem um tesouro, nem mesmo uma máscara.

Era um portal.

O sangue que ele tinha derramado o abriu. Para que eles pudessem sair daquele lugar, o portal só precisava ser aberto de novo. Era simples quando não havia outra escolha além de aceitar.

Ryan levou a máscara ao rosto. A superfície interna dura e áspera o acariciou com farpas que cresceram e se entrelaçaram sob sua pele.

Eles subiram uns nos outros para chegar aos lábios de Ryan. A boca estreita com presas só permitia um de cada vez, e eram muitos. Subiram pelo seu corpo trêmulo e entraram no portão de dentes, mas ele os sentia se empilhando dentro da barriga, inquietos, famintos por confusão, e sentia um mundo novo, frio, sombrio e infinito, dentro de si.

Antes que o último tivesse desaparecido na boca, o 727 tocou o solo com um tremor e deslizou como se a pista fosse um caminho de pedras soltas.

Quando o avião finalmente parou e as luzes da cabine se acenderam, nenhum passageiro se mexeu para ligar o celular ou tentar tirar a bagagem dos compartimentos superiores. Ryan se levantou e bateu novamente na porta do cockpit, mas o que havia do outro lado ficou satisfeito de permanecer lá.

Ele puxou o trinco na porta e girou a roda. Dois carregadores de bagagem encostaram os rostos curiosos na janelinha e bateram no vidro. Ryan sorriu para eles, esquecendo que estava de máscara, e abriu a porta.

Ryan tentou explicar, mas eles não o viram. Caíram de joelhos, engasgados com muco vermelho. Ele passou pelos dois e desceu a escada para se ajoelhar e beijar a pista com a língua preta bifurcada.

Era tão bom, depois de vagar tanto por aí, ter um lar...



# ATAQUE AÉREO

John Varley

John Varley nasceu no Texas e estudou na Michigan State University com bolsa de estudos de National Merit — supostamente porque, das faculdades que ele podia pagar, a MSU era a mais distante do Texas. Há escritores de ficção científica com ideias brilhantes e escritores de ficção científica que são ótimos estilistas de prosa. Varley é um dos poucos sortudos que é as duas coisas. “Ataque aéreo” foi publicado em 1977 (sob o pseudônimo Herb Boehm, um amálgama do nome do meio e do nome de solteira da mãe dele, porque ele tinha outro conto na mesma edição da Asimov) e foi indicado para os prêmios Hugo e Nebula e expandido no livro *Millennium* em 1983, sendo adaptado para o cinema em 1989. Quando começar, você não vai conseguir parar. Portanto, bem-vindo a bordo da companhia aérea Sun-Belt Airlines, voo 128, partindo de Miami a caminho de Nova York. Mas os passageiros podem estar indo para um destino bem diferente.

Acordei com o alarme silencioso vibrando no crânio. Ele só para quando você se senta, e foi o que fiz. Ao meu redor, no alojamento escuro, os integrantes da Equipe de Extração estavam dormindo sozinhos ou em duplas. Eu bocejei, cocei as costelas e bati nas costas peludas de Gene. Ele se virou. Que despedida romântica.

Esfregando os olhos para afastar o sono, estiquei a mão até o chão para pegar minha perna e a conectei. Em seguida, corri pelas fileiras de beliches na direção da Central de Operações.

O quadro brilhava na escuridão. Voo 128 da Sun-Belt Airlines de Miami para Nova York do dia 15 de setembro de 1979. Estávamos procurando esse havia três anos. Eu devia ter ficado feliz, mas quem fica feliz logo depois de acordar?

Liza Boston murmurou quando passou por mim a caminho da Preparação. Respondi e fui atrás. As luzes se acenderam em volta dos espelhos e tateei até chegar em um deles. Atrás de nós, mais três pessoas entraram. Eu me sentei, me conectei e finalmente pude me recostar e fechar os olhos.

Não ficaram fechados por muito tempo. Adrenalina! Eu me senti ereta quando o líquido que uso como sangue foi substituído por líquido energético supercarregado. Olhei ao redor e recebi um monte de sorrisos idiotas. Lá estavam Liza, Pinky e Dave. Perto da parede mais distante, Cristabel já estava girando lentamente na frente do aerógrafo, sendo pintada de caucasiana. Parecia uma boa equipe.

Abri a gaveta e comecei o trabalho preliminar no rosto. Ficava mais difícil a cada vez. Com ou sem transfusão, eu estava com a cara da morte. A orelha direita já tinha caído àquela altura. Eu não conseguia mais fechar os lábios; as gengivas ficavam expostas de forma permanente. Uma semana antes, um dedo tinha caído quando eu estava dormindo. E por que isso importaria, idiota?

Enquanto trabalhava, uma das telas em volta do espelho brilhou. Uma jovem sorridente, loura, sobrancelhas arqueadas, rosto redondo. Bem próxima. A linha embaixo dizia *Mary Katrina Sondergard, nascida em Trenton, Nova Jersey, idade em 1979: 25 anos*. Baby, é seu dia de sorte.

O computador derreteu a pele do rosto dela para me mostrar a estrutura óssea, girou-o, mostrou cortes. Observei as similaridades com meu próprio crânio, reparei nas diferenças. Não era ruim, melhor do que algumas que já me deram.

Peguei uma dentadura que incluía uma leve abertura entre os incisivos superiores. Enchi as bochechas com massa. Lentes de contato caíram do dispensador e eu as coloquei. Plugues nasais alargaram minhas narinas. Não havia necessidade de orelhas; as duas ficariam cobertas pela peruca. Botei uma máscara de plastipele sobre o rosto e tive que esperar um pouco enquanto era absorvida. Demorou um minuto para se moldar à perfeição. Eu sorri para mim mesma. Como era bom ter lábios.

O dispenser estalou e entregou uma peruca loura e uma roupa rosa. A peruca tinha acabado de ser feita. Eu a coloquei, depois a meia-calça.

— Mandy? Recebeu o perfil da Sondergard?

Não levantei o rosto; reconheci a voz.

— Recebi.

— Nós a localizamos perto do aeroporto. Podemos colocar você em posição antes da decolagem, então vai ser nosso coringa.

Eu gemi e olhei para o rosto na tela. Elfreda Baltimore-Louisville, diretora das Equipes Operacionais: rosto sem vida e fendas finas no lugar dos olhos.

O que se pode fazer quando todos os músculos estão mortos?

— Tudo bem.

Não adiantava reclamar.

Ela desligou, e passei mais dois minutos tentando me vestir e manter os olhos nas telas. Decorei nomes e rostos de tripulantes e alguns fatos sobre eles. Em seguida, saí correndo e alcancei os outros. Tempo transcorrido desde o primeiro alarme: doze minutos e sete segundos. Estava na hora.

— Maldita Sun-Belt — reclamou Cristabel, puxando o sutiã.

— Pelo menos se livraram dos saltos — observou Dave.

Um ano antes, estaríamos nos equilibrando pelos corredores em plataformas de sete centímetros. Nós todas usávamos vestidos curtos cor-de-rosa com listras azuis e brancas diagonais na frente, e carregávamos bolsas idênticas. Tive dificuldades para prender o chapeuzinho ridículo na cabeça.

Nós corremos até a sala da Central de Operações escura e fizemos uma fila na frente do portal. As coisas estavam fora das nossas mãos agora. Até o portal estar pronto, só podíamos esperar.

Eu era a primeira, a uma distância curta do portal. Virei-me de costas para ele; me dava vertigem. Concentrei-me então nos gnomos

sentados em frente aos consoles, banhados pelas luzes amarelas vindas das telas. Nenhum deles olhou para mim. Eles não gostam muito de nós. Também não gosto deles.

São todos murchos, magros. Nossas pernas, bundas e seios cheios são uma afronta, um lembrete de que os Extratores comem cinco vezes mais ração para ficarem apresentáveis para a encenação. Enquanto isso, continuamos apodrecendo. Um dia, vou estar sentada em frente a um console. Um dia, vou ser anexada a um console, com minhas entranhas do lado de fora e a única coisa restando do meu corpo sendo o fedor. Que vão todos para o inferno.

Enfiei a arma embaixo de um amontoado de lenços e batons na bolsa. Elfreda estava olhando para mim.

— Onde ela está? — perguntei.

— Quarto de motel. Ficou sozinha das dez da noite até o meio-dia.

O horário do voo era 1h15. Ela se atrasou e teria que correr. Ótimo.

— Você consegue pegá-la no banheiro? Melhor ainda, na banheira?

— Estamos trabalhando nisso.

Ela desenhou um sorriso com a ponta do dedo nos lábios sem vida. Sabia como eu gostava de trabalhar, mas estava me dizendo que nem adiantava reclamar. Mas não fazia mal perguntar. Não há como ficar mais indefeso do que deitado em uma banheira com água até o pescoço.

— Vai! — gritou Elfreda.

Passei pelo portal e as coisas começaram a dar errado.

Eu estava virada para o lado errado, *saindo* pela porta do banheiro e indo para o quarto. Virei-me, e vi Mary Katrina Sondergard pela névoa do portal.

Mas não tinha como alcançá-la sem dar um passo para trás e acabar voltando.

Eu não podia nem atirar sem acertar alguém do outro lado.

Sondergard estava em frente ao espelho, o pior lugar possível. Poucas pessoas se reconhecem rapidamente, mas ela estava olhando diretamente para si mesma. Ela me viu, e seus olhos se arregalaram. Dei um passo para o lado, ficando fora do seu campo de visão.

— Mas o quê... Ei! Quem é... — Reparei na voz dela, que é a coisa mais complicada de acertar.

Achei que Sondergard ficaria mais curiosa do que com medo. Meu palpite estava certo. Ela saiu do banheiro e passou pelo portal como se não estivesse lá, e não estava mesmo, pois só tem um lado. Tinha se enrolado em uma toalha.

— Meu Deus! O que você está fazendo no meu... — As palavras sumiam em momentos assim. Ela sabia que tinha que dizer alguma coisa, mas o quê? *Com licença, mas já não vi você no espelho?*

Eu abri meu melhor sorriso moderado e estiquei a mão.

— Peço perdão pela invasão. Posso explicar. Sabe, eu estou... — Bati na lateral da cabeça dela, e Sondergard cambaleou e caiu com força. A toalha caiu no chão. — ... juntando dinheiro para a faculdade.

Ela começou a se levantar, e eu a acertei embaixo do queixo com meu joelho artificial. Ela ficou no chão.

— Merda de óleo! — resmunguei, esfregando meus dedos machucados.

Mas não havia tempo. Eu me ajoelhei ao lado dela, verifiquei a pulsação.

Ela ficaria bem, mas acho que os dentes da frente ficaram meio frouxos. Parei por um momento. Meu Deus, uma aparência daquelas sem maquiagem e sem prótese! Ela quase partiu meu coração.

Eu a segurei por debaixo dos joelhos e a arrastei até o portal. Ela era um saco de batatas. Alguém enfiou a mão, pegou os pés dela e puxou. *Adeus, amor! Que tal fazer uma longa viagem?*

Eu me sentei na cama alugada para recuperar o fôlego. Havia chaves de carro e cigarros na bolsa, tabaco de verdade, que valia seu peso

em sangue. Acendi seis, concluindo que teria cinco minutos de paz. O quarto se encheu de fumaça adocicada. Não fazem mais assim.

O sedã da Hertz estava no estacionamento do motel. Entrei nele e fui para o aeroporto. Respirei profundamente o ar cheio de hidrocarbonetos. Conseguia ver centenas de metros à frente. A perspectiva quase me deixou tonta, mas eu vivo por esses momentos. Não tem como explicar como é o mundo pré-meck. O sol emitia uma luz amarela forte através da névoa.

Os outros comissários estavam subindo a bordo. Alguns conheciam Sondergard, então não falei muita coisa e aleguei estar de ressaca. Isso gerou boas reações, com muitas gargalhadas de compreensão e comentários maldosos. Evidentemente, combinava com ela. Subimos no 707 e nos preparamos para os patos chegarem.

Tudo parecia ótimo. Os quatro agentes do outro lado eram gêmeos idênticos das mulheres com quem eu estava trabalhando. Não havia nada a fazer além de ser comissária até a hora da decolagem. Eu esperava que não houvesse mais problemas. Inverter um portal para um coringa entrar em um quarto de motel era uma coisa, mas em um 707 a vinte mil pés de altura...

O avião estava quase cheio quando a mulher que Pinky incorporaria fechou a porta dianteira. Taxiamos até o início da pista e subimos. Comecei a receber os pedidos de bebidas.

Os patos eram o grupo de sempre, para 1979. Gordos e petulantes, todos eles, tão alheios a viver em um paraíso quanto um peixe no mar. *O que vocês pensariam, senhoras e senhores, de uma viagem ao futuro? Não? Não posso dizer que esteja surpresa. E se eu contasse que este avião vai...*

Meu braço apitou quando chegamos a altitude de cruzeiro. Consultei o indicador debaixo do meu Lady Bulova e olhei para um dos banheiros. Senti uma vibração passar pelo avião. *Droga, não tão rápido.*

O portal estava lá. Entrei em ação rapidamente, fazendo sinal para Diana Gleason — a sócia do Dave — se aproximar.

— Olha só isso — falei com expressão de repulsa.

Ela começou a entrar no banheiro, mas parou quando viu o brilho verde.

Apoiei a bota no traseiro dela e empurrei. Perfeito. Dave teria a chance de ouvir a voz dela antes de entrar. Se bem que ela só gritaria quando desse uma olhada...

Dave passou pelo portal ajustando o chapeuzinho idiota. Diana devia ter resistido.

— Faz cara de nojo — sussurrei.

— Que horror — disse ele ao sair do banheiro. Foi uma boa imitação do tom de Diana, apesar de ele ter errado o sotaque. Mas não importaria por muito tempo.

— O que foi? — Era uma das comissárias da classe econômica.

Nós chegamos para o lado para ela poder dar uma olhada, e Dave a empurrou. Pinky saiu rapidamente.

— Estamos atrasados — disse Pinky. — Perdemos cinco minutos do outro lado.—

Cinco? — reagiu Dave-Diana. Senti a mesma coisa. Nós tínhamos cento e três patos para processar.

— É. Perderam o controle depois que você empurrou minha sócia. Demoraram esse tempo todo para realinhar.

A gente se acostuma com isso. O tempo corre em ritmos diferentes de cada lado do portal, embora seja sempre sequencial, do passado para o futuro. Depois que começamos a extração com minha entrada no quarto de Sondergard, não dava para voltar para antes em nenhum dos lados. Aqui, em 1979, nós tínhamos rigorosos noventa e quatro minutos para fazer tudo. Do outro lado, o portal jamais poderia ser mantido por mais de três horas.

— Quando você saiu, quanto tempo demorou para o alarme tocar?

— Vinte e oito minutos.

Isso não era bom. Nós demoraríamos pelo menos duas horas para customizar os trouxas. Supondo que não houvesse mais nenhum deslizamento no tempo de 1979, talvez conseguíssemos. Mas *sempre* tinha deslizamento. Eu estremeci ao pensar em passar por isso.

— Então não temos tempo pra brincadeiras — falei. — Pink, volte para a classe econômica e chame as outras garotas pra cá. Diz pra elas virem uma de cada vez e diz que temos um problema. Você sabe como é.

— Segurando as lágrimas. Pode deixar.

Ela saiu correndo para os fundos do avião. Logo a primeira apareceu. O sorriso simpático da Sun-Belt Airlines estava estampado na cara dela, mas o estômago estaria embrulhado. *Ah, Deus, é agora!*

Eu a segurei pelo cotovelo e a puxei para trás da cortina. Ela estava respirando com dificuldade.

— Você passou para além da imaginação — falei, e botei a arma na cabeça dela. Ela desmaiou e eu a segurei. Pinky e Dave me ajudaram a empurrá-la pelo portal.

— Porcaria! Essa droga está piscando.

Pinky tinha razão. Aquele era um péssimo sinal. Mas o brilho verde se estabilizou enquanto observávamos, com um deslizamento inimaginável do outro lado. Cristabel passou.

— Perdemos trinta e três minutos — disse ela.

Não havia sentido falar o que estávamos todos pensando: as coisas estavam indo de mal a pior.

— Volte para a classe econômica. Seja corajosa, sorria para todo mundo, mas capriche bem, tá?

— Pode deixar — disse Cristabel.

Processamos a outra rapidamente, sem incidentes. Não havia tempo para bater papo. Em oitenta e nove minutos, o voo 128 cairia em uma montanha, quer terminássemos ou não.



Dave foi para o cockpit para manter a tripulação fora do nosso caminho. Eu e Pinky tínhamos que cuidar da primeira classe e depois ajudar Cristabel e Liza na econômica. Usamos a jogada tradicional do “café, chá ou leite”, contando com nossa velocidade e com a inércia das pessoas.

Eu me inclinei na direção dos dois primeiros patos da esquerda.

— Estão gostando do voo?

*Pou, pou.* Dois apertos de gatilho, perto da cabeça e sem que as outras vítimas pudessem ver.

— Oi, pessoal. Sou Mandy. Voem comigo.

*Pou, pou.*

Na metade do corredor, algumas pessoas estavam nos olhando com curiosidade. Mas as pessoas não reagem se não tiverem um motivo maior. Um passageiro da fila de trás se levantou, e eu lidei com ele. Agora, só havia oito acordados. Abandonei o sorriso e dei quatro tiros rápidos. Pinky cuidou do resto. Passamos pelas cortinas bem a tempo.

Uma agitação estava começando nos fundos da classe econômica, com cerca de sessenta por cento dos patos já processados. Cristabel olhou para mim, e eu assenti.

— Tudo bem, pessoal — disse ela. — Quero que vocês façam silêncio. Fiquem calmos e escutem. *Você, idiota, cala essa boca* antes que eu enfie o pé no seu rabo.

O choque de ouvi-la falar assim foi suficiente para nos fazer ganhar tempo. Nós formamos uma fila de lado a lado do avião, as armas a postos, apoiadas nos encostos dos assentos e apontadas para o grupo agitado e atordoado de trinta vítimas.

As armas bastavam para impressionar todo mundo, menos os mais ousados. Em essência, uma arma de choque padrão era só uma vara de plástico com duas grades com uns quinze centímetros de distância. Não tinha metal suficiente para acionar o alarme contra sequestro. E para as pessoas desde a Idade da Pedra até mais ou menos 2190, não parecia uma arma tanto quanto uma caneta esferográfica. Então a Seção de

Equipamentos os enfeitava com uma cobertura plástica para parecerem armas laser do Buck Rogers, com dezenas de botões e luzes que piscavam e um cano que parecia o focinho de um porco. Quase ninguém se aproximava de uma.

— Nós estamos em grande perigo e o tempo é curto. Vocês têm que fazer exatamente o que nós dissermos para ficarem em segurança.

Não se podia dar a eles tempo para pensar, era preciso contar com seu status de Voz da Autoridade. A situação *não* vai fazer sentido para eles, por mais que explique.

— Só um minuto, acho que vocês nos devem...

Um advogado. Tomei uma decisão rápida, mexi no botão colorido da arma e disparei contra ele.

A arma fez um som de disco voador com hemorroidas, cuspiu fagulhas e jatinhos de chamas e projetou um dedo verde de laser na testa dele. Ele caiu.

Tudo exagerado, claro. Mas bem impressionante.

E também bem arriscado. Tive que escolher entre o pânico se o idiota fizesse as pessoas pensarem e um possível surto de pânico pelo brilho da arma. Mas quando alguém do século XX começava a falar sobre seus “direitos” e os nossos “deveres”, as coisas podiam sair do controle. Era contagioso.

Deu certo. Houve muita gritaria, pessoas se abaixando atrás dos bancos, mas nada de correria. Nós poderíamos ter cuidado de tudo, mas precisávamos de alguns deles conscientes se quiséssemos terminar a Extração.

— Se levantem. *Se levantem, suas lesmas!* — gritou Cristabel. — Ele está inconsciente, só isso. Mas vou *matar* o próximo que sair da linha. Agora *se levantem* e façam o que eu mandar. *Crianças primeiro! Andem logo*, o mais rápido que conseguirem, para a frente do avião. Façam o que as comissárias estão mandando. Vamos, crianças, *andem!*

Corri para a primeira classe na frente das crianças, me virei na porta aberta do banheiro e fiquei de joelhos.

Elas estavam apavoradas. Eram cinco, chorando, algumas delas, o que sempre me emocionava, olhando para a esquerda e para a direita, para as pessoas mortas nos assentos da primeira classe, tropeçando, quase em pânico.

— Vamos, crianças — eu as chamei, abrindo meu sorriso especial. — Seus pais já vêm em um minuto. Tudo vai ficar bem, prometo. Venham.

Passei três delas. A quarta hesitou. Ela estava determinada a não passar por aquele portal. Abriu as pernas e os braços, e eu não consegui empurrar. Não bato em crianças, nunca. Ela passou as unhas na minha cara. Minha peruca caiu, e ela ficou olhando para minha cabeça careca. Eu a empurrei.

A quinta estava sentada no chão chorando. Era um garoto de uns sete anos. Corri até lá, peguei-o no colo, o abracei e beijei e o joguei pelo portal. Caramba, eu precisava descansar, mas era necessária na classe econômica.

— Você, você, você e você. Ah, você também. Ajudem ele, tá?

Pinky tinha o olho treinado para quem não seria útil para ninguém, nem para si mesma. Nós os levamos para a frente do avião e nos posicionamos do lado esquerdo, onde poderíamos cobrir os operários. Não demorou para os fazermos agir. Fizemos com que arrastassem os corpos inertes o mais rápido possível. Eu e Cristabel estávamos na classe econômica, os outros na frente.

Meu corpo estava sendo catabolizado pela adrenalina; a emoção da ação tinha me abandonado e comecei a sentir muito cansaço. Havia um sentimento inevitável de solidariedade pelos pobres idiotas que começava a me afetar naquele estágio do processo. Claro, ia ser melhor para eles, claro, eles iam morrer se não os tirássemos do avião. Mas quando vissem o outro lado, teriam dificuldade em acreditar.

Os primeiros estavam voltando para uma segunda leva, atordoados pelo que tinham visto: dezenas de pessoas sendo colocadas em um cubículo que já parecia lotado quando estava vazio. Um universitário parecia ter levado um soco no estômago. Ele parou ao meu lado com olhos suplicantes.

— Olha, eu quero *ajudar*, mas... o que está acontecendo? É algum tipo novo de resgate? Nós vamos cair?

Mudei minha arma para o nível mais baixo e toquei na bochecha dele. Ele ofegou e caiu para trás.

— Cala a porra da boca e anda logo, senão vou te matar.

Demoraria horas para que o maxilar dele estivesse em condição de fazer mais perguntas idiotas.

Nós esvaziamos a classe econômica e fomos em frente. Duas pessoas da equipe de trabalho já estavam exaustas. Todos eram musculosos como cavalos, mas não conseguiam nem subir correndo um lance de escadas. Deixamos alguns passarem, inclusive um casal que tinha uns cinquenta anos. Meu Deus! Cinquenta! Nós ficamos com um grupo de quatro homens e duas mulheres que pareciam fortes e os fizemos trabalhar até quase caírem. Mas processamos todo mundo em vinte e cinco minutos.

O portapak chegou quando estávamos tirando a roupa. Cristabel bateu na porta do cockpit, e Dave saiu, já nu. Um mau sinal.

— Tive que amarrá-los — disse ele. — O maldito capitão *tinha* que fazer sua grande caminhada pelo avião. Tentei de tudo.

Às vezes, tem que ser feito. O avião estava no piloto automático, como normalmente estaria àquela hora. Mas se algum de nós fizesse qualquer coisa prejudicial ao voo, mudasse o rumo programado dos eventos de alguma forma, seria o fim. Tanto trabalho por nada e o voo 128 ficaria inacessível a nós por todo o Tempo. Não sei nada sobre teoria do tempo, mas conheço os ângulos práticos. Podíamos fazer coisas no passado só em momentos e lugares em que não ia fazer nenhuma diferença. Tínhamos que apagar nossos rastros. Havia flexibilidade; uma vez, um Extrator deixou uma arma para trás e a arma seguiu com o avião. Ninguém encontrou, ou, se alguém encontrou, não fazia a menor ideia do que era, então não tivemos problemas.

O problema do voo 128 era falha mecânica. Era o melhor tipo; significava que não precisávamos deixar o piloto alheio à situação na cabine até a hora de encerrar tudo. Podíamos amarrá-lo e pilotar o avião,

pois não haveria nada que ele pudesse fazer para salvá-lo. Uma queda por erro do piloto era quase impossível de Extrair. Em geral, trabalhávamos no ar, com bombas e falhas estruturais. Se houvesse um sobrevivente que fosse, não podíamos tocar nele. Não dava para alterar o tecido do espaço-tempo, pois era imutável (embora pudesse se esticar um pouco), e todos sumiríamos e apareceríamos na sala de preparação.

Minha cabeça estava latejando. Eu queria muito aquele portapak.

— Quem tem mais horas em um 707?

Era Pinky, então a mandei para o cockpit junto com Dave, que poderia fazer a voz do piloto para o pessoal do controle de tráfego aéreo. Era preciso ter uma gravação crível no registro de voo. Eles tiraram dois tubos compridos do portapak e o resto de nós ficou por perto. Ficamos ali, fumando um monte de cigarros, querendo terminar com eles, mas torcendo para não haver tempo. O portal sumiu assim que jogamos nossas roupas e a tripulação.

Mas não nos preocupamos por muito tempo. Tinham outras coisas *legais* na Extração, mas nada se comparava com a emoção de se conectar a um portapak. A transfusão de despertar não passava de sangue fresco, cheio de oxigênio e açúcar. O que estávamos recebendo agora era uma mistura insana de adrenalina concentrada, hemoglobina supersaturada, metanfetamina, LSD, TNT e refrigerante Kickapoo Joyjuice. Era como fogos de artifício no coração; uma porrada na cara.

— Tem pelos crescendo no meu peito — disse Cristabel solenemente.

Todo mundo riu.

— Alguém pode devolver meus globos oculares?

— Os azuis ou os vermelhos?

— Acho que a minha bunda caiu.

Nós já tínhamos ouvido tudo isso antes, mas morremos de rir mesmo assim. Estávamos fortes, *fortes*, e por um momento especial, não tínhamos preocupações. Tudo era hilário. Eu seria capaz de cortar uma folha de metal com meus cílios.

Mas dava para ficar elétrico com aquela mistura. Quando o aferidor não apareceu e não apareceu e *não apareceu, caramba*, nós começamos a ficar agitados. Aquele avião não ficaria voando por muito mais tempo.

Então apareceu, e nós o ligamos. O primeiro dos trouxas surgiu, usando roupas tiradas de um passageiro escolhido para ser seu sócia.

— Tempo de vantagem transcorrido, duas horas e trinta e cinco minutos — anunciou Cristabel.

— Jesus.

Era uma rotina que insensibilizava. Você pegava as alças nos ombros do trouxa e o arrastava pelo corredor depois de consultar o número do assento pintado na sua testa. A tinta durava três minutos. Você o sentava, prendia o cinto, soltava as alças e as carregava de volta para jogar pelo portal enquanto pegava o seguinte. Era preciso acreditar que fizeram o trabalho certo do outro lado: dentes obturados, digitais, a correspondência certa de altura e peso e cor de cabelo. A maioria dessas coisas não importava muito, principalmente no voo 128, que cairia e pegaria fogo. Haveria pedaços e fragmentos, tudo queimado. Mas não podíamos correr riscos. Quem trabalhava com resgate era bem detalhista com as partes que encontrava; os dentes e as digitais eram muito importantes.

Eu odiava os trouxas. Odiava de verdade. Cada vez que pegava as alças de um deles, se fosse criança, ficava pensando se era Alice. *Você é minha filha, seu vegetal, sua lesma, seu verme melequento?* Entrei para os Extratores logo depois que os parasitas cerebrais sugaram a vida da cabeça do meu bebê. Não consegui suportar a ideia de que ela era a última geração, de que os últimos humanos viveriam sem nada na cabeça, declarados mortos pelos padrões médicos que já existiam em 1979, com computadores mexendo os músculos para que se mantivessem com tônus. Você crescia, chegava à puberdade ainda fértil, uma em mil, e engravidava logo no primeiro ciclo só para descobrir que sua mãe ou seu pai transmitiram uma doença crônica pelos genes e que nenhum dos seus filhos ia ser imune. Eu *sabia* sobre a paralepra; cresci com os dedos dos pés apodrecendo. Mas aquilo era demais. Aí o que você fazia?

Só um a cada dez trouxas tinha o rosto customizado. Era preciso tempo e muita habilidade para fazer um rosto novo que passasse em uma autópsia médica. O resto já vinha mutilado. Tínhamos milhões deles; não era difícil encontrar uma boa correspondência de corpo. A maioria ficaria respirando, burros demais para parar, até o avião cair.

O avião sacudiu com força. Olhei para o relógio. Cinco minutos para o impacto. Nós devíamos ter tempo. Eu estava no último trouxa. Ouvia Dave chamando o aeroporto freneticamente. Uma bomba veio pelo portal, e eu a joguei no cockpit. Pinky virou o sensor de pressão da bomba e saiu correndo, seguida de Dave. Liza já tinha atravessado. Peguei as bonecas inertes com roupa de comissária e joguei no chão. O motor se desprende e um pedaço entrou na cabine. Começamos a depressurização. A bomba explodiu uma parte do cockpit (a equipe de solo interpretaria — nós esperávamos — que parte do motor entrou e matou a tripulação: não houve mais palavras do piloto na gravação do voo) e nós fomos jogados lentamente para a esquerda e para baixo. Fui erguida na direção do buraco na lateral do avião, mas consegui me segurar em um assento. Cristabel não teve tanta sorte. Ela foi jogada para trás.

Nós começamos a subir um pouco, perdendo velocidade. De repente, o chão onde Cristabel estava caída começou a inclinar. Tinha sangue escorrendo pela têmpora dela. Olhei para trás; todo mundo tinha ido embora, e três trouxas de roupa rosa estavam empilhados no chão. O avião começou a virar com o nariz para baixo e meus pés se ergueram do chão.

— Vem, Bel! — gritei.

O portal estava a menos de um metro de mim, mas comecei a me aproximar de onde ela estava flutuando. O avião sacudiu, e ela bateu no chão com força. Incrivelmente, isso pareceu acordá-la. Ela começou a vir na minha direção e segurei a mão dela quando o chão subiu para nos acertar de novo. Nós rastejamos enquanto o avião caía em sua agonia final de morte e chegamos à porta do banheiro. O portal tinha sumido.

Não havia nada a dizer. Nós íamos cair. Já era difícil manter o portal no lugar em um avião se movendo em linha reta. Quando uma

aeronave começava a cair e a se desfazer, a matemática era temerosa. Foi o que nos disseram.

Abracei Cristabel e segurei sua cabeça ensanguentada. Ela estava grogue, mas conseguiu sorrir e dar de ombros. Não adiantava reclamar. Corri para o banheiro e me sentei com ela no chão. As costas no anteparo da frente, Cristabel entre minhas pernas, suas costas contra meu peito. Como no treinamento. Empurramos os pés contra a parede oposta. Eu a abracei com força e chorei no ombro dela.

E apareceu. Um brilho verde à minha esquerda. Joguei-me naquela direção, arrastando Cristabel, me mantendo abaixada enquanto dois trouxas eram jogados de cabeça pelo portal acima de nós. Mãos nos puxaram. Arrastei-me uns cinco metros no chão. Era possível deixar uma perna do outro lado e eu não tinha uma extra para me dar a esse luxo.

Eu me sentei quando carregaram Cristabel para a ala médica. Dei tapinhas no seu braço quando ela passou na maca, mas estava desmaiada. Eu não me importaria de desmaiar.

Por um tempo, você não consegue acreditar que tudo aquilo aconteceu. Às vezes, *não* aconteceu mesmo. Você volta e descobre que todos os patos no cercadinho sumiram de repente porque a sequência de tempo não tolerou as mudanças e os paradoxos que você inseriu nele. As pessoas que você se dedicou tanto a salvar estão espalhadas como molho de tomate por toda uma montanha na Carolina, e só sobrou um bando de trouxas estragados e uma Equipe de Extração exausta. Mas não desta vez. Vi os patos agitados no cercadinho, nus e mais atordoados do que nunca. E começando a ficar com  *muito* medo.

Elfreda tocou no meu braço quando passei por ela. Assentiu, o que queria dizer muito bem no repertório limitado de gestos dela. Dei de ombros, pensando se eu me importava, mas o excesso de adrenalina ainda corria nas minhas veias, e me vi sorrindo para ela. Assenti em resposta.

Gene estava parado perto do cercadinho. Fui até ele e o abracei. Senti a essência começar a fluir. *Ora, vamos esbanjar um pouco de razão e nos divertir.*



Alguém estava batendo na parede de vidro estéril do cercadinho. Ela gritou e disse palavras mudas de raiva para nós. *Por quê? O que vocês fizeram com a gente?* Era Mary Sondergard. Ela implorou para que sua gêmea careca de uma perna só explicasse. Achava que tinha problemas. Deus, como era bonita. Eu a odiava.

Gene me puxou para longe. Minhas mãos estavam doendo e eu tinha quebrado todas as unhas postiças sem arranhar o vidro. Ela estava sentada no chão agora, chorando. Ouvi a voz do oficial de instrução no alto-falante externo.

— ... Centauri 3 é hospitaleiro, com clima parecido com o da Terra. Com isso, estou falando da sua Terra, não o que ela se tornou. Vocês vão saber mais sobre isso mais tarde. A viagem vai levar cinco anos na nave. Ao descer, vocês vão ter direito a um cavalo, um arado, três machados, duzentos quilos de sementes...

Eu me encostei no ombro de Gene. No pior momento, aquele momento, eles eram tão melhores do que nós. Eu tinha talvez uns dez anos, e passaria a metade deles inútil. Eles eram nossa melhor e mais intensa esperança. Tudo dependia deles.

— ... ninguém será obrigado a ir. Desejamos deixar claro novamente, não pela última vez, que vocês estariam mortos sem nossa intervenção. Mas há coisas que precisam saber. Vocês não podem respirar nosso ar. Se ficarem na Terra, nunca vão poder sair deste prédio. Nós não somos como vocês. Somos o resultado de uma seleção genética, um processo de mutação. Somos os sobreviventes, mas nossos inimigos evoluíram junto conosco. Eles estão vencendo. Mas vocês são imunes às doenças que nos atacam...

Fiz uma careta e virei de costas.

— ... por outro lado, se emigrarem, vocês terão a oportunidade de uma nova vida. Não vai ser fácil, mas, como americanos, vocês deviam ter orgulho de sua herança pioneira. Seus ancestrais sobreviveram e vocês também sobreviverão. Pode ser uma experiência recompensadora, e peço...

Claro. Gene e eu nos olhamos e rimos. *Escutem isso, pessoal. Cinco por cento de vocês vão sofrer de ataques de nervos nos próximos dias e nunca vão embora. O mesmo número vai cometer suicídio, aqui ou no caminho. Quando chegarem lá, de sessenta a setenta por cento vão morrer nos primeiros três anos. Vocês vão morrer de parto, sendo comidos por animais, vão enterrar dois de cada três dos seus bebês, vão definhando lentamente quando não houver chuva. Se sobreviverem, vai ser para trabalhar arduamente com um arado, do nascer ao pôr do sol. A Nova Terra é o Paraíso, pessoal!*

Meu Deus, como eu queria poder ir com eles.

# VOCÊS ESTÃO LIBERADOS

Joe Hill

Joe Hill iniciou sua carreira com um conto chamado “Melhor do que lá em casa”, quase vinte anos atrás, e publicou seu primeiro livro, o best-seller *A estrada da noite*, em 2007. Escreveu mais três livros de sucesso, um livro de contos longos (*Strange Weather*), dezenas de contos (muitos publicados em *Fantasma do século XX*) e a série de quadrinhos premiada *Locke & Key*. Ele é filho deste humilde editor, que não poderia sentir mais orgulho. Aqui, escrito especialmente para esta coleção, está um de seus contos mais assustadores. Oremos para que nunca se torne realidade.

## GREGG HOLDER NA CLASSE EXECUTIVA

Holder está no terceiro uísque e fingindo não reconhecer a mulher famosa sentada ao seu lado quando todas as televisões no avião ficam pretas e uma mensagem em um retângulo branco aparece nas telas. AVISO EM ANDAMENTO.

O sistema de som faz ruído de estática. O piloto tem uma voz jovem, a voz de um adolescente inseguro se dirigindo aos parentes em um enterro.

— Pessoal, aqui é o capitão Waters. Recebi uma mensagem da nossa equipe no solo e, depois da devida consideração, me pareceu adequado compartilhar a informação com vocês. Houve um incidente na Base da Força Aérea Andersen, em Guam, e...

O som some. Há um silêncio longo carregado de suspense.

— ... me disseram — continua Waters abruptamente — que o Comando Estratégico americano não está mais em contato com nossas forças lá e nem com o gabinete do governador regional. Há relatos vindos da costa de que... de que houve um clarão. Algum tipo de clarão.

Holder se pressiona inconscientemente no assento, como se em reação a um sacolejo de turbulência. O que ele quer dizer com *houve um*

*clarão?* Que clarão? Um clarão pode ser qualquer coisa. Relâmpagos. Fogos de artifício. Um show de rock. Mas um clarão cobrindo a ilha inteira?

— Diz logo se fomos bombardeados ou não, caramba — murmura a mulher famosa à esquerda de Holder com aquela voz melosa e bem-educada de gente rica.

O capitão Waters continua:

— Lamento não saber mais e o que eu sei ser tão...

A voz dele some de novo.

— Chocante? — sugere a mulher famosa. — Desanimador? Consternador?

Arrasador?

— Preocupante — conclui Waters.

— Tudo bem — diz a mulher com certa insatisfação.

— É tudo que sei por enquanto — continua o piloto. — Vamos compartilhar com vocês qualquer informação que recebermos. No momento, estamos em velocidade de cruzeiro a trinta e sete mil pés do solo e na metade do voo. Devemos chegar em Boston um pouco antes do horário previsto.

Há um som de estática e um estalo alto, e os monitores voltam a passar os filmes. Metade dos passageiros na classe executiva está assistindo ao mesmo filme de super-herói, o Capitão América jogando o escudo como se fosse um frisbee com borda de aço, cortando seres grotescos que parecem ter saído de debaixo da cama.

Uma garota negra de uns nove ou dez anos está sentada do outro lado do corredor. Ela olha para a mãe e pergunta com uma voz alta que se alastra:

— Onde fica Guam exatamente?

O uso da palavra “exatamente” incomoda Holden, tão professoral e nada infantil. A mãe da garota responde:

— Não sei, querida. Acho que é perto do Havaí. — Ela não está olhando para a filha. Está olhando para cá e para lá com expressão perdida, como se lendo uma mensagem invisível com instruções. *Como discutir uma explosão nuclear com sua filha.*

— Fica mais perto de Taiwan — diz Holder, inclinando-se pelo corredor para falar com a menina.

— Ao sul da Coreia — acrescenta a mulher famosa.

— Quantas pessoas será que moram lá? — questiona Holder.

A celebridade arqueia a sobancelha.

— Agora? Com base no relato que ouvimos, acho que bem poucas.

## ARNOLD FIDELMAN NA CLASSE ECONÔMICA

O violinista Fidelman acha que a garota muito bonita e com aparência nauseada sentada ao seu lado é coreana. Toda vez que ela tira os fones de ouvido — para falar com um comissário ou para ouvir o anúncio recente —, ele escuta o que parece ser K-pop saindo do celular. O próprio Fidelman foi apaixonado por um coreano por vários anos, um homem dez anos mais novo do que ele, que amava quadrinhos, tocava violino de forma brilhante, ainda que agressiva, e que se matou se jogando na frente de um trem da Linha Vermelha. O nome dele era So. Seu hálito era sempre doce, como leite de amêndoas, e seus olhos eram sempre tímidos, e So se constrangia quando ficava feliz. Fidelman sempre achou que So fosse feliz até o dia em que ele pulou como um bailarino na frente de um trem de cinquenta e duas toneladas.

Fidelman quer oferecer consolo à garota, mas ao mesmo tempo não quer invadir sua ansiedade. Ele luta mentalmente com o que dizer, isso se for dizer alguma coisa, e por fim a cutuca de leve. Quando ela tira os fones, ele pergunta:

— Quer alguma coisa pra beber? Tenho meia lata de coca. Não tem germes nem nada, eu estava bebendo no copo.

Ela abre um sorriso pequeno e assustado.

— Obrigada. Minhas entranhas deram um nó.

Ela pega a lata e bebe.

— Se seu estômago estiver embrulhado, o gás vai ajudar — diz ele.  
— Eu sempre disse que, no meu leito de morte, a última coisa que quero beber antes de partir deste mundo é uma coca-cola gelada.

Fidelman disse exatamente a mesma coisa para outras pessoas muitas vezes antes, mas assim que as palavras saem de sua boca, ele deseja ter ficado calado. Considerando as circunstâncias, parece um sentimento um tanto infeliz.

— Tenho familiares lá — diz ela.

— Em Guam?

— Na Coreia — corrige a garota, e abre o sorriso nervoso de novo.

O piloto não falou nada sobre a Coreia no aviso, mas qualquer um que tenha assistido à CNN nas três semanas anteriores sabe qual é o assunto.

— Qual Coreia? — pergunta um homem grande do outro lado do corredor.

— A boa ou a má?

O homem está usando uma camisa furiosamente vermelha de gola alta que destaca seu rosto cor de melão. Ele é tão grande que transborda pelo assento. A mulher sentada ao lado dele, uma senhora pequena de cabelo preto com a magreza de um greyhound com pedigree, foi empurrada para perto da janela. Tem um pin esmaltado da bandeira americana na lapela do paletó dele. Fidelman sabe que eles jamais poderiam ser amigos.

A garota olha com sobressalto para o homem grande e ajeita o vestido sobre as coxas.

— Coreia do Sul — diz ela, se recusando a entrar no jogo dele de bom e mau. — Meu irmão acabou de se casar em Jeju. Estou voltando pra faculdade.

— Que faculdade? — pergunta Fidelman.

— M.I.T.

— Estou surpreso de você ter conseguido entrar — diz o homem grande.

— Eles têm que escolher uma certa quantidade de alunos não qualificados de cidades do interior para atingir a cota. Isso quer dizer bem menos espaço para gente como você.

— Gente como o quê? — pergunta Fidelman, falando lenta e deliberadamente. *Gente. Como. O quê?* Quase cinquenta anos sendo gay lhe ensinaram que é um erro deixar certas declarações passarem em branco.

O homem não tem vergonha.

— Pessoas qualificadas. Pessoas que merecem. Pessoas que conseguem fazer as contas. Tem muito mais coisa envolvida em matemática do que contar o troco quando alguém compra um saco de erva. Muitas comunidades de imigrantes sofreram por causa das cotas. Principalmente os orientais.

Fidelman ri, um som afiado, tenso, descrente. Mas a garota do M.I.T. fecha os olhos e fica quieta, e Fidelman abre a boca para mandar o filho da mãe se calar, mas volta a fechá-la. Seria falta de gentileza com a garota fazer uma cena.

— Foi em Guam, não em Seul — diz Fidelman para ela. — E não sabemos o que aconteceu lá. Pode ser qualquer coisa. Pode ser uma explosão em uma estação de energia. Um acidente normal e não... algum tipo de catástrofe.

A primeira palavra que surgiu na cabeça dele foi *holocausto*.

— Bomba suja — sugere o homenzarrão. — Aposto cem dólares. Ele está chateado porque não o matamos na Rússia.

*Ele* é o Líder Supremo da República Popular Democrática da Coreia. Há boatos de que alguém tentou atirar nele enquanto fazia uma visita de estado ao lado russo do lago Khasan, um corpo de água na

fronteira entre as duas nações. Há relatos não confirmados de que ele levou um tiro no ombro, um tiro no joelho, nenhum tiro; que um diplomata ao seu lado levou um tiro e morreu; que um dos sócios do Líder Supremo morreu. De acordo com a internet, o assassino era um anarquista anti-Putin radical, ou um agente da CIA se passando por membro da Associated Press, ou um astro do K-pop chamado Extra Value Meal. O Departamento de Estado Americano e a imprensa da Coreia do Norte, em um caso raro de concordância, insistiam que não houve disparos durante a visita do Líder Supremo à Rússia, nenhuma tentativa de assassinato. Como muitos que estão acompanhando a história, Fidelman entende que isso quer dizer que o Líder Supremo realmente chegou bem perto de morrer.

Também é verdade que, oito dias antes, um submarino americano patrulhando o mar do Japão derrubou um míssil de teste norte-coreano no espaço aéreo norte-coreano. Um porta-voz da República Popular Democrática da Coreia chamou isso de ato de guerra e prometeu retaliar à altura. Bom, não. Ele tinha prometido encher a boca de todos os americanos de cinzas. O próprio Líder Supremo não disse nada. Ele não é visto desde a tentativa de assassinato que não aconteceu.

— Eles não seriam tão burros — diz Fidelman para o homem grande, falando por cima da garota coreana. — Pense no que aconteceria.

A mulher pequena e magra de cabelo preto olha para o homem grande sentado ao seu lado com orgulho servil, e Fidelman percebe de repente por que ela tolera a invasão em seu espaço pessoal. Eles estão juntos. Ela o ama. Talvez o idolatre.

O homem grande responde placidamente:

— Cem dólares.

## LEONARD WATERS NO COCKPIT

A Dakota do Norte está em algum lugar lá embaixo, mas Waters só consegue ver uma área montanhosa de nuvens que se prolonga até o horizonte. Waters nunca foi à Dakota do Norte e, quando tenta visualizá-la, só imagina equipamento antigo de fazenda enferrujado, Billy Bob



Thornton e atos furtivos de sodomia em silos de grãos. No rádio, o controlador em Minneapolis instrui um 737 a subir para trezentos e sessenta e aumentar a velocidade para Mach zero ponto sete oito.

— Você já esteve em Guam? — pergunta sua primeira-oficial com uma alegria falsa e frágil.

Waters nunca voou com uma copiloto mulher antes e mal consegue olhar para ela de tão linda que é. Com um rosto daquele, ela devia estar em capas de revistas. Até o momento em que a conheceu na sala de reuniões no aeroporto LAX, duas horas antes de decolarem, Waters não sabia nada sobre ela além de seu sobrenome ser Bronson. Ele estava imaginando alguém como o cara no filme *Desejo de matar* original.

— Já fui a Hong Kong — responde Waters, desejando que ela não fosse tão terrivelmente linda.

Waters tem quarenta e poucos anos, mas parece ter uns dezenove, um homem magro com cabelo ruivo cortado curto e um mapa de sardas no rosto. Ele acabou de se casar e está prestes a ser pai; uma foto da esposa grávida de vestido está presa no painel. Ele não quer sentir atração por mais ninguém. Sente vergonha até de ver uma mulher bonita. Ao mesmo tempo, ele não quer ser frio, formal e distante. Tem orgulho de sua companhia aérea por empregar mais pilotos mulheres, quer aprovar isso, dar apoio. Todas as mulheres bonitas são um sofrimento para sua alma.

— Sydney. Taiwan. Mas não Guam.

— Eu e meus amigos fazíamos mergulho livre na praia Fai Fai. Uma vez, cheguei tão perto de um tubarão galha-preta que deu para fazer carinho nele.

Fazer mergulho livre nua é a única coisa melhor do que voar.

A palavra *nua* o atravessa como um choque. Essa é sua primeira reação. A segunda é que é claro que ela conhece Guam, ela foi da Marinha, que foi onde aprendeu a pilotar. Quando ele a olha de soslaio, fica chocado de ver lágrimas nos seus olhos.

Kate Bronson o vê olhando e abre um sorriso constrangido que mostra o ligeiro espaço entre os dentes da frente. Ele tenta imaginá-la com

a cabeça raspada e as plaquinhas militares penduradas no pescoço. Não é difícil. Mesmo com toda a aparência de garota de capa de revista, ela tem algo meio feroz por baixo, algo tenso e inquieto.

— Não sei por que estou chorando. Não vou lá há dez anos. Não tenho amigos morando lá.

Waters considera várias declarações possíveis para tranquilizá-la e descarta todas. Não há gentileza em dizer que talvez não seja tão ruim quanto ela pensa quando, na verdade, é bem provável que seja bem pior.

Há uma batida na porta. Bronson dá um pulo, seca as bochechas com as costas da mão, olha pelo olho mágico e abre as trancas.

É Vorstenbosch, o comissário de voo sênior, um homem gorducho e afeminado com cabelo louro ondulado, um jeito agitado e olhos pequenos por trás de óculos dourados de aros grossos. Ele é calmo, profissional e pedante quando está sóbrio e de uma alegria efeminada e indecente quando está bêbado.

— Alguém bombardeou Guam? — pergunta ele sem preâmbulos.

— Não tenho nada do solo além do fato de termos perdido contato — diz Waters.

— O que isso quer dizer? — pergunta Vorstenbosch. — Tenho aqui um avião cheio de gente assustada e não tenho nada para dizer a elas.

Bronson bate a cabeça quando se abaixa para se sentar. Waters finge que não vê. Finge que não percebe que as mãos dela estão tremendo.

— Quer dizer... — começa Waters, mas há um alerta, e o controlador aparece com uma mensagem para todo mundo no espaço aéreo ZMP. A voz de Minnesota é rouca, tranquila, sem perturbação. O sujeito poderia estar falando apenas de uma região de alta pressão. Eles são ensinados a falar assim.

— Aqui é o Centro de Minneapolis com instruções de alta prioridade para todas as aeronaves nesta frequência. Saibam que recebemos instruções do Comando Estratégico Americano de esvaziar este espaço aéreo para operações de Ellsworth. Vamos direcionar todas as aeronaves para o aeroporto mais próximo. Repito, estamos pousando todas

as aeronaves comerciais e de recreação no espaço aéreo ZMP. Permaneçam alertas e prontos para reagir com prontidão às instruções. — Há um chiado momentâneo e, com o que parece um real lamento, Minneapolis acrescenta: — Lamento sobre isso, senhoras e senhores. O Tio Sam precisa do céu esta tarde para uma guerra mundial não planejada.

— Aeroporto de Ellsworth? — diz Vorstenbosch. — O que tem no aeroporto de Ellsworth?

— O 28º - Esquadrão de Bombardeiros — diz Bronson, esfregando a cabeça.

## VERONICA D'ARCY NA CLASSE EXECUTIVA

O avião se inclina severamente, e Veronica D'Arcy olha direto para o cobertor amassado que é a nuvem abaixo. Raios de sol ofuscantes entram pelas janelas do outro lado da cabine. O bêbado de boa aparência ao lado dela — ele tem um cacho solto de cabelo escuro na testa que a faz pensar em Cary, em Clark Kent — aperta os braços do assento inconscientemente. Ela se pergunta se ele é um passageiro medroso ou só bebe muito. Ele tomou o primeiro uísque assim que chegaram a altitude de cruzeiro, três horas atrás, pouco depois das dez da manhã.

As telas ficam pretas, e há outra mensagem de AVISO EM ANDAMENTO. Veronica fecha os olhos para ouvir, concentrando-se como faria em uma leitura, quando os outros atores leem as falas pela primeira vez.

## CAPITÃO WATERS (ALTO-FALANTE)

Olá, passageiros, aqui é o capitão Waters. Infelizmente, tivemos um pedido inesperado do controle de tráfego aéreo para desviarmos para Fargo e pousarmos no Aeroporto Internacional Hector. Nos pediram para esvaziar este espaço aéreo imediatamente...

(hesitação)

... para manobras militares. Obviamente, a situação em Guam criou, hã, complicações para todo mundo que está no céu hoje. Não há motivo para alarme, mas vamos ter que descer. A expectativa é estarmos em solo em Fargo em quarenta minutos. Terei mais informações assim que as receber.

(hesitação)

Peço desculpas, pessoal. Não é a tarde que nenhum de nós estava esperando.

Se fosse um filme, o capitão não teria voz de um adolescente no pior período da puberdade. Teriam escalado alguém ríspido e autoritário. Hugh Jackman, talvez. Ou um britânico, se quisessem dar a ideia de erudição, um toque de sabedoria de Oxford. Derek Jacobi, talvez.

Veronica já atua ao lado de Derek de tempos em tempos há quase quarenta anos. Ele a abraçou nos bastidores na noite em que a mãe dela faleceu e falou com ela em murmúrios gentis e tranquilizadores. Quarenta minutos depois, os dois estavam vestidos de romanos na frente de quatrocentas e oitenta pessoas e, Deus, como ele atuou bem naquela noite, e ela também, e aquela foi a noite em que ela aprendeu que era capaz de atuar durante qualquer coisa, e pode atuar agora também. Por dentro, já está ficando mais calma, deixando para trás todos os problemas, todas as preocupações. Há anos que ela não sente nada que não decide sentir.

— Eu achei que você tinha começado a beber cedo demais — diz ela para o homem ao lado. — Acontece que fui eu que comecei a beber muito tarde.

Ela levanta o copinho de plástico com vinho que serviram junto com o almoço e diz “tim-tim” antes de beber tudo.

Ele abre um sorriso adorável e fácil para ela.

— Eu nunca estive em Fargo, mas vi a série. — Ele estreita os olhos. — Você trabalhou em *Fargo*? Acho que sim. Você fez alguma coisa com as provas periciais e Ewan McGregor te matou estrangulada.

— Não, querido. Você está pensando em *Contrato: assassinato*, e foi James McAvoy com um garrote.

— Foi mesmo. Eu sabia que tinha visto você morrer uma vez. Você morre muito?

— Ah, o tempo todo. Fiz um filme com Richard Harris, e ele demorou o dia todo para bater na minha cabeça com um castiçal até eu morrer. Cinco preparações, quarenta takes. O pobre sujeito estava exausto no final.

Os olhos do vizinho de assento saltam, e ela sabe que ele viu o filme e se lembra do papel dela. Ela tinha vinte e dois anos na época e ficou nua em todas as cenas, sem exagero. Sua filha perguntou uma vez: “Mãe, quando exatamente você descobriu que as roupas existiam?”. Veronica respondeu: “Logo depois que você nasceu, querida”.

A filha de Veronica é linda o suficiente para estrelar em filmes, mas escolheu fazer chapéus. Quando Veronica pensa nela, seu peito dói de prazer. Ela nunca mereceu ter uma filha tão sã, feliz e pé no chão. Quando pensa em si, quando reconhece o próprio egoísmo e narcisismo, sua indiferença à maternidade, sua preocupação com a carreira, parece impossível ela ter uma pessoa tão boa na vida.

— Sou Gregg — diz o vizinho. — Gregg Holder.

— Veronica D’Arcy.

— O que te levou a Los Angeles? Um papel? Ou você mora lá?

— Eu tinha que estar lá para o apocalipse. Faço papel de uma velha sábia no deserto. Suponho que vá ser um deserto. Só vi uma tela verde. Espero que o verdadeiro apocalipse espere o suficiente para o filme sair. O que você acha?

Gregg olha para as nuvens.

— Claro. É a Coreia do Norte, não a China. Com o que eles podem nos acertar? Não vai ser o apocalipse pra nós. Pra eles, talvez.

— Quantas pessoas moram na Coreia do Norte? — Isso vem da garota do outro lado do corredor, com os óculos comicamente enormes. Ela está prestando atenção na conversa deles, inclinada de uma forma bem adulta.

Sua mãe dá um sorriso tenso para Gregg e Veronica e dá um tapinha no braço da filha.

— Não perturbe os outros passageiros, querida.

— Ela não está me perturbando — diz Gregg. — Não sei, garota. Mas muita gente vive em fazendas espalhadas pelo interior. Acho que só tem uma cidade grande. Aconteça o que acontecer, a maioria deve ficar bem.

A garota se recosta e pensa nisso, depois se vira no assento para falar com

a mãe. A mãe estreita bem os olhos e balança a cabeça. Veronica fica pensando se ela sabe que ainda está dando tapinhas no braço da filha.

— Eu tenho uma filha da idade dela — diz Gregg.

— Eu tenho uma filha da *sua* idade — retruca Veronica. — Ela é minha coisinha favorita no mundo.

— É. Pra mim também. A *minha* filha, eu quero dizer, não a sua. Tenho certeza de que a sua também é ótima.

— Você está indo se encontrar com ela?

— Estou. Minha esposa ligou pedindo pra eu voltar mais cedo da viagem de trabalho. Ela está apaixonada por um homem que conheceu no Facebook e quer que eu vá cuidar da menina para ela poder ir a Toronto se encontrar com ele.

— Ah, meu Deus. Você não pode estar falando sério. Teve algum aviso?

— Achei que ela estava passando tempo demais on-line, mas, para ser justo, ela achou que eu estava passando tempo demais bebendo. Talvez eu seja um alcoólatra. Acho que vou ter que resolver isso. Vou começar terminando isto aqui.

E ele engole o resto do uísque.

Veronica já se divorciou duas vezes e sempre soube bem que ela era o agente primário da ruína doméstica. Quando pensa em como se

comportou mal, como usou Robert e François, sente vergonha e raiva de si mesma, e assim fica feliz de oferecer solidariedade ao homem enganado ao lado. Qualquer oportunidade de reparação é boa, por menor que seja.

— Sinto muito. Que bomba terrível jogaram em cima de você.

— O que você disse? — pergunta a garotinha do outro lado do corredor, se inclinando na direção deles de novo. Os olhos castanhos por trás dos óculos parecem não piscar. — Nós vamos soltar uma bomba nuclear neles?

Ela parece mais curiosa do que com medo, mas, ao ouvir isso, sua mãe perde o fôlego de um jeito tenso e em pânico.

Gregg se inclina na direção da menina de novo, sorrindo de uma forma ao mesmo tempo gentil e irônica, e Veronica de repente deseja ser vinte anos mais nova. Ela poderia ser boa para um cara assim.

— Não sei quais são as opções militares, então não tenho como dizer com certeza. Mas...

Antes que ele possa terminar, a cabine é tomada por um uivo sônico de destruir os tímpanos.

Um avião passa em disparada, com dois outros em seu encalço. Um está tão perto da asa a bombordo que Veronica chega a ver o homem no cockpit, de capacete, o rosto coberto por alguma espécie de máscara de respiração. Essas aeronaves não se parecem em quase nada com o 777 que os leva para o leste... são falcões de ferro imensos, no tom cinzento de ponteiros de balas, de chumbo. A força da passagem deles faz o avião todo tremer. Passageiros gritam, se abraçam. O som punitivo de bombardeiros cruzando o caminho deles pode ser sentido nos intestinos, nas entranhas. Mas logo se afastam, deixando longos rastros no céu azul.

Um silêncio chocado e abalado toma conta da aeronave.

Veronica D'Arcy olha para Gregg Holder e vê que ele amassou o copo de plástico quando fechou a mão e o quebrou em pedaços. Ele repara o que fez na mesma hora e ri, colocando o copo destruído no apoio de braço.

Em seguida, se vira para a garotinha e termina a frase, como se não tivesse havido interrupção.

— Mas diria que todos os sinais apontam para o “sim”.

## JENNY SLATE NA CLASSE ECONÔMICA

— São caças B-1 — diz seu amor para ela com um tom de voz relaxado, quase satisfeito. — Lancers. Antigamente, eles carregavam carga nuclear completa, mas o Jesus negro acabou com isso. Mas ainda tem poder de fogo suficiente a bordo para cozinhar todos os cachorros de Pyongyang. O que é engraçado, porque, normalmente, se você quisesse um cachorro cozido na Coreia do Norte, teria que fazer uma reserva.

— Eles deviam ter se revoltado — diz Jenny. — Por que não se revoltaram quando tiveram chance? Eles *queriam* campos de concentração? Queriam passar fome?

— Essa é a diferença entre a mentalidade ocidental e a visão de mundo oriental — explica Bobby. — Lá, o individualismo é visto como aberração. — Em um murmúrio, ele acrescenta: — Há uma certa mentalidade de formigueiro aí.

— Com licença — diz o judeu do outro lado do corredor, ao lado da garota asiática. Ele não poderia ser mais judeu se tivesse cachos no cabelo e um xale de orações nos ombros. — Você pode baixar a voz, por favor? Minha vizinha de assento está incomodada.

Bobby tinha baixado a voz, mas mesmo quando tenta falar baixo, ele tem a tendência a falar alto. Não seria a primeira vez que os colocaria em uma situação ruim.

— Ela não devia ficar. Amanhã de manhã, a Coreia do Sul vai finalmente poder parar de se preocupar com os psicopatas do outro lado da zona desmilitarizada. Famílias serão reunidas. Bem, algumas famílias. As bombas arrasa-quarteirão não discriminam entre a população civil e militar.

Bobby fala com a certeza casual de um homem que passou vinte anos produzindo novos segmentos para uma empresa de radiodifusão que é



dona de umas setenta estações de televisão de cidades pequenas e é especializada em distribuir conteúdo livre do viés da mídia popular. Ele foi ao Iraque, ao Afeganistão. Foi à Libéria durante o surto de ebola para fazer uma reportagem investigativa sobre um plano do Estado Islâmico de transformar o vírus em arma. Nada assusta Bobby. Nada o abala.

Jenny estava grávida e fora expulsa de casa pelos pais, passando a dormir no depósito de um posto de gasolina entre turnos de trabalho no dia em que Bobby comprou para ela um combo do McDonald's e disse que não ligava para quem era o pai. Disse que amaria o bebê como se fosse dele. Jenny já tinha até marcado o aborto. Bobby disse para ela de forma calma e tranquila que, se ela fosse com ele, daria para ela e para a criança uma vida boa e feliz, mas que se ela fosse para a clínica, ela assassinaria uma criança e perderia a alma. Ela foi com ele, e foi como ele disse, em tudo. Ele a amou bem, a idolatrou desde o começo; ele foi seu milagre. Jenny não precisava de pães e peixes para acreditar. Bobby bastava. Jenny fantasiava às vezes que um liberal — alguém do Code Pink, talvez, ou alguém do pessoal de Bernie — tentaria assassiná-lo, e ela conseguiria entrar entre Bobby e a arma para levar a bala. Ela sempre quis morrer por ele. Beijá-lo com o gosto do próprio sangue na boca.

— Queria que tivéssemos telefones — diz a garota asiática de repente. — Alguns aviões têm telefones. Queria que tivesse um jeito de ligar... pra alguém. Quanto tempo vai demorar para os bombardeiros chegarem lá?

— Mesmo que nós conseguíssemos fazer ligações desta aeronave — diz Bobby —, seria difícil conseguir completar uma ligação. Uma das primeiras coisas que os Estados Unidos vão fazer é acabar com a comunicação da região, e talvez não se limitem só à República Popular Democrática da Coreia. Não vão querer que os agentes da Coreia do Sul, um país espião, coordenem um contra-ataque. Além do mais, todo mundo com família na península da Coreia deve estar ligando agora. Seria como tentar ligar para Manhattan no Onze de Setembro, só que agora é a vez *deles*.

— A vez deles? — repete o judeu. — Vez *deles*? Devo ter perdido o relatório dizendo que a Coreia do Norte foi responsável por derrubar as

torres do World Trade Center. Achei que tivesse sido a Al-Qaeda.

— A Coreia do Norte vendeu armas e informações durante anos — comunica Bobby. — Está tudo interligado. A Coreia do Norte é a maior exportadora da febre da destruição dos Estados Unidos há décadas.

Jenny bate com o ombro no de Bobby e diz:

— Ou era. Acho que foram substituídos pelo pessoal do Black Lives Matter.

Ela está repetindo uma coisa que Bobby disse para amigos algumas noites atrás. Achou uma frase engraçada e sabe que ele gosta de ouvir suas melhores tiradas repetidas de volta.

— Uau. Uau! — diz o judeu. — É a coisa mais racista que já ouvi na vida. Se milhões de pessoas estão prestes a morrer, é porque milhões de pessoas como *vocês* colocam idiotas sem qualificação e cheios de ódio no comando do nosso governo.

A garota coreana fecha os olhos e se recosta.

— A minha esposa é *que* tipo de pessoa? — pergunta Bobby, erguendo uma sobrancelha.

— Bobby — diz Jenny. — Está tudo bem. Não fico incomodada.

— Eu não perguntei se você ficava incomodada. Eu perguntei a esse cavalheiro de que tipo de pessoa ele acha que está falando.

O judeu está com manchas vermelhas nas bochechas.

— Pessoas que são cruéis, arrogantes... e ignorantes.

Ele se vira, tremendo.

Bobby beija a têmpora da esposa e abre o cinto de segurança.

## MARK VORSTENBOSCH NO COCKPIT

Vorstenbosch está há dez minutos acalmando pessoas na classe econômica e há cinco limpando cerveja da cabeça de Arnold Fidelman e o ajudando a trocar de suéter. Ele diz para Fidelman e Robert Slate que se os

vir fora do assento novamente antes de pousarem, vão ser presos no aeroporto. O tal Slate aceita placidamente, fecha o cinto de segurança, coloca as mãos no colo e olha serenamente para a frente. Fidelman parece querer protestar. O homem está tremendo incontrolavelmente e parece prestes a explodir, e só se acalma quando Vorstenbosch coloca um cobertor sobre as pernas dele. Quando está se inclinando na direção do assento de Fidelman, Vorstenbosch sussurra que, quando o avião pousar, eles vão fazer uma denúncia juntos, e que Slate será acusado de agressão verbal e física. Fidelman lança um olhar de surpresa e apreciação, de um gay para o outro, um cuidando do outro em um mundo cheio de homens feito Robert Slate.

O próprio comissário de voo sênior se sente nauseado e vai para o banheiro para se recompor. A cabine está com cheiro de vômito e medo, tanto na frente quanto atrás. Crianças choram inconsolavelmente. Vorstenbosch viu duas mulheres rezando.

Ele arruma o cabelo, lava as mãos, respira fundo várias vezes. O modelo de Vorstenbosch sempre foi o personagem de Anthony Hopkins em *Vestígios do dia*, um filme que ele nunca viu como uma tragédia, mas como um louvor à vida de serviço disciplinado. Vorstenbosch às vezes deseja ser britânico. Ele reconheceu Veronica D'Arcy na classe executiva assim que pousou os olhos nela, mas seu profissionalismo exige que ele resista a reconhecê-la como celebridade de uma forma explícita.

Quando está recomposto, sai do banheiro e começa a seguir para o cockpit para dizer ao capitão Waters que eles vão precisar chamar os seguranças do aeroporto quando pousarem. Faz uma pausa na classe executiva para cuidar de uma mulher que está hiperventilando. Quando Vorstenbosch pega a mão dela, ele se lembra da última vez que segurou a mão da mãe; na ocasião, ela estava no caixão, e seus dedos estavam tão frios e sem vida quanto aqueles. Vorstenbosch sente uma indignação trêmula quando pensa nos bombardeiros, aqueles cachorros-quentes idiotas, passando tão perto do avião. A falta de consideração humana o enoja. Ele pratica a respiração profunda com a mulher, garante que eles vão pousar logo.

O cockpit está cheio de sol e calma. Ele não está surpreso. Tudo no trabalho é elaborado para fazer até uma crise (e aquilo *é* uma crise, ainda que uma para a qual eles nunca treinaram nas simulações de voo) parecer coisa de rotina, de listas e protocolos.

A primeira-oficial é uma mulher marota que levou um lanche em um saco de papel para o avião. Quando a manga esquerda estava puxada, Vorstenbosch viu parte de uma tatuagem, um leão branco, no antebraço. Ele olha para ela e vê no seu passado um campo de trailers, um irmão viciado em opioides, pais divorciados, um primeiro emprego no Walmart, uma fuga desesperada para as forças armadas. Ele gosta bastante dela... como poderia não gostar? Sua própria infância foi parecida, só que, em vez de fugir para o exército, ele foi para Nova York ser queer. Quando ela o deixou entrar no cockpit da última vez, estava tentando esconder as lágrimas, um fato que parte o coração de Vorstenbosch. Nada o perturba tanto quanto a consternação dos outros.

— O que está acontecendo? — pergunta Vorstenbosch.

— Estaremos no chão em dez minutos — avisa Bronson.

— Talvez — diz Waters. — Tem uns seis aviões na nossa frente.

— Alguma notícia do outro lado do mundo? — Vorstenbosch quer saber.

Por um momento, nenhum dos dois responde. Em seguida, com voz distraída, Waters diz:

— O Serviço Geológico dos Estados Unidos relata um evento sísmico em

Guam que chegou a 6.3 na escala Richter.

— Isso corresponderia a duzentos e cinquenta quilotons — diz Bronson.

— Foi uma ogiva — diz Vorstenbosch.

Não é bem uma pergunta.

— Aconteceu alguma coisa em Pyongyang também — continua Bronson.

— Uma hora antes de Guam, a televisão estatal passou a exibir barras coloridas. Há boatos sobre um grupo de oficiais de alto escalão terem sido mortos em intervalo de minutos. Então, ou estamos falando de um golpe palaciano, ou nós tentamos derrubar a liderança com assassinatos cirúrgicos que eles não receberam muito bem.

— O que podemos fazer por você, Vorstenbosch? — pergunta Waters.

— Houve uma briga na classe econômica. Um homem jogou cerveja no outro...

— Ah, puta que pariu — diz Waters.

— ... eles foram avisados, mas acho que vamos precisar da polícia de Fargo por perto quando descermos. Acredito que a vítima vai querer fazer uma denúncia.

— Vou comunicar Fargo, mas não prometo nada. Tenho a sensação de que o aeroporto vai estar um hospício. A segurança talvez esteja ocupada demais.

— Também tem uma mulher na executiva tendo um ataque de pânico. Ela está tentando não assustar a filha, mas está com dificuldade de respirar. Mandei que ela respirasse em um saco de vômito, mas queria que o serviço de emergência a recebesse com um tanque de oxigênio quando descermos.

— Pode deixar. Mais alguma coisa?

— Tem mais umas dez minicrises acontecendo, mas a equipe está cuidando de tudo. Mas tem mais uma coisa, acho. Algum de vocês gostaria de um copo de cerveja ou vinho em violação a todos os regulamentos?

Os dois olham para ele. Bronson sorri.

— Quero ter um bebê seu, Vorstenbosch — diz ela. — Nós faríamos uma criança linda.

— Idem — diz Waters.

— Isso é um sim?

Waters e Bronson se entreolham.

— Melhor não — decide Bronson, e Waters assente.

— Mas vou tomar a Dos Equis mais gelada que você encontrar assim que pousarmos — acrescenta o capitão.

— Sabe qual é a melhor parte de voar? — pergunta Bronson. — Sempre é um dia de sol aqui no alto. Parece impossível que uma coisa tão horrível possa estar acontecendo em um dia tão ensolarado.

Estão todos admirando a paisagem de nuvens quando o piso fofo abaixo deles é perfurado cem vezes. Cem pilares de fumaça branca se projetam para o céu, subindo de toda parte. Parece um truque de magia, como se as nuvens tivessem plumas escondidas que de repente disparassem para o alto. Um momento depois, o trovão os atinge e, com ele, turbulência, e o avião é *chutado*, jogado para cima e para o lado. Doze luzes vermelhas piscam no painel. Alarmes soam. Vorstenbosch vê tudo em um instante, quando é erguido no ar. Por um momento, ele flutua, suspenso como um paraquedas, um homem feito de seda cheio de ar. Sua cabeça bate na parede. Ele cai com tanta força e tão rápido que parece que um alçapão se abriu no piso do cockpit e o puxou para as profundezas luminosas do céu abaixo.

## JANICE MUMFORD NA CLASSE EXECUTIVA

— Mãe! — grita Janice. — Mãe, olha lá! O que é aquilo?

O que está acontecendo no céu é menos alarmante do que o que está acontecendo na cabine. Alguém está gritando: é um fio prateado de som que parece costurar a cabeça de Janice. Adultos gemem de um jeito que a faz pensar em fantasmas.

O 777 se inclina para a esquerda e balança com uma força repentina para a direita. O avião viaja por um labirinto de pilares gigantescos, claustros de uma catedral impossivelmente enorme. Janice teve que soletrar CLAUSTROS

(fácil) no campeonato regional de Englewood.

Sua mãe, Millie, não responde. Ela está respirando regularmente dentro de um saco branco de papel. Millie nunca tinha andado de avião, nunca tinha saído da Califórnia. Nem Janice, mas, diferentemente da mãe, estava ansiosa por ambas as coisas. Janice sempre quis voar em um avião grande; ela também gostaria de mergulhar de submarino um dia, embora já ficasse feliz com um passeio em um caiaque com fundo de vidro.

A orquestra de desespero e horror afunda para um leve diminuendo (Janice soletrou DIMINUENDO na primeira rodada das finais estaduais e chegou pertiiiinho de errar e ter que aceitar uma derrota precoce humilhante). Janice se inclina na direção do homem bonito que ficou a viagem toda tomando chá gelado.

— Eram foguetes? — pergunta Janice.

A mulher do cinema responde, falando com o sotaque britânico adorável.

Janice só ouviu sotaque britânico em filmes e acha lindo.

— MBIs. Estão a caminho do outro lado do mundo.

Janice repara que a atriz de cinema está de mãos dadas com o homem bem mais jovem que tomou tanto chá gelado. As feições dela estão repuxadas em uma expressão de calma quase congelada. O homem ao lado dela, por outro lado, parece querer vomitar. Ele está apertando tanto a mão dela que os nós dos dedos estão brancos.

— Vocês são parentes? — pergunta Janice. Ela não consegue pensar em outro motivo para eles estarem de mãos dadas.

— Não — responde o homem bonito.

— Então por que estão de mãos dadas?

— Porque estamos com medo — diz a atriz de cinema, apesar de não parecer com medo. — E isso nos faz sentir melhor.

— Ah... — Janice rapidamente segura a mão livre da mãe. A mãe olha para a filha com gratidão por cima do saco que fica inflando e murchando como um pulmão de papel. Janice encara o homem bonito. — Você quer dar a mão pra mim?

— Quero, sim — diz o homem, e eles dão as mãos no corredor.

— O que quer dizer M-B-I?

— Míssil Balístico Intercontinental — responde o homem.

— Essa é uma das minhas palavras! Eu tive que soletrar “intercontinental” no campeonato regional.

— É mesmo? Acho que não consigo soletrar “intercontinental” de cara.

— Ah, é fácil — diz Janice, e prova o que disse soletrando para ele.

— Eu acredito em você. Você é a especialista.

— Vou a Boston pra uma competição de soletrar. É a semifinal internacional, e se eu me sair bem *lá*, vou poder ir a Washington DC e aparecer na televisão. Eu nunca achei que fosse a esses lugares. Mas também nunca achei que fosse a Fargo. Nós ainda vamos pousar em Fargo?

— Não sei — diz o homem bonito.

— Quantos MBIs eram? — pergunta Janice, inclinando o pescoço para olhar as torres de fumaça.

— Todos — responde a atriz de cinema.

— Será que a gente vai perder a competição? — pergunta Janice.

Dessa vez, é a mãe dela que responde. A voz dela está rouca, como se estivesse com a garganta inflamada ou tivesse chorado.

— Acho que talvez a gente perca, querida.

— Ah. Ah, não.

Sua reação é um pouco parecida com a vez que fizeram o amigo oculto no ano anterior e ela foi a única que não ganhou um presente, porque o amigo oculto dela era Martin Cohassey, e ele não compareceu porque estava com mononucleose.

— Você teria vencido — afirma sua mãe, e fecha os olhos. — E não só a semifinal.



— Só é amanhã à noite — diz Janice. — Pode ser que a gente consiga entrar em outro avião de manhã.

— Acho que ninguém vai pegar aviões amanhã — diz o homem bonito com pesar.

— Por causa de uma coisa que aconteceu na Coreia do Norte?

— Não — diz sua amiga do outro lado do corredor. — Não por causa de uma coisa que vai acontecer lá.

Millie abre os olhos e diz:

— *Shh*. Você vai deixar ela com medo.

Mas Janice não está com medo, só não entende. O homem do outro lado do corredor balança a mão dela para a frente e para trás, para a frente e para trás.

— Qual foi a palavra mais difícil que você já soletrou? — pergunta ele.

— Antropoceno — diz Janice na mesma hora. — Foi a palavra que me fez perder ano *passado*, na semifinal. Achei que tinha um S. Quer dizer “na era dos seres humanos”. Como em “o Antropoceno parece bem curto quando comparado a outros períodos geológicos”.

O homem olha para ela por um momento e solta uma gargalhada.

— Você sabe das coisas, garota.

A atriz de cinema olha pela janela para as colunas brancas enormes.

— Ninguém nunca viu um céu assim. Essas torres de nuvens. O dia luminoso preso em barras de fumaça. Parece que estão sustentando o céu. Que tarde linda. Talvez em breve você me veja interpretar outra morte, sr. Holder. Não sei se posso prometer desempenhar o papel com tanto talento. — Ela fecha os olhos. — Sinto falta da minha filha. Acho que não vou poder...

Ela abre os olhos, olha para Janice e fica quieta.

— Eu estava pensando a mesma coisa sobre a minha — diz o sr. Holder.

Ele vira a cabeça e olha para trás de Janice, para a mãe dela. — Você sabe como tem sorte? — Ele olha de Millie para Janice e novamente para Millie, e quando Janice olha, sua mãe está assentindo, um gesto pequeno de reconhecimento.

— Por que você tem sorte, mãe? — pergunta Janice.

Millie a aperta e beija sua têmpora.

— Porque estamos juntas hoje, bobinha.

— Ah — diz Janice. É difícil ver sorte nisso. Elas estão juntas todos os dias.

Em algum momento, Janice percebe que o homem bonito soltou a mão dela, e quando olha de novo para lá, ele está abraçando a atriz de cinema, e ela o está abraçando, e eles estão se beijando com carinho, e Janice fica chocada, simplesmente *chocada*, porque a atriz é bem mais velha do que ele. Eles estão se beijando como namorados no fim do filme, pouco antes de os créditos subirem e de todo mundo ir para casa. É tão absurdo que Janice ri.

## A RA LEE NA CLASSE ECONÔMICA

Por um momento no casamento do irmão em Jeju, A Ra achou que tivesse visto o pai, que está morto há sete anos. A cerimônia e a recepção aconteceram em um amplo e lindo jardim particular, dividido por um rio profundo feito pelo homem. Crianças jogavam pedrinhas na corrente e viam a água fervilhar com carpas coloridas, com peixes agitados e brilhantes de todas as cores do tesouro: rosa-dourado e platina e cobre. O olhar de A Ra foi das crianças para a ponte de pedra decorativa acima do riacho, e lá estava o pai dela com um dos seus ternos baratos, encostado na parede, sorrindo para ela, o rosto largo e familiar cheio de linhas profundas. A visão a sobressaltou tanto que ela precisou desviar o olhar, e perdeu o fôlego de choque. Quando olhou de novo, ele tinha sumido. Na hora em que se sentou em seu lugar para a cerimônia, concluíra que só tinha visto Jum, o irmão mais novo do seu pai, que cortava o cabelo do mesmo jeito. Seria bem fácil em um dia tão emotivo confundir

momentaneamente um com o outro... principalmente considerando a decisão dela de não usar os óculos no casamento.

No solo, a aluna de linguística evolucionária do MIT bota sua fé no que pode ser provado, registrado, aprendido e estudado. Mas agora, ela está no ar e se sente mais receptiva. O 777 — todas as trezentas toneladas — segue pelo céu, carregado por forças imensas e invisíveis. Nada carrega tudo nas costas. É igual com os mortos e os vivos, o passado e o presente. O *agora* é uma asa e a história está por baixo, sustentando-a. O pai de A Ra amava se divertir; ele teve uma fábrica de novidades por quarenta anos, a diversão era seu verdadeiro trabalho. Ali, no céu, ela está disposta a acreditar que ele não deixaria a morte ficar entre ele e uma noite tão feliz.

— Estou com muito medo — diz Arnold Fidelman.

Ela assente. Também está.

— E com raiva pra caralho. Com raiva pra *caralho*.

Ela para de assentir. Ela não está e prefere não estar. Nesse momento mais do que em qualquer outro, decide não ficar com raiva.

— Aquele filho da puta, aquele “vamos tornar a América grandiosa de novo” da porra. Eu queria que fosse a hora da xepa só um pouquinho para as pessoas poderem jogar tomates podres nele. Você acha que isso estaria acontecendo se o Obama fosse presidente? Qualquer coisa dessa... *dessa...* maluquice? *Escuta*. Quando nós pousarmos... se nós pousarmos, você fica comigo na ponte de embarque? Para denunciar o que aconteceu? Você é uma voz imparcial nisso tudo. A polícia vai ouvir você. Vão prender aquele nojento gordo por jogar cerveja em mim, e ele vai poder apreciar o fim do mundo de uma cela úmida lotada de bêbados.

Ela fechou os olhos, tentando se colocar de volta no jardim do casamento. Quer ficar perto do rio artificial e virar a cabeça e ver o pai na ponte de novo. Não quer ter medo dele desta vez. Quer fazer contato visual e sorrir. Mas ela não vai poder se recolher ao jardim do casamento em sua mente. A voz de Fidelman está aumentando de volume junto com a histeria. O homem grande do outro lado do corredor, Bobby, ouve o final do que ele tem a dizer.

— Enquanto estiver dando depoimento pra polícia — diz Bobby —, espero que você não deixe de fora a parte em que chamou minha esposa de arrogante e ignorante.

— Bobby — diz a esposa do homem grandalhão, a mulherzinha com olhos de idolatria. — Agora não.

A Ra solta o ar devagar e diz:

— Ninguém vai denunciar nada pra polícia em Fargo.

— Você está enganada — retruca Fidelman, a voz tremendo. As pernas dele também estão tremendo.

— Não — afirma A Ra. — Não estou. Tenho certeza.

— Por que tem tanta certeza? — pergunta a esposa de Bobby. Ela tem olhos brilhantes e gestos rápidos de um pássaro.

— Porque nós não vamos pousar em Fargo. O avião parou de sobrevoar o aeroporto alguns minutos depois que os mísseis foram lançados. Não repararam? Deixamos o padrão de voo um tempo atrás. Agora, estamos indo para o norte.

— Como você sabe disso? — pergunta a mulherzinha.

— O sol está do lado esquerdo do avião. Portanto, estamos indo para o norte.

Bobby e a esposa olham pela janela. A esposa solta um murmúrio baixo de interesse e admiração.

— O que tem a norte de Fargo? — pergunta ela. — E por que iríamos para lá?

Bobby leva a mão lentamente até a boca, um gesto que poderia indicar que ele está considerando a questão, mas o que A Ra vê é freudiano. Ele já sabe por que eles não vão pousar em Fargo e não tem intenção de dizer.

A Ra só precisa fechar os olhos para ver na mente exatamente onde os mísseis de guerra devem estar agora, fora da atmosfera da Terra, já passando pelo ápice da parábola mortal e descendo com a gravidade. Há

talvez menos de dez minutos para que acertem o outro lado do planeta. A Ra viu pelo menos trinta mísseis sendo lançados, o que é vinte a mais do que o necessário para destruir uma nação menor do que a Nova Inglaterra. E os trinta que eles testemunharam subindo ao céu sem dúvida são apenas uma fração do arsenal que foi enviado. Um ataque desses só pode receber uma resposta proporcional, e sem dúvida os MBIs dos Estados Unidos cruzaram caminho com centenas de foguetes fazendo o caminho inverso. Alguma coisa deu horivelmente errado, como era inevitável quando o pavio foi aceso naquela série de fogos de artifício geopolíticos.

Mas A Ra não fecha os olhos para imaginar ataque e contra-ataque. Ela prefere voltar para Jeju. Para a agitação das carpas no rio. Para os aromas deliciosos da noite, de flores e grama cortada. Seu pai apoia os cotovelos no muro de pedra da ponte e abre um sorriso travesso.

— Esse cara... — diz Fidelman. — Esse cara e a maldita esposa. Chamando asiáticos de “orientais”. Falando que seu povo são formigas. Intimida pessoas jogando cerveja nelas. Esse cara e a maldita esposa colocam gente inconsequente e burra como eles no comando do país, e agora aqui estamos nós. Os mísseis estão voando. — A voz dele falha com o esforço, e A Ra sente como ele está prestes a chorar.

Ela abre os olhos novamente.

— Esse cara e a maldita esposa estão no avião conosco. Nós estamos todos no avião. — Ela olha para Bobby e para a esposa, que estão ouvindo o que ela diz. — Independentemente de como viemos parar aqui, estamos todos neste avião agora. No ar. Com problemas. Correndo o máximo que podemos. — Ela sorri. Parece o sorriso do pai dela. — Na próxima vez que tiver vontade de jogar sua cerveja em alguém, dá pra mim. Eu gostaria de algo pra beber.

Bobby olha para ela por um instante com expressão pensativa e fascinada... e ri.

A esposa olha para ele e diz:

— *Por que* estamos indo para o norte? Você acha mesmo que Fargo pode ser destruída? Acha mesmo que podemos ser alvejados aqui? No meio dos Estados Unidos?

O marido não responde, e ela olha para A Ra.

A Ra pesa no coração se a verdade seria uma misericórdia ou outra agressão. Mas seu silêncio é resposta suficiente.

A mulher comprime os lábios. Olha para o marido e diz:

— Se nós vamos morrer, quero que saiba que estou feliz de estar ao seu lado quando acontecer. Você foi bom pra mim, Robert Jeremy Slate.

Ele se vira para a esposa, a beija, e diz:

— Você está de brincadeira? Não acredito que um gordo como eu acabou casando com uma gata como você. Seria mais fácil ganhar um milhão de dólares na loteria.

Fidelman olha para eles e vira o rosto.

— Ah, puta que pariu. Não comece a bancar o ser humano agora. — Ele amassa uma toalha de papel suja de cerveja e a joga em Bob Slate.

A toalha de papel bate na têmpora de Bobby. O homem olha para Fidelman... e ri. Calorosamente.

A Ra fecha os olhos e recosta a cabeça.

Seu pai a vê se aproximar da ponte, pela noite sedosa de primavera.

Quando ela sobe no arco de pedra, ele estica a mão e segura a dela e a leva para o pomar, onde as pessoas estão dançando.

## KATE BRONSON NO COCKPIT

Quando Kate termina de cuidar do ferimento na cabeça de Vorstenbosch, o comissário de voo está gemendo, deitado no chão do cockpit. Ela coloca os óculos dele no bolso da camisa. A lente esquerda rachou na queda.

— Eu nunca perdi o equilíbrio — diz Vorstenbosch — em vinte anos de profissão. Sou a porra do Fred Astaire dos céus. *Não*. A porra da Grace Kelly. Sou capaz de fazer o trabalho de todos os outros comissários, de costas e usando salto alto.

— Eu nunca vi um filme do Fred Astaire. Sempre gostei mais do Sly Stallone — diz Kate.

— Coisa de peão — diz Vorstenbosch.

— Isso aí — concorda Kate, e aperta a mão dele. — Não tente se levantar. Ainda não.

Ela se levanta e se senta ao lado de Waters. Quando os mísseis foram lançados, o radar se acendeu todo, com pontinhos vermelhos ou mais, mas não há nada agora além de outros aviões. A maioria das outras aeronaves ficou para trás, ainda sobrevoando Fargo. O capitão Waters os direcionou para um novo destino enquanto Kate cuidava de Vorstenbosch.

— O que está acontecendo? — pergunta ela.

O rosto dele a alarma. Ele está tão pálido que parece sem cor.

— Está acontecendo — diz ele. — O presidente foi levado para um local seguro. Os noticiários de televisão a cabo dizem que a Rússia disparou as ogivas.

— Por quê? — pergunta ela, como se fizesse diferença.

Ele dá de ombros com impotência, mas responde:

— A Rússia, ou a China, ou os dois montaram uma defesa aérea para fazer nossos bombardeiros voltarem antes que pudessem chegar à Coreia. Um submarino no Pacífico Sul reagiu acertando um porta-aviões russo. E aí. E aí.

— E aí? — pergunta Kate.

— Nada de Fargo.

— Onde, então? — Kate parece não conseguir dizer mais do que uma ou duas palavras de cada vez. É como se algo estivesse pressionando seu peito, deixando-a sem fôlego.

— Deve haver algum lugar ao norte onde possamos pousar, longe do... do que está vindo atrás de nós. Deve haver algum lugar que não seja ameaça pra ninguém. Nunavut, talvez? Um 777 pousou em Iqaluit ano

passado. A pista é curta e fica no fim do mundo, mas é tecnicamente possível, e talvez a gente tenha combustível pra conseguir chegar.

— Que boba — diz Kate. — Não trouxe nenhum casaco de inverno.

— Você deve ser nova nessa coisa de viagens longas. Nunca se sabe para onde vão te mandar, então é sempre bom ter um maiô e luvas de lã na mala.

Ela é nova em voos longos, obteve a licença para o 777 seis meses atrás, mas acha que a dica de Waters não deve ser levada a sério. Kate acha que não vai voltar a pilotar aeronaves comerciais. Nem Waters. Não vai haver para *onde* voar.

Kate não vai ver a mãe, que mora em Pennsylvtucky, nunca mais, mas isso não é nada. Sua mãe vai fritar, junto com o padrasto que tentou enfiar a mão na calça jeans de Kate quando ela tinha catorze anos. Quando Kate contou para a mãe que ele tinha feito aquilo, sua mãe disse que era culpa dela por se vestir como puta.

Kate também nunca mais vai ver o meio-irmão de doze anos, e isso a deixa triste. Liam é doce, tranquilo e autista. Kate comprou um drone para ele no Natal, e a coisa que ele mais ama no mundo é botá-lo no céu para tirar fotos aéreas. Ela entende a atração. Sempre foi sua parte favorita de voar, aquele momento em que as casas encolhem para o tamanho de modelos em uma pista de trem de brinquedo. Caminhões do tamanho de joaninhas brilham e reluzem enquanto deslizam sem fricção pelas rodovias. A altitude reduz lagos ao tamanho de espelhinhos de mão. De um quilômetro e meio de altura, uma cidade inteira fica pequena o suficiente para caber na palma da mão. Seu meio-irmão Liam diz que quer ser pequeno, como as pessoas nas fotos que ele tira com o drone. Ele diz que se for pequeno como elas, Kate pode colocá-lo no bolso e levá-lo junto.

Eles voam por cima da extremidade norte de Dakota do Norte, deslizando como ela já deslizou pela água quente da praia Fai Fai, pelo verde brilhante do Oceano Pacífico. Como foi bom velejar como quem não tem peso sobre o mundo do fundo do mar. Ser livre da gravidade é, na opinião dela, sentir como deve ser um espírito puro, que fugiu da pele.



Minneapolis os chama.

— Delta dois-três-seis, vocês estão fora de curso. Estão saindo do nosso espaço aéreo. Para onde estão indo?

— Minneapolis — responde Waters —, nosso destino é zero-seis-zero, permissão para redirecionar para Yankee-Foxtrot-Bravo, aeroporto de Iqaluit.

— Delta dois-três-seis, por que não podem pousar em Fargo?

Waters fica inclinado sobre os controles por muito tempo. Uma gota de suor pinga no painel. O olhar dele se desvia brevemente, e Kate o vê olhando para a fotografia da esposa.

— Minneapolis, Fargo é um local primário de ataque. Teremos mais chance no norte. Há duzentos e quarenta e sete passageiros a bordo.

O rádio estala. Minneapolis reflete.

Há um momento de brilho intenso, quase ofuscante, como se uma lâmpada do tamanho do sol tivesse se queimado em algum lugar do céu atrás do avião.

Kate vira a cabeça para longe das janelas e fecha os olhos. Há um baque abafado, mais sentido do que ouvido, uma espécie de tremor existencial na aeronave. Quando Kate olha de novo, há manchas verdes pairando na frente dos seus olhos. É como mergulhar em Fai Fai de novo, ela está cercada de algas neon e águas-vivas fluorescentes. Kate se inclina para a frente e estica o pescoço. Tem alguma coisa brilhando embaixo da cobertura das nuvens, possivelmente se estendendo até cento e sessenta quilômetros para trás. A nuvem está começando a se deformar e se expandir, inchando no formato de um cogumelo.

Quando ela se acomoda no assento, há outro som grave, agitado e abafado, outra explosão de luz. A parte de dentro do cockpit se torna momentaneamente um negativo de si mesma. Desta vez, ela sente uma onda de calor na lateral direita do rosto, como se alguém tivesse acendido e apagado uma lâmpada de bronzeamento artificial.

Minneapolis diz:

— Entendido, Delta dois-três-seis. Contate Winnipeg Center um dois sete ponto três — fala o controlador de tráfego aéreo com sua indiferença casual.

Vorstenbosch se senta.

— Estou vendo luzes.

— Nós também.

— Ah, meu Deus — diz Waters, a voz falhando. — Eu devia ter tentado ligar pra minha esposa. Por que eu não tentei ligar pra minha esposa? Ela está grávida de cinco meses e está sozinha em casa.

— Você não pode — diz Kate. — Não poderia.

— Por que não liguei e *falei* pra ela? — diz Waters, como se não tivesse ouvido.

— Ela sabe — responde Kate. — Ela já sabe.

Se eles estão falando de amor ou do apocalipse, Kate não saberia dizer.

Outro brilho. Outro baque grave, ressonante, significativo.

— Ligue agora para Winnipeg FIR — diz Minneapolis. — Ligue agora para a Nav Canada. Delta dois-três-seis, vocês estão liberados.

— Entendido, Minneapolis — diz Kate, porque Waters está com o rosto escondido nas mãos fazendo sons baixos e angustiados e não consegue falar. — Obrigada. Cuidem-se, garotos. Aqui é o Delta dois-três-seis. Desligando.

Joe Hill

Exeter, New Hampshire

3 de dezembro de 2017

Nota do autor: meus agradecimentos ao piloto aposentado de aviões comerciais Bruce Black, por me orientar sobre os procedimentos adequados do cockpit. Qualquer erro técnico é meu e somente meu.



# PÁSSAROS DE GUERRA

David J. Schow

David Schow talvez seja mais conhecido por seu trabalho no subgênero *splatterpunk* (dizem que ele inventou a palavra), mas também escreveu ficção regular, histórias policiais e roteiros que incluem *O corvo* e o melhor dos reboots de *O massacre da serra elétrica* (*O massacre da serra elétrica: O início*). “Pássaros de guerra” é uma recriação impressionante e incrivelmente detalhada dos bombardeios na Alemanha na Segunda Guerra Mundial. Também é um retrato poderoso das forças liberadas quando os homens vão à guerra. “Acho que despertamos alguma coisa naquela época, com tantos conflitos”, diz o velho Jorgensen. “Tanto ódio. Todas aquelas vidas...” O que pode (ou não) explicar o que a tripulação do *Shady Lady* viu enquanto as balas voavam e o ar explodia ao redor deles.

— Os pássaros de guerra eram reais — disse o velho sentado à minha frente. — Eu vi. Mais reais do que os gremlins; menos do que o peso de uma pistola na sua mão.

Eu tinha viajado várias centenas de quilômetros para ouvir aquele homem relembrar meu falecido pai, e ele estava contando uma história de monstros voadores, as sobancelhas brancas aracnídeas avaliando em quantas asneiras eu acreditaria. Nós não nos conhecíamos, e toda confiança que supus implícita entre nós era mera cortesia, esperando tranquila até que uma coisa mais fundamental a substituísse.

Eu devia ter prestado mais atenção àquela parte da pistola.

— Era um bom homem, o seu pai — disse Jorgensen, o artilheiro da torreta superior.

Essa seria a torreta Martin no B-24D. Fiz meu dever de casa. Eu conhecia cada membro da tripulação pela posição; tinha baseado muita da minha expectativa em uma foto que encontrei de 1943, uma das poucas vezes que a equipe principal toda se reuniu por tempo suficiente para

aparecer em uma fotografia. Associei sobrenomes a cada homem, minha lista negando a eles nomes completos e apelidos, e na época *todo mundo* tinha apelido, normalmente diminutivo do nome de batismo: Bobby, Willy, Frankie, nem um pouco diferente dos grupinhos de crianças do bairro. E aqueles caras eram mesmo jovens. Enquanto eu tomava o café servido pela irmã de Jorgensen, Katie, aquela foto desfocada em preto e branco tinha sessenta e cinco anos de idade e a maioria dos rostos mal tinha saído da adolescência. Pelo menos duas pessoas tinham mentido sobre a idade para poderem se alistar. Jorgensen hoje não estava chegando aos oitenta; estava saindo. Mais um peso. Ele sofria de artrite, que tinha fechado suas mãos e as transformado em garras deformadas. Não admitia que estava um pouco surdo, apesar de o aparelho de surdez estar bem visível (um daqueles antigos, grandes, um dispositivo atrás da orelha com o dito fio trançado “cor da pele” que seguia até uma caixa guardada no bolso da camisa). Os olhos eram azuis, clareados por uma camada de esclera amarelada. Os óculos estavam limpos. Ele estava curvado, mas não pelo tempo, e esperava que eu acreditasse no que me contava, porque, afinal, era mais velho do que eu, e o que os jovens sabem?

Brett Jorgensen, como a maioria dos homens em equipes de bombardeiros durante a Segunda Guerra Mundial, tinha saído do treinamento e ido para a Europa como sargento. Ele brincou que, antes da invasão da Normandia, os campos de concentração alemães estavam lotados de milhares de sargentos abatidos. Ele vazou itens assim para me avaliar; eu era sério e sabia de que ele estava falando ou era só mais um soldado de infantaria que achou legal apagar a última Grande Guerra da história e da memória?

— Sargentos e tenentes — falei, jogando uma substância química em pó no meu café morno. Jorgensen tomou o dele puro, sem açúcar. Naturalmente. Se você repete o que uma pessoa te diz, elas costumam esclarecer.

Ele se afastou da mesa e se moveu para a frente. Teve certa dificuldade em usar as mãos, pois tinham se degenerado a ponto de virarem ferramentas básicas. Senti uma pontada de pena, e não pela primeira vez.

— Seu pai também era sargento, de Chicago. Tentou ser treinado nos AT-6s, mas não era um piloto muito bom. Ele ficava no fundão da aeronave, nas metralhadoras gêmeas de calibre cinquenta. — Ele deu uma risada e procurou um guardanapo. — Teve uma vez que ele queimou a bunda com um pedaço de artilharia antiaérea que entrou pela fuselagem e botou fogo no uniforme de voo, além de no rabo dele.

— É, ele me contou sobre isso. Foi no aeroporto de Bernberg, parte do anel externo das bases protetoras de Berlim, terceira missão, março de 1944.

— Você *prestou* atenção — disse Jorgensen. — Bom, então talvez você não ache essa história tão estranha. Já viu filmes de guerra. Já esteve em combate?

— Não, senhor. — Eu estava no ensino médio quando a loteria de alistamento foi inventada. Tirei um número bem alto na primeira seleção.

— Bom, não é assim, e o combate aéreo é um bicho bem diferente. Em geral, é muito barulho e pânico e, se você sobrevive, tenta entender depois por que não está morto. Na hora, é só adrenalina, e o tipo de medo que faz você se borrar todo. O avião se desmontando, as bombas caindo, dez metralhadoras disparando contra seu avião, caças inimigos jogando balas de canhão de vinte milímetros no seu nariz, e em volta, para *todo* lado, você vê outros aviões caindo... gente que você conhecia caindo e deixando fumaça no ar, e você quer procurar um paraquedas, mas não dá tempo. Você já ouviu heavy metal?

Ele pintou uma imagem tão vívida que me perdi nela por um momento, atordoado.

— O quê? Ah, sim, um pouco. Sabe como é.

— Eu nunca gostei — disse Jorgensen.

Pausa para imaginá-lo todo aconchegado ouvindo um disco de melhores músicas do Black Sabbath. Um pouco de lixo do Mudhoney. Talvez a ideia de chique de uma banda norueguesa de speed-metal.

— Sabe por quê? O som é parecido com o som de combate, por isso.

O B-24 Liberator chamado Turk, de acordo com a pintura do nariz, desceu em terra e cuspiu partes em chamas por toda a beirada da pista enquanto o que tinha sobrado da tripulação corria. Dois tripulantes ainda de trajes térmicos foram jogados no chão com a explosão. Um não se levantou para

apagar as próprias chamas. Equipes de combate ao fogo correram de um incêndio parcialmente apagado para um novo enquanto outras aeronaves atingidas tentavam desviar dos destroços e pousar. Os Liberators, cada um com dezenove toneladas quando vazio, estavam lotados e apareciam um atrás do outro, literalmente caindo do céu. Um observador da torre estava ocupado contando os aviões que estavam retornando e fazendo uma avaliação do número de mortos.

O clima, típico para a Inglaterra, era uma mancha opressiva de neblina e tempo ruim. Os aviões em chamas cortavam buracos ardentes na neblina, pontos quentes que deixavam espirais de fumaça preta subindo para o céu.

Wheatrow, um artilheiro inferior recém-chegado de Oklahoma City, tão louro e alimentado por milho quanto seu nome sugeria, correu até Harry Mars, um tenente que era o copiloto do *Shady Lady*. Mars estava com as mãos enfiadas nos bolsos de trás, uma postura que assumia quando não tinha ideia do que resolver primeiro.

— Meu Deus do céu! — disse Wheatrow. — O que acertou esse?

— Desceu com a roda da frente torta e não viu o filme dos acidentes, acho

— disse Mars. — Bem-vindo a Shipdham, rapazinho.

Shipdham era uma paróquia de Norfolk, em uma parte mais alta das ilhas ao nordeste de Londres, agora lar do 44º Grupo de Bombardeiros de um dos pontos centrais dos aliados perto da costa para missões na Europa. Esse cartão-postal britânico de pubs e chalés foi invadido por barracões Nissen e pistas de pouso, cercado por baterias antiaéreas e ocupado por pilotos e tripulantes americanos insolentes exigindo saber o que realmente estava acontecendo. Normalmente aos berros e com ausência evidente de tato; choque cultural, claramente.

Ver um B-24 alvejado voltar para casa era quase digno de uma ópera em seu horror extravagante. Os Liberators eram aeronaves de barriga grande que só deixavam de parecer desajeitados durante o voo. Em pousos na água, eles tinham a tendência de ficarem “esmagados”, tornando a sobrevivência dez vezes menos viável do que se um Flying Fort pousasse na água. O piloto do *Turk* encarou a situação horrível em que estava e pousou pelo modo manual, controlando os dois motores que sobraram, baixando os flaps e mantendo a frente sem tocar na pista pelo máximo de tempo possível. A roda travada de estibordo estourou com o impacto, jogando-o na lama e arrancando a asa direita entre os enormes motores Pratt-Whitney. Em seguida, alguma coisa pegou fogo. Não uma bomba, a munição menor e o pouco combustível, talvez, mas alguma coisa a bordo pegou fogo e explodiu a aeronave ao meio como uma bombinha dentro de uma garrafa de cerveja.

Praticamente tudo a bordo daqueles aviões era inflamável, e o fogo não seria apagado pelo ar frio, cinza como lama e carregado de umidade onipresente no Reino Unido.

Todo mundo recebeu mais más notícias de Madsen no refeitório, que também servia de local de reuniões. Wheatrow verificou o Shady Lady no quadro de missões. O espaço deles ainda estava em branco. Madsen era um inglês durão com uma bengala curta que usava para apontar e para bater no mapa ao falar para um grupo completo de oficiais e suboficiais agitados dentro da cabana de metal corrugado pequena demais.

— ... um total de 109,2 toneladas de bombas de quinhentas e de mil libras, com disparadores de um décimo de segundo no nariz e de um quarto de segundo na cauda, foram soltas com sucesso de dezoito a vinte mil pés. Fora a fábrica de Messerschmitt em Regensburg...

A bengalinha de Madsen bateu no mapa, e um grito generalizado soou nesse momento.

— Sim, sim. — Madsen esperou que a comemoração acabasse. — Dois outros alvos na vizinhança foram atingidos, afetando com sucesso o ar, a água e as linhas elétricas. Uma fábrica de parafusos e uma de borracha. Claro, algumas peças de máquina não foram atingidas, mas terão que ser testadas e consertadas.



Quase novecentos cigarros acesos formavam uma camada inversa de fumaça no alto do barracão. Wheatrow reconheceu alguns rostos do treinamento em Casper, Wyoming, homens com quem ele foi enviado, homens com nomes esquecíveis. Mas agora ele estava alocado com a tripulação nova, a carne nova do pedaço. Ele se sentou ao lado do sargento Jorgensen, que estava se balançando na cadeira dobrável.

— Esse britânico aí só fala disso — disse Jorgensen. — De parafusos e de borracha.

Alvin Tewks, um caubói da Califórnia, se inclinou do lado mais distante de

Jorgensen para apontar o navegador do *Shady Lady* com o polegar.

— O velho tenente Max se casou com uma britânica pouco depois que caiu na praia. Bum!

Tewks na mesma hora se encolheu sob o escrutínio do tenente Keith Stackpole, bombardeiro e artilheiro do nariz. Afinal, ele estava falando de um oficial.

— Merda — disse ele. — Desculpe, senhor.

Stackpole, um dos adultos entre eles, com vinte e dois anos, esticou a mão aberta. *Guarda essa besteirada pra você.* Quando eles estavam atacando o Eixo, um contingente militante similar de moças britânicas estava atacando ianques com saudades de casa, em uma atmosfera potente de privação material e morte iminente. Max Gentry, o navegador de olhos verdes, escolheu um caminho diferente. Ele se apaixonou. Claro. Ele também conquistou com isso uma quantidade absurda de insultos e piadas, e Stackpole o admirava por suportar tudo com uma deferência calma que sugeria que ele estava se acostumando com a postura autóctone arrogante.

Desde que Gentry não começasse a usar cachecol de voo e a falar com sotaque anasalado, Stackpole não teria nada contra o homem dos mapas do *Lady*.

Stackpole passou um cigarro para o sargento Jones, o responsável pelo rádio, que o quebrou no meio e o passou para o sargento Smith, o

melhor amigo dele, engenheiro e artilheiro do lado direito central. Smith e Jones. Às vezes era preciso rir para não chorar.

— Que se danem as estatísticas — resmungou Jones. — *Quantos?*

— Quarenta, cinquenta, algo por aí — disse Smith. Os dois homens acenderam os cigarros usando o mesmo fósforo.

A expressão de Wheatrow se fechou.

— De quantos?

— Duzentos, algo por aí.

Jimmy Beck tinha aparecido atrás deles, pois não havia mais onde sentar.

O artilheiro alto usava óculos fornecidos pelas forças armadas e transferiu o cigarro de uma das mãos para a outra para permitir que o tenente Mars e o piloto, o tenente Coggins, passassem. Todos os fatos e estatísticas, por mais claros que fossem, eram *algo por aí*.

Wheatrow perdeu o fôlego.

— *Duzentos...?*

— De um total de 177 B-24s — disse Madsen do palquinho na frente —, pelo menos 127 e possivelmente até 133 alcançaram e bombardearam o alvo.

Quarenta e duas aeronaves foram alvejadas ou caíram durante o trajeto...

— Trajeto? — disse Tewks, ainda com a fascinação do recém-chegado pelo jeito como os britânicos falavam.

— ... dos quais quinze, nós estimamos, foram perdidos acima do alvo.

— Nós não estamos no quadro de missões de novo — disse Coggins para Stackpole.

— Além disso — disse Madsen —, oito aviões pousaram em território neutro, na Turquia, e foram confinados. Cento e quatro voltaram para a base, e vinte e três para outras bases aliadas, com uma perda total

de cinquenta. As vítimas chegam no momento a quatrocentos e quarenta homens mortos ou desaparecidos em ação. Fomos informados de que o Eixo está com vinte dos nossos tripulantes desaparecidos.

Wheatrow sentiu um buraco se abrir no estômago. Quase 450 homens perdidos em uma única missão. As tripulações de quarenta e cinco aviões perdidos. *Algo por aí.*

— Malditos alemães — murmurou Jorgensen.

Madsen revelou a parte reconfortante da reunião:

— Um total de cinquenta e um caças inimigos foram derrubados.

— Ótimo — disse Tewks. — Quase um caça para cada bombardeiro cheio de homens.

Alguns homens aplaudiram mesmo assim.

O tenente Mars já tinha deixado a notícia para trás e foi implicar com Beck.

— Ei, Jimmy... você sabe qual é a expectativa de vida para um artilheiro de cauda em combate?

Era uma piada antiga para aqueles jovens. Pelo menos três responderam:

— Nove segundos!

— Obrigado, pessoal — disse Beck, soprando fumaça. — Estou me sentindo bem melhor. Aquecido por dentro.

Coggins avaliou silenciosamente a reação da tripulação. Que bom. Números altos de morte fariam todos odiar o Führer um pouco mais, e talvez esse ódio pudesse ajudá-lo a trazê-los de volta com vida, não como churrasco em destroços de bombardeiro como os pobres filhos da puta a bordo do *Turk*, cujo comandante estava agora passando tempo num leito de hospital com o braço esquerdo frito ao ponto e a perna quebrada em quatro partes.

Aquilo era a guerra. Aquilo era importante. Em 1941, seis meses antes de Pearl Harbor, o Corpo Aéreo do Exército dos Estados Unidos foi

rebatizado como Forças Aéreas do Exército dos Estados Unidos sob o comando do general Hap Arnold, e aquele grupo de americanos beligerantes tinha muito a defender. Muito a provar. Agora, o orgulho deles era ferido diariamente. Os guerreiros das nuvens eram quase tão legítimos e autônomos quanto a Marinha ou os pilotos de tanque. Depois que os Estados Unidos entraram na guerra, o Departamento de Guerra reorganizou as Forças Terrestres do Exército e as Forças Aéreas do Exército em comandos iguais, mas a mudança só resultaria em uma coisa chamada Força Aérea dos Estados Unidos depois da guerra. Muitos dos pilotos veteranos ainda usava a insígnia do Corpo Aéreo com autoestima compreensível apesar de agora serem todos parte da Força Aérea.

O orgulho não adiantava muito quando você era arrancado da cama à uma da manhã. Metade dos homens no barracão estava ciente do invasor antes de ele acender a lanterna. Era Carlisle, o oficial no comando, e era o raio da lanterna de Carlisle que pousou no crânio careca de bola de sinuca do Coggins na escuridão fria.

— Coggins — sussurrou Carlisle. — J. J. Acorda.

— Estou acordado — respondeu Coggins com voz rouca, rolando para o lado.

Carlisle se sentou na beirada da cama.

— Escuta, odeio fazer isso com você, mas...

— Que horas são? — Todos estavam acordados agora, menos Tewks.

— Uma e quinze. Olha... a missão. Você consegue?

— Claro — disse Coggins, como se tivesse certeza de tudo.

— Vamos liderar o oitavo hoje e precisamos que o grupo todo se dedique ao máximo.

— O que ele está dizendo? — perguntou Wheatrow, esfregando o rosto para acordar.

— Shh — disse Beck. — É surpresa.

— É importante — disse Carlisle, mais alto agora para todos ouvirem. —

Artilharia antiaérea pesada e caças. Uma refinaria de petróleo. Sei que sua equipe não está tão pronta para o combate, mas não podemos botar você de copiloto com um cara mais experiente porque...

— Minha equipe *está* pronta para o combate, senhor — respondeu Coggins, e ninguém o contradisse.

Era isso, então. A coisa que Coggins mais tarde descreveria como “massacre”.

Coggins mandou pintar *Shady Lady* na aeronave dele durante seu período no norte da África. Essa equipe verde estava dormindo dentro de um barracão que vários dias antes tinha sido ocupada por outra equipe completamente diferente, agora desaparecidos em combate. Amanhã, quem sabia?

Tecnicamente, eles fizeram quatro de vinte e cinco missões, mas sempre foram chamados de volta ou a missão foi abortada. Ainda não tinham atravessado o canal. A primeira missão, cheia de vanglória, acabou virando um constrangimento quando eles perderam um supercompressor a doze mil pés e tiveram que voltar para soltar as bombas no Atlântico Norte. O artilheiro direito central, um texano chamado MacCardle, foi transferido para uma equipe ativa de combate na décima segunda missão, a do *Hometown Gal*, deixando uma vaga que tinha acabado de ser preenchida por Wheatrow.

Um artilheiro inferior de uma aeronave chamada *Double Diamond* relatou a missão para Coggins: “Vi o *Ratpacker* levar uma bala 88 no cockpit. O avião se inclinou para a frente com o carregamento completo de bombas e partiu o *Hometown Gal* no meio. Não vi nenhum paraquedas”. MacCardle estaria vivo ou morto? Ninguém sabia, e depois de uma certa preocupação mínima, era má ideia se preocupar demais.

Ali estavam eles: café escaldante, juntas estalando na maldita umidade britânica, lutando com o equipamento, o sono borrando a visão, tornando-se integrantes rechonchudos da Força Aérea. Trajes térmicos, coletes de proteção contra artilharia antiaérea, paraquedas nas costas para

os pilotos, no peito para o resto, coletes salva-vidas, capacetes, óculos, máscaras de oxigênio. Tudo com cheiro de pele de carneiro molhada e couro.

— Maldita neblina — disse Tewks no caminhão a caminho do campo. — Fina demais pra comer e densa demais pra beber.

A visibilidade era nula.

— Vamos ter que seguir um Jeep só pra encontrar a pista — disse Stackpole. — Onde nós estamos na formação?

— No cantinho do caixão — disse Coggins, tentando soar calmo.

— Ah, que ótimo — resmungou Beck, o Cara da Parte de Trás.

— O quê? — perguntou Wheatrow, o cabelo louro úmido grudado na cabeça debaixo do bivaque de voo.

O tenente Mars recitou o veredito:

— Canto externo da formação, elemento de trás.

— Onde a artilharia antiaérea pode nos matar com facilidade — comentou Beck.

Jorgensen abraçou Wheatrow com um braço acolchoado.

— Posição dos recém-chegados. Para os virgens.

— A gente tem que ir atrás até alguém receber ordem de abortar — disse Coggins. — Para a gente poder ocupar a posição dele.

Pelo menos eles tinham se graduado dos abortos. Coggins tinha puxado o arame da aba do bivaque com uma pinça, para permitir que cedesse adequadamente quando ele colocasse os fones de ouvido durante a missão.

Stackpole estava assobiando “The Way You Look Tonight”.

E o *Shady Lady* surgiu abruptamente à frente deles, preenchendo seu mundo. Verde-fosco, a mãe filha da puta, a amante dos céus, seu útero, seu destino.

O 44º- Grupo de Bombardeiros era conhecido como os Bolas Oito Voadores, a primeira unidade de Liberators na AAF, embora não a primeira na Europa, cuja distinção ia para os Pyramiders da Nona Força Aérea. Os Bolas Oito voaram em sua primeira missão em apoio aos Flying Forts em novembro de 1942, e enquanto os outros grupos faziam missões noturnas, os Bolas Oito ficaram na posição nada invejável de serem o único grupo de Liberators designado para incursões de bombardeios diurnos. Houve muita falação sobre um Lib, o *Boomerang*, parte da incursão do dia 9 de outubro do 93º- Grupo de Bombardeiros em Lille. Ele voltou com mil buracos, destinado a virar ferro-velho, mas o piloto e a tripulação lutaram por ele, consertaram os buracos de bala com alumínio, e ele se tornou o primeiro B-24 no Oitavo a completar suas cinquenta missões. Seus homens defenderam sua honra, e ele retribuiu com suas vidas. Sem querer enfeitar demais, deixando o deboche de lado, a missão de Lille também foi o ponto de virada para o comando, que foi compelido a relatar incontroversamente que o B-24 era uma aeronave de bombardeio melhor, sem a menor sombra de dúvida, do que o bem mais sexy B-17, “garota glamour” — os Libs eram mais rápidos, de longo alcance, capazes de transportar um carregamento mais pesado de bombas com armamento superior. Em essência, a história dos Bolas Oito foi a saga do Liberator na época da guerra; conflitos aéreos o fizeram nascer, e ele já estaria praticamente obsoleto no dia da vitória. Muitos dos 24s de Shipdham tinham chegado com blindagem nova, tanques autoisolantes, supercompressores turbo e a torreta esférica Sperry retrátil.

Que era para onde Wheatrow tinha que ir naquela manhã.

— Filha da puta barriguda — disse Mars, ecoando as palavras de um comandante chamado Keith Schuyler.

— Eu gosto de mulheres grandes — disse Tewks. — Tem mais pra apertar.

— Ela se move rápido pra uma grande assim — disse Coggins.

*Ele poderia estar falando sobre a esposa nos Estados Unidos ou sobre a aeronave,* pensou Jorgensen. Como se a diferença tivesse importância.

Talvez a envergadura da mulher dele fosse maior do que a fuselagem.

A equipe de voo tinha completado o carregamento de bombas de 230 quilos no compartimento de bombas do *Lady* e as dez metralhadoras a bordo foram preparadas com onze mil rodadas de munição em cinturões de balas que se desintegravam. Os homens de Coggins começaram a subir pela parte inferior do avião. Lá, eles passariam as doze horas seguintes em um espaço quase insuportavelmente espremido, mijando em tubos, sugando ar artificial, lutando para não morrer. Que Deus o ajudasse se você tivesse caganeira durante a missão.

Mars subiu para a posição do copiloto, à direita de Coggins, reparando que o capitão, como sempre, tinha puxado o banco todo para a frente. Era de se pensar que homens mais baixos fossem ideais para bombardeiros, mas os palhaços em San Diego ou Fort Worth gostavam de colocar os pedais fora do alcance de um ser humano normal.

— Pode ser só um leva e traz — disse Mars, se acomodando.

— Pode ser um pesadelo se os caças escolherem nosso grupo pra perseguir — disse Coggins, sem encará-lo. Ele esmagou o chapéu (agora sem arame) para acomodar os fones de ouvido.

Fizeram a verificação pré-voo com o engenheiro de voo. Mars prendeu o engate do controle acima (para que não batesse na cara dele depois) e abriu a escotilha para verificar o movimento dos ailerons, dos lemes de profundidade e do leme de navegação. A ignição seria por bateria portátil, e ele desligou os interruptores de ignição. O engenheiro girou os propulsores à mão, seis voltas ou “lâminas” cada, começando pelo terceiro, do interior para fora. O processo era tedioso, burocrático e repetitivo, mas um errinho que fosse nessa etapa poderia causar uma explosão, de um intercooler fechado a um interruptor de supercompressor negligenciado. O engenheiro de voo posicionou as escoras das rodas e ficou parado com um extintor de incêndio para a ignição do motor, o número três primeiro, com o impulso do sistema hidráulico. A mil rotações por minuto, os mostradores revelavam adequadamente: 45-50 libras na pressão de óleo, 4,5 polegadas nas bombas de vácuo, cerca de 975 libras de pressão nos acumuladores, como força de frenagem. Coggins



acelerou para um terço da potência enquanto Mars amplificava a mistura de combustíveis para inclinação automática. Depois de taxiar, Mars aceleraria todos os quatro geradores para “exercitar” os propulsores.

Coggins falou no comunicador:

— Verificando o interfone.

— Meu Deus, não consigo ver nem o nariz da aeronave — comentou Mars, conforme a tripulação começou a responder de cada posição.

Como sempre, a neblina só sumiria quando eles subissem acima dela.

A voz de Stackpole:

— Bombardeiro, confirmado.

Ele estava abaixo dos pés dele, perto de Jones, na estação de rádio, que disse:

— Operador de rádio, confirmado.

Atrás de Jones sempre vinha Smith:

— Confirmado, lado esquerdo.

— Confirmadíssimo, bando de doidos. — Esse foi Tewks, do outro lado de Smith, na artilharia do lado direito.

— Torreta superior, Jorgensen aqui.

Se Mars ou Coggins se virassem, eles veriam as botas de Jorgensen no apoio de pés da torreta.

— Wheatrow. A torreta esférica está ótima.

O pobre rapaz tinha que ficar encolhido e mais baixo, sem paraquedas. Não havia espaço para um. Para usar um paraquedas, ele teria que sair (com ajuda) e prender um no corpo, teoricamente enquanto a aeronave despencava na direção da terra em uma bola de fogo. Moleza.

O tenente Gentry apareceu de dentro da estação para fazer sinal de positivo. Por procedimento, ele tinha que ser ouvido, e assim foi.

— Positivo, Jimmy — disse Coggins.

— A cauda está pronta, capitão — disse Beck do que Jorgensen tinha chamado de “fundão da aeronave”.

Naquele momento, Coggins pareceu se comprimir com o peso que imaginava carregar. Mars ergueu as sobrancelhas. Coggins finalmente abriu um meio sorriso e disse:

— Esse assento maldito é pequeno demais.

Apesar do equipamento volumoso, dos armamentos e da falta de sono, quando o *Lady* subiu para o céu, a sensação era de estar em uma limusine. Eles finalmente viram a luz do dia e o céu azul. Cada sensação de recompensa era muito importante.

A três mil pés, todos acenderam cigarros, porque quando chegassem a três mil e quinhentos, eles teriam que começar a usar o oxigênio. Depois disso, só o suor das bolas os carregaria até que eles dessem meia-volta, vazios, e dessem as costas para o continente.

— Nós fomos cercados de Focke-Wulfs — disse Jorgensen. — Tinha 190s pra todo lado. Depois da artilharia antiaérea sempre vêm os caças. E quando percebi, Mars estava gritando no interfone que o *Vargas Doll* estava pegando fogo, perto da nossa asa esquerda. Eu não conseguia não ver da minha torreta. A artilharia antiaérea atingiu um reservatório de oxigênio perto da cabeça do velho Jonesy e explodiu o rádio dele. O traje térmico de Wheatrow entrou em curto e o queimou. Todo mundo começou a gritar, as armas a disparar. Havia Focke-Wulfs passando tão perto que dava pra cuspir neles. Tewks rompeu o suporte da arma e atirou acidentalmente no nosso estabilizador direito quando estava tentando acertar um dos filhos da puta, e começamos a tremer como uma puta velha bêbada. E foi quando vi pela primeira vez.

— O Pássaro de Guerra — disse.

Katie tinha trazido mais café. A irmã mais velha de Jorgensen também estava na casa dos oitenta anos. A última sra. Jorgensen tinha morrido uma década antes.

— Primeiro, pensei que era um Stuka — disse Jorgensen. — Quando mergulhavam, eles faziam um ruído agudo estranho. Mas então vi as asas baterem e pensei: *Isso não é avião*. Era quase tão *grande* quanto um caça. Com asas como as de um morcego, a frente como um bico de beija-flor. Os olhos pareciam ônix e estanho. — Ele limpou a garganta. — Agora você deve estar pensando, caramba, esse velho perdeu vários parafusos, não é?

As sobrancelhas peludas se arquearam, me acusando.

— Na verdade, não, senhor. Eu nunca consegui fazer meu pai falar sobre a guerra, mas alguns dos outros tripulantes do *Shady Lady* tiveram histórias para contar ao longo dos anos que levei para os encontrar. Já ouvi coisas mais estranhas.

Ele pareceu tomar uma decisão interna repentina.

— Bom, tudo bem, então, desde que Katie esteja na cozinha ou vendo novela, ou o que quer que faça no tempo livre.

Nenhum protesto veio dos fundos da casa, e Jorgensen se convenceu de que estávamos sozinhos.

— Eu pensei a mesma coisa que você deve ter acabado de pensar — prosseguiu ele. — Que era uma alucinação. Mas acho que não. Eu vi uma coisa grande e impossível vindo diretamente para cima de mim, as garras esticadas. Quando me dei conta, o teto de acrílico tinha sumido e eu estava caído no chão com a cabeça aberta. Ainda tenho a cicatriz. — Ele puxou o cabelo para trás para mostrar uma linha branca que ziguezagueava da sobrancelha esquerda até o couro cabeludo. Parecia um ferimento de faca. — Quase perdi o olho. Quando voltamos para a base, eu estava em estado de choque pela perda de sangue. Quase não lembro a volta para casa. Depois me disseram que a torreta inferior tinha sumido quando pousamos, junto com Wheatrow, o novato.

— A torreta toda tinha sumido do avião?

— É... uma coisa difícil de fazer só com canhões e metralhadoras. E todos nós teríamos sentido o ataque. Os alemães estavam usando armas de 128 milímetros, e se Wheatrow tivesse sido explodido da torreta

esférica por tiros, nós saberíamos porque metade do avião teria pegado fogo. Nós tínhamos uma carga enorme de explosivos, e nossas asas estavam cheias de gasolina com alto índice de octano.

— Você acha que...

Ele me interrompeu.

— Eu não acho. Desconfio. Tem coisas que eu sei. Eu desconfio do que aconteceu ao pobre Wheatrow, mas vou dizer o que acho: acho que uma guerra grande daquelas não acaba só porque mãos foram apertadas e papéis foram assinados.

— Ou cidades são bombardeadas até virarem vapor com aroma japonês.

Eu não pretendia falar com tanta insolência, mas Jorgensen não reagiu, só ignorou ou foi educado.

— Pense bem: o mundo todo em guerra. Anos de guerra. Todos os aniversários, todos os Natais, a guerra ainda estava acontecendo. De repente, ficamos civilizados e concordamos em fingir que não havia mais guerra. Às vezes eu penso... às vezes...

Ele parou de falar. Para quê? Ele nem me conhecia direito, e eu era só o filho inexperiente de um dos colegas antigos de tripulação dele, Jimmy Beck, que tinha morrido cinco anos antes e nunca tinha lhe enviado nem um cartão de Natal.

— Não é questão de heroísmo ou glória — disse ele, seguindo por um caminho diferente. — Quando você está lá em cima, no ar, disparando pra todo lado, com homens sangrando e gritando, explosões pra todo lado, tudo o que quer é salvar a própria pele. Pura sobrevivência. Se você acredita em Deus, fica rezando sem parar, em silêncio: *Deus, por favor, não permita que eu morra nessa missão*. Se acredita em talismãs, você os segura. Stackpole tinha um boneco de meia Kilroy que a esposa tinha feito para ele, e pode acreditar que nós todos tratávamos Kilroy como membro da equipe, verificávamos se estava presente em cada missão. Gentry tinha uma medalha de São Cristóvão. Wheatrow apareceu com um pé de coelho,

apesar de não ter dado muita sorte para ele e nem para o coelho. E seu pai tinha um ritual.

Antes de verificar as armas, ele tirava a primeira bala do cinturão, escrevia a data nela e a colocava no bolso, ao lado do coração.

Uma bala de calibre cinquenta tinha quase quinze centímetros de comprimento e pesava mais do que um rolinho de moedas de vinte e cinco centavos. Meu pai participou de pelo menos oito missões bem-sucedidas em território inimigo. Eu me perguntei o que tinha acontecido com sua coleção de balas.

— Todo mundo faz coisas assim — falei, embora o ritual do meu pai fosse novidade para mim. — Não é preciso participar de combate para acreditar em pequenos rituais, em padrões. Não faz mal a ninguém.

— Você não está entendendo a questão.

Ele balançou a mão em um gesto de dispensa.

Eu parecia ser parte de uma imagem maior, uma que estava bem atrás de mim, parte de uma vista que Jorgensen conseguia identificar, mas eu, não. Ele estava olhando para ela agora.

— Aquela sensação, aquela sensação de batalha voltou — disse ele.

—

Todos os dias. Só um pouco no começo. Cada vez mais. Não flashbacks, não tremores. Não estou senil, caramba. É tão real quanto a divisão no seu cabelo. Agora, vou contar em que acredito, e vou te chamar de mentiroso se você contar pra alguém, mas estou dizendo isso por respeito ao seu pai.

Ele estava me entregando uma coisa, um peso maior do que eu esperava, e eu precisei me segurar para não interrompê-lo com toda a minha modernidade sábia.

— Acho que despertamos alguma coisa naquela época, com todo aquele conflito. Todo aquele ódio. Todas aquelas vidas alimentando a guerra. Uma coisa grande daquelas não some simplesmente, está lá um dia e desaparece no seguinte. Acho que talvez tenha se empanturrado e engordado e adormeceu por um tempo. Tivemos outras guerras, aqui e ali,

mas não foram a mesma coisa. Aquela guerra teve um filho. Gerou uma coisa ruim. Uma coisa que despertou da soneca e percebeu que, ora, estava com fome de novo, e que não tinha arrancado *todos* nós do ar, que é onde gosta de caçar.

— O Pássaro de Guerra. Mas por que você? Por que agora, depois de tanto tempo?

— Você quer que eu lhe ofereça lógica? Não tenho. Só tenho o pensamento de que talvez alguns de nós tinham que ter morrido naquela época e não morreram. E sabe quem nós somos, e tem uma listinha, como um cardápio. E somos alvos fáceis, porque a coisa esperou, e agora não estamos mais cheios de energia e vigor. Nós não podemos fugir e não podemos atirar. O Pássaro de Guerra está voando de novo, comendo sobras, e nada disso importa, porque quem é que vai acreditar em um velho encarquilhado como eu?

— Sr. Jorgensen, meu pai morreu de ataque cardíaco. Trombose. Tecnicamente, morreu quatro vezes antes de morrer de uma vez e ficar morto. Ele teve quatro pontes de safena. Uma angioplastia. Tinha dois marca-passos no peito quando finalmente se foi. Ninguém era mais teimoso do que ele quando o assunto era morrer. E ele não morreu com medo e nem com dor. Ele aceitou a morte. Não agiu como se estivesse... — Eu odiava ter que procurar uma palavra adequada. — ... assombrado.

— É. — Havia um leve toque de *entendi* nos olhos dele, atrás das lágrimas que Jorgensen estava masculinamente segurando. Os homens da geração dele não choravam nunca. — Mas você disse que ele nunca falou sobre a guerra, não foi?

— Mas você falou comigo sobre o Pássaro de Guerra.

Ele não estava debochando de mim como um vovô maluco. Estava falando sério, e a admissão custou a ele entranhas viscerais, arrancadas e expostas de forma nada elegante. Sendo eu de confiança ou não, tinha caído naquele vão bizarro que permite que as pessoas contem a estranhos intimidades que nunca revelariam aos seus entes mais queridos. Eu tinha recebido uma explicação.

Parecia injusto impor retroativamente pré-condições agora.

— Falei, não foi? — disse ele, voltando a si. — Foi burrice minha. Sinto muito, meu jovem. Lamento pelo seu pai e lamento por jogar isso nos seus ombros. Você parece um sujeito correto. Eu teria orgulho de servir com você. Mas não deixe que essa besteira o intimide. Já superei. Estou no fim da vida e ouço coisas de vez em quando, e a piada é que eu nem escuto tão bem. A senescência pode ser libertadora. Aposto que você não sabia que eu conhecia uma palavra como senescência, não é mesmo? Eu pesquisei.

Em algum momento naquela mesma noite, Brett Jorgensen colocou o cano de um Luger antigo embaixo do queixo e explodiu a cabeça com uma bala de ponta côncava de nove milímetros.

Eu o tinha deixado sozinho para que fizesse isso. Dei minhas desculpas, me despedi e prometi com sinceridade que manteria contato. Percebi que o tinha abandonado.

Pelo que consegui descobrir depois, ele guardava aquela pistola havia mais de meio século.

Brett Jorgensen, o homem com quem eu tinha acabado de conversar, foi filho de pais imigrantes de Oslo, na Noruega. Seu nome de meio era Eric. Depois da guerra, ele se formou com honras em ciências políticas na Universidade do Missouri, cortesia da lei que beneficiava os estudos para soldados que retornaram da guerra. Dois casamentos, três filhos. Seu obituário seria superficial. Ele tinha trabalhado por um tempo em uma agência corretora e se aposentou com um bom pé de meia. Seu jeito de falar simples era meio fingido. Ninguém se importava de ele já ter arriscado a vida para bombardear máquinas de guerra do Eixo. Desde 1939, fumava dois maços de Luckies por dia e nunca chegou nem perto de ter câncer.

Aparentemente, ele tinha tentado escrever vários bilhetes suicidas, mas queimou todos em um cinzeiro enorme como baboseira cheia de autopiedade. Perto do cinzeiro e das guimbas de cigarro havia um retrato de estanho com uma fotografia de Teresa, a primeira esposa, o grande amor da época da guerra, a garota que o esperava em casa. Ele a enterrou em 1981, depois que os patologistas tiraram um tumor do tamanho de uma bola de vôlei murcha das entranhas dela. Contra todas as

chances, ele se apaixonou de novo e acabou enterrando a segunda esposa, Millicent, no mesmo cemitério em Nova Jersey.

A Luger não veio de espólios inimigos. Jorgensen lutou contra a Alemanha de forma abstrata, mas nunca viu um nazista, exceto talvez pela vez em que jurou ter identificado um rosto, uma careta por trás de óculos e capacete de voo de couro, disparando salvas de balas de canhão de vinte milímetros na direção da cabeça dele, a dez mil pés de altura, perdido em nuvens estrangeiras. Essa foi a sexta missão, um ataque a ferrovias em Bremen. Ou talvez tenha sido em Hamburgo, um ataque a uma fábrica de munição. Ou algum outro tipo de fábrica, algo por aí.

Ele nunca achou que viveria até a velhice. Mas era a única coisa sobre a qual eles falavam, presos em Shipdham, participando de missões: casarem-se com as garotas que os esperavam em casa. Terem uma família. Pegarem seu pedaço da torta vermelha, branca e azul. Sobreviverem para realizar tudo.

Ele não confiou em nenhum político depois de Kennedy. Lembrava-se do ultraje do mundo concentrado naquele único assassinato e lembrava onde estava e o que estava fazendo quando recebeu a notícia. Atualmente, as pessoas só sabiam que Kennedy tinha sido uma piada suja e mulherenga. Revelações sórdidas; muita investigação. John F. Kennedy foi um herói de guerra, que se danassem todos. Se os revisionismos eram verdade, então o que Jorgensen lutou para preservar no passado? Ele viu aquele desenho, o que dizia *Nós encontramos o inimigo e o inimigo somos nós* e pensou *Eu queria poder saber quando esse encontro aconteceu, porque eu perdi*. A bandeira do país ainda era a mesma, mas ele tinha visto homens e mulheres demais, todos hipócritas, mentindo na frente da bandeira. Até seu diploma de ciências políticas parecia um truque cruel que o permitia perceber coisas demais, e ele parou de pensar em lutar por um país onde ele parecia não ter mais lugar.

Ele carregou a pistola às três e meia da manhã, sozinho na sala, a menos de cinco metros de onde tínhamos tomado café juntos. Ele conhecia os sons de caças no ar, os nossos e os deles. O que estava ouvindo não era um helicóptero da polícia e nem trailers percorrendo a interestadual. Para ter certeza, tirou o aparelho auditivo, e tudo que sobrou foi um ruído



agudo que não vinha de nenhum tipo de aeronave, nem mesmo um bombardeiro Stuka.

É só palpite, eu sei, mas agora consigo ver, com a transparência de taças de cristal: um velho arranca o aparelho de surdez e o mundo fica em silêncio. O relógio acima da lareira para de tiquetaquear, o mundo externo some, os estalos da casa param de pontuar a noite e ele fica sozinho com o som do Pássaro de Guerra. Ele termina o uísque, apaga o cigarro e puxa o gatilho com olhos fechados e sem lágrimas, torcendo para a irmã compreender e perdoá-lo. Há um barulho alto, e a guerra jorra para fora da cabeça dele.

Só mais um velho suicida.

Só que agora também estou ouvindo ruídos. Sons que não podem ser confundidos com mais nada. Agora vejo formas pretas estanhas no céu noturno. Famintas, ainda insaciadas, querendo mais.



# A MÁQUINA VOADORA

Ray Bradbury

Depois de um começo prematuro escrevendo contos competentes (e às vezes macabros) de terror, como “O pequeno assassino” e “O emissário”, Ray Bradbury passou a ser um dos gigantes da fantasia do século XX. Ele escreveu um livro clássico, *Algo sinistro vem por aí*, e suas histórias passadas em Greentown, Illinois, se comparam às de Sherwood Anderson sobre Winesburg, Ohio. Mas, neste conto, Bradbury nos leva à Antiga China e delinea claramente o lado sombrio dos voos em meras mil e quinhentas palavras. “Aqui está o homem que fez uma certa máquina”, diz o imperador, “mas nos pergunta o que criou. Ele mesmo não sabe.” O conto da máquina voadora de Ambrose Bierce é irônico; o de Bradbury é alegórico e faz uma pergunta enganosamente simples: nós entendemos as implicações das coisas que criamos? Implícita nessa pergunta, há outra: depois de criada, uma coisa pode ser *descrida*?

No ano 400 d.C., o imperador Yuan ocupava o trono perto da Grande Muralha da China, e as terras estavam verdes por causa da chuva, se preparando para a colheita, em paz, seu povo nem feliz demais nem triste demais.

No começo da manhã do primeiro dia da primeira semana do segundo mês do novo ano, o imperador Yuan estava tomando chá e se abanando devido a uma brisa quente quando um servo se apressou pelo piso escarlate e azul do jardim, gritando:

— Ah, imperador, imperador, um milagre!

— Sim — disse o imperador —, o ar está doce esta manhã.

— Não, não, um milagre! — repetiu o servo, fazendo uma rápida reverência.

— E este chá está bom na minha boca, claro que isso é um milagre.

— Não, não, Vossa Excelência.

— Vou tentar adivinhar, então: o sol subiu e um novo dia começou. Ou o mar está azul. Esse, sim, é o maior dos milagres.

— Excelência, um homem está voando!

— O quê? — O imperador parou de se abanar.

— Eu o vi no ar, um homem voando com asas. Ouvi uma voz gritar do céu e, quando olhei, lá estava ele, um dragão nos céus com um homem na boca, um dragão de papel e bambu, pintado com as cores do sol e da grama.

— É cedo — disse o imperador — e você acabou de acordar de um sonho.

— É cedo, mas sei o que vi! Venha para ver também.

— Sente-se aqui comigo — disse o imperador. — Tome um pouco de chá.

Deve ser uma coisa estranha, se for verdade, ver um homem voar. Você precisa ter tempo para pensar, assim como eu preciso ter tempo para me preparar para essa visão.

Eles tomaram chá.

— Por favor — disse o servo —, ou ele irá embora.

O imperador se levantou, pensativo.

— Agora você pode me mostrar o que viu.

Eles entraram em um jardim, passaram por uma campina, percorreram uma pequena ponte, atravessaram um bosque e subiram uma colina.

— Ali! — exclamou o servo.

O imperador olhou para o céu.

E, no céu, rindo de tão alto que mal dava para ouvir, havia um homem; e o homem estava vestido de papéis coloridos e bambu formando as asas e uma cauda amarela linda, e ele estava voando no alto como o maior pássaro em um universo de pássaros, como um novo dragão em uma terra de antigos dragões.

O homem gritou para eles da altura dos ventos frescos da manhã:

— Eu voo, eu voo!

O servo acenou para ele.

— Sim, sim!

O imperador Yuan não se moveu. Só olhou para a Grande Muralha da

China agora ganhando forma no meio da neblina nas grandes colinas, aquela cobra esplêndida de pedra que serpenteava majestosamente pelo país. Aquela muralha maravilhosa que os protegia desde tempos imemoriais de hordas inimigas e preservou a paz por anos sem fim. Ele viu a cidade, aninhada perto de um rio e uma estrada e uma colina, começando a despertar.

— Me diga — perguntou ele ao servo —, alguém mais viu esse homem voador?

— Fui o único, Excelência — respondeu o servo, sorrindo para o céu e acenando.

O imperador olhou para o céu por mais um minuto e disse:

— Chame-o aqui.

— Ei, desça daí, desça daí! O imperador quer vê-lo! — gritou o servo, as mãos em volta da boca.

O imperador olhou em todas as direções enquanto o homem voador descia no vento matinal. Ele viu um fazendeiro, cuidando dos campos desde cedo, olhando para o céu, e reparou onde o fazendeiro estava.

O homem voador pousou em meio a ruídos de papel e estalos de bambu. Aproximou-se orgulhosamente do imperador, desajeitado com o aparato, e finalmente se curvou perante o ancião.

— O que você fez? — perguntou o imperador.

— Eu voei no céu, Vossa Excelência — respondeu o homem.

— O que você fez? — perguntou o imperador de novo.

— Eu acabei de dizer!

— Você não me disse nada. — O imperador esticou a mão magra para tocar no papel bonito e na quilha do aparato, que mais parecia uma ave.

Tinha cheiro frio, de vento.

— Não é lindo, Excelência?

— Sim, muito lindo.

— É o único no mundo! — disse o homem, sorrindo. — Eu sou o inventor.

— O único no mundo?

— Eu juro!

— Quem mais sabe sobre isso?

— Ninguém. Nem mesmo minha esposa, que diria que eu estava louco por causa do sol. Ela achou que eu estava fazendo uma pipa. Acordei no meio da noite e caminhei até os penhascos distantes. E quando a brisa da manhã soprou e o sol nasceu, eu reuni coragem, Excelência, e pulei do penhasco. E voei! Mas minha esposa não sabe.

— Bom para ela, então — disse o imperador. — Venha.

Eles andaram até o palácio. O sol estava alto no céu agora, e o cheiro da grama era refrescante. O imperador, o servo e o homem voador pararam no enorme jardim.

O imperador bateu palmas.

— Guardas!

Os guardas vieram correndo.

— Prendam este homem.

Os guardas seguraram o homem voador.

— Chamem o carrasco — sentenciou o imperador.

— O que está acontecendo?! — gritou o homem voador, perplexo.  
— O que eu fiz?

Ele começou a chorar, e o belo aparato de papel fez ruído.

— Aqui está o homem que fez certa invenção — disse o imperador —, mas nos pergunta o que criou. Ele mesmo não sabe. Só é necessário que ele crie, sem saber por que criou e nem o que essa coisa vai fazer.

O carrasco veio correndo com um machado de prata afiado. Ele parou com os braços musculosos e nus preparados, o rosto coberto por uma máscara branca serena.

— Um momento — ordenou o imperador.

Ele se virou para uma mesa próxima na qual estava uma máquina de sua própria criação. O imperador pegou uma chave pequena e dourada pendurada no seu pescoço. Encaixou a chave na máquina pequena e delicada e a girou.

Em seguida, fez a máquina funcionar.

A máquina era um jardim de metal e pedras preciosas. Ao ser colocada em funcionamento, os pássaros cantaram em pequeninas árvores de metal, lobos andaram por florestas em miniatura e pessoas pequeninas correram no sol e na sombra, se abanando com leques em miniatura, ouvindo aves de esmeralda minúsculas e paradas ao lado de chafarizes impossivelmente pequenos, mas sempre em movimento.

— Não é linda? — perguntou o imperador. — Se você me perguntasse o que fiz, eu poderia respondê-lo. Eu fiz pássaros cantarem, fiz florestas murmurarem, botei pessoas caminhando no bosque, apreciando as folhas e a sombra e a música. Foi isso que fiz.

— Mas, ah, imperador! — suplicou o homem voador, de joelhos, as lágrimas escorrendo pelo rosto. — Eu fiz algo similar! Eu encontrei beleza. Voei no vento matinal. Observei todas as casas e todos os jardins adormecidos. Senti o cheiro do mar e até o vi além das colinas, lá do alto. E planei como um pássaro; ah, não sou capaz de dizer como é lindo lá em cima, no céu, com o vento em volta, o vento me soprando para cá como uma pena, para lá como um leque, o cheiro do céu de manhã! E a liberdade que se sente! Isso é lindo, imperador, é lindo também!

— Sim — disse o imperador com tristeza —, sei que deve ser verdade. Pois senti meu coração se mover com você no ar e me perguntei: Como é? Qual é a sensação? Qual é a imagem dos lagos distantes lá de cima? E minhas casas e meus servos? Parecem formigas? E as cidades distantes que ainda não despertaram?

— Então me poupe!

— Mas há ocasiões — disse o imperador, com mais tristeza ainda — em que é preciso perder um pouco de beleza para manter a pouca beleza que já possui. Não temo você, pessoalmente, mas temo outro homem.

— Que homem?

— Algum outro homem que, ao vê-lo, vai construir uma máquina de papéis coloridos e bambu como a sua. Mas esse outro homem vai ter um rosto mau e um coração mau, e a beleza vai sumir. É desse homem que tenho medo.

— Por quê? Por quê?

— Quem pode dizer que um dia um homem assim, com um aparato de papel e bambu como esse, não virá voando do céu para soltar pedras enormes na Grande Muralha da China? — perguntou o imperador.

Ninguém se mexeu nem disse nada.

— Cortem a cabeça dele — ordenou o imperador.

O carrasco ergueu o machado de prata.

— Queimem a pipa e o corpo do inventor e enterrem as cinzas juntas — disse o imperador.

Os servos se moveram para obedecer.

O imperador se virou para seu criado, que tinha visto o homem voar.

— Segure a língua. Foi tudo um sonho, um sonho pesaroso e lindo. E aquele fazendeiro no campo distante que também viu, diga a ele que



tudo não passou de uma ilusão. Se a notícia se espalhar, você e o fazendeiro vão estar mortos até o fim do dia.

— O senhor é misericordioso, imperador.

— Não, não sou misericordioso — disse o ancião.

Além do muro do jardim, o imperador viu os guardas queimando a linda máquina de papel e bambu com cheiro de vento matinal. Viu a fumaça escura subindo para o céu.

— Não, só extremamente desnorteado e com medo. — Ele viu os guardas cavando um buraco para enterrar as cinzas. — O que é a vida de um homem em comparação à vida de milhões de outros? Preciso obter consolo nesse pensamento.

Ele tirou a chave da corrente em volta do pescoço e novamente deu corda no lindo jardim em miniatura. Ficou ali olhando para a Grande Muralha, para a cidade tranquila, para os campos verdes, os rios e os riachos. Ele suspirou. O jardimzinho zumbiu com o maquinário escondido e delicado e começou a se mexer; pessoazinhas caminharam em florestas, rostinhos atravessaram clareiras pontilhadas de sol usando lindas peles, e entre as arvorezinhas voaram pequenos pássaros de canto agudo e cores azuis e amarelas, voaram e voaram e voaram naquele pequeno céu.

— Ah — disse o imperador, fechando os olhos —, veja os pássaros, veja os pássaros!

# ZUMBIS A BORDO

Bev Vincent

Seu copiloto, Bev Vincent, já publicou mais de oitenta contos e alguns livros de não ficção, mas esta é a única história até agora que envolve aviões. O título foi inspirado por certo filme com Samuel L. Jackson, mas você não vai encontrar um único epíteto de treze letras no conto a seguir. Yippee ki-yay!

O cara usando a camiseta do Phish disse para Myles que é capaz de pilotar qualquer coisa, e se ele estiver mentindo, estão todos mortos. É simples assim. O cara — Barry, que parece ter menos de trinta anos — disse que fez treinamento de piloto “lá”, onde tudo começou, mas não dá muitos detalhes e parece estar só se gabando, o tipo de coisa que alguém diz quando entra num bar à noite para impressionar as mulheres. Se ainda houvesse mulheres em bares, claro.

— Muita gente disse que a guerra foi uma má ideia. Eu apoiei no começo — diz Barry, dando de ombros. — Nunca achei que fosse terminar assim.

Um eufemismo, na opinião de Myles.

Myles se encontrou com esse pequeno grupo de sobreviventes (dezenove no total, contando ele) no auditório de uma escola de uma cidadezinha do interior, um lugar com portas robustas e trancas firmes que ofereceu proteção temporária. Depois que Barry anunciou que poderia levá-los ao céu, Myles apresentou o esboço de um plano. E assim, de repente, ele virou o líder.

— Nós vamos para algum lugar remoto — explica ele para todos que estão reunidos em volta, aparentemente atraídos pela aura de confiança que ele cultivou durante trinta anos trabalhando como gerente de vendas. — Um lugar onde possamos ficar em segurança até isso tudo acabar.

Ninguém pergunta o que eles vão fazer se “isso” *nunca* acabar.

Ir para o aeroporto parece ser a melhor opção. A cidade está tomada, boa parte pegando fogo, e tem gente morrendo nas ruas. Os que não são consumidos pelos zumbis se levantam e se juntam alguns segundos depois ao exército faminto de mortos-vivos. Myles gostaria que seu plano não dependesse de habilidades não comprovadas de um cara que parece nunca ter trabalhado um dia na vida.

Mas se os outros querem tratá-lo como líder, ele vai liderar, caramba. Sob sua orientação, eles invadem o refeitório em busca de comida e o galpão de trabalho em busca de ferramentas e armas. Barry também alega ser capaz de fazer uma ligação direta no ônibus estacionado perto da plataforma de carga e descarga se eles não conseguirem encontrar as chaves. Myles não pergunta se ele aprendeu esse truque “lá” também, mas Barry se prova capaz de executar a tarefa. Talvez haja esperança, afinal.

O marcador de combustível do ônibus escolar velho registra menos de um quarto de tanque. O último posto de gasolina em funcionamento no país se esgotou seis dias antes, e os caminhões prometidos não apareceram. Provavelmente jamais apareceriam. Eles têm gasolina suficiente para chegar ao aeroporto, por pouco, mas se Barry não conseguir descobrir como fazer um dos aviões funcionar, eles estão ferrados. Dezesete pessoas o seguem junto com Barry até o ônibus como ratos atrás do flautista mágico.

O ônibus é uma lata-velha, mas funciona, desde que eles não acelerem muito. Toda vez que Barry passa dos cinquenta quilômetros por hora, a luz do motor se acende, e ele tira o pé do acelerador. Eles não podem se dar ao luxo de permitir que o ônibus quebre. Eles não viram muitas das abominações fora de Halifax, mas nenhum lugar é seguro. Aqueles demônios aparecem em qualquer lugar a qualquer hora, e o grupo de Myles só tem facas e machados para se defender. Assim como a gasolina, balas são um recurso precioso e raro.

Mas cinquenta quilômetros por hora é rápido o suficiente. Se houver um avião com combustível suficiente para levá-los aonde eles decidirem ir, ele não se importa em terem que se arrastar pela estrada. Quando trabalhava com vendas de campo, antes de se tornar gerente e

ficar preso num escritório, Myles odiava o longo caminho até o aeroporto Stansfield International, mas hoje está feliz em se despedir da cidade.

Não há trânsito até onde o olhar alcança, em nenhuma direção. Eles passam por veículos parados no acostamento, mas quando vão mais devagar para verificar se os ocupantes precisam de ajuda, o ônibus tosse, engasga e ameaça parar. Barry volta para os cinquenta, a única velocidade na qual o ônibus parece ficar satisfeito. Myles acha que vê uma cabeça aparecer atrás de um volante de um carro depois que eles passam, mas não tem como ter certeza, e poderia facilmente ser um *deles* e não uma pessoa de verdade.

Ele afasta a imagem da mente. Pode ter sido um truque da luz, afinal, e mesmo que não tenha sido, eles não podem se dar ao luxo de salvar ninguém. Não tem nem certeza se vão poder se salvar. Mas nunca desistir é seu mantra. Suas vendas mais gratificantes eram aquelas em que a pessoa pretendia comprar da concorrência e Myles a conquistava com persistência e paixão.

Ele se pergunta o que vai acontecer depois que os zumbis matarem quase todo mundo. Vão ficar vagando pelo planeta em uma busca inútil por comida até caírem em pedaços se contorcendo no chão, como um brinquedo com a bateria fraca? Sete bilhões de zumbis procurando os poucos sobreviventes restantes da raça humana?

Tem também o fato de que, mesmo que o grupo escape, eles não vão viver para sempre. Todos vão acabar morrendo e, quando isso acontecer, o vírus (ou o que quer que seja) vai trazer cada um deles de volta como uma daquelas criaturas. Eles só podem adiar o inevitável e esperar que, em algum lugar, pessoas estejam trabalhando em uma cura. *A humanidade sobreviveu por milhares de anos. Essa praga não vai nos erradicar, pensa Myles. Alguém vai encontrar uma cura. Sempre encontram.* É essa crença que o motiva. Senão, ele podia muito bem botar fogo em si mesmo e pronto.

Quando chegam ao aeroporto, Myles diz para todo mundo se segurar e manda Barry jogar o ônibus na cerca que separa o estacionamento das pistas. O ônibus segue em frente e derrapa para o lado

enquanto a cerca envolve o para-choque e o para-brisa como cota de malha, mas eles conseguem passar e chegam às pistas.

Há vários Airbus e Boeings parados no terminal, mas Barry escolhe um jato comercial médio, grande o suficiente para todos, mas pequeno o bastante para conseguirem pousar onde quiserem, mesmo em uma pista remota feita para um avião particular. É um Embraer ERJ145 com alcance de pelo menos quatro mil quilômetros, de acordo com Barry. Talvez um pouco mais, considerando que estarão viajando sem carga. O suficiente para levá-los para bem longe.

Mas essa é a pegadinha: para onde devem ir? Barry abre a porta do avião, que desce e revela uma escada. Ele entra e sai alguns minutos depois com uma série de mapas. Myles os abre em um dos bancos do ônibus enquanto Barry e um antigo motorista de táxi chamado Gilbert fazem uma ligação direta em um caminhão de combustível e o param ao lado da asa do Embraer.

Alfie, que em outra vida era analista financeiro, se inclina sobre o encosto.

— Que tal o Alasca?

— A gente não vai conseguir ir tão longe. Podemos ir para Labrador ou para o norte de Ontário.

— Frio demais — reclama Terri, a antiga professora de yoga, cruzando os braços.

Myles não está surpreso. Ela reclamou de tudo desde que se juntou ao grupo.

— A neve os deixa lentos — diz um barbeiro chamado Phil.

Mesmo que seja verdade, eles têm que ir para um lugar onde possam sobreviver, talvez até plantar. Um lugar onde possam ficar em contato com o resto do mundo, para poderem saber quando a situação melhorar. Mas Myles não compartilha esse processo de pensamento com os outros. Ele não quer que o grupo perceba que ele está tão inseguro quanto eles.

— Olhem! — grita Emily.

Ela é a mais nova do grupo, uma adolescente que não disse quase nada desde que eles saíram da cidade, concentrada em tentar falar com alguém, com qualquer pessoa na lista de contatos do iPhone, clicando nas teclas com o polegar.

Myles olha na direção do seu braço esticado. Vários zumbis saem do terminal do aeroporto, deslocando-se na direção deles, guiados por algum instinto primitivo.

Barry e Gilbert estão guardando a mangueira no caminhão de combustível, então devem ter terminado. Myles pega o rolo de mapas e corre para a pista.

— Nós temos que ir! — grita ele. — Agora!

Os dois olham para cima e veem os zumbis indo na sua direção. Gilbert vai para trás do volante do caminhão e o leva para longe da asa.

— Todos a bordo! — grita Myles, e os outros passam por ele sem precisar de mais encorajamento, as mochilas cheias de comida e suprimentos penduradas nas costas, armas em punho.

Os zumbis podem ser lentos, mas são implacáveis, e já cobriram quase metade da distância entre o terminal e o ônibus. Mais alguns minutos e vão estar em cima deles, arranhando e rasgando e destruindo a última e melhor esperança de sobrevivência da humanidade.

Myles é o último a subir no jato, bufando e ofegando e tentando ignorar a dor que desce pelo braço esquerdo. Dois homens (Myles acha que os nomes deles são Matt e Chet) fecham a porta enquanto Barry vai para o cockpit. Gilbert se oferece para ser o copiloto, apesar de nunca ter pilotado um avião. É agora, o momento da verdade. Se Barry não conseguir ligar esta coisa e tirá-los do chão, é o fim. Ficariam presos como sardinhas em uma lata. Myles se recosta no assento e tenta recuperar o fôlego. Quando fecha os olhos e se concentra, a dor no peito diminui. Ele só tem mais três comprimidos na caixinha de plástico no bolso da frente, e a chance de conseguir mais varia de pequena a nenhuma, e por isso ele não vai desperdiçar uma agora. *Vai passar. Vai passar.* Outro mantra.

Ele olha pela janela. Os zumbis chegaram no ônibus e estão farejando a porta aberta. Um momento depois, voltam a andar na direção do jato. *Eles sabem que estamos aqui*, pensa Myles. Ele se afasta da janelinha oval, sem querer ficar à vista do olhar penetrante deles.

Os outros passageiros estão grudados nas janelas, vendo a procissão lenta, porém incansável. A porta da cabine está fechada e eles estão seguros por enquanto. Mas e se as criaturas morderem um dos pneus antes de eles começarem a taxiar? Ou se forem inteligentes o suficiente para encontrar um jeito de entrar, pelo compartimento de bagagem, talvez?

Assim que o pensamento passa pela sua mente, ele ouve um baque vindo da parte inferior da aeronave. É um som que lembra o de operadores abrindo ou fechando as portas do compartimento de carga.

— Nós temos que ir! — grita ele, torcendo para que o suposto piloto o escute. Ele reza para que Barry não esteja sentado no cockpit olhando para a quantidade vertiginosa de painéis, mostradores e botões e se perguntando qual é a ignição.

Outro baque, esse forte o suficiente para fazer a fuselagem balançar.

— Não consigo mais vê-los — diz Alfie. — Eles estão embaixo do avião.

— Quantos? — pergunta Terri, a voz pouco mais de um sussurro.

— Oito, talvez dez — responde Alfie. — E há mais deles a caminho.

Myles olha pela janelinha de novo. Um segundo grupo com pelo menos quarenta ou cinquenta zumbis está atravessando a pista.

— Por que Barry está demorando tanto? — murmura Myles.

Ele inspira fundo, avalia o aperto no peito e conclui que não vai morrer se se levantar. Além do mais, se não decolarem logo, um ataque cardíaco vai ser a menor das suas preocupações.

Ele pula do assento e vai na direção do cockpit. Pela porta, vê Barry acionando interruptores enquanto Gilbert lê as instruções em uma prancheta.

— Você é capaz de fazer essa coisa voar ou não? — pergunta Myles, com medo da resposta.

— É claro — diz Barry.

Gilbert ergue o olhar da lista e dá de ombros.

Mais baques sob os pés de Myles.

— Agora seria bom. Tem reforços a caminho, e eles não estão do nosso lado.

Barry assente, faz sinal de dispensa para Gilbert e mexe em outros botões.

— Que se dane a lista — diz ele. — Eu sei o que fazer.

O pequeno jato treme quando um motor ganha vida e depois o outro. Myles sente a força aumentando, a energia potencial que vai tirá-los do chão e levá-los para... onde? No pânico e na confusão, ele ainda não escolheu um destino. Os outros estão esperando que ele decida.

— Só tira a gente daqui — diz ele para Barry.

Barry empurra uma alavanca, e o avião começa a avançar.

— Espero que uma daquelas coisas não seja sugada pelo motor — murmura ele.

As batidas embaixo do avião aumentam de intensidade. Não tem nada que eles possam fazer, então Myles se recusa a se preocupar. Se um deles conseguir entrar no compartimento de carga, eles podem resolver isso quando estiverem no ar. Ainda têm seus machados e suas facas. A maioria faz parte do grupo porque sabe como lidar com as criaturas.

Conforme o jato pega velocidade, as batidas diminuem até parar. Myles tenta olhar para trás do avião, mas a vista da janelinha é limitada. Ele só vê o segundo grupo de zumbis parado na pista, olhando para eles como um grupo de pessoas se despedindo e desejando *bon voyage*.

Ele respira fundo.

— Todo mundo de cinto? — pergunta ele. — Nós vamos decolar.



Myles espera que seja verdade, que eles não estejam prestes a sair da pista e entrar na floresta de árvores à frente. Se isso acontecer, a melhor alternativa seria o avião pegar fogo. Isso poria fim à desgraça deles, pelo menos.

Os outros se sentam e colocam os cintos. Myles se pergunta se eles deveriam estar preocupados com distribuição de peso, mas Barry não falou nada sobre isso e, até o momento, ele parece saber o que está fazendo. Ele pega os mapas. Precisa tomar uma decisão logo.

O avião vira para a esquerda e para. Eles chegaram ao começo da pista. Os motores rugem, e o avião segue em frente, ganhando velocidade. Árvores passam pelas janelas. Myles se recosta, esperando que o nariz se incline para cima e, alguns segundos depois, é isso mesmo que acontece. A gravidade o pressiona contra o assento quando o pequeno avião sobe no ar, empurrado pela pressão invisível do ar embaixo das asas. Todos os problemas do mundo ficam lá embaixo. Se eles pudessem ficar no ar para sempre, seria ótimo.

O jato se nivela alguns minutos depois. Por hábito, os olhos de Myles estão grudados no letreiro do cinto de segurança, mas Barry não deve estar preocupado com esse tipo de detalhe de viagem aérea comercial. Ele solta o cinto de segurança e volta a atenção para os mapas. Daria no mesmo se ele fechasse os olhos e apontasse para um local aleatório. Ele não tem nenhuma informação que possa ajudar na decisão. Há lugares por onde a praga ainda não se espalhou? Uma ilha, talvez, como a Islândia, confortavelmente dentro do alcance? Talvez Barry consiga descobrir alguma informação pelo rádio.

Ele só tem uma chance de acertar. A necessidade de escolher um destino antes de eles usarem combustível demais o paralisa. *Por que esperam que eu tome todas as decisões? Só quero dormir*, pensa ele. *Estou tão cansado*.

Ele sente uma pressão no peito de novo, a mesma sensação que ele sentiu durante a decolagem. Mas ele não deveria estar sentindo a pressão da aceleração agora; eles estão em altitude de cruzeiro, alto o suficiente para minimizar a fricção do ar ao redor da aeronave e maximizar o alcance. Ele tenta inspirar, mas seu peito está apertado. De repente, ele não

consegue respirar; a pressão é tão grande que seus pulmões se recusam a se expandir.

Os outros estão olhando pelas janelas, como zumbis. Não há nada para ver, só as nuvens e um vislumbre ocasional da terra abaixo. *Eles devem estar se perguntando o que há pela frente, pensa ele. O que vamos encontrar quando pousarmos.*

Myles não se importa mais. Ele sabe o que há pela frente e não tem nada que ele possa fazer. Uma dor horrível o imobiliza. Ele não consegue pegar a caixa de plástico no bolso da calça ou emitir algum som para atrair a atenção.

Sua respiração sai em explosões curtas. A pressão no peito cresce, como uma parede de água em uma barragem prestes a explodir.

Ele espera que os outros estejam preparados quando ele for atrás deles. Pergunta-se se zumbis sentem dor. *Não pode ser pior do que isso. Pode?*

# ELES NÃO VÃO ENVELHECER

Ronald Dahl

Embora mais conhecido pelos livros infantis — *A fantástica fábrica de chocolate* e *James e o pêssego gigante*, dentre outros —, Dahl também foi um contista talentoso. Seu conto mais famoso talvez seja “O cordeiro para o abate”, no qual uma mulher cozinha a perna congelada de um cordeiro com a qual matou o marido e serve para a polícia. Dahl foi piloto de caça na Segunda Guerra Mundial e sobreviveu a uma queda e derrubou muitas aeronaves inimigas, inclusive pelo menos dois Junker-88. Ele pilotou um Hawker Hurricane igual ao que Fin pilota neste conto, que foi publicado originalmente no *Ladies’ Home Journal* perto do fim da guerra. Dizer que “Eles não vão envelhecer” é autobiográfico é o mínimo.

Nós dois estávamos sentados do lado de fora do hangar, em caixotes de madeira.

Era meio-dia. O sol estava alto e o calor era como uma fogueira próxima. Estava mais quente do que o inferno ali perto do hangar. Nós sentíamos o ar quente tocando no interior dos nossos pulmões toda vez que respirávamos, e descobrimos que era melhor se quase fechássemos os lábios e inspirássemos rapidamente; era mais fresco assim. O sol batia nos nossos ombros e nas nossas costas, e o tempo todo o suor escorria da pele, descia pelo pescoço, pelo peito e pela barriga. Acumulava-se onde os cintos apertavam a cintura das calças até penetrar o tecido, indo para onde a umidade era desconfortável e fazia a pele coçar.

Nossos dois Hurricanes estavam a poucos metros, cada um com a expressão paciente e arrogante que os caças têm quando o motor não está ligado, e atrás deles a faixa estreita e preta da pista descia na direção das praias e do mar. A superfície escura da pista e a areia branca com grama dos dois lados brilhavam e brilhavam no sol. Uma neblina de calor pairava como vapor sobre o aeródromo.

Stag olhou para o relógio.

— Ele já devia ter voltado.

Nós dois estávamos a postos, esperando a ordem para decolar. Stag mexeu os pés no chão quente.

— Ele já devia ter voltado — repetiu ele.

Havia duas horas e meia que Fin tinha partido, e ele já devia mesmo ter voltado. Olhei para o céu e prestei atenção aos sons. Havia o ruído de aeronautas conversando ao lado do caminhão de gasolina e o som suave das ondas na praia; mas não havia sinal de avião. Ficamos sentados em silêncio por mais um tempo.

— Parece que foi dessa vez — falei.

— É — disse Stag. — Parece.

Stag se levantou e enfiou as mãos nos bolsos do short cáqui. Eu também me levantei. Ficamos olhando para o céu azul ao norte e mexemos os pés no chão por causa da maciez do asfalto e do calor.

— Qual era o nome daquela garota? — perguntou Stag sem virar a cabeça.

— Nikki — respondi.

Stag voltou a se sentar na caixa de madeira, ainda com as mãos nos bolsos, e olhou para o chão entre os pés. Stag era o piloto mais velho do esquadrão; tinha 27 anos. Possuía uma cabeleira ruiva que nunca penteava. O rosto era pálido, mesmo depois de tanto tempo no sol, coberto de sardas. A boca era larga e fina. Ele não era alto, mas os ombros sob a camisa cáqui eram largos e musculosos como os de um lutador. Ele era meio caladão.

— Ele deve estar bem — disse ele, erguendo o rosto. — E, se não estiver, gostaria de conhecer os franceses de Vichy capazes de pegar o Fin. Nós estávamos na Palestina, lutando contra a França de Vichy na Síria. Estávamos em Haifa e, três horas antes, Stag, Fin e eu ficamos a postos. Fin levantou voo em resposta a um chamado urgente da Marinha, que telefonou e disse que havia dois destroieres franceses saindo do porto de Beirute. “Por favor, vá verificar agora aonde estão indo”, disse a Marinha.

“Voe costa acima, dê uma olhada, volte rapidamente e nos diga para onde estão indo.”

Assim, Fin decolou com seu Hurricane. O tempo passou e ele não voltou. Nós sabíamos que não havia mais muita esperança. Se ele não tivesse sido derrubado, já teria ficado sem combustível.

Olhei para baixo e vi seu chapéu azul da RAF, que estava caído no chão onde ele o jogou quando correu para a aeronave, e vi as manchas de óleo na parte de cima e o cume amassado. Era difícil acreditar que ele se fora. Tinha estado no Egito, na Líbia e na Grécia. No aeródromo e no refeitório, ele ficava conosco o tempo todo. Era alegre e alto e risonho, o Fin, com o cabelo preto e o nariz comprido e reto em que ele mexia com a ponta do dedo. Tinha um jeito de ouvir quando você estava contando uma história, recostado na cadeira com o rosto virado para o teto, mas os olhos voltados para o chão, e foi só no jantar da noite anterior que ele disse de repente:

— Sabe, eu não me incomodaria de me casar com Nikki. Acho que ela é uma garota legal.

Stag estava sentado em frente a ele o tempo todo, comendo feijão.

— Você quer dizer ocasionalmente — disse ele.

Nikki estava em um cabaré em Haifa.

— Não — retrucou Fin. — Garotas de cabaré são boas esposas. Nunca são infiéis. Não há novidade para elas em serem infiéis; seria como voltar ao antigo emprego.

Stag ergueu o olhar do prato de feijão.

— Não seja idiota. Não pode estar falando sério sobre se casar com Nikki.

— Nikki — disse Fin com grande seriedade — vem de uma boa família. É uma boa pessoa. Ela nunca usa travesseiro quando dorme. Sabe por que ela nunca usa travesseiro quando dorme?

— Não.

Os outros na mesa estavam prestando atenção agora. Todo mundo estava ouvindo Fin falar sobre Nikki.

— Bom, quando era muito nova, ela estava noiva de um oficial da Marinha francesa. Ela o amava muito. Mas, um dia, quando estavam tomando sol juntos na praia, ele por acaso mencionou que nunca usava travesseiro quando dormia. Foi só uma daquelas coisinhas que as pessoas contam umas pras outras em uma conversa. Mas Nikki nunca esqueceu. Daquele dia em diante, ela começou a treinar dormir sem travesseiro. Um dia, o oficial francês foi atropelado por um caminhão e morreu; mas embora fosse muito desconfortável pra ela, ela continuou dormindo sem travesseiro pra preservar a memória dele.

Fin deu uma garfada no feijão e mastigou lentamente.

— É uma história triste — disse ele. — Isso mostra que ela é uma boa garota. Acho que gostaria de me casar com ela.

Foi isso que Fin disse na noite anterior, no jantar. Agora, ele tinha sumido,

e me perguntei que coisinha Nikki faria para se lembrar dele.

O sol estava quente nas minhas costas, e me virei instintivamente para receber o calor do outro lado do corpo. Quando fiz isso, vi o Carmelo e a cidade de Haifa. Vi a encosta íngreme, verde e pálida da montanha descendo na direção do mar e, abaixo, a cidade e as cores fortes das casas no sol. As casas com paredes pintadas de branco cobriam as laterais do monte Carmelo, e os telhados vermelhos pareciam alergia na face da montanha.

Andando lentamente na nossa direção, saídos do hangar cinza de ferro corrugado, havia os três homens da equipe seguinte. Eles estavam com as boias amarelas penduradas nos ombros e seguiam lentamente, segurando os capacetes.

Quando chegaram perto, Stag disse:

— Acabou pro Fin.

— Sim, nós sabemos — responderam eles.

Eles se sentaram nas caixas de madeira que estávamos usando, e o sol na mesma hora esquentou seus ombros e suas costas, e eles começaram a suar. Stag e eu fomos embora.

O dia seguinte era um domingo, e de manhã voamos pelo vale do Líbano para atacar um aeródromo chamado Rayak. Passamos pelo monte Hérmon, que estava com um gorro de neve na cabeça, e descemos longe do sol em Rayak, sobre os bombardeiros franceses no aeródromo, e começamos o ataque. Lembro que, quando passamos voando rente ao chão, as portas dos bombardeiros franceses se abriram. Eu me lembro de ter visto um monte de mulheres de vestidos brancos correndo pelo aeródromo; lembro-me particularmente dos vestidos brancos.

É que era domingo e os pilotos franceses tinham convidado as moças de Beirute para conhecerem seus bombardeiros. Os pilotos de Vichy tinham dito: venham no domingo de manhã e vamos mostrar os aviões. Aquilo era uma coisa muito francesa.

Assim, quando começamos a atirar, todas saíram dos aviões e correram pelo aeródromo com seus vestidos brancos de domingo.

Eu me lembro de ter ouvido a voz de Monkey no rádio, dizendo:

— Deem uma chance a elas, deem uma chance a elas.

O esquadrão inteiro deu meia-volta e sobrevoou o aeródromo mais uma vez, enquanto as mulheres disparavam pela grama em todas as direções. Uma delas tropeçou e caiu duas vezes, outra estava mancando e sendo ajudada por um homem, mas lhes demos tempo. Eu me lembro de ter visto brilhos luminosos de uma metralhadora no chão e de pensar que eles deveriam ao menos ter parado de atirar enquanto estávamos esperando que as mulheres de vestidos brancos saíssem do caminho.

Isso foi no dia seguinte ao desaparecimento de Fin. Um dia depois, Stag e eu nos sentamos novamente nas caixas de madeira em frente ao hangar, a postos. Paddy, um garoto alto de cabelo claro, tinha assumido o lugar de Fin e estava sentado conosco.

Era meio-dia. O sol estava alto e o calor era como uma fogueira próxima. O suor escorria pelos nossos pescoços, por dentro da camisa,

pelo peito e pela barriga, e ficamos ali esperando a hora em que seríamos dispensados. Stag estava costurando a tira no capacete com uma agulha e linha de algodão, dizendo que tinha encontrado Nikki em Haifa na noite anterior e que tinha contado para ela sobre Fin.

De repente, ouvimos o barulho de um avião. Stag parou de falar e olhamos para cima. O barulho vinha do norte e foi ficando mais alto conforme o avião se aproximava. Stag disse de repente:

— É um Hurricane.

No momento seguinte, a aeronave estava sobrevoando o aeródromo, baixando as rodas para pousar.

— Quem é? — perguntou o louro Paddy. — Ninguém saiu hoje de manhã.

Quando o avião passou por nós na pista, vimos o número na cauda, H4427, e soubemos que era Fin.

Estávamos de pé agora, vendo a aeronave taxiar na nossa direção, e quando chegou perto e se virou para estacionar, vimos Fin no cockpit. Ele acenou para nós, sorriu e saiu. Nós corremos até ele, gritando:

— Por onde você esteve?

— Onde foi que se meteu?

— Você teve que fazer um pouso forçado e conseguiu decolar depois?

— Arrumou uma mulher em Beirute?

— Fin, onde é que você estava, porra?

Outros estavam chegando e parando ao seu redor, mecânicos e armadores e os homens que dirigiam o caminhão de bombeiro, todos esperando para ouvir o que Fin diria. Ele tirou o capacete, afastando o cabelo preto com a mão, e ficou tão perplexo com nosso comportamento que primeiro só nos olhou, mas não falou nada. Em seguida, riu e disse:

— Qual é o problema? O que deu em vocês?



— Por onde você andou? — gritamos. — Onde você esteve nos últimos dois dias?

No rosto de Fin havia uma surpresa gigantesca. Ele olhou rapidamente para o relógio.

— Meio-dia e cinco. Eu decolei às onze, uma hora e cinco minutos atrás. Não sejam bobos. Tenho que ir me apresentar rapidamente. A Marinha vai querer saber que os destroieres ainda estão no porto de Beirute.

Ele saiu andando; eu segurei seu braço.

— Fin — disse baixinho —, você estava desaparecido desde antes de ontem. Qual é o problema?

Ele olhou para mim e riu.

— Já vi você fazer piadas melhores do que essa — disse ele. — Não é engraçado. Não tem graça nenhuma.

Fin saiu andando.

Ficamos ali parados, Stag, Paddy e eu, os mecânicos e os armadores e os homens que dirigiam o caminhão de bombeiro, vendo Fin se afastar. Nós nos olhamos, sem saber o que dizer ou pensar, sem entender nada, sem saber nada além de que Fin falou sério e que acreditava naquilo. Nós sabíamos disso porque conhecíamos Fin e sabíamos porque, quando já se passou o tempo que passamos juntos, não há dúvida de nada que se diga quando se fala sobre seu voo; só pode se duvidar de si mesmo. Aqueles homens estavam duvidando de si mesmos, parados no sol, duvidando de si mesmos, e Stag estava de pé perto da asa do avião de Fin arrancando com os dedos flocos de tinta que tinham secado e rachado no sol.

Alguém disse:

— Não entendi nada.

Os homens deram meia-volta e voltaram ao trabalho. Os três pilotos seguintes de plantão vieram andando lentamente na nossa direção, do hangar cinza de metal corrugado, andando lentamente sob o calor do

sol, balançando os capacetes nas mãos no caminho. Stag, Paddy e eu andamos até o refeitório dos pilotos para beber alguma coisa e almoçar.

O refeitório era uma construção pequena e branca de madeira com uma varanda. Dentro havia dois cômodos: uma sala de estar com poltronas e revistas e um buraco na parede por onde era possível comprar bebidas e uma sala de jantar com uma mesa comprida de madeira. Na sala de estar, encontramos Fin conversando com Monkey, nosso comandante. Os outros pilotos estavam sentados em volta, ouvindo, e todo mundo estava bebendo cerveja. Nós sabíamos que era coisa séria apesar das cervejas e das poltronas; que Monkey estava fazendo o que tinha que fazer e da única forma possível. Monkey era um homem raro, alto com o rosto bonito, um ferimento de bala italiana na perna e uma eficiência simpática casual. Ele nunca ria alto, só engasgava e grunhia no fundo da garganta.

Fin estava dizendo:

— Você tem que ir devagar, Monkey; precisa me ajudar a parar de achar que fiquei maluco.

Fin estava sendo sério e sensato, mas estava morrendo de preocupação.

— Eu contei tudo que sei — disse ele. — Que decolei às onze horas, que subi bem alto, que voei para Beirute, vi os dois destroieres franceses e voltei, pousando ao meio-dia e cinco. Juro que isso é tudo que sei.

Ele olhou para nós, para Stag e para mim, para Paddy e Johnny e os outros seis pilotos na sala, e sorrimos para ele e assentimos para mostrar que estávamos do seu lado, não contra ele, e que acreditávamos no que Fin tinha dito.

— O que vou dizer para o Quartel-General em Jerusalém? Eu registrei você como desaparecido. Agora, tenho que relatar seu retorno. Vão insistir em saber onde você esteve — disse Monkey.

A coisa toda estava passando dos limites para Fin. Ele estava sentado ereto, batendo com os dedos da mão esquerda no braço de couro da cadeira, batidas frenéticas, inclinado para a frente, pensando, pensando,

lutando para pensar, batendo no braço da cadeira e também começando a bater com o pé no chão. Stag não aguentou.

— Monkey — disse ele. — Monkey, vamos deixar isso quieto por um tempo. Vamos deixar pra lá, e talvez Fin se lembre de alguma coisa mais tarde.

Paddy, que estava sentado no braço da cadeira de Stag, disse:

— É, e enquanto isso podemos dizer para o QG que Fin fez um pouso forçado em um campo da Síria, levou dois dias para consertar o avião e voltou para casa.

Todo mundo estava ajudando Fin. Os pilotos todos o estavam ajudando. Na mente de cada um de nós existia a certeza de que havia ali alguma coisa que dizia muito respeito a nós. Fin sabia, embora isso fosse tudo que ele sabia, e os outros sabiam porque dava para ver nos rostos deles. Havia certa tensão, uma tensão delicada e frágil na sala, porque aqui, pela primeira vez, havia uma coisa que não eram balas, nem fogo, nem um motor engasgado, nem pneus estourados, nem sangue no cockpit, nem ontem, nem hoje, e nem mesmo amanhã. Monkey também sentia e disse:

— Sim, vamos beber mais um pouco e deixar isso pra lá por um tempo. Vou dizer ao QG que você fez um pouso forçado na Síria e conseguiu decolar depois.

Tomamos mais algumas cervejas e fomos almoçar. Monkey pediu garrafas de vinho branco palestino com a refeição para comemorar o retorno de Fin.

Depois disso, ninguém mencionou o acontecimento; nós nem conversamos sobre isso quando Fin não estava presente. Mas todo mundo continuou pensando na questão, com a certeza de que era uma coisa importante e que aquela história não estava terminada. A tensão se espalhou rapidamente pelo esquadrão e entre todos os pilotos.

Enquanto isso, os dias se passaram e o sol brilhou no aeródromo e nas aeronaves, e Fin retomou seu posto, voando do jeito de sempre.

Um dia, acho que foi uma semana depois, nós fizemos outro ataque ao aeródromo de Rayak. Éramos seis, com Monkey na liderança e Fin voando a estibordo. Descemos sobre Rayak, e havia muita artilharia antiaérea leve, e quando fizemos o primeiro ataque, o avião de Paddy foi alvejado. Quando nos preparamos para o segundo ataque, vimos o Hurricane dele se inclinar de leve e mergulhar direto para a beirada do aeródromo. Saiu muita fumaça branca quando atingiu o chão, depois pegou fogo, e quando as chamas se espalharam, a fumaça passou de branca para preta, e Paddy foi junto. Na mesma hora, houve um estalo no rádio, e ouvi a voz de Fin, muito empolgada, gritando no microfone, gritando:

— Lembrei! Ei, Monkey, eu me lembrei de tudo.

A resposta calma e lenta de nosso comandante foi:

— Tudo bem, Fin, tudo bem. Só não esqueça.

Nós fizemos nosso segundo ataque, e Monkey nos levou rapidamente embora, percorrendo os vales, com as colinas marrom-acinzentadas dos dois lados, e durante todo o caminho, durante a meia hora de voo, Fin não parou de gritar no rádio. Primeiro ele chamou Monkey e disse:

— Oi, Monkey, eu lembrei, eu me lembrei de tudo. Tudinho.

Depois, disse:

— Oi, Stag, eu lembrei, eu me lembrei de tudo. Não vou esquecer agora.

Ele me chamou e chamou Johnny e chamou Wishful; chamou cada um de nós separadamente sem parar, e estava tão empolgado que às vezes gritava alto demais no microfone e nós não conseguíamos ouvir o que ele estava dizendo.

Quando pousamos, saímos de nossas aeronaves, e como Fin por algum motivo teve que parar a dele no lado mais distante do aeródromo, nós todos chegamos na Sala de Operações antes dele.

A Sala de Operações ficava ao lado do hangar. Era um lugar vazio com uma mesa grande no meio, onde ficava um mapa da região. Havia outra mesa menor com dois telefones, algumas cadeiras e bancos de

madeira e, em um canto, o piso estava cheio de coletes salva-vidas, paraquedas e capacetes. Estávamos lá tirando nossos trajes de voo e os jogando no canto da sala quando Fin chegou. Ele passou rapidamente pela porta e parou. O cabelo preto estava arrepiado e desalinhado por causa da forma como ele tinha tirado o capacete; o rosto estava brilhando de suor, e a camisa cáqui estava escura e molhada. Sua boca estava aberta, e ele parecia sem fôlego. Como se tivesse corrido uma maratona. Como uma criança que desceu a escada correndo e deu de cara com uma sala cheia de adultos para dizer que o gato tinha tido bebês e que não sabe por onde começar.

Nós todos o ouvimos chegando porque era o que estávamos esperando.

Todo mundo parou o que estava fazendo e ficou imóvel, olhando para Fin.

Monkey disse:

— Oi, Fin.

— Monkey, você tem que acreditar nisso porque foi o que aconteceu — disse Fin.

O comandante estava parado junto à mesa dos telefones; Stag estava perto dele, o corpulento, baixo e ruivo Stag, as costas eretas, segurando uma boia com a mão e olhando para Fin. Os outros estavam na extremidade da sala. Quando Fin falou, eles começaram a se aproximar silenciosamente, até chegarem à beirada da grande mesa do mapa, que tocaram com as mãos. Ficaram parados olhando para Fin, esperando que ele começasse.

Ele começou na mesma hora, falando rápido, depois se acalmando e indo mais devagar conforme foi entrando na história. Fin contou tudo, parado junto à porta da Sala de Operações, ainda com a boia amarela e o capacete e a máscara de oxigênio. Os outros ficaram onde estavam e ouviram, e enquanto eu ouvia, esqueci que era Fin falando e que estávamos na Sala de Operações de Haifa; esqueci tudo e fui com ele naquela jornada e só voltei quando ele terminou.

— Eu estava voando a uns vinte mil pés — disse ele. — Voei por cima de Tiro e Sídón e do rio Damour, depois voei para o interior pelas colinas do Líbano, porque pretendia me aproximar de Beirute pelo leste. De repente, voei para dentro de uma nuvem, uma nuvem branca densa, mas tão densa que eu não via nada além do interior do meu cockpit. Não consegui entender, porque um momento antes o céu estava claro e azul e não havia nuvem nenhuma.

“Comecei a perder altura para sair da nuvem e desci e desci, mas ainda estava nela. Eu sabia que não podia descer demais por causa das colinas, mas aos seis mil pés a nuvem ainda estava em volta de mim. Era tão densa que eu não via nada, nem mesmo o nariz da minha aeronave ou as asas, e a nuvem se condensou no vidro e pequenos riachos de água escorreram e foram soprados pelo turbilhão. Eu nunca tinha visto uma nuvem daquelas. Era densa e branca até a beirada do cockpit. Me senti como um homem em um tapete mágico, sozinho em um cockpit coberto de vidro, sem asas, sem cauda, sem motor e sem avião.

“Eu sabia que tinha que sair da nuvem, então dei meia-volta e voei para o oeste pelo mar, para longe das montanhas; depois, desci bem pelo altímetro. Cheguei a quinhentos pés, quatrocentos, trezentos, duzentos, cem, e a nuvem ainda estava em volta de mim. Por um momento, parei. Sabia que não era seguro descer mais. E então, de repente, como um sopro de vento, veio a sensação de que não havia nada abaixo de mim; nem mar, nem terra, e nem mais nada, e lenta e deliberadamente, eu acelerei, empurrei a alavanca central e mergulhei.

“Não olhei o altímetro; olhei diretamente à frente, pelo para-brisa, para a brancura da nuvem, e segui mergulhando. Fiquei sentado empurrando a alavanca para a frente e mantendo a aeronave em posição de mergulho, vendo a brancura ampla da nuvem, e nem uma vez pensei para onde estava indo. Eu só fui.

“Não sei por quanto tempo fiquei lá; podem ter sido minutos e podem ter sido horas. Só sei que, enquanto mergulhava com a aeronave, tive certeza de que o que havia abaixo de mim não eram montanhas, nem rios, e nem terra, nem mar, mas não senti medo.

“De repente, fiquei cego. Foi como estar cochilando na cama quando alguém acende a luz.

“Saí da nuvem tão de repente e tão rapidamente que fiquei cego. Não houve espaço de tempo entre estar dentro e fora. Em um momento eu estava dentro e a brancura estava densa ao meu redor, e no mesmo momento eu estava fora e a luz era tão intensa que me cegou. Fechei bem os olhos e os deixei fechados por vários segundos.

“Quando os abri, tudo estava azul, mais azul do que qualquer outra coisa que já vi. Não era azul-escuro ou azul luminoso; era um azul-azul, uma cor pura e brilhante que eu nunca tinha visto e que não sou capaz de descrever. Olhei em volta. Olhei para cima e para trás. Me sentei ereto e espiei para baixo pelo vidro do cockpit, e para todo lado só havia azul. Era luminoso e claro, como uma luz agradável do sol, mas não havia sol.

“E então, eu os vi.

“Bem à frente e acima, eu vi uma linha comprida e fina de aeronaves voando pelo céu. Estavam se deslocando em uma linha única e escura, todos na mesma velocidade, todos na mesma direção, todos próximos, um atrás do outro, e a linha se prolongava pelo céu até onde o olhar alcançava. Foi o jeito como eles se moviam, o jeito urgente com que se deslocavam como navios velejando com vento forte, foi assim que eu soube tudo. Não sei por que nem como eu soube, mas soube na mesma hora que eram pilotos e tripulações que haviam morrido em batalha, e que, agora, em suas próprias aeronaves, estavam fazendo seu último voo, sua última viagem.

“Quando voei mais alto e me aproximei, consegui reconhecer as máquinas. Vi naquela longa procissão quase todos os tipos que existiam. Vi Lancasters e Dorniers, Halifaxes e Hurricanes, Messerschmitts, Spitfires, Sterlings, Savoias 79, Junkers 88, Gladiators, Hampdens, Macchis 200, Blenheims, Focke-Wulfs, Beaufighters, Swordfish e Heinkels. Tudo isso e muito mais, e a fila em movimento atravessava o céu azul de um lado a outro até sumir de vista.

“Eu estava bem próximo e comecei a sentir que estava sendo sugado na direção deles independentemente da minha vontade. Houve um

vento que tomou o controle da minha máquina, a jogou de um lado para o outro como uma folha, e fui puxado e sugado como se por um vórtice gigante na direção dos outros aviões. Não havia nada que eu pudesse fazer, pois estava no vórtice e nos braços do vento. Tudo isso aconteceu muito rápido, mas lembro claramente. Senti o puxão na minha aeronave ficar mais forte. Fui puxado para a frente cada vez mais rápido, e de repente estava voando na procissão em si, seguindo com os outros, na mesma velocidade e na mesma trajetória. À minha frente, perto o suficiente para eu ver a cor da tinta nas asas, estava um Swordfish, um Swordfish antigo da Marinha Real Britânica. Vi as cabeças e os capacetes do observador e do piloto no cockpit, um atrás do outro. À frente do Swordfish havia um Dornier, um lápis voador, e à frente do Dornier havia outros que não consegui reconhecer de onde estava.

“Nós seguimos voando. Eu não poderia ter me afastado e saído voando para longe nem se quisesse. Não sei por quê, embora pudesse ter a ver com o vórtice e com o vento, mas sabia que era verdade. Além do mais, eu não estava realmente pilotando minha aeronave; estava voando sozinha. Não havia manobra a considerar, nem velocidade, nem altura, nem alavanca, nada. Uma vez, olhei para meus instrumentos e vi que estavam desligados, como se a aeronave estivesse pousada no chão.

“Assim, nós seguimos em frente. Eu não tinha ideia do quanto estávamos indo rápido. Não havia sensação de velocidade e, até onde sei, era um milhão de quilômetros por hora. Agora que estou pensando, nenhuma vez durante aquele tempo eu senti calor, frio, fome ou sede; não senti nada disso. Não senti medo, porque não sabia de que ter medo. Não senti preocupação porque não me lembrei de nada e nem pensei em nada com que me preocupar. Não senti desejo de fazer nada que não estivesse fazendo e não havia nada que eu desejasse ter. Só senti prazer por estar onde estava, por ver a luz maravilhosa e as cores lindas ao meu redor. Uma vez, vi meu rosto no espelho do cockpit e me peguei sorrindo, sorrindo com os olhos e com a boca, e quando afastei o olhar, soube que ainda estava sorrindo, simplesmente porque era assim que eu me sentia. Uma vez, o observador no Swordfish à minha frente virou e acenou pra mim. Eu deslizei a cobertura do meu cockpit e acenei pra ele. Lembro que, mesmo quando abri o cockpit, não houve corrente de ar e nem frio ou calor, e



também não houve pressão do fluxo de ar na minha mão. Então, reparei que todos estavam acenando uns para os outros, como crianças em uma montanha-russa, e me virei e acenei para o homem no Macchi atrás de mim.

“Mas tinha alguma coisa acontecendo na fila. Bem à frente, eu vi que os aviões tinham mudado o trajeto, estavam virando para a esquerda e perdendo altura. A procissão toda, quando chegava em um certo ponto, estava se inclinando e voando para baixo em um círculo amplo. Instintivamente, olhei para baixo pelo cockpit e vi uma grande planície verde abaixo. Era verde, lisa e linda; chegava ao horizonte, onde o céu azul descia e se mesclava com o verde da planície.

“E lá estava a luz. À esquerda, bem ao longe havia uma luz branca forte, brilhando sem cor nenhuma. Era como se o sol, mas uma coisa bem maior do que o sol, uma coisa sem forma definida cuja luz brilhava, mas não cegava, estivesse caída na extremidade da planície verde. A luz se espalhava de um centro de brilho intenso e se espalhava pelo céu acima da planície. Quando vi, não consegui desviar o olhar de primeira. Eu queria ir na direção dela, para ela, e quase na mesma hora o desejo e a vontade ficaram tão intensos que várias vezes tentei tirar minha aeronave da fila para voar direto para lá; mas não era possível e eu tive que voar junto com o resto.

“Quando eles adernaram e perderam altura, eu fui junto, e começamos a descer na direção da planície verde abaixo. Agora que eu estava mais perto, consegui ver a quantidade enorme de aeronaves sobre a planície em si. Estavam por toda parte, espalhados no solo como groselhas em um tapete verde. Havia centenas e centenas, e a cada minuto, a cada segundo quase, o número aumentava conforme os que estavam à minha frente pousavam e taxiavam até pararem.

“Nós rapidamente perdemos altitude. Em pouco tempo, vi que os aviões à minha frente estavam descendo as rodas e se preparando para pousar. O Dornier à frente da aeronave à minha frente pousou. Em seguida, o velho Swordfish, o piloto virou um pouco para a esquerda para sair do caminho do Dornier e pousou ao lado dele. Virei para a esquerda do

Swordfish e desci. Olhei do cockpit para o chão, avaliei a altura e vi o verde do chão borrado enquanto passava por baixo de mim.

“Esperei minha aeronave descer e tocar o chão. Pareceu estar demorando muito tempo. ‘Vamos’, disse. ‘Vamos logo, vamos.’ Eu estava a menos de dois metros do chão, mas a aeronave não descia. ‘Desce’, gritei, ‘por favor, *desce*.’ Comecei a entrar em pânico. Fiquei com medo. De repente, reparei que estava ganhando velocidade. Mexi em todos os controles, mas nada fazia diferença. A aeronave estava ganhando velocidade, indo cada vez mais rápido, e olhei em volta e vi atrás de mim a longa procissão de aeronaves descendo do céu e pousando na terra. Vi a quantidade de máquinas no chão, espalhadas por toda a planície até o lado onde vi a luz, aquela luz branca forte que brilhava tanto sobre a planície e para a qual eu desejava ir. Sei que, se tivesse conseguido pousar, eu teria saído correndo para a luz no momento que saísse da aeronave.

“E agora, estava voando para longe dela. Meu medo aumentou. Fui voando cada vez mais rápido para longe, e o medo tomou conta de mim até que, em pouco tempo, eu estava lutando como louco, puxando o manche, brigando com a aeronave, tentando fazê-la virar na direção da luz. Quando vi que era impossível, tentei me matar. Eu realmente queria me matar naquele momento. Tentei jogar a aeronave contra o chão, mas ela continuou voando para a frente. Tentei pular do cockpit, mas uma mão invisível no meu ombro me empurrou para baixo. Tentei bater a cabeça nas laterais do cockpit, mas não fez diferença, e fiquei lá lutando contra a máquina e contra tudo até que reparei que tinha voltado para a nuvem. Era a mesma nuvem branca densa de antes, e eu parecia estar subindo. Olhei para trás, mas a nuvem tinha se fechado em volta de mim. Não havia nada além da brancura impenetrável. Comecei a ficar enjoado e tonto. Não me importava mais com o que aconteceria, só fiquei inerte deixando a máquina voar sozinha.

“Pareceu demorar muito e tenho certeza de que fiquei lá por muitas horas. Devo ter adormecido. Enquanto dormia, eu sonhei. Sonhei não com as coisas que tinha acabado de ver, mas com as coisas da minha vida, com o esquadrão, com Nikki e o aeródromo aqui de Haifa. Sonhei que estava esperando fora do hangar com duas pessoas e que chegou um pedido da

Marinha para que alguém fizesse um reconhecimento rápido sobre Beirute; e como eu era o primeiro da fila, pulei no meu Hurricane e decolei. Sonhei que passei sobre o Tiro e sobre o Sídön e por cima do rio Damour, subindo a vinte mil pés. Em seguida, virei para o continente, sobre as colinas do Líbano, dei meia-volta e me aproximei de Beirute pelo leste. Eu estava acima da cidade, olhando pela lateral do cockpit, procurando o porto e tentando encontrar os dois destroieres franceses. Em pouco tempo, encontrei, os vi claramente, ancorados um ao lado do outro no porto, e dei meia-volta e voltei para casa o mais rápido possível.

“‘A Marinha está enganada’, pensei enquanto voltava. Os destroieres ainda estão no porto. Olhei para o relógio. Uma hora e meia. ‘Fui rápido’, falei. ‘Vão ficar satisfeitos.’ Tentei ligar pelo rádio para dar a informação, mas não consegui estabelecer contato.

“Então, voltei para cá. Quando pousei, vocês se reuniram em volta de mim e perguntaram onde eu tinha me metido por dois dias, mas eu não conseguia me lembrar de nada. Eu não me lembrava de nada exceto o voo para Beirute até pouco tempos atrás, quando vi Paddy ser alvejado. Quando o avião dele bateu contra chão, eu me peguei dizendo: ‘Seu filho da mãe sortudo. Seu filho da mãe sortudo’, e, enquanto falava, eu soube por que estava dizendo aquilo e me lembrei de tudo. Foi quando gritei para vocês pelo rádio. Foi nessa hora que eu lembrei.”

Fin tinha terminado seu relato. Ninguém se mexeu nem disse nada durante todo o tempo que ele falou. Agora, foi só Monkey quem falou. Ele mexeu os pés no chão, virou o rosto, olhou pela janela e disse baixinho, quase um sussurro:

— Bom, macacos me mordam.

O restante de nós voltou lentamente ao trabalho de tirar os trajes de voo e empilhá-los no canto; todos menos Stag, o atarracado e baixo Stag, que ficou encarando enquanto Fin andava lentamente pela sala para guardar seu traje.

Depois da história de Fin, o esquadrão voltou ao normal. A tensão que estava conosco havia uma semana desapareceu. O aeródromo ficou um lugar mais feliz de se estar, mas ninguém nunca mencionou a jornada de

Fin. Nunca falamos sobre isso uns para os outros, nem mesmo quando ficamos bêbados à noite no Excelsior em Haifa.

A campanha síria estava chegando ao fim. Todo mundo via que devia terminar em breve, embora o pessoal de Vichy ainda estivesse lutando bravamente ao sul de Beirute. Nós ainda estávamos voando. Estávamos voando muito sobre a frota, que bombardeava a costa, pois tínhamos recebido o trabalho de protegê-los dos Junkers 88 que vinham de Rodes. Foi no último desses voos que Fin morreu.

Estávamos voando alto sobre os navios quando os Junkers 88 surgiram com tudo e houve uma batalha. Só tínhamos seis Hurricanes no ar; havia muitos Junkers e foi uma briga boa. Eu não lembro muito o que aconteceu na ocasião. Ninguém nunca lembra. Mas lembro que foi uma luta confusa e cheia de perseguição, com Junkers mergulhando na direção dos navios, com os navios atirando neles, jogando tudo no ar de forma que o céu ficou cheio de flores brancas que florescia rapidamente e cresciam e eram sopradas pelo vento. Eu me lembro do alemão que foi explodido no ar, rapidamente, apenas um brilho, e onde antes havia um bombardeiro não sobrou nada além de escombros caindo lentamente. Eu me lembro do que teve a torreta arrancada, que caiu com o artilheiro pendurado na cauda pelas alças, tentando voltar para a máquina. Eu me lembro de um, um bem corajoso, que ficou no alto para lutar conosco enquanto os outros morriam para bombardeios de mergulho. Lembro que atiramos nele e me lembro de tê-lo visto virar lentamente, a barriga verde-clara virada para cima como um peixe morto antes de ele finalmente cair.

E eu me lembro de Fin.

Estava perto dele quando sua aeronave pegou fogo. Vi as chamas saindo do nariz da máquina e dançando sobre o motor. Havia uma fumaça preta saindo do escapamento do Hurricane.

Eu voei para perto e o chamei pelo rádio.

— Oi, Fin — gritei —, é melhor você pular.

Sua voz era calma e lenta quando respondeu:

— Não é tão fácil.

— Pula — gritei —, pula logo!

Eu o via sentado sob o teto de vidro do cockpit. Ele olhou na minha direção e balançou a cabeça.

— Não é tão fácil — respondeu ele. — Fui alvejado. Meus braços foram acertados e não consigo soltar o cinto.

— Sai! Pelo amor de Deus, sai!

Mas ele não respondeu. Por um momento, sua aeronave seguiu em frente, reta e plana, e delicadamente, como uma águia moribunda, baixou uma asa e mergulhou para o mar. Fiquei olhando seu progresso; vi a trilha fina de fumaça preta que deixou no céu e, enquanto olhava, a voz de Fin sou novamente no rádio, clara e lenta.

— Sou um filho da mãe sortudo — disse ele. — Um filho da mãe muito sortudo.

# ASSASSINATO NAS ALTURAS

Peter Tremayne

Nenhum livro de contos sobre aviões estaria completo sem pelo menos um mistério de quarto fechado (considerando o avião o maior quarto fechado de todos), mas, neste caso, encontraremos dois quartos fechados. Bem-vindo a bordo de um jumbo da Global Airways, onde o corpo de um viajante azarado está prestes a ser descoberto. Para a sorte da tripulação do voo 162, um dos passageiros é o criminologista Gerry Fane e ele mergulha no caso. Peter Tremayne é o pseudônimo de Peter Ellis, que, além de ser autor de quase cem livros e mais de cem contos, tem mestrado em estudos celtas. Ele nasceu na Irlanda, trabalhou como repórter e se tornou escritor em tempo integral em meados dos anos 1970. Este é uma de suas pérolas.

O comissário Jeff Ryder reparou na expressão preocupada no rosto da comissária Sally Beech assim que ela entrou na cozinha da primeira classe do Global Airways 747, voo GA 162. Ficou surpreso por um momento, pois nunca tinha visto a comissária sênior parecendo tão perturbada.

— O que houve, Sal? — perguntou ele numa tentativa de trazer de volta o sorriso matreiro habitual. — Tem um lobo dentre os nossos passageiros de primeira classe incomodando você?

Ela balançou a cabeça sem mudar a expressão preocupada.

— Acho que um dos passageiros está trancado no banheiro — disse ela.

O sorriso de Jeff Ryder se alargou e ele estava prestes a fazer um comentário baixo.

— Não — interrompeu ela, como se tivesse interpretado a intenção dele. — Estou falando sério. Acho que alguma coisa pode ter acontecido. Ele está lá há algum tempo e a pessoa com quem ele estava viajando me pediu para dar uma olhada nele. Bati na porta, mas não tive resposta.

Ryder sufocou um suspiro. Um passageiro trancado no banheiro era incomum, mas não inédito. Ele uma vez teve que arrancar um texano de 115 quilos de um banheiro. Não era uma experiência que ele quisesse relembrar.

— Quem é o infeliz?

— Está listado como Henry Kinloch Gray.

Ryder soltou um grunhido alto.

— Se uma porta de banheiro estiver emperrada nesta aeronave, tinha que ser com Kinloch Gray lá dentro. Você sabe quem ele é? É o presidente da Kinloch Gray e Brodie, uma grande multinacional de mídia. Tem a reputação de comer diretores de empresas vivos, mas com gente como você e eu, pobres peixinhos no grande mar da vida... — Ele revirou os olhos de forma expressiva. — Ah, Senhor! É melhor eu dar uma olhada.

Com Sally às suas costas, Ryder seguiu para os banheiros da primeira classe. Não havia ninguém por perto, e ele viu na mesma hora qual porta estava marcada como “ocupado”. Ele foi até lá e falou baixinho:

— Sr. Kinloch Gray? Está tudo bem?

Ele esperou e bateu respeitosamente na porta.

Novamente não houve resposta.

Ryder olhou para Sally.

— Sabemos há quanto tempo ele está lá dentro?

— O companheiro de viagem dele disse que ele foi ao banheiro meia hora atrás.

Ryder ergueu uma sobrancelha e se virou para a porta. A voz subiu um oitavo.

— Senhor. Sr. Kinloch Gray, estamos supondo que o senhor está com problemas aí dentro. Vou quebrar a fechadura. Se puder, por favor, se afaste da porta.

Ele se inclinou para trás, ergueu o pé e bateu com ele na porta, perto da fechadura. A fechadura frágil do cubículo arrastou os parafusos

que a prendiam e se moveu de leve para dentro.

— Senhor?

Ryder abriu a porta. Teve dificuldade de fazer isso; alguma coisa estava provocando uma obstrução. Com certa força, ele conseguiu abrir o suficiente para enfiar a cabeça no cubículo, só por um momento. Tirou-a de lá rapidamente; suas feições estavam pálidas. Ele olhou para Sally e não falou nada por um momento. Por fim, conseguiu emitir algumas palavras.

— Acho que ele levou um tiro — sussurrou ele.

Os banheiros foram isolados com cortinas e o capitão da aeronave, Moss Evans, um dos pilotos mais antigos da Global Airways, foi chamado depois de ouvir um resumo do problema. O piloto grisalho de corpo forte disfarçou a preocupação enquanto cruzava a primeira classe, sorrindo e assentindo afavelmente para os passageiros. Sua emoção principal era irritação, pois havia poucos momentos que a aeronave tinha passado do ponto intermediário, o “ponto sem volta”, metade do voo. Havia mais quatro horas pela frente e ele não gostava da perspectiva de desviar para outro aeroporto agora e atrasar o voo por sabia-se lá quanto tempo. Ele tinha um encontro importante naquele dia.

Ryder tinha acabado de fazer um comunicado para os passageiros da primeira classe com a desculpa esfarrapada de que havia um problema mecânico nos banheiros frontais da primeira classe, instruindo os passageiros para os banheiros do meio para sua segurança e conforto. Era jargão típico de companhia aérea. Agora, ele estava esperando com Sally Beech pela chegada do capitão. Evans conhecia bem Ryder, pois voava com ele havia dois anos. O bom humor habitual de Ryder tinha sumido. A garota também estava extremamente pálida e abalada.

Evans olhou com solidariedade para ela; depois, se virou para a tranca quebrada da porta do cubículo.

— É esse o banheiro?

— É.



Evans teve que jogar o peso na porta e conseguiu enfiar a cabeça dentro do cubículo apertado.

O corpo estava caído em cima do vaso, completamente vestido. Os braços estavam caídos nas laterais, as pernas estavam abertas, e era isso que impedia a porta de ser aberta. O equilíbrio do corpo inerte era precário. Da boca até o peito havia uma massa sangrenta. Pedacos de carne arrancada estavam pendurados nas bochechas. O sangue tinha respingado nas paredes. Evans sentiu a náusea subir, mas sufocou-a.

Como Ryder tinha avisado, parecia que o homem tinha levado um tiro na boca. Automaticamente, Evans olhou para baixo, sem saber o que estava procurando até se dar conta de que deveria estar procurando uma arma. Ficou surpreso de não encontrar uma. Ele procurou de novo. As mãos caídas nas laterais do corpo não seguravam nada. O piso do cubículo onde qualquer arma deveria ter caído não exibia sinal de uma. Evans franziu a testa e se retirou. Alguma coisa no fundo da mente dele dizia que tinha algo errado com o que tinha visto, mas ele não conseguiu identificar o que era.

— Isso é novidade para o manual de emergência no ar da empresa — murmurou Ryder, tentando inserir um pouco de humor na situação.

— Estou vendo que você retirou os passageiros desta parte — observou Evans.

— Sim. Afastei todos os passageiros da primeira classe desta seção e estamos prendendo uma cortina. Imagino que a próxima tarefa seja tirar o corpo daí.

— O colega dele foi informado? A pessoa com quem ele estava viajando?

— Ele foi informado de que houve um acidente. Sem muitos detalhes.

— Muito bem. Pelo que eu soube, nosso homem era presidente de uma grande corporação, certo?

— Kinloch Gray. Ele era Henry Kinloch Gray.

Evans soltou um assobio silencioso.

— Então estamos falando de uma influência sustentada por megadólares, hein?

— Não existe mais rico.

— Você verificou se há algum médico na lista de passageiros? Parece que nosso homem escolheu um momento e um lugar horrível para cometer suicídio. Mas acho que vamos precisar que alguém dê uma olhada nele antes de mexermos em qualquer coisa. Vou seguir a orientação da empresa sobre a rotina de emergências médicas. Vamos notificar o escritório central.

Ryder assentiu afirmativamente.

— Já mandei Sally verificar se há algum médico a bordo. Por sorte, temos dois na primeira classe. Os dois estão sentados juntos. Os assentos são C1 e C2.

— Certo. Peça a Sally para trazer um deles aqui. Ah, e onde está o colega do sr. Gray?

— Está sentado no B3. O nome é Frank Tilley, e soube que é secretário pessoal de Gray.

— Infelizmente, ele vai ter que esperar e fazer uma identificação formal. Vamos ter que seguir rigorosamente as regras da companhia — acrescentou o piloto, como se procurando ganhar apoio.

Sally Beech se aproximou dos dois homens nos assentos C1 e C2. Os dois tinham a mesma idade, quarenta e poucos anos; um estava vestido casualmente e tinha uma cabeleira ruiva, bem diferente do estereótipo de um médico. O outro parecia arrumado e mais bem vestido. Ela parou e se inclinou.

— Dr. Fane? — Foi o primeiro dos dois nomes que ela tinha decorado.

O homem bem vestido olhou para ela com um sorriso de curiosidade.

— Sou Gerry Fane. O que posso fazer por você, senhorita?

— Doutor, infelizmente temos uma emergência médica com um dos passageiros. O capitão oferece seus cumprimentos e informa que apreciaria se o senhor pudesse vir dar uma olhada.

Pareceu uma fórmula muito repetida. Na verdade, era uma fórmula tirada do manual da empresa. Sally não sabia de que outra forma dizer isso fora o jeito direto que tinha treinado para fazer.

O homem fez uma careta.

— Infelizmente, meu doutorado é em criminologia, senhorita. Acho que não vou poder ajudar. Acho que você vai precisar do meu amigo, Hector

Ross. Ele é médico.

A garota olhou com um pouco de culpa para o homem ruivo ao lado e ficou feliz de ver que ele já estava se levantando e ela não precisaria repetir a fórmula.

— Não se preocupe, moça. Vou dar uma olhada, mas não estou com minha bolsa de primeiros socorros. Na verdade, sou um patologista voltando de um congresso, entende? Não clínico geral.

— Nós temos equipamento de emergência a bordo, doutor, mas acho que não será necessário.

Ross olhou para ela com a testa franzida, intrigado, mas ela já tinha se virado e estava seguindo pelo corredor.

Hector Ross recuou do cubículo e olhou para o capitão Evans e para Jeff

Ryder. Ele olhou para o relógio.

— Estou declarando a morte para uma e quinze da tarde, capitão.

Evans se moveu com inquietação.

— E a causa de morte?

Ross mordeu o lábio.

— Prefiro que o corpo seja retirado para eu poder fazer um exame completo. — Ele hesitou de novo. — Antes disso, gostaria que meu

colega, o dr. Fane, desse uma olhada. O dr. Fane é psicólogo criminal e tenho muito respeito pela opinião dele.

Evans olhou para o médico e tentou interpretar algum significado mais profundo por trás das suas palavras.

— Como um psicólogo criminal poderia ajudar na questão? A não ser que...

— Eu gostaria mesmo assim, capitão. Ele pode só dar uma olhada?  
— O tom de Ross subiu em persuasão.

Momentos depois, Gerry Fane estava recuando para longe da mesma porta de banheiro e olhando para o companheiro de viagem com certa seriedade.

— Curioso — observou ele. A palavra foi dita de forma lenta e deliberada.

— Ah, bom? — perguntou o capitão Evans com impaciência. — O que isso quer dizer?

Fane deu de ombros com eloquência no espaço apertado.

— Quer dizer que nada está bom, capitão — disse ele com um toque de sarcasmo. — Acho que temos que retirar o corpo para meu colga aqui determinar a causa da morte e aí, sim, vamos poder determinar como esse homem chegou a essa morte.

Evans fungou, tentando esconder a irritação.

— O presidente da minha empresa está esperando no rádio, doutor. Eu gostaria de poder dizer alguma coisa mais positiva. Acho que você vai entender quando eu disser que ele por acaso conhece o sr. Gray. Jogam golfe juntos, parece.

Fane foi irônico.

— *Conhecia*, infelizmente. Passado. Bom, diga ao seu presidente que parece que seu parceiro de golfe foi assassinado.

Evans ficou chocado.

— Isso é impossível. Deve ter sido suicídio.

Hector Ross pigarreou e olhou com inquietação para o amigo.

— É preciso ir longe assim, amigão? — murmurou ele. — Depois de tudo...

Fane não demonstrou perturbação e o interrompeu com um tom calmo e decisivo.

— Seja qual for o método preciso para infligir o ferimento fatal, acredito que você concordaria que foi instantâneo. As partes da frente da cabeça, abaixo dos olhos e do nariz, estão explodidas. Horrível. Parece um ferimento de tiro na boca.

Evans tinha recuperado o poder de fala. Agora, enquanto pensava, percebeu o que exatamente o estava incomodando. Foi sua vez de ser sarcástico.

— Se uma arma tivesse sido disparada lá dentro, mesmo uma de baixo calibre com um corpo para amortecer o impacto da bala, teria força para perfurar a lateral da aeronave e causar descompressão. Você sabe o que uma bala é capaz de fazer se perfurar a fuselagem de uma aeronave a trinta e seis mil pés?

— Eu não disse com certeza que foi uma arma de fogo. — Fane manteve o sorriso gentil. — Eu disse que parecia um tiro.

— Mesmo que fosse um tiro que o matou, por que não poderia ter sido suicídio? — interrompeu o comissário. — Ele estava em um banheiro trancado, caramba! Estava trancado por dentro.

Fane olhou para ele com indulgência.

— Eu comentei sobre a natureza instantânea do ferimento. Eu nunca soube de um cadáver que conseguisse se levantar e esconder uma arma depois de um suicídio bem-sucedido. O homem está caído lá dentro, morto, com um ferimento mortal horrível que causou sua morte instantânea... e não há sinal de arma. Curioso, não é?

Evans olhou para ele sem acreditar.

— Isso é ridículo... — Não havia convicção na voz dele. — Você não pode estar falando sério. A arma deve estar escondida atrás da porta

em algum lugar.

Fane não se deu ao trabalho de responder.

— Mas — disse Evans com desespero, sabendo que Fane tinha articulado exatamente o que o preocupava: a arma desaparecida. — Você está dizendo que Gray foi morto e depois colocado no banheiro?

Fane balançou a cabeça com firmeza.

— É mais complicado do que isso, infelizmente. A julgar pelo sangue que espirrou do ferimento e manchou as paredes do cubículo, ele já estava sentado na privada quando foi morto e com a porta trancada por dentro, de acordo com seu comissário aqui.

Jeff Ryder se moveu com inquietação.

— A porta estava trancada por dentro — confirmou ele na defensiva.

— Então, como...? — começou Evans.

— Isso é algo que precisamos descobrir. Capitão, não tenho desejo nenhum de usurpar sua autoridade, mas posso lhe dar uma sugestão?

Evans não respondeu. Ele ainda estava contemplando a impossibilidade do que Fane tinha sugerido.

— Capitão?

— Sim? Desculpe, o que você disse?

— Posso lhe dar uma sugestão? Enquanto Hector faz um exame preliminar para ver se conseguimos descobrir a causa da morte, o senhor me permite interrogar o colega de Gray, para que talvez possamos descobrir “o porquê” além do “como”?

Evans apertou os lábios, pensativo.

— Acho que não tenho autoridade. Vou ter que falar com o presidente da empresa.

— O mais rápido possível, capitão. Vamos esperar aqui — respondeu Fane calmamente. — Enquanto esperamos, o dr. Ross e eu vamos retirar o corpo do banheiro.

Pouco tempo se passou até o retorno de Moss Evans. Ross e Fane já tinham conseguido tirar o corpo de Kinloch Gray do banheiro e o colocado na área entre o anteparo e os primeiros assentos da primeira classe.

Evans limpou a garganta com constrangimento.

— Dr. Fane. Meu presidente lhe deu permissão total de agir como achar adequado nessa questão... até a aeronave pousar, pelo menos. Então, claro, o senhor vai ter que passar o problema para as mãos das autoridades policiais locais. — Ele deu de ombros e acrescentou, como se uma explicação fosse necessária. — Parece que meu presidente ouviu falar de sua reputação como... como criminologista? Ele ficou feliz em deixar o problema nas mãos do senhor e do dr. Ross.

Fane inclinou a cabeça com seriedade.

— A aeronave será desviada? — perguntou ele.

— Meu presidente nos mandou seguir nosso curso, doutor. Como o homem está morto, não adianta desviar em busca de ajuda médica.

— Ótimo. Então temos pouco mais de três horas para resolver o problema. Seu comissário pode conseguir um canto onde eu possa conversar com o colega de Gray? A moça me disse que ele é secretário pessoal do falecido. Quero falar com ele sem causar alarme aos passageiros.

— Cuide disso, Jeff — ordenou o capitão Evans ao comissário. Ele olhou para Fane. — Não dizem que o assassinato costuma ser cometido por um conhecido da vítima? Isso não torna o secretário dele o principal suspeito? Ou todos os passageiros terão que ser verificados para sabermos se tinham conexão com Gray?

Fane abriu um sorriso largo.

— Costumo descobrir que não se pode ter regras gerais nessas questões.

Evans deu de ombros.

— Se ajudar, posso fazer um comunicado pedindo a todos os passageiros para voltarem aos seus assentos e afivelarem os cintos. Posso

dizer que estamos entrando em uma área de turbulência. Impediria qualquer curioso de tentar entrar aqui.

— Ajudaria muito, capitão — garantiu Hector Ross, erguendo o rosto da posição que tinha assumido junto ao cadáver.

Evans hesitou mais um momento.

— Vou voltar para o cockpit. Mantenham-me informados sobre qualquer novidade.

Poucos minutos depois da saída de Evans, houve o som de vozes altas. Fane ergueu o rosto e viu a comissária, Sally Beech, tentando impedir um jovem de ir na direção deles.

O jovem estava muito determinado.

— Estou dizendo que trabalho para ele. — Sua voz estava alta em protesto.

— Eu tenho o direito de estar lá.

— Você está na classe econômica, senhor. Não tem o direito de estar aqui, na primeira classe.

— Se alguma coisa aconteceu ao sr. Gray, eu exijo...

Fane se moveu rapidamente para a frente. O jovem era alto, articulado e, Fane observou, a aparência bonita era melhorada por um bronzeado que vinha de uma lâmpada de bronzeamento artificial, e não do sol. Ele estava vestido de forma imaculada. Tinha um anel de sinete de ouro nos dedos finos. Fane tinha o hábito de reparar em mãos. Acreditava que era possível descobrir muita coisa sobre uma pessoa pelas mãos e como ela cuidava das unhas. Aquele jovem obviamente dedicava muita atenção à manutenção das unhas.

— Esse é o secretário do sr. Gray? — perguntou ele a Sally.

A comissária balançou a cabeça.

— Não, doutor. É um passageiro da classe econômica. Ele alega ter trabalhado para o sr. Gray.



— E qual é seu nome? — perguntou Fane, os olhos grudados nas feições bonitas do jovem.

— Oscar Elgee. Fui criado do sr. Gray. — O jovem falava com uma voz modulada que traía claramente seu passado de escola preparatória. — Verifique com Frank Tilley, na primeira classe. Ele é secretário pessoal do sr. Gray. Vai confirmar quem sou.

Fane deu um sorriso encorajador para Sally Beech.

— Pode fazer isso para mim, srta. Beech? Também pode dizer ao sr. Tilley que eu gostaria de vê-lo quando for conveniente? — Quando ela saiu andando, Fane se virou para o recém-chegado. — Agora, sr. Elgee, como o senhor soube que houve um... acidente?

— Eu ouvi uma das comissárias falando com outra nos fundos da classe econômica — disse Elgee. — Se o sr. Gray estiver ferido...

— O sr. Gray está morto.

Oscar Elgee ficou olhando para ele fixamente por um momento.

— Ataque cardíaco?

— Não exatamente. Como você está aqui, pode identificar formalmente seu antigo empregador. Nós precisamos de uma identificação, para o registro do dr. Ross.

Ele chegou para o lado e permitiu que o jovem se adiantasse até onde o corpo estava, deitado para o exame de Ross. O médico se moveu para permitir que o jovem examinasse o rosto. Elgee parou ao lado do corpo e olhou para baixo por um momento.

— *Terra es, terram ibis* — murmurou ele. Seu rosto se transformou em uma expressão de angústia. — Como isso pôde ter acontecido? Por que tem sangue no rosto dele? Que tipo de acidente aconteceu aqui?

— Isso é exatamente o que estamos tentando determinar — disse Ross. — Concluo que você identifica formalmente este homem como Henry Kinloch Gray?

O jovem assentiu e se virou. Fane o guiou até a parte com a cortina.

— Por quanto tempo você trabalhou para ele, sr. Elgee?

— Dois anos.

— Qual era exatamente sua função?

— Eu era seu criado. Fazia de tudo. Era chofer, mordomo, cozinheiro, acompanhante, faz-tudo. Seu factótum.

— E ele levava você nas viagens ao exterior?

— Claro.

— Mas era rigoroso com a ordem social, não é? — disse Fane, sorrindo.

O jovem ficou vermelho.

— Não entendi.

— Você está viajando na classe econômica.

— Não seria adequado um criado viajar na primeira classe.

— Exatamente. Mas, a julgar pelas suas reações à morte dele, você sentia uma ligação profunda com seu empregador, não é?

O queixo do jovem se ergueu em desafio e as bochechas ficaram rosadas.

— O sr. Gray era um patrão exemplar. Um empresário rigoroso, verdade.

Mas era um homem justo. Nós nunca trocamos palavras ríspidas. Ele era um bom homem para se trabalhar. Um ótimo homem.

— Entendo. E você cuidava dele? Cuidava das suas necessidades domésticas. Se lembro as histórias dos jornais, Harry Gray sempre era descrito como um solteirão cobiçado.

Fane viu uma mudança sutil de expressão no rosto do jovem.

— Se ele fosse casado, não precisaria dos meus serviços, não é mesmo? Eu fazia de tudo para ele. Até consertei o aparelho de som e a geladeira. Não, ele não era casado.

— Exatamente. — Fane sorriu e olhou novamente para as mãos de Elgee. — Consertar um aparelho de som exige um toque delicado. É incomum um faz-tudo ser capaz de fazer esse tipo de coisa.

— Meu hobby é fazer modelos. Modelos que funcionam.

Havia um toque de arrogância na voz dele.

— Entendo. Diga-me, já que você estaria na melhor posição para saber, seu patrão tinha algum inimigo?

O jovem fez uma careta.

— Um empresário como Harry Gray está cercado de inimigos. — Ele olhou para a frente e viu Sally Beech trazendo um homem de óculos para o compartimento. — Alguns inimigos trabalham com ele e fingem ser seus confidentes — acrescentou Elgee com um tom ríspido. Ele parou e franziu a testa, como se um pensamento tivesse lhe ocorrido. — Você está dizendo que a morte dele foi... foi suspeita?

Fane reparou com aprovação que Sally tinha indicado ao seu acompanhante para se sentar e não se adiantou para interrompê-lo. Ele se virou para o jovem.

— Isso nós vamos ter que descobrir. Agora, sr. Elgee, você poderia voltar ao seu lugar? Vamos mantê-lo informado da situação.

O jovem se virou e saiu, sem nem se dar ao trabalho de cumprimentar o recém-chegado, que, por sua vez, pareceu baixar o olhar para evitar contato com o jovem atraente. Obviamente, não havia afeição entre o criado e o secretário.

Fane deixou que Hector Ross prosseguisse com o exame com a ajuda do kit de emergência médica da aeronave e foi até onde o recém-chegado tinha se sentado.

Sally Beech, esperando junto, abriu um sorriso nervoso.

— Este é o sr. Francis Tilley. Ele estava viajando com o sr. Gray.

Frank Tilley era um homem magro e muito feio com trinta e poucos anos.

A pele era pálida e o maxilar tinha uma sombra azul permanente, que nem horas e horas se barbeando era capaz de remover. Usava óculos grossos com aros de chifre que pareciam não se adequar em nada às suas feições. O cabelo estava rareando e caindo, e havia um tremor nervoso no canto da boca.

Fane fez sinal para a comissária ficar perto da porta para impedir que qualquer outra pessoa entrasse no compartimento da primeira classe e se virou para Tilley.

— Ele está morto? — A voz de Tilley era quase um falsete. Ele riu com nervosismo. — Bom, imagino que tivesse que acontecer alguma hora, mesmo para os ditos grandiosos e bons.

Fane franziu a testa para o tom na voz do homem.

— Você está dizendo que o sr. Gray estava doente? — perguntou ele.

Tilley levantou a mão e a deixou cair, como se fosse comentar uma coisa e tivesse mudado de ideia. Fane registrou automaticamente a mão trêmula, os dedos grossos e instáveis manchados de nicotina e as unhas mal cortadas.

— Ele tinha tendência a sofrer de asma, só isso. Uma condição puramente causada pelo estresse.

— Então por quê...?

Tilley pareceu meio constrangido.

— Acho que eu estava sendo irreverente.

— Você não parece indevidamente incomodado pela morte do seu colega.

Tilley deu uma fungada depreciativa.

— Colega? Ele era meu patrão. Nunca deixava ninguém que trabalhava para ele esquecer que ele era o mandachuva, que era o árbitro do destino de cada um na empresa. Fosse o homem porteiro ou vice-presidente, Harry Kinloch Gray era um presidente “com a mão na massa” e sua palavra era lei. Se ele passasse a não gostar de você, estava fora na

mesma hora, independentemente do tempo que tivesse dedicado à empresa. Ele era o arquétipo vitoriano. Empresário que se fez sozinho. Autocrata, cruel e rancoroso. Não devia ter espaço no mundo moderno dos negócios.

Fane se recostou e ouviu a amargura na voz do homem.

— Ele era o tipo de homem que tinha vários inimigos, então?

Tilley sorriu com o comentário.

— Ele era o tipo de homem que não tinha amigos.

— Há quanto tempo você trabalha para ele?

— Passei dez anos na empresa. Eu me tornei seu secretário pessoal cinco anos atrás.

— Muito tempo para se passar com alguém de quem não se gosta, não é? Você devia estar fazendo alguma coisa certa para ele não passar a detestar você e o demitir, se, como você diz, esse era o método habitual dele de lidar com os empregados.

Tilley se mexeu com inquietação pelo sarcasmo de Fane.

— O que isso tem a ver com a morte do sr. Gray? — perguntou ele de repente.

— Só estou querendo saber a história dele.

— O que aconteceu? — perguntou Tilley. — Suponho que tenha tido algum tipo de ataque cardíaco.

— Ele tinha problema de coração, então?

— Não que eu soubesse. Ele estava acima do peso e comia como um porco. Com todo o estresse que vivia sentindo, não me surpreenderia saber que a causa foi essa.

— Esta viagem era particularmente estressante?

— Não mais do que o habitual. Estávamos indo para uma reunião de executivos das subsidiárias americanas.

— E, até onde você reparou, o sr. Gray estava se comportando do jeito habitual?

Tilley chegou a rir. Foi um ruído desagradável.

— Ele estava agindo da forma beligerante, intimidante e arrogante de sempre. Tinha umas seis pessoas para demitir e queria fazer isso em um ritual público, para fazê-los passar pelo maior constrangimento possível. Isso o deixava empolgado. E então... — Tilley hesitou, e uma expressão pensativa surgiu no olhar dele. — Ele estava olhando uns documentos do caso. Um deles pareceu fasciná-lo, e depois de um momento ou dois ele começou a ter um dos ataques dele...

— Ataques? Achei que você tivesse dito que ele não tinha problemas de saúde.

— Eu disse que ele tinha tendência a ter asma. Ele tinha ataques por causa do estresse.

— É verdade. Então ele começou a ter um ataque de asma? Ele tomava alguma medicação para isso?

— Ele carregava um inalador. Era vaidoso e achava que nenhum de nós sabia. O grande presidente não gostava de confessar uma fraqueza física. Então, quando tinha um ataque, ele desaparecia para se tratar com o inalador. Era tão óbvio. Era icônico ele ter uma citação favorita do Eclesiastes: *‘Vanitas vanitatum, omnis vanitas’*!

— Então você está dizendo que ele foi ao banheiro para usar o inalador?

— Sim. Depois que um tempo considerável se passou, fiquei preocupado.

— Preocupado? — Fane deu um sorriso fraco. — Pelo que você está dizendo, a preocupação com o bem-estar do seu chefe não era exatamente sua prioridade.

Os lábios de Tinney se comprimiram em uma careta de desprezo.

— Meus sentimentos pessoais não vêm ao caso. Eu não era como Elgee, que dedica tudo ao emprego. Eu estava sendo pago para fazer um

trabalho e o fazia com toda integridade e profissionalismo. Não precisava gostar de Harry Gray. Não era preocupação minha o que Harry Gray fazia ou não fazia fora do trabalho que ele me pagava para fazer. Não era preocupação minha quem eram seus amantes e inimigos mortais.

— Muito bem. Então ele foi ao banheiro e não voltou?

— Como falei, depois de um tempo eu chamei a comissária e ela foi verificar. Isso não foi nem mais nem menos do que preocupação da minha posição de secretário dele.

— Espere um momento, sr. Tilley.

Fane foi até onde Sally Beech estava, ainda pálida e meio nervosa, e disse baixinho:

— Você acha que poderia ir até o assento do sr. Gray e pegar a pasta dele? Eu gostaria que a trouxesse até aqui.

A comissária voltou em pouco tempo com uma pasta marrom de couro pequena.

Fane a pegou e a mostrou a Frank Tilley.

— Você identifica isto como a pasta de Gray?

O homem assentiu com relutância.

— Você não deveria abri-la — protestou ele quando Fane abriu as fivelas.

— Por quê?

— Propriedade confidencial da empresa.

— Acho que a investigação de um possível homicídio vai descartar essa objeção.

Frank Tilley ficou surpreso.

— Homicídio?... Mas isso quer dizer... assassinato. Ninguém falou nada sobre assassinato.

Fane estava ocupado demais mexendo nos papéis para responder. Ele tirou uma folha de papel e a mostrou a Tilley.

— Era isso que ele estava olhando antes de começar a ter dificuldades para respirar?

— Não sei. Talvez. Era uma folha de papel assim... é tudo o que posso dizer.

A folha de papel era impressa no computador. Tinha duas frases curtas:

Você vai morrer antes que esta aeronave pouse.

*Memento, “homo”, quia pulvis es et in pulverem revertis.*

Fane se recostou com um sorriso casual. Ele mostrou o papel ao secretário.

— Você é conhecedor de latim, sr. Tilley. Como traduziria a frase escrita aqui?

Tilley franziu a testa.

— O que o faz pensar que sou conhecedor de latim?

— Alguns momentos atrás, você citou uma frase em latim. Presumi que soubesse o significado.

— Meu latim é quase inexistente. O sr. Gray gostava de expressões e frases em latim, e eu tentava acompanhar decorando algumas que ele usava com frequência.

— Entendi. Então você não sabe o que esta aqui quer dizer?

Tilley olhou o bilhete impresso. E balançou a cabeça.

— *Memento* quer dizer “lembrar”, não é?

— Você já ouviu a expressão *memento mori*? É uma versão mais popular do que está escrito aqui.

Tilley balançou a cabeça.

— Lembre-se de alguma coisa, talvez?

— Por que acha que a palavra latina para “homem” está entre aspas?

— Não sei o que quer dizer. Não sei latim.



— O que diz é mais ou menos o seguinte: “Lembre-se, homem, que você é pó e ao pó voltará”. Foi escrito em um computador, um processador de palavras. Você reconhece a fonte?

Tilley balançou a cabeça.

— Pode ser qualquer um de centenas de computadores da empresa. Espero que você não esteja sugerindo que eu escrevi uma ameaça de morte ao sr. Gray.

— Como isso poderia ter ido parar na pasta dele? — perguntou Fane,

ignorando o comentário.

— Imagino que alguém tenha colocado lá.

— Quem teria acesso?

— Você ainda está me acusando? Eu o odiava. Mas não a ponto de cortar minha própria garganta. Ele era um filho da mãe, mas era meu ganso dos ovos de ouro. Não faria sentido me livrar dele.

— Verdade — murmurou Fane, pensativo. Seu olhar identificou um bloco na pasta, e ele folheou as páginas enquanto Frank Tilley continuava parecendo incomodado. Fane encontrou uma lista de iniciais com o título “dispensa imediata” e a data daquele dia.

— Uma lista de seis pessoas que ele ia demitir? — observou Fane.

— Eu falei que ele ia ter o prazer de demitir executivos publicamente e mencionou alguns nomes para mim.

— A lista contém só iniciais e começa com O.T.E. — Ele olhou para Tilley com uma sobrancelha erguida. — Oscar Elgee?

— Dificilmente — respondeu Tilley com um sorriso condescendente. —

Quer dizer Otis T. Elliott, o gerente geral da nossa subsidiária de dados americana.

— Entendo. Vamos ver se conseguimos identificar os outros.

Ele repassou as outras iniciais, às quais Tilley acrescentou nomes. As quatro seguintes também eram executivos das empresas de Gray. As últimas iniciais eram Ft.

— F.T. está sublinhado três vezes com as palavras “sem indenização!” ao lado. Quem é F.T.?

— Você sabe que F.T. são minhas iniciais — observou Tilley baixinho. As feições dele ficaram pálidas e de repente muito sérias. — Juro que ele nunca disse nada sobre me demitir quando discutimos quem estava na lista. Ele nunca mencionou.

— Bom, havia mais alguém na empresa a quem as iniciais F.T. poderiam aplicar?

Tilley franziu a testa, tentando lembrar, mas finalmente balançou a cabeça e fez um movimento resignado de ombros.

— Não. Só poderia ser eu. Filho da mãe! Ele nunca me disse o que estava planejando. Um pouco de humilhação pública, imagino.

Hector Ross saiu da parte fechada pela cortina e fez sinal para Fane se juntar a ele.

— Acho que sei dizer como aconteceu — anunciou ele com satisfação.

Fane sorriu para o amigo.

— Eu também. Me diga se estou enganado. Gray foi ao banheiro usar o inalador para aliviar um ataque de asma. Colocou o inalador na boca, apertou do jeito normal e...

Ele terminou dando de ombros.

Ross pareceu chocado.

— Como você...? — Ele olhou por cima do ombro de Fane para onde Frank Tilley ainda estava sentado, se mexendo com nervosismo. — Ele confessou que armou tudo?

Fane balançou a cabeça.

— Não. Mas eu estava certo?

— É uma boa hipótese, mas precisa de uma confirmação de laboratório. Encontrei pequenas partículas de alumínio na boca e também um pouco de plástico. Alguma coisa certamente explodiu com força, disparando um pequeno projétil de aço para o fundo do céu da boca com uma força tal que entrou no cérebro e a morte foi instantânea, como você supôs inicialmente. O que disparou o projétil se desintegrou com a força. Por isso, só havia pequenos fragmentos inseridos na boca e nas bochechas. Havia alguns quando investiguei o cubículo. Diabólico.

— Isso foi planejado por alguém que sabia que Gray tinha uma fraqueza e se aproveitou disso. Ele não gostava de usar o inalador em público e encontraria um canto tranquilo. O plano funcionou muito bem e quase foi um crime perfeito, um crime quase impossível de solucionar. Inicialmente, parecia que a vítima tinha levado um tiro na boca em um banheiro trancado.

Hector Ross deu um sorriso indulgente para o colega.

— Você está dando a entender que já tem a solução?

— Ah, sim. Lembra-se da música que cantávamos na escola?

*A vida é real! A vida é séria!*

*E o tumulto não é seu objetivo;*

*Pó tu és e ao pó retornarás*

*Não se diz da alma.*

Hector Ross assentiu.

— Tem muito tempo que não canto isso, rapaz. De Longfellow, não era?

Fane sorriu.

— Era, sim. Baseada em versos do Livro de Gênesis, “*terra es, terram ibis*”, “*pó tu és, ao pó retornarás*”. Chame o capitão Evans, por favor. — Ele fez o pedido ao comissário, Jeff Ryder, que estava acompanhando Ross. Quando ele saiu, Fane olhou para o amigo. — Não podemos deixar de lado uma bolsa de estudos de latim.

— Não estou acompanhando, rapaz.

— Nosso assassino gostava demais das piadas internas de latim que compartilhava com o chefe.

— Você está falando do secretário?

Ele olhou para Frank Tilley.

— Tilley alega que não conseguiria nem traduzir *memento mori*.

— Lembre-se da morte?

Fane olhou para o amigo com reprovação.

— Na verdade, significa “lembre-se de morrer”, e um *memento mori* costuma ser aplicado a um crânio humano ou algum outro objeto que nos lembre da nossa imortalidade.

O capitão Evans chegou e olhou de Fane para Ross com expectativa.

— Bem, qual é a notícia?

— Para poupar qualquer cena desagradável no avião, capitão, sugiro que você mande uma mensagem de rádio avisando a polícia para esperar no aeroporto a fim de prender um dos passageiros por assassinato. Não precisamos fazer nada até pousarmos. O homem não pode ir a lugar nenhum.

— Que homem? — perguntou Evans, o rosto sério.

— Ele está listado como Oscar Elgee na classe econômica.

— Como ele...

— Simples. Elgee não só era criado de Gray, mas acho que você também vai descobrir, pelas amplas dicas que o sr. Tilley me deu, que também era seu amante. Elgee parece confirmar com uma ameaça de morte com uma expressão em latim na qual ele enfatizou a palavra *homo*, que significa “homem”, mas também sabemos que era muito usada como gíria na minha geração para “homossexual”.

— Como você saberia que Elgee era capaz de entender trocadilhos em

latim? — perguntou Ross.

— Assim que viu o corpo de Gray, o jovem Elgee murmurou as palavras. *Terra es, terram ibis*: você é pó e ao pó voltará.

— Uma briga entre amantes? — perguntou Ross. — O amor que virou ódio... e tudo isso, como Billy Shakespeare disse de forma tão sucinta?

Fane assentiu.

— Gray estava dispensando Elgee, tanto como amante quanto como funcionário, e Elgee decidiu acabar com a carreira do amante em pleno voo, por assim dizer. Há um bilhete na pasta dele dizendo que Elgee deveria ser demitido imediatamente, sem indenização.

Tilley, que estava sentado em silêncio, balançou a cabeça com veemência.

— Não tem, não — interrompeu ele. — Nós olhamos a lista. Eu falei que as iniciais O.T.E. se referem a Otis Elliott. Eu mandei a demissão por fax antes de entrarmos no avião.

Fane deu um sorriso tranquilo.

— Você se esqueceu de F.T.

— Mas são minhas...

— Você não compartilhava da paixão do seu chefe por latim, não é? Foi o F.T. que me confundiu. Eu deveria ter confiado que uma pessoa com a reputação de Gray não teria escrito F seguido de um *t* minúsculo se quisesse dizer as iniciais F.T. Eu não entendi. Não eram duas iniciais, sr. Tilley. Era *Ft* como abreviatura. Especificamente de *fac*, de *facere*: “fazer”; e *tatum*, “todas as coisas”. *Factotum*. E quem era o factótum de Gray?

Todos ficaram em silêncio.

— Acho que vamos descobrir que esse assassinato foi planejado há pelo menos uma ou duas semanas. Quando comecei a perceber qual foi o mecanismo que matou Gray, só precisei procurar a pessoa capaz de

elaborar tal mecanismo, além de ter a oportunidade. Estique as mãos, sr. Tilley.

Com relutância, o secretário fez isso.

— Você não consegue ver essas mãos construindo um mecanismo delicado, consegue? — perguntou Fane. — Não, Elgee, o criador de modelos e faz-tudo, alterou um dos inaladores de Gray para que, quando fosse apertado, explodisse com um impacto na boca, disparando uma agulha no cérebro. Simples e eficiente. Ele sabia que Gray não gostava de ser visto usando o inalador em público. O resto ficou dependendo da sorte, e a sorte era boa. Quase acabou sendo o crime impossível absoluto. Poderia ter dado certo se nossa vítima e seu assassino não gostassem demais de suas piadas em latim.

# O ESPECIALISTA EM TURBULÊNCIA

Stephen King

Stephen King — este que vos fala — escreveu pelo menos dois contos sobre acontecimentos pavorosos em aviões. Um se chama “Os Langoliers” e virou uma minissérie de televisão. O outro, “O piloto da noite”, é sobre um vampiro que pilota um avião particular em vez de virar morcego. Esse conto virou filme. O conto a seguir é inédito.

## I

Craig Dixon estava sentado na sala de uma suíte pequena no hotel Four Seasons, comendo a comida cara do serviço de quarto e assistindo a um filme no pay-per-view, quando o telefone tocou. Os batimentos anteriormente calmos perderam o controle e dispararam. Dixon era livre, a definição perfeita de andarilho, e só uma pessoa sabia que ele estava naquele hotel chique em frente ao Boston Common. Ele pensou em não atender, mas o homem que ele encarava como facilitador só ligaria de novo e continuaria ligando até ele atender. Se Dixon se recusasse a atender, haveria consequências.

*Aqui não é o inferno, pensou ele, as acomodações são boas demais, mas é o purgatório.* E não havia perspectiva de aposentadoria por muito tempo.

Ele tirou o som da televisão e pegou o telefone. Não disse alô. O que disse foi:

— Isso não é justo. Eu cheguei de Seattle dois dias atrás. Ainda estou me recuperando.

— Eu entendo e sinto muitíssimo, mas isso surgiu e você é o único disponível. — *Sinto* saiu pronunciado *finto*.

O facilitador tinha a voz tranquilizadora e macia de um locutor de rádio FM, estragada apenas pelo ocasional ceceio leve. Dixon nunca o tinha encontrado pessoalmente, mas o imaginava alto e magro, com olhos azuis e um rosto sem idade, sem marcas. Na realidade, ele devia ser gordo,

careca e moreno, mas Dixon tinha confiança de que sua imagem mental jamais mudaria, já que nunca esperava ver o facilitador. Ele teve contato com uma boa quantidade de especialistas em turbulência ao longo dos anos na firma, isso se *era* uma firma, e nenhum deles conhecia o sujeito. Certamente, nenhum dos especialistas que trabalhavam com ele eram desprovidos de rugas; mesmo os de vinte e poucos e trinta e poucos anos pareciam ser de meia-idade. Não era o trabalho, no qual às vezes se trabalhava até tarde, mas não se carregava peso. Era o que os tornava capazes de *fazerem* o trabalho.

— Pode falar — disse Dixon.

— O voo 19 da Allied Airlines. Sem escalas de Boston até Sarasota. Sai às oito e dez da noite. Ainda dá tempo de você pegar.

— Não tem mais *ninguém* disponível? — Dixon percebeu que estava quase gemendo. — Estou cansado, cara. *Cansado*. O trajeto de Seattle foi um horror.

— O assento de sempre — disse o facilitador, pronunciando *afento*.

Em seguida, desligou.

Dixon olhou para o peixe que não queria mais. Olhou para o filme de Kate Winslet que não terminaria, ao menos não em Boston. Pensou (e não pela primeira vez!) em fazer as malas, alugar um carro e dirigir para o norte, primeiro para New Hampshire, depois para o Maine, então atravessaria a fronteira até o Canadá. Mas eles o pegariam. Ele sabia. E os boatos do que acontecia aos especialistas que fugiam incluíam choques, eviscerações, e até mesmo ouviu falar de alguns que foram fervidos vivos. Dixon não acreditava nos boatos... mais ou menos.

Ele começou a fazer as malas, o que foi bem rápido. Os especialistas em turbulência carregavam pouca coisa.

## II

A passagem estava à sua espera no balcão. Como sempre, sua missão o colocou na classe econômica, logo à frente da asa de estibordo, no assento do meio. Como aquele assento em particular podia estar sempre



disponível era outro mistério, como quem era o facilitador, de onde telefonava e para que tipo de organização trabalhava. Como a passagem, o assento estava sempre à sua espera.

Dixon colocou a bolsa no compartimento superior e olhou para os companheiros noturnos de viagem: um empresário com olhos vermelhos e bafo de gim no corredor, uma senhora de meia-idade que parecia bibliotecária na janela. O empresário grunhiu alguma coisa ininteligível quando Dixon passou por ele murmurando um pedido de desculpas. O sujeito estava lendo um livro com o título encantador de *Não deixe seu chefe f\*d\*r com você*. Já a bibliotecária olhava pela janela para os vários equipamentos indo de lá para cá como se fossem as coisas mais fascinantes que já tinha visto. Havia uma peça de tricô no colo dela. Parecia um suéter.

Ela se virou, abriu um sorriso e esticou a mão.

— Oi, sou Mary Worth. Igual ao quadrinho.

Dixon não conhecia nenhuma garota de quadrinhos chamada Mary Worth, mas apertou a mão dela.

— Craig Dixon. É um prazer conhecer você.

O empresário grunhiu e virou uma página do livro.

— Estou tão ansiosa — disse Mary Worth. — Não tiro férias de verdade há doze anos. Vou dividir o aluguel de uma casinha em Siesta Key com duas colegas.

— Colegas — resmungou o empresário.

O grunhido parecia ser sua reação automática.

— Sim! — Mary Worth se animou. — Alugamos por três semanas. Nós não nos conhecemos, mas elas são verdadeiras amigas. Somos todas viúvas. Nos conhecemos na internet. A internet é tão maravilhosa. Não tinha nada igual quando eu era jovem.

— Os pedófilos também acham a internet maravilhosa — disse o empresário, e virou outra página.

O sorriso da sra. Worth murchou, mas logo voltou com tudo.

— É um grande prazer conhecê-lo, sr. Dixon. Você está viajando a trabalho ou a lazer?

— Trabalho — disse ele.

Os alto-falantes apitaram.

— Boa noite, senhoras e senhores, aqui é o capitão Stuart. Vocês verão que estamos nos afastando do portão e começando a taxiar para a pista número três, onde somos os terceiros na fila de decolagem. Estimamos um voo de duas horas e quarenta minutos para SRQ, o que deve colocar vocês na terra das palmeiras e praias lindas pouco antes das onze horas. O céu está limpo, e prevemos uma viagem tranquila. Agora, eu gostaria que os senhores colocassem os cintos, fechassem as bandejas que talvez tenham abaixado...

— Como se a gente tivesse alguma coisa pra botar nelas — resmungou o empresário.

— ... e guardem itens pessoais que estejam usando. Obrigado por voarem pela Allied hoje. Nós sabemos que vocês têm muitas escolhas.

— Porra nenhuma — resmungou o empresário.

— Leia seu livro — disparou Dixon.

O empresário olhou para ele, surpreso. O coração de Dixon já estava batendo com força, o estômago, contraído, e a garganta seca de expectativa. Ele poderia dizer para si mesmo que tudo ficaria bem, que tudo *sempre* ficava bem, mas isso não ajudou. Ele temia as profundezas que logo se abririam abaixo dele.

O voo 19 da Allied decolou às oito e treze da noite, três minutos atrasado.

### III

Em algum ponto acima de Maryland, uma comissária surgiu empurrando um carrinho de bebidas e petiscos pelo corredor. O empresário deixou o livro de lado e esperou com impaciência. Quando ela chegou, ele pegou uma lata de tônica Schweppes, duas garrafinhas de gim e um saco

de salgadinho. Seu MasterCard foi recusado quando ela o passou na máquina, e ele entregou o cartão American Express, olhando para ela de cara feia, como se o fracasso do primeiro cartão fosse culpa dela. Dixon se perguntou se o MasterCard tinha estourado o limite e se o sr. Empresário guardava o Amex para emergências. Era possível, o corte de cabelo dele era ruim e o paletó parecia desbotado. Não fazia diferença para Dixon, mas era algo em que pensar além do terror leve e constante. A expectativa. Eles estavam em velocidade de cruzeiro a trinta e quatro mil pés e o caminho até o chão era longo.

Mary Worth pediu vinho e se serviu com cuidado no copo de plástico.

— Não vai tomar nada, sr. Dixon?

— Não. Eu não como nem bebo em aviões.

O sr. Empresário grunhiu. Ele já tinha tomado o primeiro gim-tônica e estava começando o segundo.

— Não gosta de voar? — perguntou Mary Worth com solidariedade.

— Não. — Não havia motivo para mentir. — Infelizmente.

— Que bobeira — disse o sr. Empresário. Refrescado pela bebida, ele começou a falar palavras de verdade em vez de grunhidos. — É a forma mais segura de viagem já inventada. Não há desastre de aeronaves comerciais há muitos anos. Pelo menos não nos Estados Unidos.

— Eu não me incomodo — disse Mary Worth. Ela já tinha tomado metade da garrafinha e suas bochechas estavam rosadas. Os olhos cintilavam. — Não ando de avião desde que meu marido faleceu cinco anos atrás, mas nós dois viajavamos juntos três ou quatro vezes por ano. Me sinto próxima de Deus aqui.

Como se esperando sua deixa, um bebê começou a chorar.

— Se o céu for lotado e barulhento assim — observou o sr. Empresário, avaliando a classe econômica do 737 —, eu não quero ir pra lá.

— Dizem que é cinquenta vezes mais seguro do que viajar de automóvel — disse Mary Worth. — Talvez mais. Talvez cem vezes.

— Que tal quinhentas vezes mais seguro? — O sr. Empresário se inclinou na frente de Dixon e esticou a mão para Mary Worth. O gim tinha exercido seu milagre temporário e o transformou de mal-humorado em afável. — Frank Freeman.

Ela apertou a mão dele e sorriu. Craig Dixon ficou no meio dos dois, ereto e infeliz, mas quando Freeman lhe ofereceu a mão, ele a apertou.

— Uau — disse Freeman, e gargalhou. — Você está se borrando de medo.

Mas sabe o que dizem: mãos frias, coração quente.

Ele virou o resto da bebida.

Os cartões de crédito de Dixon sempre funcionavam. Ele ficava em hotéis cinco estrelas e fazia refeições em restaurantes cinco estrelas. Às vezes, passava a noite com uma mulher bonita e pagava um extra para obter benefícios que não eram, ao menos julgando por certos sites da internet que Mary Worth provavelmente não visitava, realmente benefícios. Ele tinha amigos dentre os outros especialistas em turbulência. Eram um grupo unido, que se aproximava não só pela ocupação, mas também pelos seus medos. O pagamento era bem mais do que bom, havia muitos benefícios... mas, em momentos como aquele, nada disso parecia importar. Em momentos como aquele só havia o medo.

Tudo ficaria bem. *Sempre* ficava bem.

Mas, em momentos como aquele, esperando a merda acontecer, esse pensamento não tinha poder. O que era, obviamente, o que o tornava bom no trabalho.

Trinta e quatro mil pés. Um longo caminho até o chão.

#### IV

TAC, de turbulência de ar claro.

Dixon a conhecia bem, mas nunca estava preparado. O Allied 19 estava em algum ponto acima da Carolina do Sul quando começou. Uma mulher estava indo para o banheiro nos fundos do avião. Um jovem de calça jeans e barba rala da moda tinha se inclinado no corredor para falar com uma mulher do outro lado, os dois rindo de alguma coisa. Mary Worth estava cochilando com a cabeça apoiada na janela. Frank Freeman estava na metade da terceira bebida e no segundo saco de salgadinho.

O avião se inclinou de repente para bombordo e deu um tranco para cima, com um baque e um estalo. A mulher indo para o banheiro foi jogada na última fileira de assentos a bombordo. O jovem de barba rala voou contra o compartimento superior, mas levantou a mão a tempo de amortecer o golpe. Várias pessoas que tinham aberto o cinto de segurança saíram da poltrona, como se levitando. Houve alguns gritos.

O avião mergulhou como uma pedra em um poço, deu um baque e subiu de novo, agora inclinado para o outro lado. Freeman foi pego enquanto erguia a bebida e agora estava ensopado.

— Porra! — gritou ele.

Dixon fechou os olhos e esperou morrer. Ele sabia que não morreria se fizesse seu trabalho, era para isso que ele estava lá, mas era sempre a mesma coisa. Ele sempre esperava morrer.

O ding-dong soou.

— Aqui é o capitão. — A voz de Stuart estava, como ditava o protocolo, tão tranquila quanto poderia estar. — Tivemos um momento inesperado de turbulência, pessoal. Eu...

O avião deu outra guinada horrível, sessenta toneladas de metal jogadas para cima como um pedaço de papel queimado em uma chaminé, depois caiu com outro baque e outro estalo. Houve mais gritos. A moça indo para o banheiro, que tinha se levantado, cambaleou para trás, balançou os braços e caiu nos assentos do lado estibordo. O sr. Barba Rala estava agachado no corredor, se segurando nos braços de poltronas dos dois lados. Dois ou três compartimentos superiores de bagagem se abriram e a bagagem se derramou para fora.

— Porra! — disse Freeman de novo.

— Eu acendi o sinal de afivelar os cintos — prosseguiu o piloto. — Peço desculpas por isso, pessoal. Voltaremos ao ar tranquilo...

O avião começou a subir e descer em uma série de sacolejos curtos, como uma pedra quicando na superfície de um lago.

— ... daqui a pouco, então aguentem firme.

O avião mergulhou e subiu novamente. As bagagens de mão no corredor subiram e caíram e rolaram. Os olhos de Dixon estavam bem fechados. Seu coração agora batia tão rápido que parecia não haver batimentos individuais.

Sua boca estava amarga devido à adrenalina. Ele sentiu a mão de alguém segurar a sua e abriu os olhos. Mary Worth estava olhando para ele, o rosto pálido como papel. Seus olhos estavam enormes.

— Nós vamos morrer, sr. Dixon?

*Sim*, pensou ele. *Desta vez nós vamos morrer.*

— Não — respondeu ele. — Estamos perfeitamente b...

O avião pareceu bater num muro de tijolos e os jogou para a frente contra os cintos, depois se inclinou para bombordo: trinta graus, quarenta, cinquenta. Quando Dixon achou que ficaria completamente de lado, o avião se estabilizou. Dixon ouviu várias pessoas gritando. O bebê estava aos berros.

Um homem estava gritando:

— Tudo bem, Julie, está tudo bem!

Dixon fechou bem os olhos e permitiu que o pavor tomasse conta dele. Era horrível; era o único jeito.

Ele os viu rolando, desta vez não parando, mas fazendo a volta toda. Viu o motor perder a vez no mistério termodinâmico que antes o sustentava. Viu o nariz subindo rápido até parar, então se inclinando para baixo como um carrinho de montanha-russa no seu primeiro mergulho. Viu o avião começar o mergulho final, os passageiros que estavam sem

cinto agora grudados no teto, as máscaras amarelas de oxigênio fazendo uma dança frenética no ar. Viu o bebê voando para a frente e desaparecendo na classe executiva, ainda chorando. Viu o avião bater, o nariz e o compartimento da primeira classe virando um buquê de aço florescendo na direção da classe econômica, espalhando fios e plástico e membros decepados enquanto o fogo explodia e Dixon inspirava uma última vez, botando os pulmões em chamas como se fossem sacos de papel.

Tudo isso em meros segundos, talvez trinta, não mais do que quarenta, e tão real que poderia estar acontecendo de verdade. Depois de mais um salto desajeitado, o avião se firmou e Dixon abriu os olhos. Mary Worth estava olhando para ele, os olhos cheios de lágrimas.

— Achei que fôssemos morrer — disse ela. — Eu *sabia* que nós íamos morrer. Eu vi.

*Eu também*, pensou Dixon.

— Que palhaçada! — Embora parecesse cheio de energia, Freeman parecia estar meio nauseado. — Esses aviões, a forma como são construídos, eles poderiam entrar em um furacão. Eles...

Um arroto interrompeu o discurso. Freeman pegou um saco de vômito no bolso do assento à frente, o abriu e o colocou sobre a boca. Em seguida veio um ruído que lembrou a Dixon um moedor de café pequeno e eficiente. Parou e começou de novo.

O ding-dong soou.

— Desculpem, pessoal — disse o capitão Stuart. Ele ainda usava sua voz tranquila. — Acontece de tempos em tempos, um pequeno fenômeno do tempo que chamamos de turbulência de ar claro. A boa notícia é que já comuniquei a presença da turbulência e as outras aeronaves serão desviadas desse ponto específico. Uma notícia melhor ainda é que pousaremos em quarenta minutos, e garanto que a viagem será tranquila pelo resto do caminho.

Mary Worth deu uma gargalhada trêmula.

— Foi o que ele disse antes.

Frank Freeman estava dobrando a parte de cima do saco de vômito como um homem experiente.

— Isso não foi medo, não pensem isso, só enjoo por causa do movimento.

Não consigo nem viajar no banco de trás de um carro sem sentir náusea.

— Vou voltar para Boston de trem — disse Mary Worth. — Chega *disso*, muito obrigada.

Dixon viu os comissários checarem se todos os passageiros sem cinto estavam bem e depois guardarem as bagagens caídas. A cabine estava tomada por conversas e gargalhadas nervosas. Dixon observou e ouviu tudo aquilo, os batimentos voltando ao normal. Ele estava exausto. Sempre ficava exausto depois de salvar uma aeronave cheia de passageiros.

O resto do voo foi tranquilo, como o capitão tinha prometido.

## V

Mary Worth correu atrás da bagagem, que chegaria na esteira 2 do andar de baixo. Dixon, só com uma pequena malinha de mão, parou para tomar uma bebida no Dewar's Clubhouse. Convidou o sr. Empresário para ir junto, mas Freeman balançou a cabeça.

— Eu vomitei a ressaca de amanhã em algum lugar entre a Carolina do Sul e a Geórgia, e acho que vou parar agora enquanto ainda estou na vantagem. Boa sorte com seu trabalho em Sarasota, sr. Dixon.

Dixon, cujo trabalho aconteceu na verdade em algum lugar entre a Carolina do Sul e a Geórgia, assentiu e agradeceu. Uma mensagem de texto chegou quando ele estava terminando o uísque com soda. Era do facilitador, apenas duas palavras: *Bom trabalho*.

Ele pegou a escada rolante. Um homem de terno escuro e quepe de chofer estava parado no desembarque, segurando uma placa com o nome dele.



— Sou eu — disse Dixon. — Em que hotel tenho reserva?

— No Ritz-Carlton — respondeu o motorista. — É muito bom.

Claro que era, e haveria uma boa suíte o esperando, provavelmente com vista. Também haveria um carro alugado esperando na garagem do hotel para o caso de ele querer visitar uma praia próxima ou alguma atração local. No quarto, ele encontraria um envelope com uma lista de vários serviços femininos, nos quais ele não tinha interesse naquela noite. Só queria dormir.

Quando Dixon e o motorista saíram do aeroporto, ele viu Mary Worth sozinha, parecendo desamparada. Ela estava com uma mala de cada lado (combinando, claro, xadrez). O celular estava na sua mão.

— Sra. Worth — chamou Dixon.

Ela olhou para ele e sorriu.

— Oi, sr. Dixon. Nós sobrevivemos, não foi?

— Sobrevivemos. Alguém vem encontrar você? Uma das suas colegas?

— A sra. Yeager... Claudette... tinha que ter vindo, mas o carro dela não quer ligar. Eu ia chamar um Uber.

Ele pensou no que ela disse quando a turbulência — quarenta segundos que mais pareceram quatro horas — finalmente passou: Eu *sabia* que nós íamos morrer. Eu *vi*.

— Não precisa. Podemos levá-la até Siesta Key. — Ele apontou para a limusine esperando um pouco mais à frente e falou com o motorista: — Não é?

— Claro, senhor.

Ela olhou para ele com dúvida.

— Tem certeza? Está tarde.

— Vai ser um prazer — disse ele. — Vamos.

## VI

— Ah, que legal — disse Mary Worth, sentando-se no banco de couro e esticando as pernas. — Seja qual for seu trabalho, você deve ser muito bem-sucedido, sr. Dixon.

— Pode me chamar de Craig. Você é Mary, eu sou Craig. Nós deveríamos nos tratar pelo primeiro nome porque quero conversar com você sobre um assunto.

Ele apertou um botão e uma barreira de vidro subiu para lhes dar privacidade.

Mary Worth notou isso com certo nervosismo e se virou para Dixon.

— Você não vai, como dizem por aí, dar em cima de mim, não é?

Ele sorriu.

— Não, você está em segurança. Você disse que ia tomar o trem para voltar. Falou sério?

— Claro. Você se lembra de eu ter dito que voar me fazia sentir mais próxima de Deus?

— Sim.

— Eu não me senti próxima de Deus quando estava sendo jogada como uma salada dez ou onze quilômetros no ar. Nem um pouco. Só me senti perto da morte.

— Você voltaria a voar *algum dia*?

Ela pensou na pergunta com cuidado, observando as palmeiras e concessionárias de carro e franquias de fast-food passarem pela janela enquanto eles seguiam para o sul pela Tamiami Trail.

— Acho que sim. Se alguém estivesse no leito de morte, digamos, e eu tivesse que chegar lá rápido. Só não sei que pessoa seria essa, porque não tenho mais muita gente na família. Meu marido e eu não tivemos filhos, meus pais morreram, e só sobram uns primos com quem mal troco e-mails, muito menos falo.

*Só melhora*, pensou Dixon.

— Mas você sentiria medo.

— Sentiria. — Ela olhou para ele com os olhos arregalados. — Eu achei mesmo que nós íamos morrer. No céu se o avião se partisse. No chão se não se partisse. Não ia sobrar nada além de pedacinhos queimados.

— Eu gostaria de expor uma hipótese — disse Dixon. — Não ria, pense seriamente.

— Certo...

— Imagine que existisse uma organização cuja função fosse manter os aviões seguros.

— E ela existe — disse Mary Worth, sorrindo. — Acredito que se chama FAA.

— Imagine que fosse uma organização capaz de prever quais aviões enfrentariam turbulências severas e inesperadas em um dado voo.

Mary Worth bateu palmas suavemente, sorrindo mais amplamente agora. Atenta.

— Sem dúvida com funcionários paranormais! As pessoas que...

— Pessoas que preveem o futuro. — E não era possível? Provável, até? De que outra forma o facilitador conseguiria obter as informações? — Mas vamos dizer que a capacidade de ver o futuro é limitada a essa única coisa.

— Por que seria? Por que não poderiam prever eleições... placares de futebol americano... o Kentucky Derby...

— Não sei — disse Dixon, pensando que talvez eles consigam. Talvez consigam prever todos os tipos de coisa, esses paranormais hipotéticos em uma sala hipotética. Talvez. Ele não se importava. — Agora, vamos um pouco mais longe. Vamos supor que o sr. Freeman estivesse errado e que a turbulência do tipo que encontramos hoje seja bem mais séria do que qualquer um, inclusive as companhias aéreas, acreditam ou estejam dispostos a admitir. Imagine que só se pode sobreviver a esse tipo de turbulência se houver pelo menos um passageiro

talentoso e apavorado em cada avião que a encontra. — Ele fez uma pausa. — E imagine que, no voo de hoje, o passageiro talentoso e apavorado fosse eu.

Ela deu uma gargalhada, mas ficou séria quando viu que ele não estava rindo.

— E os aviões que voam em furacões, Craig? Acredito que o sr. Freeman tenha mencionado alguma coisa sobre aviões assim pouco antes de precisar usar o saco de vômito. *Esses* aviões sobrevivem a turbulência que deve ser bem pior do que o que vivenciamos hoje.

— Mas as pessoas que os pilotam sabem em que estão se metendo — explicou Dixon. — Estão mentalmente preparadas. O mesmo acontece com muitos voos comerciais. O piloto fala antes mesmo da decolagem: “Pessoal, lamento, mas o voo de hoje vai ser difícil, então fiquem com os cintos afivelados”.

— Entendi — disse ela. — Passageiros mentalmente preparados poderiam usar... acho que podemos chamar de força telepática unida para segurar o avião no céu. É só a turbulência *inesperada* que pediria a presença de alguém preparado. Uma pessoa apavorada... hum... não sei como chamar uma pessoa assim.

— Um especialista em turbulência — disse Dixon, baixinho. — É assim

que se chama. É assim que me chamam.

— Você não está falando sério.

— Estou. E tenho certeza de que você está pensando agora que está no carro com um homem sofrendo uma alucinação séria e que mal pode esperar para sair do carro. Mas, na verdade, é o meu trabalho. Sou bem pago...

— Por quem?

— Não sei. Um homem me telefona. Eu e os outros especialistas em turbulência, nós somos algumas dezenas, nós o chamamos de facilitador. Às vezes, semanas se passam sem uma ligação. Uma vez, foram dois meses. Desta vez, dois dias. Eu fui para Boston de Seattle e em

cima das Montanhas Rochosas... — Ele passou a mão na boca, sem querer lembrar, mas lembrando mesmo assim. — Vamos só dizer que foi ruim. Houve alguns braços quebrados.

A limusine fez uma curva. Dixon olhou pela janela e viu uma placa que dizia SIESTA KEY, 3 QUILOMETROS.

— Se fosse verdade — disse ela —, por que você me contaria isso?

— O pagamento é bom. Os benefícios são bons. Eu gosto de viajar... ou gostava, pelo menos; depois de cinco ou dez anos, todos os lugares começam a parecer iguais. Mas, principalmente... — Ele se inclinou para a frente e segurou uma das mãos dela. Pensou que Mary se afastaria, mas ela não fez nada. Estava olhando para ele, fascinada. — É salvar vidas. Havia mais de cento e cinquenta pessoas naquele avião hoje. Só que as companhias não as chamam de pessoas, as chamam de *almas*, e é o jeito certo de falar mesmo. Eu salvei cento e cinquenta almas hoje. E desde que comecei este trabalho, já salvei milhares. — Ele balançou a cabeça. — Não, dezenas de milhares.

— Mas você fica apavorado todas as vezes. Eu vi você hoje, Craig. Você estava sofrendo muito. Eu também. Diferentemente do sr. Freeman, que só vomitou por causa do movimento.

— O sr. Freeman jamais poderia fazer esse trabalho — disse Dixon. — Não se pode fazer isso se não estiver convencido a cada turbulência de que você vai morrer. Você fica convencido disso apesar de ser quem vai providenciar para que não aconteça.

O motorista falou baixinho pelo interfone.

— Cinco minutos, sr. Dixon.

— Preciso dizer que essa discussão foi fascinante — disse Mary Worth. — Posso perguntar como você conseguiu esse emprego único?

— Eu fui recrutado. Como estou recrutando você agora.

Ela sorriu, mas desta vez não riu.

— Tudo bem, vou entrar na brincadeira. E se você me recrutasse? O que ganharia com isso? Um bônus?

— Sim — disse Dixon.

Dois anos a menos de serviço, esse era o bônus. Dois anos a menos para a aposentadoria. Ele tinha contado a verdade sobre os motivos altruístas, salvar vidas, salvar almas. Mas também tinha contado a verdade quando disse que as viagens ficavam cansativas. O mesmo era verdade sobre salvar almas, quando o preço de fazer isso eram momentos infinitos de pavor bem longe da terra.

Ele deveria contar que depois de entrar não dava para sair? Que era um pacto com o diabo? Deveria. Mas não faria isso.

Eles entraram na pista circular na frente de uma casa de praia. Duas mulheres, sem dúvida as colegas de Mary Worth, estavam esperando.

— Você pode me dar seu número de telefone? — perguntou Dixon.

— Para quê? Para você me ligar? Ou para passar para o seu chefe? Seu facilitador?

— Isso mesmo. Por mais agradável que tenha sido, Mary, você e eu provavelmente nunca mais nos veremos.

Ela fez uma pausa para pensar. As amigas estavam quase dançando de expectativa. Mary abriu a bolsa e pegou um cartão. Entregou-o para Dixon.

— É o número do meu celular. Você também pode falar comigo na Biblioteca Pública de Boston.

Dixon riu.

— Eu *sabia* que você era bibliotecária.

— Todo mundo sabe — disse ela. — É meio tedioso, mas paga o aluguel, como dizem.

Ela abriu a porta. As amigas deram gritinhos como fãs de shows de rock quando a viram.

— Há ocupações mais emocionantes — disse Dixon.

Ela olhou para ele seriamente.

— Existe uma grande diferença entre emoção temporária e medo mortal, Craig. Como acho que nós dois sabemos.

Ele não podia discutir com ela sobre isso, mas saiu e ajudou o motorista com as malas enquanto Mary Worth abraçava duas das viúvas que tinha conhecido em uma sala de bate-papo na internet.

## VII

Mary tinha voltado para Boston e quase tinha se esquecido de Craig Dixon quando o telefone tocou certa noite. Quem ligou era um homem com um pouco de ceceio na fala. Eles conversaram por um tempo.

No dia seguinte, Mary Worth estava no voo 694 da Jetway, sem escalas de Boston para Dallas, na classe econômica, um pouco à frente da asa de estibordo. No assento do meio. Ela se recusou a comer e beber.

A turbulência aconteceu sobre Oklahoma.

# CAINDO

James L. Dickey

Antes que você resmungue, balance a cabeça e diga “Eu não leio poesia”, é bom lembrar que James Dickey não foi só poeta; ele também escreveu o romance clássico sobre sobrevivência *Deliverance*, e o menos famoso *To the White Sea*, sobre um artilheiro de um B-29 obrigado a pular de paraquedas em território inimigo. Dickey escreveu a partir de sua experiência; ele foi combatente na Segunda Guerra Mundial e na Guerra da Coreia. “Caindo” tem o mesmo estilo narrativo e a mesma linguagem lindamente controlada de *Deliverance*. Uma vez lido, é impossível esquecer. Uma curiosidade: Dickey admitiu em uma autoentrevista que o conceito central do poema era improvável (“uma mulher caindo daquela altura ficaria paralisada”, disse ele), mas o fato realmente aconteceu: em 1972, a comissária Vesna Vulovic caiu trinta e três mil pés de um DC-9 que foi provavelmente explodido por uma bomba... e sobreviveu. O texto citado no começo do poema vem de um artigo de 29 de outubro de 1962 do NYT sobre um incidente envolvendo um Convair 440 de dois motores da Allegheny Airlines se aproximando de Bradley Field em Windsor Locks, Connecticut. Duas outras comissárias tinham morrido em acidentes similares no mês anterior.

*Uma comissária de voo de vinte e nove anos caiu [...] para a morte esta noite quando foi sugada pela porta de emergência que se abriu de repente [...] O corpo [...] foi encontrado [...] três horas depois do acidente.*

New York Times

Quando os estados escurecem e oscilam quando se tornam  
Algo transcontinental passando colhendo o luar da grande  
Rocha parcial sobre a ponta da asa de estibordo o sonolento ao lado de  
Um motor murmura por café e vem suave e distante



O vasto assobio do espaço selvagem. No recanto das prateleiras  
Cheias de bandejas ela busca um cobertor e se move no traje  
Sob medida para o prender sobre o gemido da porta. Como se arrancasse

A porta com um sopro silente dos pulmões congelada ela apaga  
E se descobre com o avião fora de vista e o corpo arrastado pela garganta  
O grito não vivente do vazio caindo vivendo se transformando  
No que nunca ninguém foi ou viu para contar gritando sem ar bem  
penteada de batom meia-calça conforme o regulamento o chapéu  
Ainda ali braços e pernas em mundo nenhum mas no mesmo estranho  
espaço  
de recatada placidez no ar rarefeito com toda a calma ela apalpa  
Em muitos lugares e agora, a milhares de metros da morte, ela parece  
Desacelerar com crescente interesse e virar seu corpo manobrável

Para olhar. Erguida no alto do sufocante meio de tudo em  
Si mesma em suave assobio do corpo envolto em sua dança sombria de  
peso  
Cadente num salto maravilhoso com a lenta e confusa facilidade  
Do sonho de ser arrastada como o luar infinito no solo plantado  
Do estado central de um país estrangeiro com o grande calor gradual que  
avança  
Sobre ela flutuando descobrindo mais e mais ar no ar  
Que ela respira nas alturas que ficam mais humanas vendo nuvens de fato,  
Abaixo, de um lado e de outro cavalgando sem pressa até elas colhendo  
Tudo aquilo para si, pendurando as mãos e os pés do jeito que quer De

Olhos arregalados pelo vento, capaz de abrir a boca também o quanto  
quiser

E sugar o calor dos milharais pode cair de costas com a sensação

De travesseiros estupendos empilhados sob si e pode se virar como se vira  
Para alguém e sorrir, compreendida ao dormir pode partir em curva ou em  
queda

E trombar no emblema de um pássaro com as asas no ar

Rodopiar loucamente na ginástica eterna do calor crescente

Dos campos de trigo que se estendem ao luar. Há tempo para viver

Com saúde sobre-humana vendo luzes distantes e mortais lá embaixo

Vendo a última estrada com o carro mais precioso passando chegando

a uma vila quadrada e a estibordo do braço o brilho de água captura

O lado tremente da lua prata escamada, movente Meu Deus, como é bom

E mau deitar em sequência por todas as posições do amor

Fazendo dançando dormindo e agora as nuvens riscam por ela

Sem capa de chuva não importa os vilarejos com o interno brilho  
imperfeito

Da nuvem ela caminha por elas como chuva atravessa para ver um ônibus

Greyhound com luzes laterais é o sinal para seguir reto

Para baixo como uma gloriosa mergulhadora pés primeiro a saia virada  
lindamente

Para cima no rosto tecidos que cheiram a medo as pernas delirantes e nuas  
quando

Estica os braços e rola devagar se estabiliza espera que algo grandioso

A controle tremula como plumas plana de ponta cabeça

A rapidez das aves ao virar o pescoço se imprime nos seus movimentos  
olhos dourados e visão

perspicaz de corujas rasantes nos galinheiros vontade de comer frango  
A domina a longa visão dos falcões engrandece a luz humana dos carros  
Trens de carga pontes em curva alarga a lua que corre sem pressa  
por todas as curvas de um rio os pontos escuros do Meio-Oeste ardem  
Vistos de cima. Um coelho em um arbusto embranquece galinhas  
sufocadas  
Se agrupam pois acima delas ainda há tempo para algo viver  
Na veloz ideia incompleta de um baixar de cabeça um bater de asas uma  
queda  
Controlada que mergulha conforme ela quer faz da gravidade  
Um novo sintoma, que mostra sua outra face como a lua brilhando  
Novos Poderes ainda há tempo para viver num fôlego que é feito de nada  
A não ser a noite tempo para se lembrar de arrumar a saia  
No diagrama de um morcego que a guia com firmeza sua pele-voadora  
É feita de roupas como os paraquedistas que ela vê na tv velejando  
À luz do sol sorrindo sob os óculos trocando bastões pra frente e pra trás  
E aquele que pulou sem paraquedas e o recebeu de um parceiro  
De salto. Ela procura o colega sorridente dentes brancos não encontra  
Está gritando cantando hinos as magras asas humanas  
Abertas dos ombros retos o ar num canto selvagem murmurando  
Ela deixa de ver a gigante curvatura do mundo agora  
Enxerga o país perder seu grande formato evocado Ela o vê perder  
E ganhar recuperar as casas e os povos ele o vê acender  
As luzes locais das casas sozinhas do teto dos celeiros se ela caísse  
Na água talvez vivesse como a nadadora que crava o mergulho perfeito  
Dentro de outra prata pesada irrespirável desacelerando salvador

Elemento: há água ainda há tempo de aperfeiçoar todos os  
Detalhes do mergulho pés unidos dedos esticados mãos posicionadas  
Para enfiá-la na água como uma agulha sair pingando saudável  
E ganhar uma coca-cola lá estão elas lá estão as águas  
Da vida a lua condensada e encolhida num reservatório então me deixa  
*Planar pela noite do Kansas abrindo meus olhos super-humanos*  
*Brilhantes na maldita lua abrindo as asas naturais do meu casaco*  
*Don Loper mergulhando como uma coruja caçadora para o brilho da água*  
*Não se pode só cair despencar gritando todo esse tempo é preciso*  
*Aproveitar* ela passou por isso passou por tudo nuvens úmido cabelo  
Esticado o último feixe de neblina se desfaz no rosto como lã revelando  
Novas escuridões novos caminhos de faróis em estradas poeirentas do caos

E noite um calor gradual um novo, inevitável mundo de seu próprio  
País uma grande pedra de luz nas águas que aguardam espere espere  
Pela água: quem sabe quando uma jovem recatada deve assumir controle  
de si  
E voar e seguir para o secreto olho lunático da água represada  
No Meio-Oeste guardada para ela há anos pelos braços do casaco desliza  
Ar pelas mangas para correr por ela? Que mais pode ser dito  
De quem sobressalta seu corpo todo no elevado ar  
Noturno como um coelho procurando a água, parada como a vida em si  
Bem à direita, no Kansas? Ela segue até o lago nu e ardente  
A saia arrumada mãos e rosto se aquecendo mais e mais no ar  
Que vem das plantações de feijão e debaixo dela sob colchas de chenile  
Garotas nas fazendas sentem a deusa interior se atizar e se erguem sobre

As quinas riscadas e lustrosas da cama sonhando com signos femininos  
Da lua sangue masculino como ferro do que significa de fato o gemido  
Dos aviões comerciais passando na muda meia-noite do Meio-  
Oeste passando

Por pequenos incêndios se apagando em silêncio nas colinas e vão acordar  
Para ver a mulher que deveriam ser lutando no topo da madeira para virar  
Estrelas: para ela o chão está mais perto a água está mais próxima ela  
passa

Direto então se inclina vira as mangas tremulando diferentes quando gira  
Para leste, onde o sol nascerá sobre os campos de trigo ela precisa  
Fazer alguma coisa na água voar para ela cair nela bebê-la surgir  
Dela mas não tem mais na terra as nuvens beberam de volta

As plantas sugaram tudo na sua frente há apenas  
Os campos comuns da morte ela para de voar e volta a cair  
Retorna a um grito poderoso o berro silencioso com que derrubou  
A porta acoplada do avião quase quase esquecendo

O que fez lembra lembra a forma no coração  
Da nuvem girando elegante lembra que ainda dá tempo de morrer  
Sem explicação. Deixa ela tirar o chapéu no ar de verão contornando  
Os milhares e ter tempo de descalçar o sapato

Restante com os dedos do outro pé de baixar as meias  
Com dedos calmos, reparando em como é fatalmente fácil se despir no ar  
À beira da morte quando o corpo se dobra sem dificuldade em qualquer  
pose

Menos na que vai sustentá-lo permitir que suba viva

Não morra nove fazendas por perto aumentam oito delas se afastam,  
deixando

Uma no meio e os campos dessa fazenda fazem o mesmo não há  
Como voltar atrás de seu chão escolhido mas ela tira o casaco  
Com as tristes impotentes asas prateadas tira a cauda de morcego  
Da saia a blusa colada carregada de estática a peça íntima  
Do uniforme com a qual voa como o espírito santo  
De uma virgem tira a meia-calça como longas birutas absurdo  
O sutiã então sente a cinta exigida pelo regulamento desenroscando  
Do corpo: não mais mononádegas ela sente a cinta tremular sacudir  
em sua mão e flutuar para cima as roupas subindo em sua ascensão  
para as nuvens e espanta de sua cabeça o último pontudo sapato perigoso  
Como um pássaro cego e agora vai cair LOGO agora vai cair

Vinda assim a melhor coisa que já chegou ao Kansas caída das  
Alturas todos os níveis da respiração americana acumuladas nos pulmões  
do frágil  
Frio do espaço até o barro onde a extinção dorme em densas espigas de  
milho  
E respira como fazendeiros ricos contando: irá com eles depois  
De seu último ato super-humano o último toque lento das mãos  
Pelo corpo ainda ileso desejado por cada adormecido sonhando:  
Garotos descobrindo pela primeira vez a pelve cheia de sangue do coração  
Fazendeiros viúvos com mãos deslizando sob as cobertas para se  
encontrarem  
Eretos ao amanhecer que esplêndido o sangue erguido sublime  
Na direção das nuvens todos sentem algo passar quando ela passa  
As mãos pelas pernas compridas dela pelos seios pequenos dela e fundo  
entre

De seu corpo deixa ela chegar abertamente tentando no último segundo  
pousar

De costas é agora AGORA

Todos que a encontram impressa

No barro macio afundado moldado à imagem do corpo dela

Os sulcos fluem por quilômetros até onde ela está imersa

Em seu contorno mortal na terra assim como na nuvem não sabem nada

Além de que ela lá está inexplicável inquestionável e lembram

Que algo neles também se rompeu e começou a viver e morrer mais

Quando saíram sem motivo para os campos onde a terra inteira

A acolheu interrompeu seu voo virgem e lhe disse como deitar ela não  
pode

Se virar partir não pode se mover não pode passar para outra

Posição nenhum paraquedista sorridente poderia salvá-la segurá-la

Mergulhar com ela abrir sobre ela as sedas de casamento ela não pode  
mais

Marcar a chuva com mulheres rodopiantes que substituem uma esposa  
morta

Ou a deusa das jovens norueguesas do campo ou todas as prostitutas  
esforçadas

De Wichita. O ar conhecido acima dela não cede nem um

Fôlego está acabado mas não morto nem deslocado

Tão imóvel deitada de costas no campo sentindo os cheiros

Do crescimento incessante tenta erguê-la

um pouco de visão restante no canto

De um olho sumindo vendo algo ondular e acredita  
Que podia ter conseguido no auge de seu breve estado  
Divino na água de cabeça sair sorrindo invulnerável  
Garota na propaganda de biquíni mas está deitada como uma veranista no  
fim  
Do luar semienterrada pelo impacto na terra não longe  
De uma ponte ferroviária uma caixa d'água ela podia tentar  
Levantar a cabeça do modesto buraco com as roupas começando  
A cair por todo o Kansas em arbustos no sexto buraco orvalhado  
Do campo de golfe um sapato a cinta caindo fantasticamente  
Em um varal de roupas, onde é seu lugar a blusa em um para-raios:  
Caída nos campos naquele campo de costas quebradas como numa  
Nuvem que não pode atravessar enquanto fazendeiros sonambulam sem  
As mulheres para fora de casa andam como quem cai nas águas distantes  
Da vida ao luar no sonhado propósito eterno de suas fazendas  
No florescimento da colheita nas mãos aquele custo trágico  
Ela se sente partir ela vai vai embora respira fundo enfim  
Não e tenta menos uma vez tenta tenta AH, DEUS...



# POSFACIO: UMA MENSAGEM IMPORTANTE DA CABINE DE COMANDO

Bev Vicent

Embora viajar de avião possa ser assustador, já voei por todo o planeta e não me lembro de nenhuma experiência assustadora. Enquanto trabalhava nesta coletânea, passei mais de vinte e quatro horas no ar e foi tudo tranquilo (menos a parte em que eu não conseguia parar de pensar em todas as coisas que *poderiam* dar errado, graças às histórias reunidas aqui). Um pouso cancelado por causa da neblina foi o pior que me aconteceu em toda a minha história de voo.

Entretanto, a primeira vez que entrei em um avião foi em março de 1978, em uma viagem para a Grécia durante as férias de primavera do ensino médio. Nosso 747 da Alitalia pousou no aeroporto Leonardo da Vinci, em Roma, no dia seguinte ao que as Brigadas Vermelhas sequestraram o antigo primeiro-ministro, Aldo Moro. O aeroporto estava em alerta, cheio de soldados carregando Uzis. A tensão era alta. Quando um dos meus colegas passou por um detector de metais com a câmera pendurada no pescoço, ele quase provocou um incidente internacional.

Em outra ocasião, voltando aos Estados Unidos depois de uma viagem de trabalho ao Japão, meus colegas e eu soubemos que os policiais acusados de espancar Rodney King estavam sendo absolvidos, o que gerou revoltas em Los Angeles. Nós tínhamos uma escala lá, mas decidimos mudar a rota para São Francisco depois de ouvirmos relatos não confirmados de que algumas pessoas estavam atirando contra os aviões que pousavam em LAX.

Em julho de 2017, antes da estreia em Bangor de *A torre negra*, Richard Chizmar e eu estávamos em um restaurante (em frente ao Aeroporto Internacional de Bangor, por acaso) quando Stephen King nos abordou. “Tive uma ideia”, disse ele. “Uma coletânea de contos sobre todas as coisas ruins que podem acontecer num avião. Vou escrever a introdução das histórias.” Para Rich, ele disse: “Você vai publicar”. Ele

sugeriu alguns títulos e falou: “Alguém precisa me ajudar a encontrar mais contos”. Ele se virou para mim. “Esse vai ser o seu trabalho.”

Foi assim que esta coletânea nasceu. Pensei na mesma hora em “Pesadelo a seis mil metros” e comecei a procurar outros exemplos de histórias assustadoras envolvendo aviões e voos.

Há muitos livros e filmes com cenas apavorantes em aviões. O troféu provavelmente vai para Arthur Hailey, que publicou *Aeroporto* em 1968. Hailey começou a carreira de escritor com um roteiro chamado *Voando para o perigo*, que parece um bom título para uma sequência deste livro. Li o livro baseado no roteiro do filme quando era adolescente e tenho certeza de que também vi o filme para televisão baseado nele: *Terror in the Sky*. Claro que o livro *Aeroporto* virou filme, que teve várias sequências durante os anos 1970, mas a versão hilária *Apertem os cintos, o piloto sumiu!* deve ser a mais conhecida hoje em dia. E quem poderia esquecer *Força Aérea Um*, ou *Voo noturno*, ou *Serpentes a bordo*? Não há fim para os tipos de desastres que podem acontecer quando se está preso em um tubo de metal a oito, nove, dez quilômetros do chão.

Os sub-subgênero de contos assustadores de avião é bem mais restrito, como acabei descobrindo. Encontrar bons candidatos deu trabalho. As buscas no Google foram dominadas por histórias assustadoras da vida real sobre experiências ruins de voo, bem parecidas com a que Steve relata na introdução. Também procurei sugestões do público, postando uma pergunta no Facebook, e tive como recompensa a recomendação de contos que eu talvez não tivesse encontrado de outras formas. Portanto, muito obrigado!

Enquanto procurava candidatos para esta coletânea, estava trabalhando em um ensaio para a Poetry Foundation e me lembrei de que um dos poemas favoritos do Steve, que ele citou várias vezes em entrevistas, foi inspirado por uma história real de 1962 de uma comissária de voo que foi sugada para fora do avião quando a porta de emergência se abriu no meio do voo. Perguntei a Steve se ele achava que deveríamos incluí-lo na coletânea. No fim das contas, ele estava pensando a mesma coisa. Assim, terminamos com uma tragédia real transformada em forma poética e metafórica.

Eu também estava lendo a coletânea de contos de Joe Hill, *Stranger Weather*, enquanto trabalhava neste livro. “Aloft” começa com um jovem que sofre de ansiedade tentando impressionar uma mulher fazendo paraquedismo.

Ele fica nervoso e tenta desistir no último minuto, mas acaba tendo que pular do avião quando o motor para de funcionar. Ficamos felizes quando Joe nos contou outra ideia, profundamente perturbadora, para um conto que era perfeito para este livro. Owen King chamou nossa atenção para o conto de Tom Bissell.

Esta coletânea cobre tudo que poderia dar errado em um voo? É claro que não. Enquanto escrevia este posfácio, apareceu um alerta sobre um passageiro que passou pelo aeroporto O’Hare, de Chicago, com sarampo. Então, mesmo que seu voo chegue em segurança ao seu destino, o que dos outros passageiros você pode levar para casa? As possibilidades são infinitas. Pense nisso quando for embarcar na sua próxima viagem.

Embora esta coletânea consista em sua maior parte de contos já publicados, desconfio que não haja muita gente por aí que conheça muitos destes títulos. Eu só tinha lido quatro antes de embarcar neste projeto. Foi uma viagem de descoberta, e estamos muito satisfeitos com o grupo que reunimos.

Depois que estabelecemos uma lista de contos, eu reli “Os Langoliers” pela primeira vez em anos e encontrei conexões inesperadas entre essa história (que não é um conto, na verdade; é do tamanho desta coletânea inteira) e as outras histórias que selecionamos. Esse é o universo de Stephen King, claro, onde um personagem chamado Jenkins em “Os Langoliers” reflete que “não se pode aparecer no Texas Book Depository no dia 22 de novembro de 1963 e impedir o assassinato de Kennedy”, então coisas assim não deveriam ser surpresa, mas foram.

Considerem o citado Jenkins, um autor que, a princípio, descreve o dilema deles em termos de mistérios de “quarto fechado”. Uma das histórias que encontrei acontece em um banheiro de avião. Jenkins diz também que um mistério do mundo real não era uma metáfora apropriada para a situação deles. “Pena que Larry Niven ou John Varley não estão a

bordo”, diz ele. Espera... o quê? Quem tínhamos no sumário além do próprio sr. Varley?

E tem também a discussão sobre como passar de volta pelo buraco de minhoca. A solução deles poderia “transformar o avião em Jonestown”, diz Jenkins. E de onde vem o avião de carga do conto que abre nossa coletânea? Isso mesmo. Jonestown.

Era como se fosse obra do destino. Amo descobrir esse tipo de simetria.

E agora, uma mensagem importante de seus dois pilotos no cockpit. Nós gostaríamos de agradecer aos passageiros deste voo. Sabemos que vocês tiveram várias opções de companhia aérea e apreciamos muito terem aceitado se juntar a nós. Esperamos que o voo não tenha sido turbulento *demais*, mas vocês já sabiam no que estavam se metendo quando embarcaram neste avião.

Talvez um dos passageiros tenha ajudado a aliviar nos momentos mais difíceis. Essas coisas acontecem, sabem?

Agradeço também aos agentes de viagem, que marcaram os voos e cuidaram para que eles chegassem ao destino final. Muitos dos passageiros destes contos não tiveram tanta sorte.

Também gostaríamos de agradecer à tripulação, liderada por Chuck Verrill, por ajudarem a garantir uma viagem tranquila para todos os envolvidos, e à equipe de solo da Cemetery Dance Publications, que fez a manutenção da aeronave e cuidou para que estivesse em condição de voo — particularmente o chefe de equipe da CD, Rich Chizmar.

Agora façam a gentileza de obedecer aos avisos, colocar os encostos dos assentos na posição vertical e fechar as bandejas, guardar qualquer objeto que possam ter tirado da mala de mão durante o voo e desligar os dispositivos eletrônicos, pois estamos prestes a pousar. Pode ser um pouso difícil, então se preparem; é o primeiro voo do copiloto. Permaneçam sentados até a aeronave não estar mais em movimento e o aviso de apertar os cintos se apagar.

Tomem cuidado ao abrir os compartimentos superiores, pois os objetos com certeza se deslocaram durante o voo e as malas pesadas mal podem esperar para cair na cabeça de vocês.

Ah, e se virem alguém lendo este livro em um aeroporto ou, melhor ainda, em um avião, tirem uma foto e nos mandem, por gentileza. Seria incrível!

Bev Vincent

The Woodlands, Texas

8 de março de 2018

## SOBRE OS AUTORES

Ambrose Bierce (1842-1914) talvez seja mais conhecido como autor de *Dicionário do diabo* e do conto que aparece em muitas coletâneas, “Um incidente na ponte de Owl Creek”. Ele foi aprendiz de tipógrafo e se alistou na Guerra de Secessão Americana, uma experiência que influenciou boa parte de sua escrita subsequente. Durante vinte e cinco anos, ele escreveu e trabalhou para jornais na Costa Leste e Oeste dos Estados Unidos. Em busca de mais experiência de guerra, ele desapareceu enquanto viajava para o México para observar a revolução liderada por Pancho Villa. Seu destino é desconhecido.

Tom Bissell (1974-) nasceu em Escanaba, Michigan. Ele escreveu nove livros, inclusive *The Disaster Artist*, campeão de vendas do *New York Times* (em parceria com Greg Sestero) e *Apóstolos*. Seu trabalho já ganhou o Rome Prize e um Guggenheim Fellowship. Ele mora em Los Angeles com a família.

Ray Bradbury (1920-2012) é autor de mais de trinta livros, de clássicos como *Fahrenheit 451*, *Crônicas marcianas*, *Uma sombra passou por aqui*, *Licor de dente-de-leão* e *Algo sinistro vem por aí* a centenas de contos. Escreveu para teatro, cinema e TV, incluindo o roteiro de *Moby Dick*, de John Huston, e de *The Halloween Tree*, vencedor do Emmy, e adaptou sessenta e cinco de seus contos para o *The Ray Bradbury Theater*. Em 2000, ganhou a medalha de Eminente Contribuição às Letras Americanas da National Book Foundation, e em 2007 o Prêmio Pulitzer de Citação Especial, entre diversas outras honras.

Roald Dahl (1916-90) nasceu em Cardiff. Uniu-se à RAF aos vinte e três anos e começou a escrever literatura adulta depois de se ferir em uma queda de avião durante a Segunda Guerra Mundial. Sob uma tenda

nos fundos do jardim de casa, escreveu alguns dos livros infantis mais amados no mundo, dentre eles *Matilda*, *A fantástica fábrica de chocolate* e *O BGA*. Suas histórias foram traduzidas para mais de sessenta idiomas e venderam mais de duzentos e cinquenta milhões de livros. Muitas dessas histórias também foram adaptadas para o teatro e cinema, incluindo o clássico *A fantástica fábrica de chocolate*, de 1971; o aclamado filme de Wes Anderson, *O fantástico sr. Raposo*; *O Bom Gigante Amigo*, de Steven Spielberg; e o premiado *Matilda: O musical* da RSC com música de Tim Minchin. Dahl faleceu em novembro de 1990.

James L. Dickey (1923-97) foi um poeta e romancista americano mais conhecido como autor de *Deliverance*, que foi adaptado para o cinema em 1972. Dickey fez uma aparição no filme como xerife. Ele serviu como operador de radar em um esquadrão noturno no Corpo Aéreo do Exército dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e serviu novamente na Força Aérea dos Estados Unidos durante a Guerra da Coreia. Depois de se formar em inglês e filosofia pela Vanderbilt, voltou para fazer mestrado em inglês na mesma instituição. Deu aulas no Rice Institute e na Universidade da Flórida e passou vários anos escrevendo texto de propaganda. Começou a publicar coletâneas de suas poesias em 1960 e recebeu um Guggenheim Fellowship e um National Book Award for Poetry, além de ser escolhido como consultor de poesia da Biblioteca do Congresso. Depois de trabalhar como professor convidado durante boa parte dos anos 1960, ele se tornou professor de inglês e escritor residente da Universidade da Carolina do Sul em 1969. Foi indicado como o décimo oitavo United States Poet Laureate em 1966 e convidado para fazer uma leitura na posse do presidente Jimmy Carter em 1977. Sua leitura do poema “The Moon Ground” foi transmitida pela televisão no dia do pouso do Apolo 11 na lua em 1969.

Arthur Conan Doyle (1859-1930) foi o médico por trás de Sherlock Holmes, um detetive que apareceu em dezenas de contos e quatro livros. Doyle também escreveu romances históricos e histórias de aventura com o professor Challenger. Ele escreveu sobre a Guerra dos Boêres e outros

assuntos relacionados ao continente africano, mas ficou fascinado com o espiritismo, um interesse que o botou em conflito com gente como Harry Houdini e Joseph McCabe. Sua autobiografia, *Memórias e aventuras*, foi publicada seis anos antes de sua morte.

Cody Goodfellow (1970-) escreveu sete livros, além de três com o autor campeão de vendas do *New York Times*, John Skipp, e duas de suas quatro coletâneas de contos de ficção, *Silent Weapons for Quiet Wars* e *All-Monster Action*, receberam o prêmio Wonderland Book. Escreveu, coproduziu e fez o arranjo sonoro do curta lovecraftiano *Stay-At-Home Dad*. Como hierofante da Ordem Esotérica de Dagon, organiza vários Cafés da Manhã de Oração por Cthulhu todos os anos. Recentemente, fez o papel de um fazendeiro amish em um comercial do Days Inn e apareceu como figurante em numerosos programas de televisão, inclusive *Aquarius*, *American Horror Story: Roanoke*, *G.L.O.W.*, *You're The Worst*, *Kirby Buckets*, *Kevin Hart's Guide to Black History* e vídeos da banda Anthrax e de Beck. Também é cofundador da Perilous Press, uma pequena editora de horror cósmico moderno publicação ocasional. Atualmente, mora em Portland, Oregon.

Joe Hill (1972-) é o autor best-seller do *New York Times* dos livros *Mestre das chamas*, *Nosferatu* e, mais recentemente, *Stranger Weather*. Como passa parte da vida no Reino Unido e parte nos Estados Unidos, está sempre em aviões, refletindo sobre todas as coisas horrendas que poderiam acontecer a alguém a nove mil metros de altitude.

Stephen King (1947-) fez sua primeira venda profissional de um conto em 1967 para a revista *Startling Mystery Stories*. No outono de 1971, começou a dar aulas de inglês para o ensino médio na Hampden Academy, a escola pública de Hampden, no Maine. Escrevendo à noite e nos fins de semana, ele continuou produzindo contos e trabalhando em seus livros. Na primavera de 1973, a Doubleday & Co. publicou o livro *Carrie, a estranha*, o que lhe permitiu parar de dar aulas e escrever em



tempo integral. Desde então, publicou mais de cinquenta livros e se tornou um dos escritores mais bem-sucedidos do mundo. Em 2003, King ganhou a medalha de Eminente Contribuição às Letras Americanas da National Book Foundation; em 2014, a National Medal of Arts; e, em 2018, o prêmio PEN America Literary Service.

E. Michael Lewis (1972-) é entusiasta de aviação e de histórias de fantasmas e estudou escrita criativa na University of Puget Sound, em Tacoma. Seus contos foram publicados em *The Horror Anthology of Horror Anthologies* (Megazanthus Press), *Exotic Gothic 4* (PS Publishing) e *Savage Beasts* (Grey Matter Press). Também está no Facebook e no Twitter. Sempre morou no Noroeste Pacífico, é pai de dois filhos e padrinho de dois gatos, que também são irmãos.

Richard Matheson (1926-2013) é autor de muitos livros e contos clássicos. Escreveu diversos gêneros, como terror, fantasia, paranormal, suspense, ficção científica e faroeste. Além dos livros, produziu muito para a TV (*Além da imaginação*, *Night Gallery*, *Star Trek*) e cinema. Várias das histórias de Matheson foram adaptadas para filmes, como *O incrível homem que encolheu*, *Eu sou a lenda*, *Em algum lugar do passado* e *Amor além da vida*. Entre seus muitos prêmios, se destaca o World Fantasy e o Bram Stoker pelo Conjunto da Obra, os prêmios Hugo, Edgar e Spur por Melhor Livro de Faroeste, e múltiplas premiações da Guilda dos Escritores. Em 2010, ele entrou para o Hall da Fama da Ficção Científica.

David J. Schow (1955-) já teve contos selecionados para mais de trinta volumes de coletâneas de “melhores do ano” por quatro décadas e ganhou o prêmio World Fantasy, o raro prêmio Dimension da revista *Twilight Zone* e um prêmio da International Horror Guild por *Wild Hairs* (seu compêndio das colunas “Raving & Drooling”, escritas para Fangoria). Seus livros incluem *The Kill Riff*, *The Shaft*, *Rock Breaks Scissors Cut*, *Bullets of Rain*, *Gun Work*, *Hunt Among the Killers of Men*, *Internecine*, *Upgunned* e *The Big Crush*. Seus contos estão reunidos em *Seeing Red*,

*Lost Angels, Black Leather Required, Crypt Orchids, Eye, Zombie Jam, Havoc Swims Jaded, DJSturbia* e um compêndio de sua carreira, *DJStories*. Durante muito tempo escreveu roteiros para filmes (*O corvo, Leatherface: O massacre da serra elétrica 3, Colinas de sangue*) e para a televisão (*Contos da cripta, Perversions of Science, The Hunger, Mestres do horror*). Seus outros trabalhos de não ficção incluem *The Art of Drew Struzan* e *The Outer Limits Companion*. Um volume sequencial, *The Outer Limits at 50*, ganhou o prêmio de melhor livro do Rondo Hatton Classic Horror de 2015. Na função de consultor, ele pode ser visto em documentários e DVDs sobre tudo, desde *O monstro da lagoa negra, Incubus* e *Um sonho de liberdade* a *Grite, grite outra vez!, Beast Wishes* e *The Psycho Legacy*. Também é editor da série de três volumes *Lost Bloch*, da Subterranean Press, e de *Elvisland*, de John Farris. Coproduziu suplementos para DVDs de filmes como *Cães de aluguel, Do inferno, Eu, robô*, edição especial de *Os doze condenados* e *Crônicas dorni Nárnia: O leão, a bruxa e o guarda-roupa*. Ganhou o primeiro prêmio J.F. Gonzalez Lifetime Achievement, e, graças a ele, a palavra “splatterpunk” está no *Oxford English Dictionary* desde 2002. Ele mora e trabalha na sua amada Los Angeles. Façam o favor de pesquisá-lo no Google.

Dan Simmons (1948-) nasceu em Peoria, Illinois, e cresceu em várias cidades e vilarejos do Meio-Oeste, incluindo Brimfield, Illinois, que inspirou o município fictício de “Elm Haven” dos livros *Summer of Night*, de 1991, e *A Winter Haunting*, de 2002. Dan se formou em Letras pela Wabash College em 1970, onde ganhou o prêmio Phi Beta Kappa no último ano por excelência em ficção, jornalismo e arte. Fez sua pós-graduação em Educação pela Universidade de Washington em St. Louis, em 1971, e deu aulas para o ensino fundamental por dezoito anos — dois anos em Missouri, dois anos em Buffalo, Nova York (um no Conselho de Serviços Educacionais Cooperativos e outro como professor do sexto ano), e catorze anos no Colorado.

Peter Tremayne (1943-) mora em Londres, e ficou famoso por seus thrillers sobrenaturais, antes de se voltar para romances policiais. Como

estudioso da cultura celta, ficou mundialmente conhecido por sua série de mistério histórico, *The Sister Fidelma Mysteries*, que se passa na Irlanda do século VII e cujo 29º- livro foi publicado em julho de 2018. Tendo sido traduzido para muitos idiomas, uma Sociedade Internacional da Irmã Fidelma foi criada em 2001 nos Estados Unidos e, desde 2006, uma convenção internacional de três dias tem acontecido em Cashel, Co. Tipperary, a “cidade natal” da personagem. Estreando a convenção de 2014, o Ministro do Meio Ambiente da Irlanda, Alan Kelly, descreveu a série como “um tesouro nacional”. Peter escreveu poucas histórias fora da série de Fidelma, e “Assassinato nas alturas” mostra que seu talento não se resume ao século VII.

E.C. Tubb (1919-2010) é um escritor nascido em Londres cujo trabalho foi traduzido para mais de dez idiomas. Durante os sessenta anos de carreira, publicou mais de 120 livros e duzentos contos de ficção científica. Sua produção inclui aventura histórica, histórias de detetive e de faroeste, mas ficou mais conhecido pelos inúmeros livros de ficção científica, dentre os quais *Alien Dust* (1955) e *The Space Born* (1956), hoje considerados clássicos. Tubb ficou famoso pela longa série “Dumarest of Terra”, a saga intergaláctica sobre Earl Dumarest e sua busca pelo lendário planeta perdido onde nasceu: a Terra. A série acabou tendo 33 títulos, e o último, *Child of Earth*, foi publicado em 2009. Igualmente conhecida foi sua novelização da televisão de *Space 1999* e os livros “Cap Kennedy” (sob o pseudônimo Gregory Kern). Alguns de seus melhores contos de ficção científica saíram na coletânea *The Best Science Fiction of E.C. Tubb*. Continuou escrevendo até o dia de sua morte, em outubro de 2010; seu último trabalho, *Fires of Satan*, foi publicado em 2013.

John Varley (1947-) nasceu em Austin e cresceu na Costa do Golfo. Conseguiu escapar do fedor petroquímico e da umidade infernal daquela área ao ganhar uma bolsa para a Universidade Estadual de Michigan, com planos de se tornar cientista. No entanto, Ciências se mostrou um tédio, assim como Letras, e, logo depois, a universidade como um todo. Parou de ir às aulas, exceto àquelas que passavam filmes clássicos. Caiu na estrada

com um amigo, chegando a San Francisco a tempo para o Summer of Love, que nenhum dos dois sabia que estava acontecendo. No primeiro dia, cantou com Allen Ginsberg em um tablado hippie e decidiu que era hippie também. Morou em Tucson, onde conheceu Linda Ronstadt antes de ela ficar famosa. Ficou preso em um engarrafamento ao norte de Nova York que acabou se revelando o Festival de Woodstock. Não conseguiu sair por três dias. Escapou do recrutamento militar. Em 1973, decidiu escrever ficção científica. Foi um dos primeiros autores a ser chamado de “o novo Heinlein”. Isso o lisonjeou e preocupou, já que o velho Heinlein era um grande exemplo — e ainda estava vivo. Sua obra foi traduzida para dezesseis idiomas que ele não sabe ler, incluindo esperanto. Sua carreira sofreu um hiato de dez anos enquanto trabalhava em Hollywood. Fez fortuna e chegou a ter um escritório no estúdio Metro-Goldwin-Mayer. Conheceu Mel Gibson, Paul Newman, Sigourney Weaver, Charlton Heston e muitos outros astros. Eram todos mais baixos do que ele pensava, exceto por Weaver. (John Varley fica com dois metros de altura quando usa suas botas de caubói.) Varley morou um tempo em Portland, Oregon, com Lee Emmett, que se tornou sua primeira editora. Ela é boa nisso e dá ótimas sugestões. Eles tiveram por dezenove anos um cachorro chamado Cirocco, que era o melhor pastor-de-shetland do Oregon. Moraram por alguns anos em um motor home estacionado a cinquenta metros da praia da Costa Central da Califórnia. Passaram quatro anos em Hollywood, em uma vizinhança chamada Thai Town. Atualmente, moram em Vancouver, Washington.

Bev Vincent (1961-) é autor de vários livros, mais recentemente *The Dark Tower Companion*, e de mais de oitenta contos, inclusive aparições em *Alfred Hitchcock's Mystery Magazine*, *Ellery Queen's Mystery Magazine* e duas antologias MWA. Seu trabalho foi traduzido para vários idiomas e indicado para o prêmio Bram Stoker, para o prêmio Edgar e para o prêmio ITW Thriller. Foi vencedor do prêmio Al Blanchard em 2010.



BEV VINCENT é o autor de *The Road to the Dark Tower* — obra paralela à série *A Torre Negra*, de Stephen King —, indicado ao Bram Stoker Award, e de *The Stephen King Illustrated Companion*, indicado ao Edgar Award de 2010 e ao Bram Stoker Award de 2009. Seus livros foram traduzidos para o holandês, russo e italiano.



STEPHEN KING é autor de mais de 50 livros, alguns dos quais ficaram mundialmente famosos e deram origem a adaptações de sucesso, seja para o cinema ou para a televisão, como *O iluminado*, *Sob a redoma*, *It: a Coisa*, *À espera de um milagre*, a série *A torre negra*, entre outros. Em 2003, King recebeu a medalha de Eminente Contribuição às Letras Americanas da National Book Foundation e, em 2007, foi nomeado Grão-Mestre dos Escritores de Mistério dos Estados Unidos. Atualmente, ele mora em Bangor, no Maine, com a esposa, a escritora Tabitha King.

## **Introdução e notas © 2018 by Stephen King**

“A carga”, de E. Michael Lewis, foi publicado pela primeira vez em *Shades of Darkness*, Barbara e Christopher Roden (eds.), Ash-Tree Press © 2008. Reimpresso sob permissão do autor.

“O horror das alturas”, de Arthur Conan Doyle, foi publicado pela primeira vez em *The Strand Magazine* © 1913.

“Pesadelo a vinte mil pés”, de Richard Matheson, foi publicado pela primeira vez em *Alone by Night*, Michael e Don Congdon (eds.) Ballantine Books © 1961. Reimpresso sob permissão do espólio do autor e de Don Congdon Associates, Inc.

“A máquina voadora”, de Ambrose Bierce, foi publicado pela primeira vez em *Fantastic Fables*, Putnam © 1899.

“Lúcifer!”, de E.C. Tubb, foi publicado pela primeira vez em *Vision of Tomorrow* #3 © 1969. Reimpresso sob permissão do espólio do autor e da Cosmos Literary Agency.

“A quinta categoria”, de Thomas Carlisle Bissell, foi publicado pela primeira vez em *The Normal School* © 2014. Reimpresso sob permissão do autor.

“Dois minutos e quarenta e cinco segundos”, de Dan Simmons, foi publicado pela primeira vez em *Omni Magazine* © 1988. Reimpresso sob permissão do autor.

“Diablitos”, de Cody Goodfellow, foi publicado pela primeira vez em *A Breath from the Sky: Unusual*

*Stories of Possession*, Scott R. Jones (ed.), Martian Migraine Press © 2017. Reimpresso sob permissão do autor.

“Ataque aéreo”, de John Varley, foi publicado pela primeira vez em *Asimov’s Science Fiction* © 1977. Reimpresso sob permissão do autor.

“Vocês estão liberados” © 2018 by Joe Hill

“Pássaros de guerra”, de David J. Schow, foi publicado pela primeira vez em *A Dark and Deadly Valley*, Mike Heffernan (ed.),

Silverthought Press © 2007. Reimpresso sob permissão do autor.

“A máquina voadora”, de Ray Bradbury, foi publicado pela primeira vez em *The Golden Apples of the Sun*, Doubleday & Company © 1953. Reimpresso sob permissão do espólio do autor e de Don Congdon Associates, Inc.

“Zumbis a bordo”, de Bev Vincent, foi publicado pela primeira vez em *Dead Set*, 23 House Publishing © 2010. Reimpresso sob permissão do autor.

“Eles não vão envelhecer” © Roald Dahl Story Company Limited, 1946. Publicado pela primeira vez em *Over to You: Ten Stories of Flyers and Flying*, Reynal & Hitchcock. ROALD DAHL é uma marca registrada da The Roald Dahl Story Company Ltd.

“Assassinato nas alturas”, de Peter Tremayne, foi publicado pela primeira vez em *The Mammoth Book of Locked Room Mysteries and Impossible Crimes*, Mike Ashley (ed.), Robinson © 2000. Reimpresso sob permissão do autor.

“O especialista em turbulência” © 2018 by Stephen King

“Caindo”, de James L. Dickey, foi publicado pela primeira vez na *New Yorker* © 1967. Reimpresso sob permissão do espólio do autor e de Raines & Raines.



# **Posfácio © 2018 by Bev Vincent**

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Flight or Fright

Capa

David Litman

Preparação

Carolina Vaz

Revisão

Thaís Totino Richter

Renata Lopes Del Nero

ISBN 978-85-5451-655-0

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/editorasuma](https://facebook.com/editorasuma)

[instagram.com/editorasuma](https://instagram.com/editorasuma)

[twitter.com/Suma\\_BR](https://twitter.com/Suma_BR)



1. [Section 1](#)
2. [CRÉDITOS](#)
3. [INTRODUÇÃO](#)
4. [A CARGA](#)
5. [O HORROR DAS ALTURAS](#)
6. [PESADELO A VINTE MIL PÉS](#)
7. [A MÁQUINA VOADORA](#)
8. [LÚCIFER](#)
9. [A QUINTA CATEGORIA](#)
10. [DOIS MINUTOS E QUARENTA E CINCO SEGUNDOS](#)
11. [DIABLITOS](#)
12. [ATAQUE AÉREO](#)
13. [VOCÊS ESTÃO LIBERADOS](#)
14. [PÁSSAROS DE GUERRA](#)
15. [A MÁQUINA VOADORA](#)
16. [ZUMBIS A BORDO](#)
17. [ELES NÃO VÃO ENVELHECER](#)
18. [ASSASSINATO NAS ALTURAS](#)
19. [O ESPECIALISTA EM TURBULÊNCIA](#)
20. [CAINDO](#)
21. [POSFÁCIO: UMA MENSAGEM IMPORTANTE DA CABINE DE COMANDO](#)
22. [SOBRE OS AUTORES](#)
23. [Introdução e notas © 2018 by Stephen King](#)
24. [Posfácio © 2018 by Bev Vincent](#)